

A ESCOLA E SUAS TRANSFORM(AÇÕES) A PARTIR DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

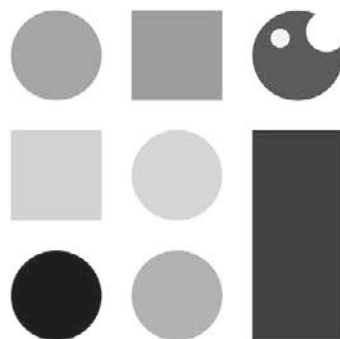
RELATÓRIO III

Coordenadora Institucional
Cláudia Pereira Dutra

Coordenação
Maria Teresa Eglér Mantoan

Autores
Fernando Lefevre
Ana Maria Cavalcanti Lefevre
Ana Maria Faccioli Camargo





A ESCOLA E SUAS TRANSFORM(AÇÕES) A PARTIR DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

RELATÓRIO III

Coordenadora Institucional

Cláudia Pereira Dutra

Coordenação

Maria Teresa Eglér Mantoan

Autores

Fernando Lefevre

Ana Maria Cavalcanti Lefevre

Ana Maria Faccioli Camargo



AEE-MEC-ÖEI





PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Dilma Rousseff

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

José Henrique Paim Fernandes

SECRETÁRIO EXECUTIVO

Luiz Cláudio Costa

SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO, DIVERSIDADE E INCLUSÃO

Macaé Maria Evaristo dos Santos

DIRETORIA DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Martinha Clarete Dutra dos Santos

COORDENAÇÃO

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença

Leped

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

<http://www.fe.unicamp.br/leped/>

REVISÃO E PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS

Fátima Ferreira da Silva

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Ana Carolina Maluf e Gustavo Bolliger Simões

Librum Soluções Editoriais

www.librum.com.br

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por Vicente
Estevam Junior – CRB-8/7122

Ea18 A escola e suas transformações, a partir da educação especial, na perspectiva inclusiva / Maria Teresa Eglér Mantovan (org.). – Campinas, SP: Librum Editora, 2014.

ISBN: 978-85-65608-20-6

1. Educação especial. 2. Educação inclusiva. 3. Estudantes deficientes - Educação. 4. Atendimento Educacional Especializado. I. Mantovan, Maria Teresa Eglér. II. Lefevre, Fernando. III. Camargo, Ana Maria Faccioli. IV. Lefevre, Ana Maria Cavalcanti. V. Título.

DD – 371.9





Índice

Prefácio	11
Apresentação	13
Introdução	15
A Pesquisa	17
1. Objetivos	17
2. Método	17
3. Instrumentos de pesquisa	20
4. Composição da amostra: definição e critérios de seleção dos sujeitos da pesquisa e das escolas	22
5. Orientações para o trabalho de campo	23
6. Perfil dos entrevistados	25

Dados Quantitativos	37
Questão 1 - O que você pensa sobre o AEE?	37
Questão 2 - O que você diria para esses pais?	51
Questão 3 - O que você faria com esse aluno?	67
Questão 4 - O que você faria no caso dessa criança?	79
Questão 5 - O que a Profa. Joana poderia dizer ao Prof. Pedro?	91
Questão 6 - Na sua opinião quem ela deveria procurar?	109
Questão 7 - Você percebeu alguma diferença?	123
Questão 8 - O que tem ajudado o AEE acontecer?	143
Questão 9 - E o que tem prejudicado?	159
Conclusões	175
Considerações Finais	179
Anexos	181



Lista de Tabelas

Tabela 1	Relação dos municípios para codificação da entrevista	25
Tabela 2	Número e percentual de entrevistados por sexo	25
Tabela 3	Rol de frequência de idades	26
Tabela 4	Distribuição das idades segundo faixa etária	27
Tabela 5	Número e percentual de entrevistas por Região	28
Tabela 6	Critério de seleção dos municípios por região e número de escolas urbanas e rurais	29
Tabela 7	Municípios visitados por ator e por Região	30
Tabela 8	Número de entrevistas por município	31
Tabela 9	Número e percentual do nível de escolaridade dos entrevistados	32
Tabela 10	Tempo de experiência na função (só para comunidade escolar)	33
Tabela 11	Tempo de experiência na função por tipo de ator social	34
Tabela 12	Tipo de deficiência entre filhos de pais entrevistados	35
Tabela 13	Questão 1 O que você pensa sobre o AEE? – Brasil	39
Tabela 14	Questão 1 O que você pensa sobre o AEE? – Norte	39
Tabela 15	Questão 1 O que você pensa sobre o AEE? – Nordeste	40
Tabela 16	Questão 1 O que você pensa sobre o AEE? – Centro-Oeste	41
Tabela 17	Questão 1 O que você pensa sobre o AEE? – Sudeste	41
Tabela 18	Questão 1 O que você pensa sobre o AEE? – Sul	42

Tabela 19	Questão 2	O que você diria para esses pais? – Brasil	53
Tabela 20	Questão 2	O que você diria para esses pais? – Norte	54
Tabela 21	Questão 2	O que você diria para esses pais? – Nordeste	54
Tabela 22	Questão 2	O que você diria para esses pais? – Centro-Oeste	55
Tabela 23	Questão 2	O que você diria para esses pais? – Sudeste	56
Tabela 24	Questão 2	O que você diria para esses pais? – Sul	56
Tabela 25	Questão 3	O que você faria com esse aluno? – Brasil	69
Tabela 26	Questão 3	O que você faria com esse aluno? – Norte	70
Tabela 27	Questão 3	O que você faria com esse aluno? – Nordeste	70
Tabela 28	Questão 3	O que você faria com esse aluno? – Centro-Oeste	71
Tabela 29	Questão 3	O que você faria com esse aluno? – Sudeste	72
Tabela 30	Questão 3	O que você faria com esse aluno? – Sul	72
Tabela 31	Questão 4	O que você faria no caso dessa criança? – Brasil	81
Tabela 32	Questão 4	O que você faria no caso dessa criança? – Norte	82
Tabela 33	Questão 4	O que você faria no caso dessa criança? – Nordeste	83
Tabela 34	Questão 4	O que você faria no caso dessa criança? – Centro-Oeste	83
Tabela 35	Questão 4	O que você faria no caso dessa criança? – Sudeste	84
Tabela 36	Questão 4	O que você faria no caso dessa criança? – Sul	85
Tabela 37	Questão 5	O que a Profa. Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? – Brasil	94
Tabela 38	Questão 5	O que a Profa. Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? – Norte	95
Tabela 39	Questão 5	O que a Profa. Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? – Nordeste	96
Tabela 40	Questão 5	O que a Profa. Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? – Centro-Oeste	97
Tabela 41	Questão 5	O que a Profa. Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? – Sudeste	98
Tabela 42	Questão 5	O que a Profa. Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? – Sul	99
Tabela 43	Questão 6	Na sua opinião quem ela deveria procurar? – Brasil	112

Tabela 44	Questão 6	Na sua opinião quem ela deveria procurar? – Norte	113
Tabela 45	Questão 6	Na sua opinião quem ela deveria procurar? – Nordeste	113
Tabela 46	Questão 6	Na sua opinião quem ela deveria procurar? – Centro-Oeste	114
Tabela 47	Questão 6	Na sua opinião quem ela deveria procurar? – Sudeste	115
Tabela 48	Questão 6	Na sua opinião quem ela deveria procurar? – Sul	115
Tabela 49	Questão 7	Você percebeu alguma diferença? – Brasil	127
Tabela 50	Questão 7	Você percebeu alguma diferença? – Norte	128
Tabela 51	Questão 7	Você percebeu alguma diferença? – Nordeste	129
Tabela 52	Questão 7	Você percebeu alguma diferença? – Centro-Oeste	130
Tabela 53	Questão 7	Você percebeu alguma diferença? – Sudeste	131
Tabela 54	Questão 7	Você percebeu alguma diferença? – Sul	132
Tabela 55	Questão 8	O que tem ajudado o AEE acontecer? – Brasil	145
Tabela 56	Questão 8	O que tem ajudado o AEE acontecer? – Norte	146
Tabela 57	Questão 8	O que tem ajudado o AEE acontecer? – Nordeste	146
Tabela 58	Questão 8	O que tem ajudado o AEE acontecer? – Centro-Oeste	147
Tabela 59	Questão 8	O que tem ajudado o AEE acontecer? – Sudeste	148
Tabela 60	Questão 8	O que tem ajudado o AEE acontecer? – Sul	148
Tabela 61	Questão 9	E o que tem prejudicado? – Brasil	161
Tabela 62	Questão 9	E o que tem prejudicado? – Norte	162
Tabela 63	Questão 9	E o que tem prejudicado? – Nordeste	162
Tabela 64	Questão 9	E o que tem prejudicado? – Centro-Oeste	163
Tabela 65	Questão 9	E o que tem prejudicado? – Sudeste	164
Tabela 66	Questão 9	E o que tem prejudicado? – Sul	164

Lista de Figuras



Figura 1	Percentual de entrevistados por sexo	26
Figura 2	Distribuição das idades segundo faixa etária	28
Figura 3	Percentual de entrevistas por Região de estudo	28
Figura 4	Percentual do nível de escolaridade dos entrevistados	32
Figura 5	Tempo de experiência na função (só para comunidade escolar)	33
Figura 6	Tempo de experiência na função por tipo de ator social	34
Figura 7	Tipo de deficiência entre filhos de pais entrevistados	35
Figura 8	Questão 1 O que você pensa sobre o AEE? – Brasil	39
Figura 9	Questão 1 O que você pensa sobre o AEE? – Norte	40
Figura 10	Questão 1 O que você pensa sobre o AEE? – Nordeste	40
Figura 11	Questão 1 O que você pensa sobre o AEE? – Centro-Oeste	41
Figura 12	Questão 1 O que você pensa sobre o AEE? – Sudeste	42
Figura 13	Questão 1 O que você pensa sobre o AEE? – Sul	42
Figura 14	Questão 2 O que você diria para esses pais? – Brasil	53
Figura 15	Questão 2 O que você diria para esses pais? – Norte	54
Figura 16	Questão 2 O que você diria para esses pais? – Nordeste	55
Figura 17	Questão 2 O que você diria para esses pais? – Centro-Oeste	55
Figura 18	Questão 2 O que você diria para esses pais? – Sudeste	56
Figura 19	Questão 2 O que você diria para esses pais? – Sul	57

Figura 20	Questão 3	O que você faria com esse aluno? – Brasil	69
Figura 21	Questão 3	O que você faria com esse aluno? – Norte	70
Figura 22	Questão 3	O que você faria com esse aluno? – Nordeste	71
Figura 23	Questão 3	O que você faria com esse aluno? – Centro-Oeste	71
Figura 24	Questão 3	O que você faria com esse aluno? – Sudeste	72
Figura 25	Questão 3	O que você faria com esse aluno? – Sul	73
Figura 26	Questão 4	O que você faria no caso dessa criança? – Brasil	82
Figura 27	Questão 4	O que você faria no caso dessa criança? – Norte	82
Figura 28	Questão 4	O que você faria no caso dessa criança? – Nordeste	83
Figura 29	Questão 4	O que você faria no caso dessa criança? – Centro-Oeste	84
Figura 30	Questão 4	O que você faria no caso dessa criança? – Sudeste	84
Figura 31	Questão 4	O que você faria no caso dessa criança? – Sul	85
Figura 32	Questão 5	O que a Profa. Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? – Brasil	94
Figura 33	Questão 5	O que a Profa. Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? – Norte	95
Figura 34	Questão 5	O que a Profa. Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? – Nordeste	96
Figura 35	Questão 5	O que a Profa. Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? – Centro-Oeste	97
Figura 36	Questão 5	O que a Profa. Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? – Sudeste	98
Figura 37	Questão 5	O que a Profa. Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? – Sul	99
Figura 38	Questão 6	Na sua opinião quem ela deveria procurar? – Brasil	112
Figura 39	Questão 6	Na sua opinião quem ela deveria procurar? – Norte	113
Figura 40	Questão 6	Na sua opinião quem ela deveria procurar? – Nordeste	114
Figura 41	Questão 6	Na sua opinião quem ela deveria procurar? – Centro-Oeste	114
Figura 42	Questão 6	Na sua opinião quem ela deveria procurar? – Sudeste	115
Figura 43	Questão 6	Na sua opinião quem ela deveria procurar? – Sul	116

Figura 44	Questão 7	Você percebeu alguma diferença? – Brasil	127
Figura 45	Questão 7	Você percebeu alguma diferença? – Norte	128
Figura 46	Questão 7	Você percebeu alguma diferença? – Nordeste	129
Figura 47	Questão 7	Você percebeu alguma diferença? – Centro-Oeste	130
Figura 48	Questão 7	Você percebeu alguma diferença? – Sudeste	131
Figura 49	Questão 7	Você percebeu alguma diferença? – Sul	132
Figura 50	Questão 8	O que tem ajudado o AEE acontecer? – Brasil	145
Figura 51	Questão 8	O que tem ajudado o AEE acontecer? – Norte	146
Figura 52	Questão 8	O que tem ajudado o AEE acontecer? – Nordeste	147
Figura 53	Questão 8	O que tem ajudado o AEE acontecer? – Centro-Oeste	147
Figura 54	Questão 8	O que tem ajudado o AEE acontecer? – Sudeste	148
Figura 55	Questão 8	O que tem ajudado o AEE acontecer? – Sul	149
Figura 56	Questão 9	E o que tem prejudicado? – Brasil	161
Figura 57	Questão 9	E o que tem prejudicado? – Norte	162
Figura 58	Questão 9	E o que tem prejudicado? – Nordeste	162
Figura 59	Questão 9	E o que tem prejudicado? – Centro-Oeste	163
Figura 60	Questão 9	E o que tem prejudicado? – Sudeste	164
Figura 61	Questão 9	E o que tem prejudicado? – Sul	164



Prefácio

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008) representa um marco na garantia do direito das pessoas com deficiência à educação, ao definir estratégias e promover condições para o pleno acesso em igualdade de oportunidades. A presente publicação reúne os resultados da pesquisa *A Escola e Suas Transformações, a partir da Educação Especial, na Perspectiva Inclusiva*, apontando elementos que servem para identificar os avanços e os desafios da nova política. Apresenta uma análise crítica sobre os principais fundamentos em torno dos quais se estrutura a Educação Especial no Brasil, possibilitando avaliar os impactos da inclusão escolar e buscar soluções necessárias ao seu aperfeiçoamento.

Nestes últimos anos, em parceria com os sistemas de ensino, construímos uma política de inclusão que está incorporada à agenda educacional em todo país. Esta pesquisa demonstra que uma das principais conquistas diz respeito ao reconhecimento do capital educacional e social da inclusão escolar pelos diferentes atores sociais, que identificam como fatores indutores da inclusão escolar as mudanças na gestão pública, nas práticas pedagógicas e na participação da família.

Com base no vasto material levantado e suas conclusões, compartilhamos a ideia de que se consolida uma compreensão sobre o direito das pessoas com deficiência à educação inclusiva e sobre o papel fundamental da oferta do atendimento educacional especializado nas escolas comuns das redes públicas de ensino.

Este trabalho contribui para disseminar as conquistas mais marcantes da política de Educação Especial na perspectiva inclusiva, elevando, cada vez mais, o compromisso de Estado com a efetivação de uma educação pública de qualidade para todos.

José Henrique Paim
Ministro da Educação
Dezembro/2014





Apresentação

A pesquisa *A Escola e Suas Transformações*, a partir da *Educação Especial, na Perspectiva Inclusiva*, proposta pelo Ministério da Educação (MEC), foi coordenada pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (Leped), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em parceria com o Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo (IPDSC), no âmbito da cooperação internacional da Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI).

A importância da pesquisa consiste na possibilidade de verificar junto aos diversos sujeitos que compõem a comunidade escolar sua percepção sobre os reais impactos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008).

Como modalidade transversal, complementar ou suplementar a todos os níveis, etapas e demais modalidades de ensino, a Educação Especial, inovou suas práticas e sua relação com a escola comum, objetivando assegurar o pleno acesso dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, por meio da garantia dos serviços, recursos e estratégias de acessibilidade.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um serviço da Educação Especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade destinados a eliminar as barreiras à participação e à aprendizagem dos estudantes, considerando suas necessidades e especificidades.

Diante desse percurso de mudanças nas diretrizes educacionais brasileiras, este trabalho visou identificar e caracterizar, nas escolas comuns, as condições institucionais, humanas, pedagógicas e operacionais que atualmente são predominantes nos processos de implantação e consolidação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Especificamente, sobre a organização e a oferta do atendimento educacional especializado, esta pesquisa obteve e interpretou posicionamentos dos gestores de Educação Especial, diretores de escolas, coordenadores pedagógicos, professores dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, professores do AEE e pais de estudantes com e sem deficiência, matriculados em escolas urbanas e rurais das redes públicas de ensino.

Por meio da aplicação da metodologia do *Discurso do Sujeito Coletivo* (DSC) foi possível revelar os aspectos restritivos e impulsores intervenientes na implantação e desenvolvimento do AEE nas escolas, presentes nas falas dos participantes desta pesquisa.

A amostra nacional, composta por 357 (trezentos e cinquenta e sete) participantes, envolvendo 96 (noventa e seis) escolas, em 48 (quarenta e oito) municípios integrantes do *Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade*, gerou 3.570 (três mil, quinhentos e setenta) depoimentos que foram sistematizados *qualiquantitativamente*.

Inspiraram a realização desta pesquisa as seguintes questões:

- Qual a posição dos professores, gestores e pais de estudantes com e sem deficiência sobre a política de inclusão escolar?
- Qual a percepção da família e dos profissionais da educação em relação aos ganhos obtidos com a implantação do serviço de atendimento educacional especializado na escola comum?
- Como são avaliados os investimentos do poder público, a formação dos docentes e o compromisso dos diversos atores envolvidos neste processo?
- Quais os principais fatores que apoiam ou dificultam a efetivação da educação inclusiva na rede pública?

Com base nessas indagações, a análise dos Discursos dos Sujeitos Coletivos pode inferir profunda mudança na concepção sobre o direito das pessoas com deficiência à educação. Os diversos falares evidenciam a apropriação dos princípios da educação inclusiva por parte dos entrevistados que explicitam, majoritariamente, ser a escola comum o espaço de participação que favorece a aprendizagem de todos.

A estruturação do AEE é um dos elementos constitutivos do desenvolvimento inclusivo da escola na medida em que vem se configurando como mola propulsora de mudanças na educação como um todo. A articulação entre os professores das classes comuns e do AEE se fortalece nesse processo, gerando uma melhoria no atendimento escolar dos estudantes com e sem deficiência.

Juntamente com o reconhecimento dos efetivos avanços decorrentes dos investimentos públicos e do compromisso assumido pelos gestores e demais profissionais da educação com a inclusão escolar, as conclusões desta pesquisa demonstram a força mobilizadora das famílias que não só compreenderam o direito de seus filhos à educação inclusiva como também perceberam seu papel no processo contínuo de construção e consolidação da política de inclusão.

Sobretudo, este trabalho sistematiza as conquistas da ação conjunta entre o poder público e a sociedade civil, uníssonos na busca de condições para alcançar a meta de inclusão plena. Ao identificar os principais desafios, projeta estratégias para a consolidação das transformações verificadas e, principalmente, indica caminhos para repensar a escola na perspectiva inclusiva.

Cláudia Pereira Dutra
Martinha Clarete Dutra dos Santos
Dezembro/2014



Introdução

Passados cinco anos da elaboração e publicação da *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva* (MEC, 2008) é tempo de se conhecer como os serviços, por ela preconizados, estão avançando e quais seriam as medidas a serem adotadas para que a implantação desse serviço se concretize, segundo a perspectiva pela qual foi concebido.

A Educação Especial, na perspectiva da educação inclusiva, perpassa todos os níveis, etapas e modalidades de ensino sem substituí-los, ou seja, é uma modalidade complementar ou suplementar à escolarização de alunos com deficiência. Como modalidade transversal a todos os níveis e demais modalidades de ensino, a Educação Especial, inovou suas práticas e sua relação com a escola comum, tendo como objetivos: garantir os serviços, recursos e estratégias de acessibilidade para os alunos com deficiência, transtornos do espectro autista e altas habilidades/superdotação em suas necessidades específicas de pleno acesso.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um dos serviços da Educação Especial definido pela *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva* (MEC, 2008), para identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas.

O AEE é realizado, prioritariamente, nas escolas comuns, em espaços escolares denominados Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) e deve ser ofertado obrigatoriamente pelos sistemas de ensino. A responsabilidade da

escolarização de todas as crianças deve estar prevista no projeto Político Pedagógico (PPP), assim como a Educação Especial, por meio do Atendimento Educacional Especializado.

A elaboração e o desenvolvimento do projeto de pesquisa *A escola avalia suas transformações, a partir da Educação Especial, na perspectiva inclusiva* se consubstanciavam em:

[...] um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (MEC, 2008)

O presente relatório apresentará estudos com base em indicadores *qualiquantitativos* que resultam do atual processo de construção de sistemas educacionais inclusivos no Brasil, no âmbito dos municípios polos do *Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade*, constituindo elementos balizadores para a implementação de novas políticas públicas educacionais.

Portanto, este Relatório apresenta a estrutura organizacional da pesquisa, demonstrando os seus objetivos; linhas teórico-metodológicas, assim como os procedimentos técnico-operacionais em dois delineamentos: o qualitativo e o quantitativo.

Para avaliar o contexto micropolítico da pesquisa foram utilizados instrumentos que possibilitarão avaliar o AEE na escola e na complexidade das redes de interação humanas que estão presentes em seu cotidiano: as relações que se estabelecem entre gestores, coordenadores, professores, estudantes e familiares.

Esta pesquisa foi financiada pela Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura no âmbito de seu programa de cooperação internacional com o Ministério da Educação. A investigação foi desenvolvida pela Universidade Estadual de Campinas, em parceria com o Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo.



A Pesquisa

1. OBJETIVOS

A partir de levantamentos quantitativos e qualitativos realizados *in loco*, os objetivos definidos e a serem obtidos com as ações do presente projeto foram:

a) Geral

- Identificar e caracterizar, nas escolas comuns, as condições institucionais, humanas, pedagógicas e operacionais que atualmente são predominantes nos processos de implantação e consolidação da *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva*.

b) Específicos

- Identificar, relacionar e interpretar as percepções e posições dos sujeitos que atuam na comunidade escolar sobre a implantação e o desenvolvimento do AEE em suas respectivas escolas.
- Relacionar e descrever os aspectos restritivos e impulsores, intervenientes na implantação e desenvolvimento do AEE nas escolas, em áreas relacionadas às metodologias de ensino, à aprendizagem, ao aproveitamento escolar, à co-

municabilidade em sala de aula e à usabilidade/funcionalidade dos materiais de apoio pedagógico utilizados.

- Formular e apresentar proposições gerenciais, organizacionais, técnico-pedagógicas e metodológicas aplicáveis à consolidação ou aperfeiçoamento dos processos educacionais e de gestão utilizados pelas escolas que ofertam o AEE em seus Projetos Políticos Pedagógicos.

2. MÉTODO

O desenho metodológico esteve fundamentado nos princípios e procedimentos inclusivos aplicados à educação. A pesquisa envolveu gestores, professores pais ou familiares de alunos das escolas selecionadas. Partiu-se da premissa de que é preciso haver uma reorientação metodológica no sentido de se considerar tanto os aspectos macro como micropolíticos, que compõem e respondem pela realização de um processo de transformação das concepções e práticas escolares. Por esse motivo, a intenção foi utilizar um modelo qualitativo de coleta e análise de dados de dentro para fora da escola, valorizando seus conhecimentos e ações que consolidam o processo de implantação de uma inovação, como é o caso do AEE.

Para avaliar o contexto micropolítico foram utilizados instrumentos que possibilitaram avaliar o AEE na escola e na complexidade das redes de interações humanas que estão

presentes em seu cotidiano, considerando a singularidade de alunos, professores e pais. A pesquisa qualitativa implicou o envolvimento proativo de profissionais da educação, que exercem com autonomia o trabalho de rever, ressignificar, reconstruir suas práticas de ensino comum e especial, orientados por uma política pública concebida na perspectiva da inclusão escolar. Tratou-se, pois, de uma pesquisa, na qual os pesquisados faziam parte da escola. Por meio do exercício da coleta e análise dos dados, eles tiveram a oportunidade de confrontarem esses dados e tirarem desse confronto implicações pedagógicas pelas quais pudessem confirmar / inferir as mudanças necessárias para atualizar, reconsiderar, aprofundar as suas próprias práticas.

A evolução da pesquisa em Ciências Sociais situa as investigações de caráter qualitativo dentro das atividades normais do profissional da educação, seja ele professor, gestor, orientador, avaliador. Nesse sentido, é importante entender e considerar o trabalho da pesquisa como uma função que se exerce rotineiramente, aproximando-o da vida diária dos profissionais da educação, tornando-o uma forma de enriquecer o seu conhecimento e suas práticas. As pesquisas em educação indicam que poucos são os fenômenos educacionais que podem ser submetidos à decomposição em variáveis básicas. Na visão de Lüdke e André (1975), é difícil isolar as variáveis envolvidas em uma pesquisa e, mais ainda, apontar quais são as responsáveis por um determinado fato.

O desenvolvimento da metodologia da pesquisa *A escola e suas transformações*, a partir da Educação Especial, na perspectiva inclusiva esteve consubstanciado nos princípios e valores de sistemas educacionais inclusivos. Todas as suas etapas foram decisivas para que se pudesse concretizar os objetivos pretendidos. A avaliação da implantação do AEE e seus impactos na reorganização das práticas pedagógicas do ensino comum envolvem novas concepções e mudanças na estrutura organizacional escolar, seguindo os contornos de uma escola inclusiva.

a) Fundamentos da metodologia: o Discurso do Sujeito Coletivo

A metodologia utilizada denomina-se *O Discurso do Sujeito Coletivo*. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012) Foram

realizadas: coleta, organização, descrição e ponderação dos sentidos de cada depoimento emitido pelos diferentes segmentos do público-alvo pesquisado. Essa metodologia proporciona a realização de entrevistas em profundidade, possibilitando a apreensão da diversidade de referenciais e de pontos de vista provenientes de diferentes espaços sociais e das diversas perspectivas conceituais adotadas. A metodologia DSC condiciona a coleta e o processamento de dados e informações de forma a abranger o caráter plural, denso e complexo do objeto a ser pesquisado: a Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva e sob a ótica de seus principais atores. Por isso, a metodologia DSC possibilita uma atribuição de sentido compartilhado com os atores sociais envolvidos no tema investigado, descrevendo os diferentes pesos das distintas representações sociais presentes no contexto psicossocial desses atores – a população-alvo da pesquisa.

O *Discurso do Sujeito Coletivo* é um método de resgate das Representações Sociais, caracterizado pelo fato de buscar e reconstituir tais representações, preservando a sua dimensão individual articulada com a sua dimensão coletiva. Nesse sentido, os Discursos do Sujeito Coletivo obtidos em uma pesquisa empírica são produtos falando/falado. “Produtos falando” porque as Representações Sociais são práticas discursivas, comportamentos correntes dos agentes sociais; e “Produtos falados” porque a sociedade ou os Outros, enquanto esquemas cognitivos socialmente compartilhados, estão sempre presentes nas falas individuais. As Representações Sociais reconstituídas pelo DSC possibilitam que o sujeito comum se identifique com elas, o que viabiliza sua utilização em práticas de intervenção.

b) Representações Sociais como esquemas sociocognitivos

A Representação Social (RS) na qualidade de conhecimento do senso comum (JODELET, 1989)¹ está sempre presente numa opinião, posicionamento, manifestação ou postura de um indivíduo comum. Por esse motivo é sempre possível agrupar e reconstituir, em grandes cate-

1 JODELET, D. Représentations Sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (Org.). *Les Représentations Sociales*. Paris: PUF, 1989.

gorias de sentido, depoimentos ou outras manifestações de pensamentos individuais. O que são tais categorias? São esquemas sociocognitivos (HERZLICH, 2005)², ou seja, modos socialmente compartilhados de conhecer ou representar e interagir com o mundo e a vida cotidiana, presentes nos atores sociais de uma dada formação social (JODELET, 1989) e que revelam a consciência possível de tais atores em determinado momento histórico.

O simples fato de que seja possível agrupar ou reunir pensamentos ou opiniões individuais dispersas em categorias semânticas gerais inclusivas não garante, todavia, que estejamos na presença de representações sociais. Por quê? Antes de responder é preciso assinalar que tais generalizações podem ser de natureza empírica ou teórica ou estarem em algum ponto de um contínuo que vai da pura empiria à teoria pura. Ora, quanto mais afastadas da empiria, maior a chance das generalizações estarem ligadas a teorias interpretativas, o que, em princípio, as distancia das RS, na medida em que as RS não são teorias interpretativas *stricto sensu*, mas entidades práticas, ou seja, conhecimentos usados pelos indivíduos ou grupos sociais nas suas interações ordinárias – ainda que uma das características delas consista no fato de serem frequentemente transformações vulgarizadas de grandes teorias, por exemplo, a Psicanálise. (MOSCOVICI, 1978)³ Metodologicamente as RS são, pois, generalizações próximas da empiria, reconhecíveis, sem dificuldades maiores pelo senso comum como “coisas suas”, como conhecimentos familiares.

c) Representações Sociais e Discurso do Sujeito Coletivo

O *Discurso do Sujeito Coletivo* (LEFEVRE; LEFEVRE, 2005; 2010)⁴ é uma forma de resgatar e apresentar as RS obtidas de pesquisas empíricas em que as opiniões

2 HERZLICH, C. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, n. 15, Suplemento, p. 57-70, 2005.

3 MOSCOVICI, S. *Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

4 LEFEVRE, F; LEFEVRE, A. M. C. *Depoimentos e discursos*. Brasília: Liberlivro, 2005 e LEFEVRE, F; LEFEVRE, A. M. C. *Pesquisa de Representação Social: um enfoque qualiquantitativo*. Brasília: Liberlivro, 2010.

ou expressões individuais, que apresentam sentidos semelhantes, são agrupadas em categorias semânticas gerais, como normalmente se faz quando se trata de perguntas ou questões abertas. Mas o diferencial da metodologia do DSC é que a cada categoria estão associados os conteúdos das opiniões de sentido semelhante de modo a formar, com tais conteúdos, um depoimento síntese, redigido na primeira pessoa do singular, como se tratasse de uma coletividade falando na pessoa de um indivíduo. Trata-se de um discurso construído na primeira pessoa coletiva do singular.

d) O Sujeito falando/falado

Este indivíduo/coletivo é um sujeito (de discurso) falando/falado porque carrega, além dos conteúdos da RS que pessoalmente (falando) adota como prática discursiva (SPINK, 1999)⁵, também os conteúdos (falados) dos outros, ou seja, das representações semanticamente equivalentes disponíveis na sociedade e na cultura, e adotadas por seus “colegas de representação”. Assim, podemos dizer que o sujeito falando/falado casualmente não utilizou tais conteúdos, mas poderia utilizá-los já que enquanto ator social é capaz de se reconhecer em tais conteúdos. Na forma de DSCs as RS ficam bastante próximas das opiniões como elas de fato são praticadas por coletividades de atores sociais.

e) Histórias Coletivas

Um outro aspecto a salientar é que, submetidas a este processo de produção, as RS sob a forma de depoimentos coletivos, veiculam histórias coletivas a respeito de um dado tema ou problema pesquisado. Tais histórias coletivas refletem ou carregam códigos narrativos socialmente compartilhados; por isso é possível, com os conteúdos e argumentos dos diferentes depoimentos que apresentam sentido semelhante, construir, na primeira pessoa do singular, uma narrativa verossímil, ou seja, uma história aceitável para um indivíduo culturalmente equivalente aos pesquisados. Enquanto depoimentos coletivos e narrativas

5 SPINK, M.J.P. Análise de documentos de domínio público. In: _____ (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 1999.

socialmente compartilhadas, os DSCs traduzem o modo como as RS são metabolizadas, digeridas, experienciadas por uma sociedade, um grupo, uma cultura determinada.

f) Figuras metodológicas: operadores do *Discurso do Sujeito Coletivo*

A técnica do DSC permite o resgate do sentido das opiniões coletivas. É um processo complexo, subdividido em vários momentos, efetuado por meio de uma série de operações realizadas sobre o material verbal coletado nas pesquisas.

Para que se produzam os DSCs ou depoimentos coletivos, que são os produtos finais da pesquisa, que expressam as Representações Sociais sobre o tema pesquisado são necessários quatro operadores/operações:

- **Expressões Chave (ECH):** trechos selecionados do material verbal que melhor descrevem seu conteúdo.
- **Ideias Centrais (ICs):** fórmulas sintéticas que descrevem o(s) sentido(s) presentes no material verbal (por exemplo, em cada uma das respostas a uma pergunta aberta de pesquisa) e também nos conjuntos de respostas de sentido semelhante ou complementar; neste último caso as Ideias Centrais recebem o nome de Categorias.
- **Ancoragens (ACs):** como as Ideias Centrais, são fórmulas sintéticas que descrevem não mais os sentidos mas as ideologias, valores, crenças, presentes no material verbal das respostas individuais ou nas agrupadas sob a forma de afirmações genéricas destinadas a enquadrar situações particulares.
- **Discursos do Sujeito Coletivo (DSCs):** consistem na reunião das Expressões-chaves presentes no material verbal (por exemplo, nas diferentes respostas a uma mesma questão de pesquisa), que apresentam Ideias Centrais ou Ancoragens de sentido semelhante ou complementar.

O DSC, a partir de uma perspectiva dialética, permite recuperar tanto a densidade discursiva ou complexidade do pensamento coletivo, quanto a pluralidade semântica dos diferentes modos de se posicionar diante do mundo, bem como a intensidade e amplitude destas representações.

A densidade e a pluralidade discursiva do pensamento coletivo, de uma perspectiva horizontalizante ou sintagmática, é recuperada pelo DSC lançando-se mão da soma qualitativa, que consiste basicamente na ideia de agregar num único discurso redigido na primeira pessoa do singular, as Expressões-Chave semelhantes dos diferentes depoimentos.

De uma perspectiva verticalizante ou paradigmática esta diversidade e pluralidade semântica é obtida por meio das Ideias Centrais e das Ancoragens que reagrupam as semelhanças em categorias unificadoras.

Uma vez constituídos os DSCs como qualidades, pode-se considerar que eles tornam-se variáveis passíveis de serem quantificadas e associadas a outras variáveis. Nesse sentido, dois conceitos, de intensidade e amplitude dos DSC merecem ser brevemente destacados conforme enunciados que se seguem.

- **Intensidade:** refere-se ao número de indivíduos que contribuíram, com suas Expressões-chaves relativas às Ideias Centrais ou Ancoragens semelhantes ou complementares, para a confecção dos DSCs.
- **Amplitude:** refere-se à medida da presença do DSC, considerando o campo ou universo pesquisado.

3. INSTRUMENTOS DE PESQUISA

A pesquisa de cunho quali-quantitativo utilizou a metodologia do *Discurso do Sujeito Coletivo* e os softwares QLQT Online⁶ e Quali-quantisoft⁷. O QLQT Online é um

6 LEFEVRE, F. et al. *QLQT Online*. Disponível em <http://qlqt.ipdsc.com.br/qlqt/index.php>. Acesso em 21/06/2012.

7 LEFEVRE, F. et al. *Quali-quantisoft*. Disponível em <http://www.spi-net.com.br>. Acesso em 21/06/2012.

software que permite a construção de formulários *on-line* facilitando a coleta e a organização de dados para o grupo de pesquisadores. O Qualiquantisoft é um *software* que facilita e operacionaliza o processamento de dados qualitativos (questões abertas) com vistas à obtenção dos *Discursos do Sujeito Coletivo*. Este software agiliza os processos mecânicos e automatizáveis da pesquisa, fazendo com que o pesquisador possa se concentrar nas tarefas de pesquisa que exigem habilidade intelectual.

Os procedimentos de coleta de campo, aplicando-se os instrumentos de pesquisa próprios da metodologia DSC estão descritos a seguir.

a) Grupo Foco para Pré-teste: foram realizadas duas sessões de entrevistas com os grupos focais. A finalidade de atuar com esses grupos é a de pré-testar o formulário de perguntas. Desta forma a equipe central, depois de analisar as discussões que emergiram dos grupos, fez as modificações necessárias, ajustando o formulário antes da coleta de campo.

O primeiro grupo foi composto por 5 (cinco) profissionais envolvidos com o tema, com a seguinte composição:

- 2 professores, sendo 1 de AEE e um professor comum;
- 1 coordenador pedagógico;
- 1 diretor e/ou gestor;
- 1 coordenador de Educação Especial da rede.

O segundo grupo foi composto por familiares (pai, mãe ou responsável) que tinham filho ou parente na escola participante da pesquisa, com a seguinte composição:

- 1 familiar com nível fundamental e filho atendido pelo AEE;
- 1 familiar com nível superior e filho atendido pelo AEE;
- 1 familiar com nível fundamental e filho não atendido pelo AEE;

- 1 familiar com nível superior e filho não atendido pelo AEE.

As entrevistas com os grupos focais foram realizadas em uma escola que atendia aos critérios da amostra, mas que não estava selecionada na amostra. Ao final da atividade de grupo, os participantes avaliaram cada questão proposta, aceitando, rejeitando ou propondo modificações.

b) Local e Passos do Grupo Foco: cada questão foi apresentada e após a leitura foi solicitado, a cada participante do grupo, sua avaliação das questões quanto à compreensão e propriedade da questão em relação aos objetivos propostos. As respostas do grupo foram gravadas e transcritas. O local para esse procedimento foi uma escola pública da rede municipal de ensino do Estado de São Paulo, que atende alunos das etapas I e II do Ensino Fundamental e também aos critérios de seleção da amostra.

c) Preparação dos Formulários de Entrevista: as entrevistas foram feitas utilizando-se formulários previamente preparados (Anexo 1) compostos por:

- Cadastro (do município, região, escola, código e características do sujeito entrevistado);
- Questões abertas e fechadas.

Todos os dados foram coletados no momento da entrevista. A entrevista aberta foi gravada, encaminhada pela internet à coordenação central da pesquisa e posteriormente transcrita. Os dados foram analisados por uma equipe treinada na metodologia do *Discurso do Sujeito Coletivo* e conhecedora do tema pesquisado.

d) Aspectos Éticos Observados na Realização da Pesquisa: os processos de formulação e aplicação desta pesquisa observaram a Resolução nº 136/96 – Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética da Unicamp, sob o número 620.640 em 22 de abril de 2014. Portanto, a participação do público-alvo foi, invariavelmente, livre e sem qualquer tipo de imposição. Foi assegurado o uso exclusivo para a pesquisa das informações coletadas, bem como a garantia do anonimato de

qualquer participante. Ressalte-se, ainda no contexto ético, que ao se abordar o entrevistado foi explicado que ele representa um importante colaborador e suas respostas seriam utilizadas em estudos científicos destinados à criação de condições para melhorar o AEE nas escolas. Foi informado ainda que, caso sentissem algum desconforto poderiam interromper a entrevista no momento que desejassem sem que isso provocasse qualquer constrangimento ou punição. O tempo previsto para responder o questionário foi de 20 a 30 minutos. As pessoas leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o assinaram. (Anexo 2)

4. COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA: DEFINIÇÃO E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA E DAS ESCOLAS

a) Critérios de Inclusão: Para participar desse projeto os municípios deveriam ser polos do *Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade*. Deveriam ser ainda municípios considerados grandes, médios e pequenos. Esses municípios foram escolhidos pela Coordenação Institucional deste projeto. As escolas comuns participantes do projeto foram selecionadas pelo Coordenador de Educação Especial das redes de ensino com anuência de seus diretores. Essas escolas deveriam oferecer o Atendimento Educacional Especializado. Os entrevistados foram: diretores, coordenadores da Educação Especial das redes, coordenadores pedagógicos, professores do Ensino Fundamental I, do Ensino Fundamental II, professores da Educação Especial, pais/familiares de alunos com deficiência e pais/familiares de alunos sem deficiência.

b) Critérios de Exclusão: Quaisquer outros critérios que não satisfaçam aos estabelecidos como critérios de inclusão.

Em cada município-polo do *Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade* selecionado foram sorteadas duas escolas que atendiam a critérios estabelecidos na pesquisa. Em cada município foi entrevistado o coordenador de Educação Especial. Nas escolas foram entrevistados sete sujeitos da comunidade escolar, assim distribuídos:

- (1) diretor/gestor;

- (1) coordenador pedagógico;
- (2) professores do ensino comum;
- (1) professor da Educação Especial;
- (2) mãe, pai ou familiar.

Dos 166 (cento e sessenta e seis) municípios-polos que integram o programa foram selecionados 24 (vinte e quatro) entre os quais estavam incluídos os de população de porte pequeno, médio e grande. Para fins desta pesquisa, foram considerados:

- Municípios de pequeno porte: inferior a 50 mil habitantes;
- Municípios de médio porte: de 50 mil a 120 mil habitantes;
- Municípios de grande porte: superior a 120 mil habitantes.

Em cada um dos 24 (vinte e quatro) municípios, das cinco regiões brasileiras, foram selecionadas duas escolas, uma urbana e uma rural, compondo uma amostra de 48 (quarenta e oito) unidades de ensino. As escolas atenderam aos seguintes critérios:

- Escolas públicas situadas em municípios-polos do *Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade*;
- Escolas com matrícula de estudantes público-alvo da Educação Especial;
- Escolas com oferta do AEE e sala de Recursos Multifuncionais (SRM) implantada.

A partir do universo das 17.231 escolas públicas, urbanas e rurais, com matrícula de estudantes público-alvo da Educação Especial no ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado foi identificado o quantitativo de escolas situadas nos municípios polos do programa. Nos municípios selecionados foram entrevistados 15 sujeitos, sendo 7 sujeitos da comunidade escolar rural e 7 da comunidade escolar urbana, 1 coordenador municipal de Educação Especial. Ao todo, foram entrevistados 357 sujeitos.

Os sujeitos da pesquisa deveriam possuir conhecimento básico sobre:

- As diretrizes da *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*, além de documentos correlatos;
- O serviço de AEE e outros serviços da Educação Especial preconizados pela política;
- A gestão escolar e as práticas de sala de aula comum do ensino básico.

Todos os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no qual estavam detalhados os objetivos, métodos, questões, referências, as atribuições e funções de cada um na pesquisa. A assinatura do TCLE pela equipe das escolas selecionadas era condição indispensável para participar da pesquisa. A rede de ensino tomou conhecimento do conteúdo do TCLE e o seu cumprimento foi acompanhado pelas Coordenações Institucional e Geral da pesquisa. (Anexo 1)

5. ORIENTAÇÕES PARA O TRABALHO DE CAMPO

5.1. Agendamento das entrevistas

- a) A região, os municípios e o período em que os entrevistadores realizaram as entrevistas foram determinados pela Coordenação Geral do projeto em negociação com cada um dos entrevistadores.
- b) Determinada a escolha dos municípios e finalizada a formação, cada entrevistador entrou em contato com o Coordenador de Educação Especial para agendamento das entrevistas nas escolas.
- c) Uma vez finalizadas as entrevistas, o entrevistador enviou à Coordenação Geral a gravação para serem transcritas, bem como, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinados por todos os entrevistados.

5.2. Orientações para a realização das entrevistas

As entrevistas seguiram o padrão estabelecido pela metodologia do *Discurso do Sujeito Coletivo*. É importante lembrar o que pretendido com o conteúdo extraído das entrevistas era conhecer as transformações ocorridas nas escolas pertencentes aos municípios-polos selecionados pelo projeto, a partir da implementação do AEE.

A metodologia adotada (DSC) prevê que todos os entrevistados sejam submetidos aos mesmos estímulos. Caso contrário, não seria possível processar uma soma qualitativa, pois estaríamos somando elementos diferentes. Isto significa que todos os entrevistadores deveriam fazer as mesmas perguntas a todos os entrevistados. Portanto, os entrevistadores não deveriam criar ou modificar as perguntas que constavam do formulário.

Com a finalidade de comprovar se as perguntas estavam claras aos sujeitos da pesquisa, os três formulários foram pré-testados anteriormente em uma população semelhante e as modificações necessárias foram feitas.

Caso o entrevistador percebesse que o entrevistado tinha algo mais a dizer, ou se em algum ponto da entrevista o que ele disse não tivesse ficado claro, o entrevistador estava autorizado a dizer: *“não entendi, fale um pouco mais sobre ...”*, ou o entrevistador poderia acrescentar: *“como assim?”*, ou: *“explique melhor...”*.

5.3. Local da entrevista

As entrevistas foram realizadas em local privado, a fim de que o entrevistado pudesse se sentir o mais à vontade possível para expressar a “sua verdade”. Assim, as entrevistas nunca foram feitas em público ou com outros acompanhantes assistindo-as. Somente entrevistador e entrevistado deveriam estar presentes. O entrevistador observou se o local tinha boas condições para gravação a fim de evitar ruídos que pudessem perturbar ou inutilizar os dados coletados.

5.4. Apresentação do entrevistador no município

A apresentação do entrevistador junto às escolas foi feita pelo Coordenador de Educação Especial do Município.

5.5. Apresentação do entrevistador ao entrevistado

Todos os entrevistadores se apresentaram ao entrevistado da mesma maneira para evitar possíveis “dicas” aos entrevistados, conforme as seguintes instruções:

- a) Cumprimentar o entrevistado dizendo seu próprio nome;
- b) Apresentar as Instituições que representavam (MEC, OEI, Unicamp e IPDSC) e o nome do projeto.

Antes de iniciar a entrevista propriamente dita o entrevistador lia em voz alta junto com o entrevistado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e as dúvidas que surgissem eram esclarecidas nesse momento. Após a leitura do TCLE, o entrevistado assinava o TCLE e ficava com uma cópia.

5.6. Clima da entrevista

O primeiro dado gravado era o código do entrevistado. A entrevista não é uma prova e que quanto mais o entrevistado se sentisse à vontade, vivendo um clima de liberdade de expressão, melhor resultado. No entanto, apesar da descontração da entrevista o comando da entrevista era sempre do entrevistador, que foi orientado a saber que cada questão tinha um objetivo e, caso o entrevistado mudasse o rumo da entrevista, fugindo do objetivo, caberia ao entrevistador fazê-lo voltar à realidade, delicadamente, esperando o momento e refazer a pergunta em pauta. O entrevistador também não deveria sinalizar: concordância, discordância ou surpresa com as respostas. Era importante que o entrevistado sentisse que suas respostas eram válidas e que ele estava, de fato, contribuindo para a realização da pesquisa. Caso o entrevistado alegue que não entendeu a pergunta, o entrevistador deveria repeti-la sem grandes explicações.

5.7. A entrevista

O entrevistador utilizou três formulários diferentes (Anexos 2, 3 e 4) impressos em cores diferentes:

- a) **Formulário Azul** para Coordenador de Educação Especial da Rede Municipal de Educação Especial;
- b) **Formulário Amarelo** para Diretor/Gestor, Coordenador Pedagógico da Escola e Professores;
- c) **Formulário Branco** para Familiares.

5.8. Preenchimento da sigla do entrevistado

A sigla obedeceu à seguinte sequência:

Região:

Norte = N
Nordeste = NE
Sudeste = SE
Sul = S
Centro-Oeste = CO

Município:

Numerados de 1 a 24 (conforme Tabela 1): M = 01 ... M = 24.

Escola:

E1 = Urbana
E2 = Rural

Categoria:

COM = Coordenador Educação Especial da Rede
G = Gestor/Diretor
P1 = Professor Escola Comum
P2 = Professor AEE
CPE = Coordenador Pedagógico da Escola
F1 = Pai/Responsável com Filho com Deficiência
F2 = Pai/Responsável com Filho sem Deficiência

Exemplo:

No caso do código do entrevistado: **RCOM1E2G**, leia-se:

Região: Centro-Oeste

Município: Itumbiara

Escola: rural

Entrevistado: Gestor

Tabela 1

Relação dos Municípios para codificação da entrevista

Região Centro-Oeste	Região Nordeste	Norte	Sudeste	Sul
1. Itumbiara	4. Santana do Ipanema	10. Ji-Paraná	14. Belo Horizonte	20. Cascavel
2. Alta Floresta	5. Bom Jesus da Lapa	11. Caracaraí	15. Araçuaí	21. Cachoeira do Sul
3. Campo Grande	6. Quixadá	12. Palmas	16. Três Corações	22. São Borja
	7. Petrolina	13. Rio Branco	17. Campos dos Goytacazes	23. Florianópolis
	8. Teresina		18. Registro	24. Curitibaanos
	9. Mossoró		19. São Bernardo do Campo	

5.9. Cadastro do entrevistado

Todos os dados do cadastro foram preenchidos manualmente e encaminhados à equipe central em conjunto com os Termos de Consentimento. Terminada a entrevista o entrevistador enviou imediatamente pela internet a gravação para a equipe central.

6. PERFIL DOS ENTREVISTADOS

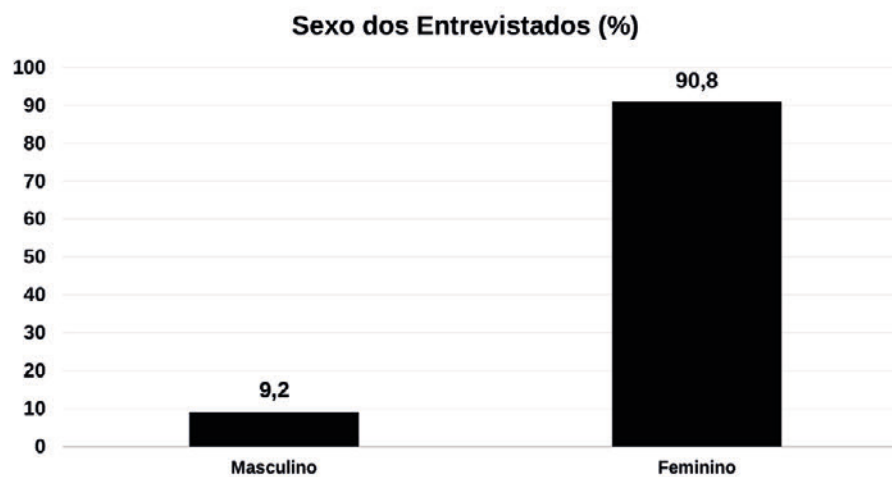
6.1. Sexo dos entrevistados

Tabela 2

Número e percentual de entrevistados por sexo

	Frequência	Percentual	Válido	Cumulativo
Masculino	33	9,2	9,2	9,2
Feminino	324	90,8	90,8	100
Total	357	100	100	

Figura 1



6.2. Idade dos entrevistados

Tabela 3

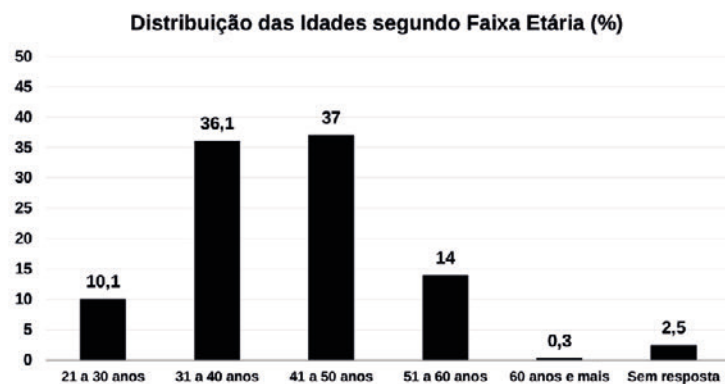
Distribuição das idades segundo faixa etária

Faixa etária	Frequência	Percentual	Válido	Cumulativo
21 a 30 anos	36	10,1	10,3	10,3
31 a 40 anos	129	36,1	37,1	47,4
41 a 50 anos	132	37	37,9	85,3
51 a 60 anos	50	14	14,4	99,7
60 anos e mais	1	0,3	0,3	100
Total	348	97,5	100	100
Sem resposta	9	2,5		
Total	357	100		

Tabela 4
 Rol de frequência de idades

Idades	Frequência	Percentual	Válido	Cumulativo
22	1	0,3	0,3	0,3
24	5	1,4	1,4	1,7
25	2	0,6	0,6	2,3
26	4	1,1	1,1	3,4
27	7	2	2	5,5
28	6	1,7	1,7	7,2
29	4	1,1	1,1	8,3
30	7	2	2	10,3
31	12	3,4	3,4	13,8
32	11	3,1	3,2	17
33	15	4,2	4,3	21,3
34	9	2,5	2,6	23,9
35	15	4,2	4,3	28,2
36	13	3,6	3,7	31,9
37	5	1,4	1,4	33,3
38	14	3,9	4	37,4
39	20	5,6	5,7	43,1
40	15	4,2	4,3	47,4
41	9	2,5	2,6	50
42	18	5	5,2	55,2
43	16	4,5	4,6	59,8
44	15	4,2	4,3	64,1
45	13	3,6	3,7	67,8
46	14	3,9	4	71,8
47	20	5,6	5,7	77,6
48	9	2,5	2,6	80,2
49	13	3,6	3,7	83,9
50	5	1,4	1,4	85,3
51	11	3,1	3,2	88,5
52	10	2,8	2,9	91,4
53	4	1,1	1,1	92,5
54	2	0,6	0,6	93,1
55	5	1,4	1,4	94,5
56	2	0,6	0,6	95,1
57	4	1,1	1,1	96,3
58	4	1,1	1,1	97,4
59	4	1,1	1,1	98,6
60	4	1,1	1,1	99,7
64	1	0,3	0,3	100
Total	348	97,5	100	
Sem Resposta	9	2,5		
Total	357	100		

Figura 2



6.3. Entrevistas por Região

Tabela 5

Número e percentual de entrevistas por Região

Regiões	Frequência	Percentual	Válido	Cumulativo
Norte	60	16,8	16,8	16,8
Nordeste	90	25,2	25,2	42
Sudeste	88	24,6	24,6	66,7
Centro-Oeste	45	12,6	12,6	79,3
Sul	74	20,7	20,7	100
Total	357	100	100	

Figura 3

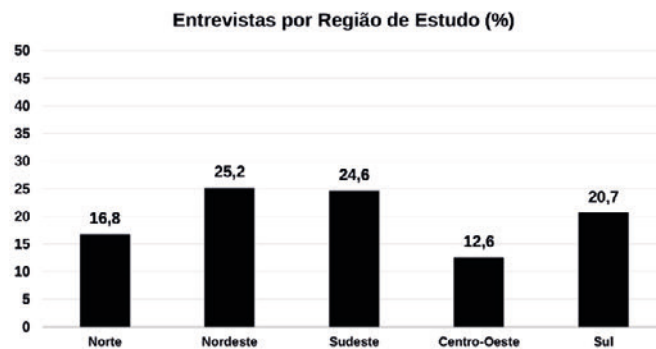


Tabela 6

Critério de Seleção dos Municípios por região, e número de escolas urbanas e rurais

Região/ UF	Municípios com dupla matrícula em escolas rurais e urbanas	Tamanho populacional	Escolas com dupla matrícula	Índice de inclusão	Amostra de municípios		
					Rural	Urbana	%
Centro-Oeste		P	M	G			
GO	Itumbiara		X		1	16	100
MT	Alta Floresta	X			1	14	74
MS	Campo Grande			X	2	95	77
Nordeste		P	M	G			
AL	Santana do Ipanema	X			2	5	100
BA	Bom Jesus da Lapa		X		3	4	100
CE	Quixadá		X		6	7	78
PE	Petrolina			X	34	28	71
PI	Teresina			X	3	43	99
RN	Mossoró			X	2	21	100
Norte		P	M	G			
AC	Rio Branco			X	21	99	100
RO	Ji-Paraná		X		3	11	73
RR	Caracaraí	X			1	4	100
TO	Palmas			X	3	37	90
Sudeste		P	M	G			
MG	Araçuaí	X			1	3	74
	Três Corações		X		3	16	68
	Belo Horizonte			X	0	62	63
RJ	Campos dos Goytacazes			X	16	28	100
SP	Registro		X		2	13	72
	São Bernardo do Campo			X	3	80	87
Sul		P	M	G			
PR	Cascavel			X	8	69	76
RS	Cachoeira do Sul		X		7	20	85
	São Borja		X		6	25	84
SC	Florianópolis			X	0	26	100
	Curitibanos	X			1	8	89

Tabela 7

Municípios visitados por ator e por Região

Região	Municípios		Ator								Total	
			CPM	P1	P1b	P2	P3	G	CPE	F1		F2
Norte	Município	Caracaráí	1	2	2	0	2	2	2	2	2	15
		Ji-Paraná	1	2	1	1	2	2	2	2	2	15
		Palmas	1	2	0	2	2	2	2	2	2	15
		Rio Branco	1	3	0	1	2	2	2	3	1	15
		Total	4	9	3	4	8	8	8	9	7	60
Nordeste	Município	Bom Jesus da Lapa	1	2	1	1	2	2	2	2	2	15
		Mossoró	1	2	0	2	2	2	2	2	2	15
		Petrolina	1	2	0	2	2	2	2	2	2	15
		Quixadá	1	2	0	2	2	2	2	2	2	15
		Santana do Ipanema	1	2	0	2	2	2	2	2	2	15
		Teresina	1	2	1	1	2	2	2	2	2	15
		Total	6	12	2	10	12	12	12	12	12	90
Sudeste	Município	Araçuaí*	1	2	0	2	0	2	2	2	2	13
		Belo Horizonte	1	2	0	2	2	2	2	2	2	15
		Campo dos Goytacazes	1	2	1	1	2	2	2	2	2	15
		Registro	1	2	2	0	2	2	2	2	2	15
		São Bernardo do Campo	1	2	2	0	2	2	2	2	2	15
		Três Corações	1	2	0	2	2	2	2	2	2	15
		Total	6	12	5	7	10	12	12	12	12	88
Centro-Oeste	Município	Alta Floresta	1	2	0	2	2	2	2	2	15	
		Campo Grande	1	2	0	2	2	2	2	2	15	
		Itumbiara	1	2	1	1	2	2	2	2	15	
		Total	3	6	1	5	6	6	6	6	6	45
Sul	Município	Cachoeira do Sul	1	2	0	2	2	2	2	2	15	
		Cascavel	1	2	2	0	2	2	2	2	15	
		Curitibanos	1	2	0	2	2	2	2	2	15	
		Florianópolis**	1	2	1	1	2	2	1	2	14	
		São Borja	1	2	1	1	2	2	2	2	15	
		Total	5	10	4	6	10	10	9	10	10	74

Observações:

* Não tem professor de AEE. Não foram feitas 2 entrevistas.

** A coordenadora pedagógica de uma escola urbana não foi entrevistada.

Tabela 8
Número de entrevistas por município

Município	Região					Total
	Norte	Nordeste	Sudeste	Centro-Oeste	Sul	
Alta Floresta	0	0	0	15	0	15
Araçuaí	0	0	13	0	0	13
Belo Horizonte	0	0	15	0	0	15
Bom Jesus da Lapa	0	15	0	0	0	15
Cachoeira do Sul	0	0	0	0	15	15
Campo dos Goytacazes	0	0	15	0	0	15
Campo Grande	0	0	0	15	0	15
Caracará	17	0	0	0	0	15
Cascavel	0	0	0	0	15	15
Curitibanos	0	0	0	0	15	15
Florianópolis	0	0	0	0	14	14
Itumbiara	0	0	0	15	0	15
Ji-Paraná	15	0	0	0	0	15
Mossoró	0	15	0	0	0	15
Palmas	13	0	0	0	0	15
Petrolina	0	15	0	0	0	15
Quixadá	0	15	0	0	0	15
Registro	0	0	15	0	0	15
Rio Branco	15	0	0	0	0	15
Santana do Ipanema	0	15	0	0	0	15
São Bernardo do Campo	0	0	15	0	0	15
São Borja	0	0	0	0	15	15
Teresina	0	15	0	0	0	15
Três Corações	0	0	15	0	0	15
Total	60	90	88	45	74	357

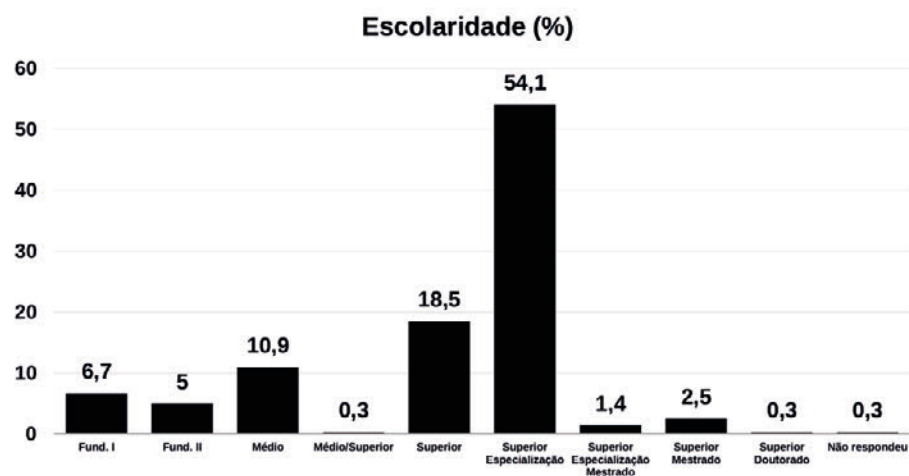
6.4. Escolaridade dos entrevistados

Tabela 9

Número e percentual do nível de escolaridade dos entrevistados

Escolaridade	Frequência	Percentual	Válido	Cumulativo
Fundamental I	24	6,7	6,7	6,7
Fundamental II	18	5	5	11,8
Médio	39	10,9	10,9	22,7
Médio/Superior	1	0,3	0,3	23
Superior	66	18,5	18,5	41,5
Superior/Especialização	193	54,1	54,1	95,5
Superior/Especialização/Mestrado	5	1,4	1,4	96,9
Superior/Mestrado	9	2,5	2,5	99,4
Superior/Doutorado	1	0,3	0,3	99,7
Não respondeu	1	0,3	0,3	100
Total	357	100	100	

Figura 4



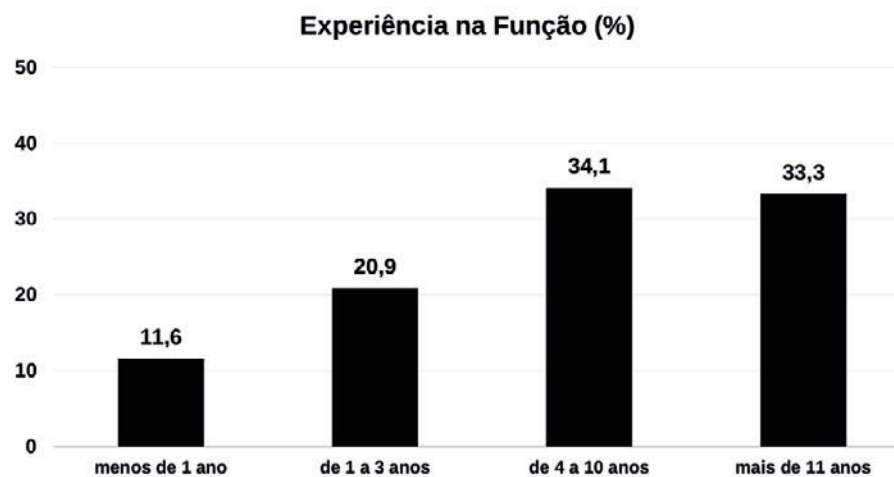
6.5. Tempo de experiência na função

Tabela 10

Tempo de experiência na função, para a comunidade escolar

Tempo na Função	Frequência	Percentual	Válido	Cumulativo
menos de 1 ano	30	11,6	11,6	11,6
de 1 a 3 anos	54	20,9	20,9	32,6
de 4 a 10 anos	88	34,1	34,1	66,7
mais de 11 anos	86	33,3	33,3	100
Total	258	100	100	

Figura 5



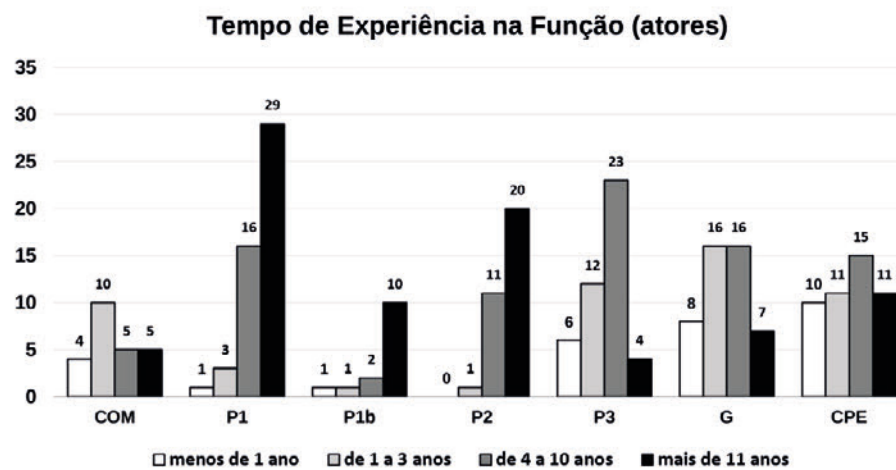
6.6. Tempo de experiência na função por tipo de ator social

Tabela 11

Tempo de experiência na função por tipo de ator social

Ator	Tempo de experiência na função				Total
	menos de 1 ano	de 1 a 3 anos	de 4 a 10 anos	mais de 11 anos	
COM	4	10	5	5	24
P1	1	3	16	29	49
P1b	1	1	2	10	14
P2	0	1	11	20	32
P3	6	12	23	4	45
G	8	16	16	7	47
CPE	10	11	15	11	47
Total	30	54	88	86	258

Figura 6

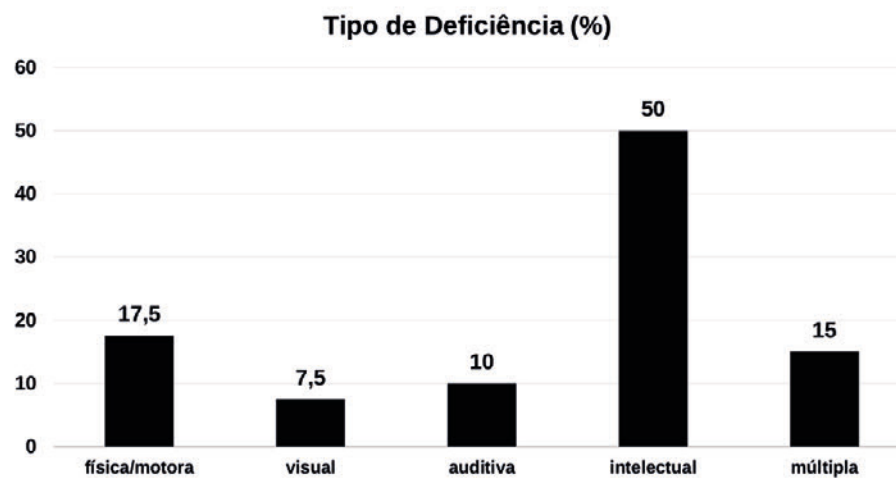


6.7. Tipo de deficiência

Tabela 12
Tipo de deficiência entre filhos de pais entrevistados

Tipo	Frequência	Percentual	Válido	Cumulativo
física/motora	7	17,5	17,5	17,5
visual	3	7,5	7,5	25
auditiva	4	10	10	35
intelectual	20	50	50	85
múltipla	6	15	15	100
Total	40	100	100	

Figura 7





Questão

1

A escola pública brasileira, hoje, oferece aos alunos da Educação Especial o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para complementar a formação desses alunos.

O que você pensa sobre o AEE? Fale um pouco sobre esse atendimento.

Questão 1

A escola pública brasileira, hoje, oferece aos alunos da Educação Especial o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para complementar a formação desses alunos.

O que você pensa sobre o AEE? Fale um pouco sobre esse atendimento.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO NAS CATEGORIAS

a) *Conceito de AEE – o que é?*

Consiste em como os entrevistados concebem o AEE.

b) *Objetivos e Atividades do AEE- para que serve e o que faz?*

Diz respeito a como os entrevistados compreendem como finalidades do AEE e as atividades para alcançá-los.

c) *Resultados*

Diz respeito aos relatos dos entrevistados como efeitos do AEE na promoção da inclusão escolar e da participação social dos alunos.

d) *Não respondeu a questão.*

RESULTADOS QUANTITATIVOS

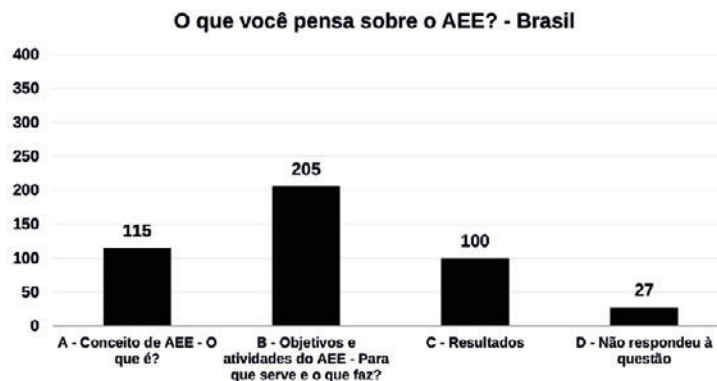
Percentual de ideias centrais relacionadas à Questão 1 – A escola pública brasileira, hoje, oferece aos alunos da Educação Especial o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para complementar a formação desses alunos. *O que você pensa sobre o AEE? Fale um pouco sobre esse atendimento.*

BRASIL

Tabela 13

1 - O que você pensa sobre o AEE? Fale um pouco sobre esse atendimento.	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Conceito de AEE - O que é?	115	25,73%	32,30%
B - Objetivos e atividades do AEE - Para que serve e o que faz?	205	45,86%	57,58%
C - Resultados	100	22,37%	28,09%
D - Não respondeu à questão	27	6,04%	7,58%
Total de respostas	447		
Total de entrevistados	356		

Figura 8

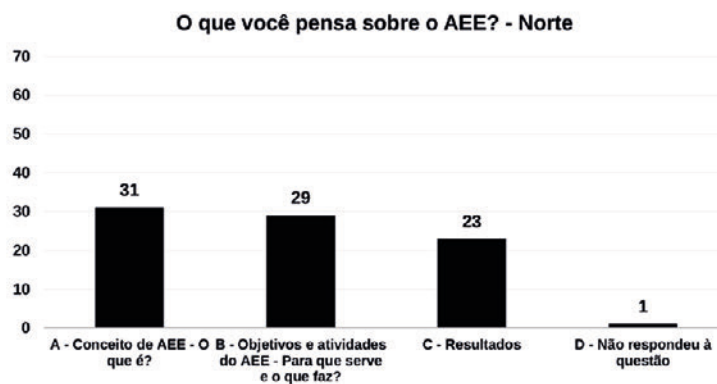


REGIÃO NORTE

Tabela 14

1 - O que você pensa sobre o AEE? Fale um pouco sobre esse atendimento.	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Conceito de AEE - O que é?	31	36,90%	51,67%
B - Objetivos e atividades do AEE - Para que serve e o que faz?	29	34,52%	48,33%
C - Resultados	23	27,38%	38,33%
D - Não respondeu à questão	1	1,19%	1,67%
Total de respostas	84		
Total de entrevistados	60		

Figura 9

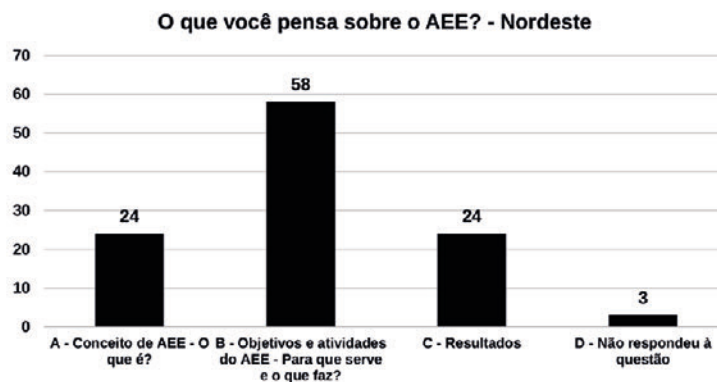


REGIÃO NORDESTE

Tabela 15

1 - O que você pensa sobre o AEE? Fale um pouco sobre esse atendimento.	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Conceito de AEE - O que é?	24	22,02%	26,67%
B - Objetivos e atividades do AEE - Para que serve e o que faz?	58	53,21%	64,44%
C - Resultados	24	22,02%	26,67%
D - Não respondeu à questão	3	2,75%	3,33%
Total de respostas	109		
Total de entrevistados	90		

Figura 10

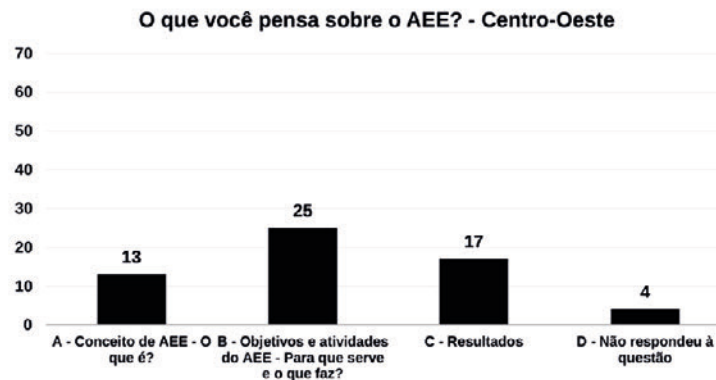


REGIÃO CENTRO-OESTE

Tabela 16

1 - O que você pensa sobre o AEE? Fale um pouco sobre esse atendimento.	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Conceito de AEE - O que é?	13	22,03%	28,89%
B - Objetivos e atividades do AEE - Para que serve e o que faz?	25	42,37%	55,56%
C - Resultados	17	28,81%	37,78%
D - Não respondeu à questão	4	6,78%	8,89%
Total de respostas	59		
Total de entrevistados	45		

Figura 11

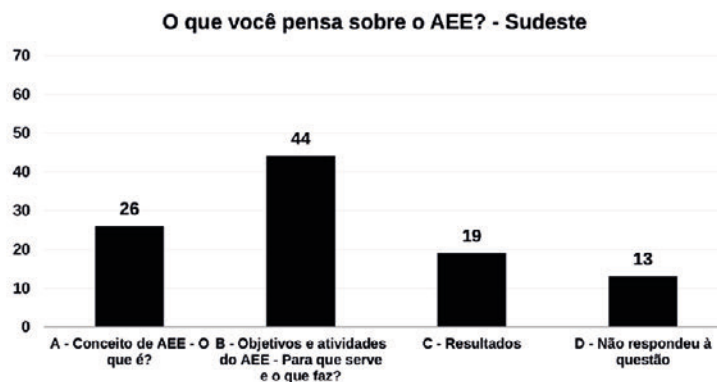


SUDESTE

Tabela 17

1 - O que você pensa sobre o AEE? Fale um pouco sobre esse atendimento.	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Conceito de AEE - O que é?	26	25,49%	29,55%
B - Objetivos e atividades do AEE - Para que serve e o que faz?	44	43,14%	50,00%
C - Resultados	19	18,63%	21,59%
D - Não respondeu à questão	13	12,75%	14,77%
Total de respostas	102		
Total de entrevistados	88		

Figura 12

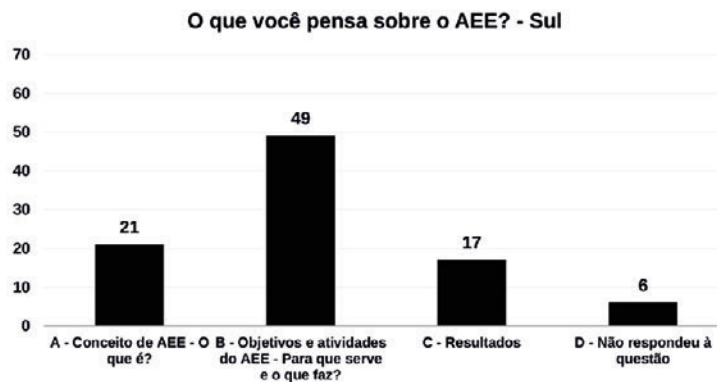


REGIÃO SUL

Tabela 18

1 - O que você pensa sobre o AEE? Fale um pouco sobre esse atendimento.	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Conceito de AEE - O que é?	21	22,58%	28,77%
B - Objetivos e atividades do AEE - Para que serve e o que faz?	49	52,69%	67,12%
C - Resultados	17	18,28%	23,29%
D - Não respondeu à questão	6	6,45%	8,22%
Total de respostas	93		
Total de entrevistados	73		

Figura 13



RESULTADOS QUALITATIVOS

a) Conceito de AEE – o que é?

Dirigentes

O Atendimento Educacional Especializado é de suma importância para os alunos, para a escola, para a sociedade. Hoje ele está aí como uma política que garante o acesso dessa criança, desse jovem, bem como do adulto na escola, incluindo alunos que até então nós tínhamos em classes especiais. Assim, os alunos do ensino regular, convivendo com essas diferenças, estão interagindo e ambos estão crescendo e se desenvolvendo. Eu considero o Atendimento Educacional Especializado um instrumento muito importante para ajudar a Inclusão de crianças e jovens com deficiência. Ele vem dar visibilidade para as crianças e jovens com deficiência dentro do sistema comum de ensino sendo um propulsor para a Inclusão. É uma oportunidade de fazer com que os alunos com deficiência sintam-se inseridos, independente da limitação que têm. As escolas estão a cada dia procurando se capacitar, buscar realmente recursos para trabalhar com essas crianças para fazer com que elas avancem dentro da sua limitação. O AEE se caracteriza por serviços, recursos e estratégias de acessibilidade e é por meio dele que a Educação Especial estabelece novas relações com o ensino comum, porque deixa de ser substitutiva e passa a ser um serviço complementar e suplementar ao aluno público-alvo da Educação Especial. Ele não é substitutivo, faz parte do ensino comum complementar e destina-se a alunos com dificuldades especiais. O AEE é um recurso que ajuda o professor na sala, no dia a dia, a melhorar a qualidade do ensino para os alunos. É um parceiro que amplia a qualidade dos trabalhos do professor, um caminho para a Inclusão, possibilitando que as barreiras, que supostamente o aluno tem, possam ser vencidas. Então o que é o AEE? É um atendimento que veio para ajudar os professores e a escola em geral, para conseguir integrar esses alunos na sociedade, no trabalho da escola, para que eles consigam progredir socialmente de acordo com as suas necessidades, bem como se desenvolver e participar da vida de modo mais ativo dentro da sua comunidade.

Professor P1

Eu gosto do trabalho do AEE! O atendimento do AEE é uma boa oportunidade para as crianças na Inclusão. É uma ideia válida. Antes era muito complicado, tirava as crianças e colocava num local separadas das outras crianças. Então, foi uma porta que se abriu para elas e mostra que elas também têm uma participação, têm uma valorização na sociedade, têm grandes habilidades, assim como os outros. Tem sido muito importante para esses alunos especiais a oportunidade de se relacionarem com alunos sem deficiência; é um trabalho muito importante para que esse aluno, que tem necessidades especiais, esteja integrado dentro da sociedade, do ambiente escolar, e isso acaba fazendo com que não seja só bom para esse ele, mas para a aprendizagem do professor e para as outras crianças, devido ao respeito que elas acabam tendo pelo outro. Assim, aquelas crianças que se achavam diferentes, que não poderiam participar, elas vão vendo que tudo o que a gente vai fazer é para inseri-las nas atividades. O respeito é igual com todos. O professor que cuida das salas ditas normais, termina ficando sobrecarregado e ainda tem que cuidar daquela criança que, devido à deficiência, não consegue acompanhar as atividades. Por outro lado, o AEE é um complemento importante para os alunos da Educação Especial, porque existem alguns trabalhos que são tão específicos, que dentro da sala de aula a gente não consegue atender. Embora a sala de recursos não trate diretamente da questão da leitura, da escrita, as atividades interferem diretamente no comportamento daquela criança em sala de aula. Essa sala é de suma importância, porque nós estamos trabalhando em parceria e, graças a Deus, nossas crianças estão evoluindo. Em muitos casos, para ter sucesso não tem como a gente trabalhar sem o AEE. Ele é fundamental!

Professor P2

No meu ponto de vista, o AEE é bastante relevante para a escola e para a sociedade, pois contribui bastante com os nossos alunos que são especiais. Depois que virou lei essa questão dos alunos com alguma dificuldade educativa estarem inseridos na escola regular, cada vez mais o Atendimento Educacional Especializado vem somar dentro

da escola; porque estes alunos têm essa oportunidade, antes muitos nem saíam de suas casas para vir aqui e muito menos estar inseridos no ensino comum, hoje eles têm essa participação. Acho que veio somar à educação, porque precisamos atender a todos os alunos e é fundamental que os tenham um acompanhamento mais próximo, para minimizar as dificuldades que possuem. Eu vejo o AEE como um apoio, por mais que você tenha curso ou especialização, algumas situações você, de repente, não sabe como agir, e, no caso, na Sala de Recursos eu encontro a resposta, o caminho para determinada situação. É uma parceria na questão da aprendizagem. Outro ganho é que quando este aluno é colocado dentro de uma situação normal, regular, isso desperta nos outros alunos o respeito, a solidariedade - não olhando o colega como coitadinho -, mas olhando o colega como um aluno, uma pessoa capaz de também aprender, embora com suas características próprias. E, nesse sentido, eu acho que essas políticas têm sinalizado de uma maneira positiva para esses aspectos, não é?

Professor AEE

O AEE é o olhar diferente da escola para a criança especial, porque é muito importante ela estar matriculada na sala de aula comum e essa interação com as outras crianças só vai beneficiá-la. Acredito que seja função do Atendimento Educacional Especializado oferecer aos alunos as mesmas oportunidades e condições de estarem nessa escola como qualquer aluno, que participem das mesmas atividades, preferencialmente no mesmo momento, respeitando, é claro, as suas peculiaridades e oferecendo todo o material necessário para que eles tenham as mesmas condições que qualquer criança da escola. O atendimento é uma parte da Educação Especial que a gente sabe que vem complementar, ou suplementar, a aprendizagem desse aluno. Veio para complementar a educação dessas crianças no ensino comum, dar autonomia e uma liberdade maior à criança para a vida. O AEE é o atendimento só para os alunos especiais, mas ele implica um refazer no modo de agir, de pensar, de planejar como será a aprendizagem desse aluno. É muito importante, principalmente, porque ele ocorre no contra turno e não pode substituir o ensino comum. Destina-se a crianças que necessitam de uma ferramenta a mais, de um tempo a mais.

O AEE vem para ajudar a suprir essas necessidades dos alunos especiais; ele complementa e suplementa a atividade que é feita em sala de aula, não como uma atividade de reforço, mas para que essas crianças venham a ter um desenvolvimento na construção do seu próprio conhecimento. Assim, acredito que é um programa que veio realmente para fazer acontecer a Escola Inclusiva.

Pais

Bom, eu penso que seja uma escola especializada para atender as crianças especiais, onde elas possam se relacionar melhor, possam aprender melhor e terem todo o atendimento especializado que elas precisam ter, na proporção de cada um. O atendimento especializado é fundamental para acolher as crianças pelo fato de a criança ter mais convivência com crianças normais ela fica mais integrada à sociedade e a aprendizagem dela melhora, porque elas são incluídas, têm o direito igual aos das outras crianças, apesar das suas deficiências; afinal elas têm a mesma inteligência das outras, não é? É um atendimento que se faz essencial, visto que nós temos uma quantidade significativa de crianças que vêm apresentando, paulatinamente, várias deficiências e necessidades educacionais especiais de aprendizagem. É um suporte que visa favorecer os pais dos alunos e a comunidade em geral, naquilo que há de específico na formação de um aluno com deficiência, ajudando-o a frequentar o ensino comum, a escola pública. Com o AEE a criança desempenha mais, tem mais desenvolvimento, porque tem aquela sala apropriada para elas, com a aula mais reforçada e se tem um professor adequado para ajudar e colaborar, elas têm mais vontade de ir para a escola todos os dias. A criança que tem dificuldade vai aprendendo, passo a passo, conforme sua maneira de agir, de aprender. Logo no início eu me perguntava: o que é o AEE? Aí, depois que eu vim saber um pouco melhor o que era uma professora especialista para crianças que tinham esses problemas mentais para conseguir mais no estudo e aprender mais um pouco. E aí a gente pensa: Ah, é só numa APAE? Não, tem o AEE, que isso é muito importante. Então, eu acho que o AEE, ele faz toda a diferença. Por isso ele é muito importante.

b) Objetivos e Atividades do AEE – para que serve e o que faz?

Dirigentes

Acho o AEE fundamental na escolarização dos alunos com deficiência, na identificação de recursos, de estratégias, de tecnologias assistivas que vão permitir que aquele aluno possa atuar, decidir e dar opiniões dentro da escola. No Atendimento Educacional Especializado o professor vai fazer um estudo de caso, vai adaptar material para esse aluno, ver onde ele precisa melhorar, quais são as alternativas que ele tem para crescer como estudante, como pessoa. A oferta do Atendimento Educacional Especializado faz com que a professora tenha um apoio complementar e suplementar na sala de aula, na sala comum. Então ele vem contribuindo, com certeza, fazendo com que as crianças avancem dentro da sua limitação; oportunizando adaptações nas atividades de acordo com a limitação que a criança oferece. E mais: pela questão social, né? É no atendimento mais individualizado que o professor pode ter um contato, que pode investigar um pouquinho mais sobre a vida do aluno e as suas possibilidades. O AEE veio para ajudar o profissional, os professores, diretores, toda a equipe pedagógica a entender que esse aluno está na escola e que ele precisa aprender. Ele complementa esse ensino comum, dando suporte ao professor na sala de aula. O AEE disponibiliza e mostra que tem outras formas de ensinar, porque a gente sabe que, independentemente de qualquer deficiência, cada um é cada um, com ou sem deficiência. Por outro lado, o professor do AEE deve cuidar da autoestima deste aluno, que muitas vezes vem tão discriminado socialmente, buscando mostrar que cada aluno, cada ser, é diferente, que todos nós temos valor. Eu vejo inicialmente esse trabalho do AEE conduzindo e desenvolvendo melhor o aluno nas suas cognições, no seu aprendizado no ensino comum. O AEE também se propõe a dar toda uma orientação aos profissionais que trabalham com esse aluno através de grupos de estudo. Também no planejamento o AEE ajuda montar um plano de aula junto com os professores que têm alunos especiais na sala de aula. Há um trabalho integrado do AEE com o ensino comum. Então as professoras da sala de aula e do AEE devem estar sempre em contato, definindo

o que precisa ser trabalhado com determinado aluno. Então o AEE veio complementar. Em suma, o AEE é uma parceria fundamental que ocorre entre a professora do AEE e a professora da sala de aula. Esse aluno precisa sempre estar realizando atividades que estejam dentro do contexto dos demais alunos. Às vezes o professor da sala comum tem esse distanciamento, não tem os recursos, o conhecimento específico para fazer essas adaptações. O professor do AEE entra para fazer esse papel, para adaptar uma atividade, para sugerir, para preparar algum material, por exemplo, uma prancha de comunicação alternativa. Aí são mil recursos. O contra turno tem um grande objetivo, que é descobrir as potencialidades, as estratégias de aprendizagem, mas se ele não voltar para dentro da sala de aula comum de fato ele não cumpre a sua missão. Então a importância do AEE está aí. O lugar do contra turno e o retorno desse contra turno para dentro da sala de aula para que os meninos de verdade possam aprender dentro das suas salas.

Professor P1

Eu acho muito importante porque auxilia tanto os alunos com qualquer tipo de deficiência, quanto dá orientação para as famílias que ficavam sem ter noção do que o filho tinha. Às vezes a professora, no corre-corre do dia a dia, do cotidiano, não percebe uma adaptaçãozinha que pode ser feita na mesma atividade para um aluno. Outro material, uma adaptação na tesoura, alguma coisa assim. E o AEE ajuda nessa parte também. É, eu acho que ele veio para nos ajudar. Se antes já tinha uma dificuldade quando um aluno chegava e não sabíamos como lidar com ele, depois que entrou o atendimento especializado ficou mais fácil. Em sala de aula só tem quadro, giz, caderno e a criança que tem uma deficiência não se atem muito a essas coisas. Então a riqueza material que tem na sala do AEE é melhor para elas. De fato, a sala do AEE no ensino comum é uma sala que auxilia bastante os professores, ajuda o aluno na autoestima, acompanha o aluno na sala de aula, na socialização e até mesmo na família. Em suma, o AEE é indispensável, porque ele tem condição de ajudar tanto ao próprio aluno como à equipe da escola e a família. Acredito que futuramente ele possa até se tornar desnecessário, dependendo da forma como vai acontecendo o processo.

Professor P2

Eu entendo que é necessário, é louvável, porque dá ao cidadão com certas necessidades a oportunidade de interagir com o seu meio social. É um atendimento muito bom, que ajuda muito. Agora a gente pede muita ajuda às professoras do AEE, porque sentimos dificuldades, principalmente quando a criança está entre o 6º e o 9º ano. Aí a gente vai buscar essa ajuda com os profissionais do AEE e eles passam um esclarecimento melhor sobre o caso da criança, dão esse apoio fazendo um aprofundamento maior da deficiência que a criança tem ou que ela possa vir a ter, e traz soluções, dá ideias sobre como trabalhar com essa criança e o tipo de atividade para ajudar essa criança a se desenvolver. Por isso acho o atendimento do AEE maravilhoso. Sempre que eu tenho dúvida em sala de aula eu procuro as professoras do AEE. E elas me ajudam já que nós não temos uma formação nessa parte de LIBRAS, de Braille. O AEE veio para complementar essa formação que a gente não tem. Também nós não temos material pedagógico para atender esse aluno que precisa estar no ensino comum e sendo incluído na escola. O AEE vem para ajudar, dando suporte com material, com essas tecnologias que podem auxiliar esses alunos. Vem completar o espaço escolar, auxiliando o professor com ideias para a sala de aula e aumentando a capacidade escolar do aluno incluso, através de todo o trabalho pedagógico-educacional realizado com ele.

Professor AEE

O AEE é um serviço que ajuda a identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e disponibiliza as salas que atendem alunos de inclusão de todas as unidades concentradas nas escolas municipais. Mesmo sendo leigos, não sendo profissionais da área de Medicina, a gente já observa algumas síndromes e encaminha para um profissional em saúde e, detectado o problema, a gente já começa a atender. A gente procura, a partir da dificuldade que o professor tem na sala de aula, ver o estudo de caso, verificar essa criança, tanto na sala de aula, quanto a questão da família para poder fazer o plano para iniciar o atendimento dessa criança. A gente vai procurar maneiras de fazer com que essa criança se desenvolva. Com o Atendimento Educacional

Especializado o aluno vai se instrumentalizando, recebendo essa atenção especial, porque o professor dá esse suporte de acordo com o que o professor da sala de aula comum pede e o aluno retorna cada vez mais seguro para participar com seus pares em sala de aula. Então eu acho que o AEE vem dar um suporte aos professores do ensino comum no que se refere a adaptação de atividades, à interação dos alunos no ambiente social da escola. E para os alunos é uma coisa muito boa porque o AEE trabalha especificamente as dificuldades que cada um tem para ele conseguir trabalhar, ser incluído. Enfim o AEE é um serviço que dá um suporte e complementa a formação do aluno e também disponibiliza recursos para que este aluno faça uso, em sala de aula, permitindo que ele tenha pleno acesso aos conhecimentos. É como se fosse uma ferramenta para auxiliar os alunos inclusos. Porque o aluno com necessidades especiais tem que ter um atendimento prioritário direcionado às suas necessidades, à sua limitação. Então é fundamental essa sala nas escolas porque não trabalha só a questão pedagógica, papel, lápis, borracha, trabalha o pedagógico como um todo. Então, se nós localizamos hoje uma dificuldade na motricidade dentro daquilo que é pedagógico, que é necessário para o aluno, a gente vai trabalhar as questões motoras, questão de lateralidade, organização espacial, e também trabalhamos a dificuldade na escrita. Não é reforço, dá o suporte ao professor, à gestão, aos funcionários da escola, e complementa a educação desses alunos no contra turno.

Pais

O atendimento é muito importante porque o aluno com deficiência é limitado em algumas coisas e o atendimento ajuda os alunos que têm dificuldade de ler e escrever, desenvolvendo outros métodos de trabalhar. A gente tinha aluno que tinha dificuldade, ele tinha problema e não ficava na sala. A partir do momento que chegou as professoras do AEE foi muito bom. O AEE fortalece o trabalho feito na sala de aula e contribui também com o desenvolvimento integral da criança com necessidade educacional especial. Uma criança que não fala, ou que não tem uma locomoção também própria, acaba perdendo muita coisa de conhecimento. Então ali elas expõem isso de maneira prática, com brinquedos pedagógicos, com material manipulável. A Sala

de Recursos é uma sala diferenciada das outras salas. Você vê que tem o brinquedo, tem o televisor, tem as coisas para elas interagirem. Eles acham que vêm para cá para brincar, mas na verdade, nós como pais, sabemos que elas não vêm brincar. Eles vêm para desenvolver a capacidade, o aprendizado. Então o AEE é imprescindível para essas crianças que têm esse desenvolvimento um pouco mais retardado, que demoram um pouco mais. É imprescindível porque a gente consegue fazer de uma forma mais pessoal para aquela criança. Fica um atendimento individualizado. Eu tenho orgulho da minha filha estudar na rede pública, justamente por essa preocupação. Eu fui muito bem recepcionada.

c) Resultados

Dirigentes

Resultados bem sucedidos

Antes nós tínhamos a Classe Especial e o aluno ficava segregado. A questão da inclusão começou a ser mais efetiva quando começou a se pensar nesse atendimento, nessa forma de Sala de Recurso. Além, claro, da questão do professor de apoio e de todos os atendimentos especializados que o aluno tem. Com tudo isto a criança se sente inserida. A gente vê a criança como um todo, inserida no meio, e que todas são iguais, sem preconceitos, sem discriminação. Enfim, isto tudo contribui para o avanço do ser humano. Esse aluno vindo no contra turno tem visivelmente uma evolução. As próprias famílias chegam a fazer declarações nas Redes Sociais. E nas reuniões com os profissionais da escola também fazem declarações de que não vêm os alunos ou os seus filhos fora do ensino comum. Assim, percebemos a qualidade que isso trouxe a todo o processo educativo trazendo soluções importantíssimas para o aprendizado das crianças, como também tem contribuído para a conscientização da equipe docente sobre a importância de inserir os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem. A partir do AEE, muita transformação aconteceu, tanto no sentido pedagógico, como no próprio entrosamento dos professores e no entrosamento do próprio aluno com os outros alunos. Antes eu não acreditava que o ensino do AEE pudesse dar certo. Eu sempre ques-

tionava: não vai dar certo, eles têm que ter uma sala para que haja um trabalho para eles. Mas a gente está aí nesse trabalho e tem dado certo. E mais: pela questão social. A criança se sente inserida. A gente vê a criança como um todo, inserida no meio, que todas são iguais, sem preconceitos, sem discriminação. Enfim, contribui para o avanço do ser humano e contribui efetivamente com o trabalho em sala de aula, beneficiando todos os envolvidos com os alunos. Também as famílias estão se sentindo mais à vontade para trazer essa criança especial para a escola, estão confiando na escola, acreditam nessa inclusão. Antes desse programa as crianças que tinham deficiência não tinham como sequer se locomover na comunidade. Era fora da sociedade. E hoje em dia a criança, mesmo com dificuldades especiais, elas têm todo um acompanhamento. Assim é um serviço que só traz benefícios para os pais, para as crianças, para a comunidade toda porque a criança tem essa possibilidade de conhecer uma nova realidade, que é a de aprender dentro de uma escola comum.

Resultados que apontam dificuldades na oferta

Eu penso que o AEE está funcionando de forma ainda precária, pela falta de qualificação do profissional que trabalha nas Salas de AEE, pela falta de recursos e pela falta de um acompanhamento mais efetivo sobre o trabalho que está sendo realizado de fato. Como a gente já conhece esse processo, eu percebo que às vezes a prática não condiz com o que está elaborado no projeto e no plano. Observa-se que ainda está um pouco distante, está faltando alguma coisa, que observa na prática de alguns educadores, que eles parecem não estar preparados, ou não acreditam no trabalho que fazem. É como se eles estivessem ali fazendo uma coisa para cumprir uma carga horária, para cumprir uma obrigação, mas não acredita de fato no resultado positivo do trabalho que está fazendo. Eu observo isso. Para que esse serviço realmente aconteça, primeiramente há necessidade de uma capacitação desses professores que farão esse trabalho para que saibam receber esses alunos e também como desenvolver um trabalho em sala de aula continuamente com esses meninos. Outro problema é que uma grande porcentagem dos próprios pais não dá valor a esse tipo de acompanhamento e os alunos não vêm no

contra turno e nós vamos ter que fazer esse atendimento no horário de aula comum.

Professor P1

Resultados bem sucedidos

Desde que a nossa escola começou a oferecer o AEE tudo melhorou. Sentíamos dificuldade em sala, não sabíamos como trabalhar com eles e esses materiais da Sala de Recurso vieram proporcionar formas diferentes de trabalhar com esses alunos. A gente vê que esse aluno especial tem se adaptado mais em sala de aula e tem interagido mais com os colegas. Já os alunos ditos normais entendem melhor e já conseguem conviver e não há tanta discriminação. Eu acho muito importante as salas de AEE. Como professor, creio que me ajudou bastante em certas dificuldades e ajuda principalmente os professores do interior onde é meio complicado chegar essa informação. Por outro lado, os alunos têm um desenvolvimento melhor na sala de aula: através do AEE. O rendimento foi outro depois que abriu essa sala de recursos aqui. O AEE trabalha a mente, o conhecimento das outras pessoas em relação a esses alunos especiais e as pessoas deixam de ter um preconceito quando começam a ter contato.

Resultados que apontam dificuldades na oferta

Eu acho que ele é um serviço fundamental, mas também, que ainda não é o que deveria ser. É um atendimento válido, em que se vê os benefícios para os alunos, mas aqui na nossa escola está precário; ainda não funciona. Tem ali um ou dois profissionais que não dão conta de atender a demanda, porque não é por escola, é por região. Outro problema são os pais que não podem trazer os filhos fora do horário. O atendimento ao professor da sala de aula quase não existe. Também tem casos de crianças que são consideradas com necessidades especiais e que não têm diagnóstico. E aí ela não pode ser atendida. Eu acho que o grande nó desse serviço, que acho fundamental, é essa questão de crianças que precisam e não podem ser atendidas por não ter diagnóstico. Então é um trabalho que complementa, mas falta ainda muita infraestrutura. Na verdade, existe a necessidade do

momento da troca de experiências, da troca de informações do professor sobre o trabalho que está acontecendo com aquela criança, e aí eu acho que nessa parte existe a falha, talvez seja do Sistema, não sei, mas esse contato ainda é pouco. Aí eu fico ansiosa porque eu queria conversar, trocar. Às vezes durante a semana aconteceu algo na sala que foge da minha especialidade. Esse seria o momento bom para falarmos sobre a criança, sobre algo que aconteceu de diferente e que está fora do meu alcance, até mesmo para eu me aperfeiçoar no trabalho com a criança.

Professor P2

Resultados bem sucedidos

É uma política importante, que tem trazido os alunos com deficiência para a escola comum. Antes não se conseguia colocar esses alunos dentro da escola, e só de conseguir colocá-los na escola já é um bom avanço. Eu acho que agora eles estão mais socializados, conseguem interagir mais com os outros alunos. Os alunos com deficiência chegam revelando um determinado comportamento e, com o passar do tempo, você sente que houve uma melhora no comportamento deles, na aprendizagem deles. Passou-se a enxergar a necessidade do AEE, a sua importância e a perceber que o nosso foco principal, enquanto professor, enquanto gestão escolar é o aprendizado.

Resultados que apontam dificuldades na oferta

Eu penso que esse atendimento poderia ser bem melhor do que está sendo. A gente recebe alguns alunos que têm dificuldade e às vezes fica meio perdido, sem saber o que pode fazer para melhorar o aprendizado do aluno porque não tem um espaço ideal, nem o material ideal para trabalhar com ele. O atendimento é bom, mas eu acho que está faltando ainda um tempo para que exista uma integração entre as professoras do AEE e nós professores. Eu ainda vejo uma separação. Eu ainda vejo um distanciamento do professor com o professor do AEE. Eu acho que precisa ter mais integração.

Professor AEE

Resultados bem sucedidos

Nós vemos os grandes avanços que acontecem dentro da escola e até na própria família. A mudança de comportamento, a verdadeira inclusão, o aceitar o outro como ele é, e o próprio diferente aceitar onde ele está inserido. Isso é primordial na vida desses alunos. Percebia-se que eles estavam perdidos na própria escola ou na própria comunidade. Hoje, percebe-se através do trabalho dos professores, a participação dos alunos e o jeito que os outros alunos lidam com os alunos deficientes. Não se vê sarro, não se vê piadinha. Ele simplesmente é um aluno normal, que está ali dentro da turma e que precisa ter algumas coisas adaptadas para serem trabalhadas com eles. E hoje eles têm sua autonomia, sua identidade, por conta desse atendimento que é oferecido para eles na escola. A Sala de Recursos tem computador, tem tanta coisa! E as crianças que não são do AEE até ficam com inveja daquela criancinha que tem. Então isso faz com que diminua o preconceito. O AEE, para mim, é um divisor de águas na Educação. Depois que ele veio, a Educação pôde ser vista com outros olhos.

Resultados que apontam dificuldades na oferta

Sem sujeitos

Pais

Resultados bem sucedidos

Até uns anos atrás eu não acreditava na inclusão. Eu achava que era vir para escola para socializar com o grupo. Não acreditava que poderia ter algum tipo de aprendizagem. Hoje em dia eu acredito demais porque vejo a evolução do meu filho, vejo quanto ele evoluiu, avançou. Sabe coisas que às vezes eu fico chocada que ele aprendeu. Com a Inclusão os alunos estão aprendendo a conviver com os meninos com deficiência, aprendendo o valor da deficiência. Entendem que o mundo deles é diferente do outro, mas tudo com amor, com carinho. Acho muito importante, pois, no meu pensamento, não fazemos diferença entre criança normal e criança com

deficiência ou de cor. Para mim, todos são iguais, são todos seres humanos, com as mesmas capacidades. Lógico que cada uma com a sua diferença. Então o atendimento que o meu filho vem recebendo foi o que ajudou ele a se desenvolver. Eu não tenho o que reclamar. Desde que ele começou a ser atendido, a atenção específica que ele recebeu fez ele melhorar, vamos dizer assim, 80%. Porque ele tem esse atendimento fora do período da escola. Ele não sabia mexer em computador e já aprendeu. Em casa ele já está mexendo sozinho porque aqui tem computador e ele faz as atividades; a fonoaudióloga também já me falou que durante o atendimento achou que ele progrediu depois que começou aqui nessa escola e tendo esse outro atendimento. Também ajudou muito o meu filho a interagir com outras crianças. Ele evoluiu bastante em termos de fazer as coisas, ser independente. E agora ele já está bem mais independente e bem mais tranquilo. Hoje é uma criança que se adaptou bastante com gente, com multidão, porque ele tinha muito medo de ficar no meio de muita criança. Ele era uma criança muito quieta, sossegada. A partir do momento que ele veio para a escola comum, com esse atendimento que eles estão dando, meu filho se desenvolveu em casa e na sociedade. Eu tenho visto o empenho dos professores e o desenvolvimento dessas crianças tem sido muito bom. O atendimento do AEE é bom porque a criança fica mais inteligente, em todos os sentidos, convivendo com as outras crianças. A criança vem para a escola sem medo do professor. Eles falam: Eu vou para a escola porque lá eu estou aprendendo, lá eu estou sendo bem cuidado e bem tratado.

Resultados que apontam dificuldades na oferta

Eu acho que o atendimento acontece, mas não é o básico que deveria. Falta muito, o ambiente não é adequado; 90% não são o que deveria ser. Meu filho evoluiu bastante depois que começou a Sala de Recursos. O atendimento eu acho ótimo, mas ainda faltam materiais para os alunos. Então, tem falhas, esse atendimento devia ter mais tempo. O que falta para melhorar é um intérprete com a professora do AEE. Se tivesse esse atendimento seria melhor para os alunos surdos.



Questão

2

Marquinhos é um aluno com deficiência e estuda em uma escola especial na sua cidade. Amigos e familiares de Marquinhos têm insistido para que seus pais o matriculem na escola regular, onde é oferecido o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Os pais têm dúvidas na escola regular e foram procurar você.

O que você diria para esses pais? Por quê?

Questão 2

Marquinhos é um aluno com deficiência e estuda em uma escola especial na sua cidade. Amigos e familiares de Marquinhos têm insistido para que seus pais o matriculem na escola regular, onde é oferecido o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Os pais têm dúvidas na escola regular e foram procurar você.

O que você diria para esses pais? Por quê?

52

QUESTÃO 2

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO NAS CATEGORIAS

a) *Favorável*

Sou favorável à matrícula na escola regular pelos seguintes motivos: por existir o AEE, pela identificação do aluno e troca de experiências entre alunos com e sem deficiência, pela diminuição das discriminações, pelos recursos disponibilizados na escola, pela promoção da socialização e do desenvolvimento, pela melhora da autoestima, pela autonomia e independência do aluno com deficiência, pelo acolhimento e solidariedade, pelo direito de todos à educação, pelo ganho geral que a educação inclusiva traz aos alunos na parte pedagógica e pela aprendizagem de valores.

b) *Desfavorável*

Sou favorável à matrícula na escola regular desde que haja o AEE bem estruturado na escola, que os pais conheçam experiências de inclusão; que seja considerada a relação entre idade/série do aluno, que haja preparação dos professores da escola comum e quando a escola comum é complemento socializador da escola especial. Sou favorável dependendo do tipo de deficiência. Acho preferível transferir aos pais a escolha da inserção do aluno na escola regular ou dupla matrícula do estudante. Sou favorável, mas questiono as condições da escola para receber o aluno, porque nem sempre ela está preparada para receber alunos com deficiência. Sou favorável, mas não tenho segurança para indicar ou não a matrícula na escola regular porque desconheço o funcionamento do AEE e considero a escola especial tão regular quanto a comum. Sou desfavorável à matrícula na escola regular porque considero que é preciso manter o aluno deficiente na escola especial para ele ficar en-

tre iguais e porque a escola não está preparada para receber alunos com deficiência devido à falta de formação para professores da sala de aula comum.

c) Não respondeu a questão.

RESULTADOS QUANTITATIVOS

Percentual de ideias centrais relacionadas à questão 2 – Marquinhos é um aluno com deficiência e estuda em uma escola especial na sua cidade. Amigos e familiares de Marquinhos têm insistido para que seus pais o matriculem na escola regular, onde é oferecido o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Os pais têm dúvidas na escola regular e foram procurar você. O que você diria a estes pais?

BRASIL

Tabela 19

2 - O que você diria para esses pais? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Favorável	289	81,18%	81,18%
B - Desfavorável	56	15,73%	15,73%
C - Não respondeu à questão	11	3,09%	3,09%
Total de respostas	356		
Total de entrevistados	356		

Figura 14

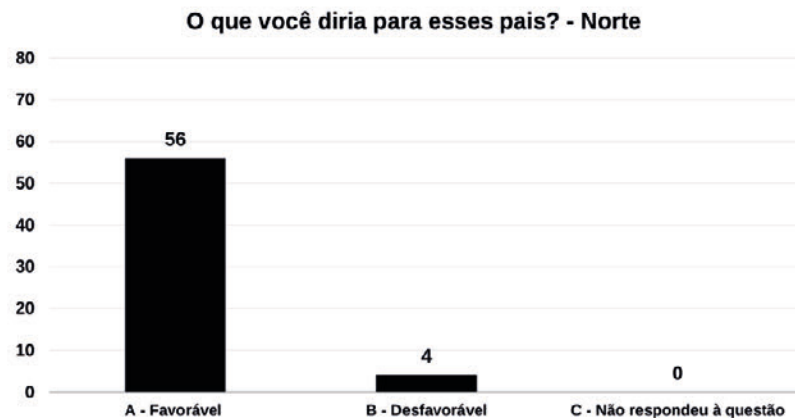


REGIÃO NORTE

Tabela 20

2 - O que você diria para esses pais? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Favorável	56	93,33%	93,33%
B - Desfavorável	4	6,67%	6,67%
C - Não respondeu à questão	0	0,00%	0,00%
Total de respostas	60		
Total de entrevistados	60		

Figura 15

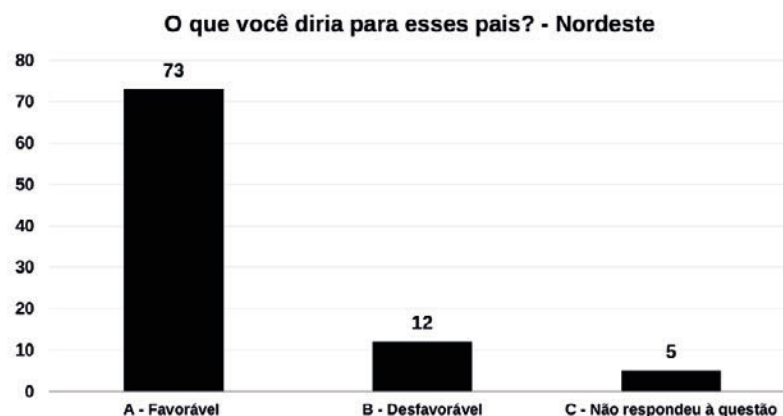


REGIÃO NORDESTE

Tabela 21

2 - O que você diria para esses pais? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Favorável	73	81,11%	81,11%
B - Desfavorável	12	13,33%	13,33%
C - Não respondeu à questão	5	5,56%	5,56%
Total de respostas	90		
Total de entrevistados	90		

Figura 16



REGIÃO CENTRO-OESTE

Tabela 22

2 - O que você diria para esses pais? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Favorável	37	82,22%	82,22%
B - Desfavorável	7	15,56%	15,56%
C - Não respondeu à questão	1	2,22%	2,22%
Total de repostas	45		
Total de entrevistados	45		

Figura 17

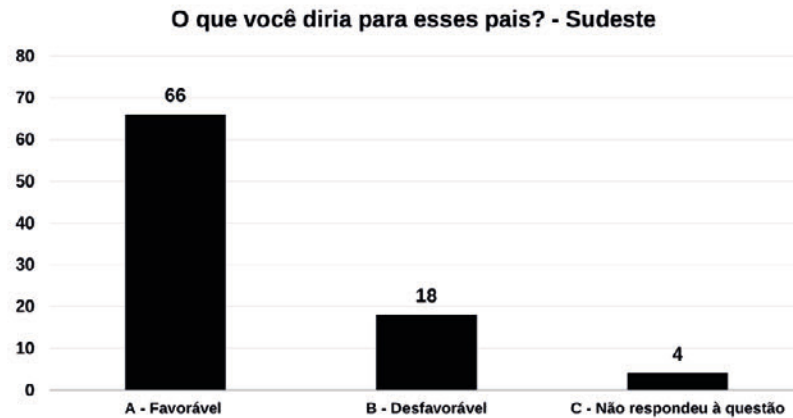


SUDESTE

Tabela 23

2 - O que você diria para esses pais? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Favorável	66	75,00%	75,00%
B - Desfavorável	18	20,45%	20,45%
C - Não respondeu à questão	4	4,55%	4,55%
Total de respostas	88		
Total de entrevistados	88		

Figura 18



REGIÃO SUL

Tabela 24

2 - O que você diria para esses pais? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Favorável	57	78,08%	78,08%
B - Desfavorável	15	20,55%	20,55%
C - Não respondeu à questão	1	1,37%	1,37%
Total de respostas	73		
Total de entrevistados	73		

Figura 19



RESULTADOS QUALITATIVOS

a) Favorável

Dirigentes

O lugar do Marquinhos é na escola regular. A primeira coisa que eles precisam ver é que o filho é uma criança e, como criança, precisa ir para a escola, precisa estar na escola. Ele deve ser inserido, sim, na escola regular. A criança deve ser tratada com igualdade de direitos. A escola é para todos. Destacaria que os pais precisariam realmente enfrentar o desafio de colocar o filho na escola regular. Essa escola traz a possibilidade do conhecimento não só acadêmico, mas também o conhecimento que é da vida, de se enfrentar, de se ver, de ser respeitado, de acrescentar ao outro. A vida está ali dentro da escola, na sua amplitude, no seu jeito de ser, com todas as formas diferentes em que todos nós, com nossos limites, vivenciamos. É neste ambiente que ele vai aprender, vai se desenvolver. Diria também que a escola precisa oferecer o Atendimento Educacional Especializado, que vai garantir todas as condições para que Marquinhos permaneça na escola regular. Antes, crianças como Marqui-

nhos eram esquecidas e, hoje, os professores do AEE são comprometidos com esses alunos e a escola pública está mais preparada para receber alunos com deficiência. O professor do AEE recebe a criança e faz primeiro um estudo de caso. Junto com a professora da sala comum ele cria estratégias para que o aluno possa se desenvolver melhor. Marquinhos estaria recebendo todo o atendimento necessário para suas dificuldades e o apoio de um cuidador, se for o caso. Eu esclareceria aos pais o que é o AEE e no que esse atendimento beneficia crianças como Marquinhos. Os pais precisam compreender o que é o AEE, que não é um reforço, não é uma sala de aula especial em escola especial e que na sala de AEE Marquinhos teria um apoio para ser incluído na sala de aula comum. Tranquilizaria os pais de Marquinhos, dizendo-lhes que vamos dar todo o suporte que ele e toda a família precisam. E o que nós não tivermos, a gente vai buscar junto à secretaria da educação ou aonde for necessário, porque ele realmente tem direito de estar na escola. Caso a escola não oferecesse o AEE, eu diria para os pais de Marquinhos que a escola procuraria esse atendimento numa escola mais próxima que oferecesse o AEE no contra turno. Em resumo, ele realmente precisaria estar com outros colegas e, de preferência, em uma escola que tenha o AEE com uma professora especializada. Ele seria atendido individualmente nas suas necessidades específicas. Isto porque

para a socialização e inserção na sociedade é fundamental o espaço da escola comum. Com todas as limitações que esses alunos possam ter, eles precisam de uma socialização com crianças normais. É na escola comum que Marquinhos vai ter todas as chances de desenvolver potencialidades que ele talvez não tivesse como despertar fora desse ambiente. Com certeza eu reafirmaria a importância da interação de crianças como Marquinhos com outras crianças, porque elas não podem ficar isoladas em suas casas. Eu mostraria a eles o que a escola regular pode oferecer a mais para a vida de Marquinhos, porque a escola especial só trata do mundo dos especiais. E a gente tem o dever de socializar Marquinhos. Crianças como Marquinhos são bem-vindas nas escolas. São recebidas por todos os alunos de forma carinhosa e solidária. As crianças acolhem bem, respeitam, mas a gente ainda encontra algumas resistências por parte de professores, de funcionários. Eu diria que a inclusão hoje já é uma realidade e isso não tem volta. Claro que avançamos, mas ainda não é do jeito que as famílias sonham. A questão de ser um portador de uma necessidade especial é uma consequência da vida desse aluno e não a vida dele. Lembraria aos pais que não há um aluno completamente deficiente e nem um aluno com potencial em tudo. A escola proporciona uma troca onde todos têm condições de oferecer e de receber alguma coisa.

Professor P1 - Urbana

Eu diria aos pais para matriculá-lo na escola regular porque lá ele vai ter o atendimento do AEE e vai ter contato com outras crianças. Que pode colocar tranquilamente. Que ele vai ser bem recebido, que na sala vai ser feito um trabalho tanto com os outros alunos quanto com os professores, que a escola está preparada para recebê-lo. Um aluno, numa escola que tem um ensino regular e tem o atendimento do AEE, ele tem chance de aprender muito mais, porque ali tem várias situações, são várias crianças que têm ali um tipo de comportamento. Então, essas crianças elas podem, assim, passar aprendizagem para esse aluno e o aluno para elas também. Mesmo que eles não acreditem que a criança vai aprender alguma coisa, ela precisa ter uma socialização. Eu aconselharia o pai a matricular e a persistir nessa matrícula. A primeira coisa que eu faria era sentar com esses pais, mostrar que o filho tem capacidades, que vai ser bem orien-

tado nessa escola, vai ter um atendimento adequado, com profissionais capacitados. Diria que é muito importante essa inclusão, porque é onde o aluno vai buscar sua própria identidade, vai aprender a conviver com os colegas e também vai procurar interagir mais. A escola comum tem o objetivo de desenvolver não só a socialização daquela criança, mas também as questões cognitivas, o pensamento, os conteúdos. Num primeiro passo eu jamais ia dizer: "Não coloque". Eu iria estimular para que esse aluno viesse para a rede comum, porque eu percebo que o ganho é muito grande. A troca de experiências é enorme. Eles aprendem bastante. Eu diria que seria bom pela questão da convivência, seria bom para o crescimento dele como pessoa estudar nessa escola. Eu diria para trazer, porque ele vai ser bem trabalhado, vai ser bem desenvolvido. Que a nossa escola está preparada, sim. Temos todos os recursos que vão realmente trabalhar com esse conhecimento diferenciado. Com a minha experiência eu iria mostrar para eles a realidade. Eu diria para eles que, antes de eles pensarem no AEE, eles tinham que pensar na escola como um todo, um desejo que a escola ofereça essa atenção para esse aluno. Diria que existem muitas coisas boas na escola: professor capacitado, coordenador, a própria acessibilidade dependendo da deficiência. Eu diria que, conforme a lei, eles devem matricular o seu filho numa rede regular, que tenha o AEE, que acompanhem o seu filho em todas as atividades escolares e que o Marquinhos vai ter sucesso escolar e sucesso na integração devido ao acompanhamento familiar. E se o aluno tem um auxiliar que possa ficar com ele durante as aulas, não tem por que essa criança estar frequentando outra escola que não seja do ensino regular. Diria que é importante para eles e para Marquinhos terem contato com outras pessoas, ver outro mundo, porque é muito bom não ver só aquilo que eles veem em casa. Aqui ele se tornaria uma criança que conseguiria viver em sociedade normalmente, como uma pessoa normal, pois na escola regular esse aluno iria conviver com as diferenças, com pessoas de todo tipo. Aqui ele vai ter todo o conteúdo didático lá na sala de aula - o conteúdo curricular mesmo, do ano da série que ele vai cursar. E na sala do AEE vai suplementar aquele conteúdo lá da sala comum. E sem contar que ele vai ter a interação com os outros coleguinhas que são ditos normais.

Professor P1 - Rural

Eles devem matricular a criança, sim, no ensino regular. Eu tenho certeza da importância desse convívio de um com o outro. Diria para eles ficarem tranquilos de levar essa criança para uma escola regular, porque o ganho é esse, a intenção é essa: trazer para a convivência de outras crianças. Eu iria apoiar e iria fazer o possível para os pais trazerem mesmo. Que matricule Marquinhos na escola regular, pois vai ajudá-lo na socialização e a descoberta de novas aprendizagens para viver em sociedade. Ele vai estar incluído junto com os outros e o aprendizado dele evolui mais. Eu diria que ele primeiro matriculasse seu filho, acompanhasse, e se tivesse ainda alguma dúvida, procurasse a Secretaria da Educação. Eu falaria para eles que deveriam matricular porque ele teria a realidade da escola normal. Ele poderia se enturmar, fazer novas amizades, porque ele estará sendo atendido de maneira normal e também, dependendo da escola, poderá ter esse atendimento especializado. Eu acho que sim, que tem que levar Marquinhos para uma escola regular, porque a convivência com alunos sem nenhuma necessidade vai influenciar que ele mude os hábitos de vida dele, vão incentivar ele a agir diferente. Seria bom, sim, incluir Marquinhos para que ele consiga superar seus limites. O professor da sala do AEE terá materiais e irá trabalhar em cima disso. Eu aconselharia a matrícula de Marquinhos numa escola regular porque ela está preparada para receber os alunos. A criança com deficiência não é diferente, não tem que ser excluída. A melhor coisa que eles poderiam fazer para o filho era colocar no AEE porque Marquinhos não ia ficar fora desse mundo e iria ter oportunidade de desenvolver muitas habilidades que os próprios pais desconhecem. Ele iria ter autonomia. Sem esse atendimento, ele não teria esse avanço. A sala regular é onde Marquinhos tem que estar mesmo. Desde que tenha esse trabalho paralelo, o AEE. Marquinhos é uma criança como outra e toda criança tem o seu potencial, o seu tempo e não importa qual a dificuldade dele. Lembraria que o apoio da família é muito importante. Eu diria que eles trouxessem o filho para a escola e para o AEE porque tem gente preparada para lidar com ele. Eu diria para eles matriculem o filho para que ele se adaptasse a uma vida normal, não viver isolado na escola especializada.

Professor P2 - Urbana

Com certeza Marquinhos tem que estar no meio das outras crianças porque assim desenvolve mais. A criança, por mais problemas que ela tenha, precisa estar interagindo com outras crianças. Eu diria aos pais do Marquinhos que o matriculassem, sim, na escola regular, porque ele estudando em uma escola especial, amanhã ele não vai ter uma sociedade especial. Numa escola regular, não especializada, ele vai ter contato com outras crianças e aí ele vai conseguir não somente aprender aquele conteúdo que aprenderia numa escola, ele aprenderia com as crianças, com o convívio. E, além disso, haveria a complementação do AEE, que forneceria o material pedagógico, toda a tecnologia necessária para aprender também o conteúdo. A escola regular já está pronta para recebê-lo, porque já tem pessoas especializadas para ajudarem na educação desses alunos. Eu diria para eles darem uma oportunidade para o filho se inserir e ter contato com outras crianças. Porque ele iria crescer como ser humano. O aluno também precisa desse lado social. Eu diria para eles que é importante que essa criança viva num meio diferente daquele oferecido para ele na escola especializada.

Professor P2 - Rural

Diria que o seu filho deve, sim, frequentar a escola regular, pois a escola não é lugar só de conteúdos, e sim, de socialização e aprendizado de valores. Em qualquer escola a participação, o envolvimento do filho deles com outras crianças seria fundamental e não seria impossível para ele aprender. Eu diria que eles matriculassem Marquinhos porque seria ótimo ele estar em uma escola regular para assim se sentir socializado interagindo com outras crianças. Eu aconselharia com certeza os pais a levarem essa criança para a escola pública que tem o atendimento especializado, porque a gente vai ter dois vieses de desenvolvimento: a criança vai estar em sala em contato com as crianças sem dificuldades e, ao mesmo tempo vai ter um atendimento especializado. Marquinhos não pode ter esse bloqueio entre o normal e o que tem um pouco de dificuldade, por conta da deficiência. Não é porque ele tem um pouco de dificuldade que ele vai ficar excluído da sociedade. Que o matriculassem na escola comum, exatamente, na escola comum, onde

ofereça o AEE. Porque se a escola não tem professor de AEE, tem uma lei que ampara. Se o pai e a mãe não têm conhecimento, o professor tem de ter o conhecimento de todas as leis. Diria também para acompanharem o filho junto com os professores, estar sempre junto para eles aprenderem um pouco também. Para trabalharem em casa fazendo com Marquinhos o que ele aprendeu na escola. Uma criança, não precisa nem ser especial, ela tem sua cultura, o espaço onde ela vive. Se eu tiro ela daquele espaço e vou colocar numa escola com um nível diferenciado, com alunos com cultura diferenciada, ela já vai sofrer. Ela precisa do espaço dela, sentir-se bem com os colegas do mesmo bairro, professores diferenciados, de várias disciplinas e conflitos.

Professor AEE - Urbana

Eu diria que existem os prós e os contras. Como também existe na escola regular. Na escola regular eu acredito muito nessa questão do desenvolvimento global, não só da parte pedagógica. Porque a deficiência não deve ser vista como um fator impeditivo e de alienação da criança no meio educativo onde ela está inserida. Deve, sim, ser um ponto de partida para uma junção de forças e apoios educativos que a orientem e integrem como futuro cidadão. As classes de ensino regular fazem desenvolver sentimentos de respeito, compreensão, solidariedade. Traga esse filho para cá porque além dele estar desenvolvendo o seu intelecto, ele estará também se socializando, interagindo. A primeira coisa que eu faço quando chega uma família com essa questão é apresentar o trabalho já realizado. Então, o primeiro passo é apresentar a escola, apresentar os alunos que a gente tem na escola. Não apresentar individualmente, mas apresentar como um todo o processo da escola para eles se sentirem mais seguros. Eu ia incentivar os pais que levassem mesmo, eu ia falar para eles que é um direito do filho deles estar numa escola regular que tenha esse serviço de Atendimento Educacional Especializado, porque tendo esse serviço na escola - o AEE -, vai acompanhar o desenvolvimento do menino em sala de aula e dar um suporte à família. Eu apoiaria, aconselharia a matricular na escola comum porque realmente está funcionando. As crianças se sentem melhor no meio de todas as crianças diferentes, se respeitando, o professor respeitando o aluno diferente e entre eles também.

Essa convivência com outras crianças só vai beneficiá-lo, porque eu acho que ele vai se desenvolver no sentido total, tanto na parte cognitiva, como na parte da aquisição da linguagem, como na questão da socialização. Mostraria todos os recursos que a gente tem na escola, na sala, e que é esse trabalho do AEE que vai fazer com que ele consiga ter a melhor aprendizagem na sala de aula comum. Diria para eles acreditarem mais na escola regular, e que essa escola está toda voltada para o social, voltada para inclusão. Então, a escola, os alunos vão recebê-lo de uma maneira bem melhor. Ele vai ter um apoio muito bom do AEE. Falaria também da importância da inclusão social. Esses meninos têm que ser inclusos tanto na sociedade como na escola, e falaria ainda do nosso Atendimento Educacional Especializado à parte da escola regular. A meu ver, ele tinha que estar inserido na escola normal, mesmo com os impasses, porque é na sala regular que ele vai aprender a se defender de certa forma e também a se socializar, conviver em sociedade e na sociedade ele não vai conviver com pessoas especiais. Então, é isso que eu tento passar para os pais, que eles têm muito mais a ganhar com os filhos aqui do que tentar isolá-los do mundo. Eles estão no caminho certo. Buscar uma escola comum porque eu acho que ele tem que estar junto com os pares dele de idade. Ele vai ter acesso a uma diversidade muito maior de convivência. A escola comum é a que é mais parecida com a vida. Tem todo tipo de pessoa, tem os conflitos, tem todo tipo de situações que esse aluno pode estar vivenciando. Ainda que a escola não seja ideal como a gente sonha, como a gente deseja, estar neste lugar é o melhor. Eu diria para esses pais que lugar de criança é na escola, que em lugar nenhum eles vão encontrar melhor ambiente para os seus filhos do que junto com outras crianças, porque a deficiência dele não impede que ele conviva com outras crianças. O ganho é muito superior ao ganho que se tem em ambientes protegidos. Venham para a escola! Porque é o lugar que todas as crianças têm que estar, independente da deficiência, das dificuldades. Depois a gente vai ver isso para ver o que precisa adequar. Eu diria: Traga o seu filho para a escola comum, traga para a gente ajudar no que puder. No caso de fisioterapia, fono essas coisas, podemos fazer uma parceria tirando um dia para fazer esse atendimento. Traga seu filho da escola especial para a escola regular. Aqui ele avança rápido demais, ganha novos vocabulários, novos conceitos, regras.

Professor AEE - Rural

Eu diria que eles podem, sim, matricular o menino na escola regular, porque é direito da criança. Aqui na escola a gente tem o suporte para oferecer para essa criança. A gente tem o Atendimento Educacional Especializado. Eu explicaria qual é o trabalho do AEE porque muitos pais desconhecem o que é o AEE. Eu vou incentivar essa mãe para trazer o Marquinho para a sala regular, porque essa criança precisa desse atendimento, dessa socialização com os demais colegas. Aqui as crianças passam a se envolver. Isso é bom não só para ela, mas para toda a escola é um processo fantástico. A experiência que eu tenho é muito boa nesse sentido. Eles estão certos em matricular seu filho na escola comum e se sentirão seguros ao saber que o Marquinho terá na escola todo o suporte necessário para as dificuldades que apresenta. Eu também gostaria de dizer: Pais vamos fazer uma experiência? O senhor traga o seu filho, a gente se compromete em acompanhá-lo, se o senhor quiser o senhor vem também. Nós passamos todas as informações. Eu sugiro que venham todos. Marquinho poderá melhorar muito e essa melhora não é só socialização. É melhorar em aprendizagem, em vivência de mundo, em experiência diferenciada. No AEE ele não vai só aprender para a escola, vai aprender para fora da escola. A gente vai trabalhar mais o concreto, vai trabalhar situações diferentes para que Marquinho tenha mais autonomia na sua vida. Porque ele vai aprender a conviver com pessoas de todos os tipos para ele também ser aceito. Eu diria para esses pais que estudar na escola regular é essencial. Por trás dessa criança vai ter um suporte, que talvez até para o professor será importante, porque o professor também tem as suas dificuldades. Que matriculem. Vai ser melhor para ele, porque ficando em casa ele não vai aprender nada. A educação se faz com a parceria da escola com a família e é necessário que os pais acreditem nesse trabalho. Todo mundo tem esse direito a educação. A Constituição diz que nós somos iguais e pronto, independentemente do que se possa ter de dificuldade. Existe uma lei que apoia e vários outros decretos e leis que garantem que todos tenham direito à educação. Diria também que o AEE deve ser compreendido. Eu procuraria esclarecer para eles que não é uma Sala de reforço, não é um complemento das atividades da sala de aula, e sim, algo que vem ajudar e

facilitar a aprendizagem dele, a inclusão e o estar na escola. E que com certeza o seu filho iria ser atendido no contra turno e iria ter, no caso, algo a mais para que ele pudesse se desenvolver. Ele iria ser atendido na sala do AEE para poder superar as suas limitações, porque é essa a função do professor do AEE. Eu iria descobrir qual é a especialização para ajudar Marquinhos.

Pais de Filhos com Deficiência

Eu aconselharia a estar matriculando sim, em uma escola regular. Marquinhos tem capacidade de aprender e se envolver com outras crianças. Coloca, sim, seu filho para estudar nessa escola porque é bom também. Tem ajuda, ele vai ter muitos amigos, então eu acho que colocaria, sim. Diria para nunca deixarem de se informar, de estar junto do professor, de saber o que está acontecendo na escola com eles, porque acontece de verdade o atendimento e isso vai ajudar muito o filho deles. Na escola onde ele estava ele não tinha aquele convívio com os outros colegas. Os pais precisam procurar uma escola adaptada para ele. A criança quando está num meio social onde ela vê pessoas capazes de fazer coisas além daquilo que ela é capaz e isso é muito motivador para ela. Eu acredito que todas as crianças e os jovens que estão nos Centros, eles deveriam, sim, estar em uma escola normal inclusiva. Eu diria que pode colocar com toda a certeza, que ele vai ser muito bem cuidado, muito bem atendido, porque aqui tem as pessoas, tem as cuidadoras que cuidam das crianças especiais, que têm todo o carinho com as crianças. Porque com a convivência na escola, com certeza, ele aprende com os colegas. Só de observar e de ouvir ele vai absorvendo. Vocês não devem duvidar disso, porque é uma coisa muito boa para os nossos filhos. Porque para mim foi muito bom; para o meu filho está sendo muito bom. Diria ainda que ele seria mais acompanhado, que ele teria mais melhoras no estudo dele, na escrita. E eu acho que com esse acompanhamento do AEE meu filho está se desenvolvendo bem mais. Eles deveriam fazer isso o quanto antes. Aqui a criança é chamada pelo nome, ela é querida, ela é amada pelos seus professores. Marquinhos vai ter entrosamento com crianças da idade dele terá tudo para se desenvolver. Porque o atendimento é bom. Tem professoras excelentes. Porque eu estou vendo resultado mesmo, porque meu filho

chega em casa muito feliz. Aqui Marquinhos vai se sentir mais valorizado por estar em contato com crianças normais que poderiam ajudar ele a se sentir motivado, entende? Eu acho que ele deve ir em frente com as suas dificuldades e vencer, como todo mundo consegue vencer. Ele vai se sentir uma criança que tem condições de ser alguém no futuro, ele não vai se sentir diferente das outras crianças. Até para a autoestima da criança faz muito bem ficar estudando numa escola junto com os outros que são normais, conviver com os outros alunos, mesmo que ele tenha uma deficiência. Falaria para os pais de Marquinhos que na escola normal tem mais condições do aluno especial aprender mais, e não se sentir tão rejeitado. Ele ia crescer muito mais como pessoa e estar feliz. Se ele ficar isolado, aí que é pior, tanto para vocês que estão assistindo, quanto para a criança. Eu diria: gente, não tem que deixar o filho de lado. Mostrar que o filho deles é igual ao meu, é igual ao seu, é igual aos que estão lá na escola. E que o AEE é um apoio. Meu filho vai com o probleminha dele e o coleguinha dele vem com a coisa nova para mostrar para ele. É maravilhoso esse projeto. Maravilhoso! Eu ia dizer que colocar o Marquinhos na escola regular é uma experiência que não tem preço, independente do acompanhamento, do aprendizado pedagógico. Para o meu filho, só trouxe benefícios. Ele aprendeu a fazer amigos, ele aprendeu a respeitar as diferenças. Leva para a escola sim, tem barreiras sim, como em qualquer outro lugar. A vida tem. Então, eu acredito que a escola é um lugar bom. Você vê a alegria do teu filho, compartilhando com todo mundo e ele sendo visto como qualquer outra criança. A tua ideia de escola muda. Então, em vez dele ser fechado, ele vai se abrir. Vai aprender mais. Acreditem na escola, acreditem no potencial dele, acreditem na iniciativa, porque é válido depositar confiança em profissionais que estão dispostos, realmente, a ouvirem cada caso com atenção. É importante, tanto para os pais, como para a criança. Porque ela desenvolve mais e vai desenvolvendo, crescendo e conhecendo mais pessoas. Aprende a ler e tudo que ajuda mais a criança. Eu falaria para eles colocarem o filho na escola regular que é bom para abrir a mente deles, porque eles são especiais e eles têm mais inteligência do que nós.

Pais de Filhos sem Deficiência

Em uma escola regular Marquinhos convive com todo tipo de criança. E agora, com o atendimento, é bem melhor. Tendo o AEE na escola é bem melhor, porque assim ele vai desenvolver mais, vai arrumar mais amizades na escola. Eu aconselharia que sim. Porque se a gente não quer ter diferenças, então por que não tentar uma escola assim, com outras crianças? A adaptação com os outros alunos e a ajuda que a criança tem dentro de uma escola normal é muito importante para o desenvolvimento dela, para o crescimento em termos de ensino. Eu, certamente, diria que eles deveriam colocar na escola comum porque eles iriam gostar do resultado no final. Marquinhos vai conviver com os outros alunos, com as crianças que não são deficientes. Convivendo com crianças da mesma idade ajuda na socialização, favorecendo o cognitivo, o emocional, o desenvolvimento motor. Nessa escola ele tem contato com outras crianças, percebe que a deficiência dele não o impede de fazer nada. Porque ele vai viver num mundo diferente. Lembraria aos pais que é um direito de toda criança frequentar a escola, conviver com a sua geração. A interação social vai beneficiar o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor e, no futuro, ele encontrará no mercado de trabalho um emprego na sociedade. Na escola regular as próprias crianças iriam ajudar Marquinhos a ser mais independente dos pais e dos professores. Diria que o aluno tem direito à educação inclusiva e para os pais procurarem escolas como nós temos aqui, com AEE. Sendo atendido nessa sala ele tem o suporte para frequentar o ensino regular. Eu acho que essa escola é muito boa. Que o atendimento dela já vem na capacitação dos professores. Eu acredito que sejam todos capacitados. Aqui mesmo na nossa escola a gente tem a professora dos alunos especiais. Na minha rua mesmo, tem uma criança assim e eu vejo que ela tem avançado bastante. Então, não tem como procurar outra opção. Eu diria que era bom eles juntarem as crianças para serem tratadas como normais, para eles crescerem se sentindo seguros. Eles não podem ficar fora das coisas, da sociedade. Eu acho que eles têm que ter o mesmo tratamento que as outras crianças. A gente tem recebido crianças que vêm de outras escolas, que não têm esse tipo de problema. Que Marquinhos venha para a escola!. Que a escola está de braços abertos para recebê-lo. Também diria a esses pais que seu filho iria

melhorar, até mesmo na convivência, porque estaria sendo inserido no meio das diferenças. Porque na escola onde ele estuda o meio já é todo muito igual e para Marquinho seria muito válido, seria muito enriquecedor mudar de escola. Ele já vai crescendo num social diferente, não diferenciado dos outros por ser um portador de deficiência. Porque é uma criança normal que tem que conviver com outras pessoas. É ótimo. Em uma escola só para especiais eles não ficam tão à vontade como na regular. É melhor do que ficar num lugar assim que tem mais problemas. Tinha que ter AEE em todas as escolas. Toda criança especial tem direito a ele e merecem esse acompanhamento. Eu diria que devem ter fé, esperança e persistência. Que o filho deles pode ter uma deficiência, mas todo mundo irá aceitar. E a persistência é para ele conviver no meio dos outros meninos. Porque não há discriminação entre qualquer criança ou qualquer ser humano. E o amor que ele terá entre as outras crianças será recompensado por todos. Para o aprendizado deles, para o futuro deles amanhã é muito importante, é muito bom. Ela vai aprender a se expressar melhor. Eu acho que eles não devem ter medo de levar o filho só porque ele é deficiente. Eu acho que eles têm mesmo que procurar os amigos e matricular o seu filho na escola. Porque para Marquinho vai trazer aquela alegria, vai mostrar que ele tem condições de estar ali junto com seus coleguinhas. É a inclusão dele na vida normal! Diria a esses pais que vejam a escola normal como outro recurso para o filho deles. Na escola que tem o atendimento do AEE eles têm um tratamento ótimo! As pessoas que cuidam têm carinho pelas crianças.

b) Desfavorável

Dirigentes

Eu diria aos pais que a matrícula do Marquinho na escola regular é uma decisão que depende da família e que eles precisam vencer o próprio preconceito, a não aceitação ou a superproteção. Destacaria para os pais que Marquinho terá um ganho muito grande com essa decisão de estudar na escola regular para toda a sua vida. Orientaria a família quanto ao AEE e quanto à situação da educação inclusiva no município; a conhecer a escola em que seu filho será

matriculado e o que ela tem a oferecer para Marquinhos. Isto porque nós sabemos que a escola pública brasileira não está preparada nem para os alunos ditos normais. Outra possibilidade que eu apresentaria para os pais seria manter a matrícula do filho na escola especializada por causa do atendimento de fono, fisioterapia e outros atendimentos relativos às questões de saúde, porque na escola regular serão trabalhadas apenas as questões do pedagógico, da alfabetização, da inclusão, da socialização dele com o outro, com o grupo. Para mim, o ideal seria a escola regular para a criança que não tem uma deficiência tão severa que lhe desse condições de se relacionar com a turma, como por exemplo um deficiente físico, um deficiente visual, auditivo. Se a escola tiver tudo isso, vale a pena colocar no regular, porque daí está incluindo ele com os demais, porque ele é igual a todos. Apenas diferente. Eu diria para os pais que a sala regular é importante, mas se houvesse uma sala só para casos como o dele. Não no sentido de excluir, não dizendo que é uma sala diferenciada. Acho que se tivesse uma sala onde todos os alunos se entendessem seria melhor para Marquinhos.

Professor P1 - Urbana

Eu diria que a aprendizagem é importante e também a socialização. Eles precisam estar junto com as outras crianças. Acho que eles devem matricular o filho. A criança já tem o atendimento na APAE e não deve deixar de ter esse atendimento, porque lá o atendimento é mais pontual, mais específico. Ele tem o direito de estar na regular, mas deve continuar na escola especial em tempos alternados. Porque na escola especial ele vai ter o acompanhamento necessário e diferenciado para o seu problema. Sugiro que façam a matrícula na rede regular, para que Marquinho tenha a oportunidade de conhecer a escola comum. Assim eles vão perceber se isso está sendo positivo ou não para o filho. Eles não devem deixar de oportunizar essa convivência para o filho. Eu falaria para esses pais que Marquinho tem que estar junto com os outros alunos. Na escola comum ele vai desenvolver a oralidade, vai ter mais amigos, vai viver inserido na sociedade. Só que, dependendo da deficiência, a gente precisa de mais apoios do que só o AEE. Acho que é mais criativo ficar na sala comum mesmo, mas com

apoio, dependendo da deficiência dele. Eu indicaria porque é bacana a questão da criança se socializar com as demais, mas não basta colocar a criança na escola normal, não basta incluir, não é só colocá-la na sala de aula comum. Inclusão é muito mais que isso. É preciso dar o atendimento que ela realmente necessita. Falta muito um auxiliar na sala, mais intermediação, mais auxílio próximo. Eu diria para os pais que a escola recebe o filho deles. Nós temos o AEE que dá toda a assistência para o aluno na sala de aula, mas não temos professores especializados para trabalhar com crianças especiais. Diria que avançamos, mas ainda não é do jeito que as famílias sonham. Eu acho que eles deveriam colocar o filho na escola comum, mas ver se esse atendimento iria realmente ajudar, porque nós, os professores daqui, não estamos preparados para trabalhar. Mesmo assim, era preferível trazer, porque eu acho que a inclusão é importante e esses alunos têm que ser integrados com os outros. Eu diria que a oportunidade do Marquinhos estar em uma escola pública proporciona a ele a convivência e as experiências com outros alunos, convivência com os professores, compartilhamento das experiências de todos, mas esses pais precisam saber como esse AEE é feito na escola, para que eles possam conhecer se as necessidades que a família tem vão ser supridas. Eu acho que o aluno tem que ser incluído, tem que participar, assim, de uma sala de aula normal. Mas a escola tem que oferecer estrutura para isso, como monitores e a Sala de Recursos. Eu indicaria porque acho que Marquinhos tem que estar junto com os outros, tem que participar ali, do jeitinho dele mesmo. Eu sugeriria a escola regular, mas a gente tem que ver que tipo de atendimento especializado é esse e quais são as perspectivas de aprendizado dessa criança. Se for visar só o afetivo, vai ficar faltando; se for visar só o educacional, sem o afetivo, vai ficar faltando. O atendimento de uma criança deficiente é muito maior, muito mais abrangente do que só colocar a criança numa escola. Acho que eles teriam que procurar mesmo a escola regular, apesar de que eu não sei qual é a deficiência dele. Eles devem procurar uma escola que já fosse referência em atendimento aos alunos especiais.

Professor P1 - Rural

Eu acho que recomendaria, sim, que a criança fosse matriculada na escola regular, com esse serviço do AEE estruturado, acompanhado, eu acredito que dá certo. Acho que sempre é um ganho para essa criança estar em uma escola regular e com esse atendimento que deve ser bem pensado. Eu diria para matricular em uma escola regular porque não gosto nem um pouco da ideia de segregar uma criança num ambiente separado. Acho importante a questão da escola especial como apoio. Se ela existir como um apoio fora do horário para as questões mais voltadas para a saúde, como fonoaudióloga, fisioterapia, terapia ocupacional, é muito válido. Mas o direito da criança de participar da escola regular com os demais é insubstituível. No entanto, existe escola regular que não supre as necessidades de crianças como Marquinhos. Porque algumas escolas não estão totalmente preparadas, assim como o professor do AEE também não está. E tem ainda a questão das condições físicas que nem toda escola tem. Eu diria aos pais que para algumas deficiências a escola especializada, que seria a APAE, é mais útil que a escola regular. A meu ver, o aluno com essas deficiências na escola regular vai estar apenas se socializando. Aí eu acredito que ele aprende mais na escola especializada. Se tivesse essa possibilidade, eu diria para eles matricularem na escola regular e continuar indo na escola especializada. Se não, eu teria que seguir a lei e indicar a escola regular para eles. Sugeriria ficar um período na escola regular e um período na instituição daquela deficiência. Eu orientaria esses pais para eles manterem o filho na escola especial. A gente não tem como tratar de cada especialidade do aluno e ele vai ter que ser incluído na sala regular. Está muito restrita a formação somente para o profissional da sala de AEE, enquanto que o professor da sala regular, que passa a maioria do tempo com o aluno, ele está ficando para trás, porque a gente não tem a formação necessária para lidar com alunos deficientes.

Professor P2 - Urbana

Eu não sei o que eu diria para esses pais, justamente por não saber o funcionamento exato do AEE da minha escola. Eu tenho esse pensamento contraditório. E, no entanto,

eu quero acreditar que a sala do AEE ela é positiva. A APAE deveria ser considerada uma escola regular.

Professor P2 - Rural

Eu diria para eles que o projeto é bom, que funciona, mas se o aluno tiver assiduidade e tiver um pouquinho de interesse e o professor também tiver uma qualificação. Na convivência com o aluno sem deficiência todos aprendem e mutuamente podem melhorar a situação um do outro. No entanto, para saber se vai dar certo ou não, eu acho que teria que tentar. A gente sabe que não seria assim tão rápido, seria um avanço tentando a conquista. Eu ousaria sugerir que os pais colocassem o filho numa escola regular. Essa escola para garantir o AEE tem que ter no seu quadro o profissional preparado, especializado para oferecer esse atendimento. A escola precisaria ter um laudo dessa criança, um diagnóstico em mãos, para que esse professor pudesse ter essas informações prévias e, se a partir daí ele estiver preparado propor um plano de intervenção para trabalhar com essa criança. Eu diria para esses pais para procurarem especialistas e identificar qual é o tipo de deficiência, porque a Sala de Recursos Multifuncionais não faz isso. Não atende, porque não tem acessibilidade. Se o professor não tiver uma formação em LIBRAS, em BRAILLE, infelizmente esse aluno vai ficar ocioso dentro da escola. Por exemplo, se ele tiver uma deficiência múltipla, se ele for cadeirante, então, eu acho que a nossa escola hoje atende um cadeirante, mas tem muitas escolas no município que não atendem, porque não tem acessibilidade e isso é muito complicado. Não tem rampa, não tem um banheiro adequado, não tem higiene, não tem apoio para esse aluno. E, principalmente, apoio familiar, que eu acho que é o mais importante - a escola, a família, o Estado, têm que estar juntos nesse Atendimento Educacional Especializado. Então, eu diria para os pais de Marquinhos procurarem uma especificação dessa deficiência, seja ela qual for, e saber se a escola de ensino regular atende esse aluno, ou não. Dependendo da deficiência dentro da escola regular vai ser maravilhoso para ele. A convivência com outros alunos, a superação, a aceitação, mas dependendo da deficiência pode ser um pesadelo para esse aluno. Então, essa questão da escola especial eu acho

que é muito polêmica ainda. Eu estou ainda na linha tênue, me posiciono na linha tênue.

Professor AEE - Urbana

Eu acho que eles têm que conhecer as duas propostas, a proposta da Educação Especial e a proposta do AEE da educação regular. A gente não pode também influenciar. Em primeiro lugar, eu apresentaria o departamento para eles, mas a decisão é da família. Eu diria que a rede de ensino está se adaptando, está recebendo vários materiais e que está se preparando para receber toda a diversidade de alunos, mas são eles que devem tomar essa decisão.

Professor AEE - Rural

Eu recomendaria, mas acho que cabe analisar o nível da deficiência. Embora acredite que a melhor solução é a inclusão. Ele está no meio de crianças ditas normais, entre aspas, mas com as quais ele vai ter uma interação maior.

Pais de Filhos com Deficiência

Eu diria que depende muito do caso, porque depende da deficiência que a criança tem. Se a escola pode oferecer um apoio que não vai prejudicar, eu sou a favor de estar num ensino normal, regular, porque ele aprende a interagir com outras crianças. Agora, se é um caso mais grave, que precisa de uma atenção mais especial, aí tem que estar pondo em uma escola especializada mesmo. Para não prejudicar o desenvolvimento. Eu defendo que o aluno deve frequentar a escola regular, que deve haver um processo de Inclusão, e que a Sala de Recursos, a sala de atendimento e de apoio, elas são fundamentais justamente para atender de maneira diferenciada esses alunos. Porque se o profissional não tiver realmente uma cabeça inclusiva, uma vontade de incluir, uma visão diferenciada e a escola não trabalhar isso como um todo a inclusão não acontece de fato. Hoje é necessário que crianças com algumas necessidades especiais frequentem a escola regular porque têm um convívio com os outros alunos. Então diria aos pais que matriculassem Marquinhos numa escola em que os alunos fossem da idade dele para

que ele pudesse conviver com aquelas pessoas que são da sua idade. Se for um nível muito acentuado, muito severo, eu acho que ele tem que ser atendido na APAE mesmo. Agora, se for um nível que não seja ainda tão severo, tão profundo, eu acredito que a escola pública hoje, pelo menos esta aqui, está preparada para isso. Eu diria para os pais de Marquinhos que ele deveria ficar na escola onde ele está, porque lá ele ia se sentir melhor, bem apoiado, diferente assim da escola grande, que tem bastante gente.

Pais de Filhos sem Deficiência

Eu procuraria uma escola adequada, boa, de boa índole, de bons profissionais, a qual eu conhecesse. Com certeza eu aconselharia se fosse uma deficiência que ele conseguisse ter um relacionamento com a turma. Se fosse um deficiente físico, um deficiente visual, auditivo. Eu indicaria, sim, mas se eu visse que a escola não tinha condições, eu não iria indicar, porque eu saberia que ele iria sofrer. Eu diria para esses pais que com certeza procurassem a escola normal. Eu acho que é assim que a criança vai progredir. Não que o trabalho de uma APAE, por exemplo, não seja correto; pelo contrário, eu acho que isso tem que servir como complemento. Eu diria que tem escolas que eles dão total atenção para esses alunos, que eles têm um total acompanhamento e que é uma escola que abraça esses alunos como qualquer outra escola. Eu não diria todas as escolas. Ela é uma escola-mãe, ela recebe muito bem esse aluno. Eu diria para os pais não tirarem Marquinhos da escola especializada porque lá eu acho que seria melhor para ele se estabilizar, para ficar junto com outros coleguinhas iguais a ele.

Questão

3

Robson tem 8 anos. Está matriculado no 3º ano do Ensino Fundamental. Veio de uma escola especial, se recusa a participar das atividades com os demais colegas em sala de aula, não anota no caderno, mas conhece as letras do alfabeto. Chora bastante no início da aula e insiste para que a porta da sala fique sempre fechada.

O que você faria com esse aluno? Por quê?

Questão 3

Robson tem 8 anos. Está matriculado no 3º ano do Ensino Fundamental. Veio de uma escola especial, se recusa a participar das atividades com os demais colegas em sala de aula, não anota no caderno, mas conhece as letras do alfabeto. Chora bastante no início da aula e insiste para que a porta da sala fique sempre fechada.

O que você faria com esse aluno? Por quê?

68

QUESTÃO 3

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO NAS CATEGORIAS

a) *Busca de Soluções dentro da Escola*

Diz respeito a todas as formas de atuação dos profissionais da escola e dos serviços nela desenvolvidos para encontrar estratégias que solucionem o problema, tais como: ajuda do AEE, análise do caso, busca de apoio da comunidade escolar, atividades de socialização, investimento nos vínculos do estudante com professores, profissionais de apoio e com a turma para despertar o desejo de estar na escola e na segurança ao estudante por meio de sua adaptação ao cotidiano escolar regular.

b) *Busca de Soluções Externas à Escola*

Diz respeito a todas as formas de atuação de profissionais externos à escola, tais como psicólogos, psicopedagogos, orientação educacional, assistente social, médicos e outros profissionais para estabelecimento de diagnóstico, relatórios da escola especial sobre o aluno, cursos de formação para o professor, não inserção do estudante na escola regular pela deficiência e por tomar o tempo da professora da sala regular.

c) *Busca de Apoio Familiar*

Trata de buscar parceria com a família para conhecer o caso, solicitar apoio no processo de adaptação.

d) *Não Respondeu à Questão*

RESULTADOS QUANTITATIVOS

Percentual de ideias centrais relacionadas à questão 3 – Robson tem 8 anos. Está matriculado no 3º ano do Ensino Fundamental. Veio de uma escola especial, se recusa a participar das atividades com os demais colegas em sala de aula, não anota no caderno, mas conhece as letras do alfabeto. Chora bastante no início da aula e insiste para que a porta da sala fique sempre fechada. *O que você faria com esse aluno? Por quê?*

BRASIL

Tabela 25

3 - O que você faria com esse aluno? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Busca de soluções dentro da escola	290	79,02%	81,23%
B - Busca de soluções externas à escola	30	8,17%	8,40%
C - Busca de apoio familiar	30	8,17%	8,40%
D - Não respondeu à questão	17	4,63%	4,76%
Total de respostas	367		
Total de entrevistados	357		

Figura 20



REGIÃO NORTE

Tabela 26

3 - O que você faria com esse aluno? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Busca de soluções dentro da escola	51	82,26%	85,00%
B - Busca de soluções externas à escola	5	8,06%	8,33%
C - Busca de apoio familiar	6	9,68%	10,00%
D - Não respondeu à questão	0	0,00%	0,00%
Total de respostas	62		
Total de entrevistados	60		

Figura 21

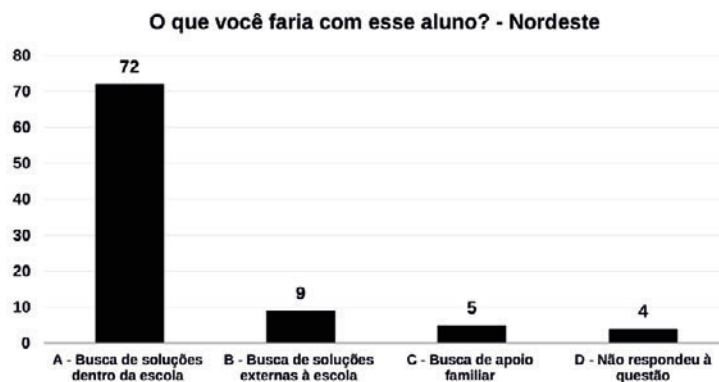


REGIÃO NORDESTE

Tabela 27

3 - O que você faria com esse aluno? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Busca de soluções dentro da escola	72	80,00%	80,00%
B - Busca de soluções externas à escola	9	10,00%	10,00%
C - Busca de apoio familiar	5	5,56%	5,56%
D - Não respondeu à questão	4	4,44%	4,44%
Total de respostas	90		
Total de entrevistados	90		

Figura 22

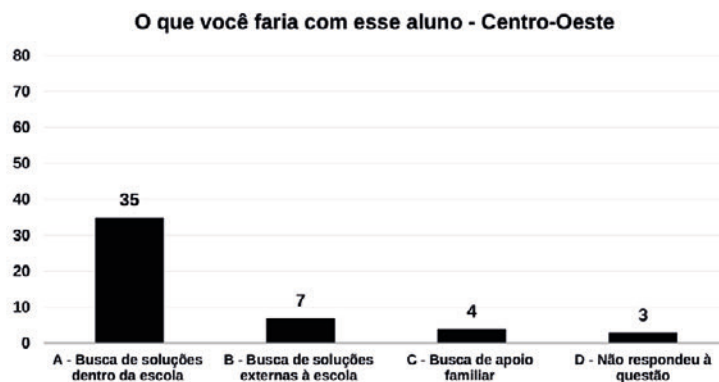


REGIÃO CENTRO-OESTE

Tabela 28

3 - O que você faria com esse aluno? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Busca de soluções dentro da escola	35	71,43%	77,78%
B - Busca de soluções externas à escola	7	14,29%	15,56%
C - Busca de apoio familiar	4	8,16%	8,89%
D - Não respondeu à questão	3	6,12%	6,67%
Total de respostas	49		
Total de entrevistados	45		

Figura 23



SUDESTE

Tabela 29

3 - O que você faria com esse aluno? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Busca de soluções dentro da escola	73	79,35%	82,95%
B - Busca de soluções externas à escola	3	3,26%	3,41%
C - Busca de apoio familiar	9	9,78%	10,23%
D - Não respondeu à questão	7	7,61%	7,95%
Total de respostas	92		
Total de entrevistados	88		

Figura 24

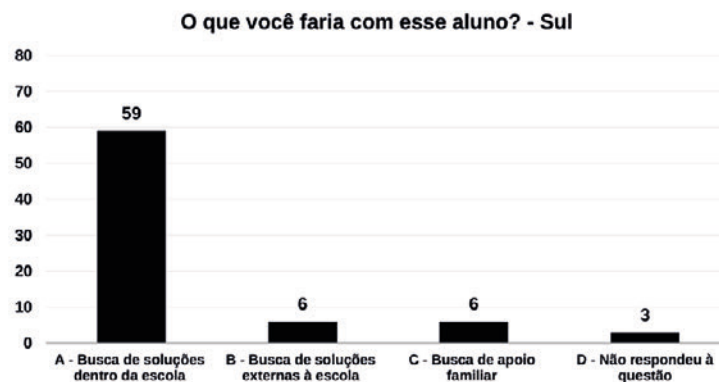


REGIÃO SUL

Tabela 30

3 - O que você faria com esse aluno? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Busca de soluções dentro da escola	59	79,73%	79,73%
B - Busca de soluções externas à escola	6	8,11%	8,11%
C - Busca de apoio familiar	6	8,11%	8,11%
D - Não respondeu à questão	3	4,05%	4,05%
Total de respostas	74		
Total de entrevistados	74		

Figura 25



RESULTADOS QUALITATIVOS

a) Busca de Soluções dentro da Escola

Dirigentes

Eu orientaria a professora da sala comum, juntamente com o professor mediador, para que juntos elaborassem estratégias para conversar e reverter a situação de Robson dentro da sala de aula, mostrando talvez outras formas dele entender aquele contexto. Em primeiro lugar é importante que ele se sinta acolhido, protegido, amparado, para ir crescendo no grupo. Ele vai precisar de um acompanhamento mais individualizado e, claro, já trabalhando a autonomia. E uma assistência do departamento de Atendimento Educacional Especializado, porque tem o professor para isso, que ajuda o professor regente. Dá para ter um diálogo, fazer um trabalho conjunto, o AEE com o pessoal da sala comum, a equipe diretiva, a orientadora e supervisora pedagógica. Toda a escola tem que procurar algumas possibilidades para ele aos poucos ir se inserindo. Precisam ser usadas estratégias para que ele consiga superar suas dificuldades. Todos têm que estar preocupados para dar esse suporte à família e para

esse aluno. Temos que ter uma adaptação para ele, como para qualquer outro e isso não vai acontecer de imediato com ele. É preciso que se tenha um cuidado muito grande ao se trabalhar um caso assim, para que não se acabe excluindo ou deixando o aluno lá num cantinho. Ele vai criar o vínculo, junto com a professora do AEE, devagar, no tempo dele. Se tiver um professor de apoio para ele, que o aluno tem direito a esse professor de apoio, acho que ficaria ainda mais fácil. Tentar conquistar esse aluno para ele ter segurança. Mostrar para Robson que a escola é o local do aprendizado, é o local do conhecimento. O vínculo professor-aluno é muito importante. O caminho é deixar a criança se mostrar, acolher e tentar o lado lúdico na medida em que você vai trabalhando com coisas que são do interesse dele. É um direito da criança estar inserida na escola. A gente faria uma reflexão com o professor ou, se eu fosse esse professor, uma reflexão da minha estratégia pedagógica. Visando a aprendizagem, não a socialização apenas, mas, de uma maneira que fosse prazerosa para Robson, que ele sentisse que é capaz de participar. Precisaria flexibilizar o uso dos espaços da escola, organizar a arquitetura escolar de sala de aula de modo diferente, com grupos, grupos de interação, propiciar a proximidade entre os alunos, atividades aonde ele possa ser protagonista. Pensar nos objetivos pedagógicos, nos interesses dele, planejar situações que ele dê conta, enfim, tem que

pensar na inclusão. Porque o objetivo da escola também é ensinar a escrever. Vai ter que ter atividades diversificadas para fazer com que Robson vá evoluindo aos poucos, chegue a um denominador comum, aquilo que a gente espera no final do ano dele. A primeira coisa que eu faria era tentar fazer na sala de aula um trabalho diversificado, dividiria a sala em pequenos grupos para eu poder acompanhar, tenho que conhecer primeiro o que ele consegue fazer, falar, para eu começar a trabalhar com ele. Se precisar que ele fique um tempo maior em outros espaços com um menor número de pessoas, a escola tem que ir atendendo essa demanda dele. Conversar com a turma para a questão da aceitação desse colega. Eu iria promover a interação dele com os outros, insistiria em atividades voltadas para socialização podendo haver uma diferenciação nessas atividades. Uma situação que integrasse mais o menino. Eu faria todo um processo de tentativa de acolhimento e de construção com ele de experiências positivas e das condições que ele precisa adquirir para dar conta desses espaços, desses tempos escolares. Começaria por um planejamento. Com o tempo faria um trabalho para aumentar a sua autoestima para trabalhar com ele a liberdade e a autonomia. A gente tem que saber do histórico desse aluno, conversar com os familiares, para fazer uma anamnese. A atividade faz toda a diferença e a partir dela você trabalha atividades adequadas. Tem que trabalhar a questão da conscientização, pois ele saiu de uma escola especial e passou a conviver com outros alunos que não têm a mesma deficiência dele. O aluno é a parte principal da escola. Ele não tem que se adaptar à escola, é a escola que tem que se adaptar ao aluno. Se ele não escreve, mas acompanha a aula, por que tem que escrever? Pode-se dar outras opções para ele escrever. É importante levar muito em conta a questão pedagógica.

Professor P1 e P2

Primeiro eu iria sentar com minha equipe escolar, tentar encontrar uma saída. Procuraria a parte pedagógica da escola e até mesmo as pessoas da Sala do Atendimento Educacional Especializado, além de perguntar aos outros professores se o aluno está tendo o mesmo comportamento com eles. Faria um trabalho conjunto com o professor do AEE. Investigaria esse aluno partindo de onde ele sabe para

trabalhar aquilo que ele tem como condições naquele momento para progredir; chamaria a família para saber detalhes da vida de Robson. O professor também terá que buscar cursos de formação para que possa realizar um trabalho mais significativo juntamente com esse aluno e com todos os outros. A partir daí a professora da Sala de Recursos Multifuncionais, com os especialistas da escola, buscariam mais elementos para que pudéssemos pensar em alternativas mais adequadas. Às vezes a gente tem que ter ajuda até de especialistas, para saber qual é o problema. Nós somos orientados a procurar psicólogo, porque temos um psicólogo na rede, e aí a gente faz esse trabalho de adaptação, já vai conversando para ver se melhora a autoestima. Para o professor é muito difícil se posicionar numa realidade dessas. Principalmente, quando ele não tem um suporte, uma formação adequada. Porque o professor de sala regular que possui um ou mais de um aluno com esse tipo de dificuldade, não tem como atender assumindo uma sala de aula sozinho. Eu acho que ele teria que ter algum monitor junto, auxiliando, até para tentar dar uma continuidade na aula, para que o aluno não atrapalhasse muito. Teria que ter alguma pessoa junto com ele durante a aula inteira. O AEE é que iria ajudar os professores também para ter uma estratégia de como trabalhar mesmo com esse aluno, para que com habilidades e recursos, fizesse com que essa criança caísse na realidade dela, dos amiguinhos, da sala de aula. O professor de AEE tem esse estudo para saber conquistar o aluno e dar segurança para ele não chorar mais. Trabalhar com o aluno a partir de atividades diferenciadas, fazer alguma dinâmica diferenciada, para que ele consiga participar também com os colegas em sala de aula. Eu ia me apoiar na experiência dos professores de AEE para tomar uma atitude, criar vínculo com Robson, tentar fazer com que ele confiasse em mim e aí, sim, eu partiria para o pedagógico. Precisamos conquistar a confiança do aluno. Eu acho que assim ele se socializa melhor e aprende melhor. Na sua complexidade, no seu ser total, eu preciso conhecê-lo, enquanto educador. Primeiro tentar acolhe-lo. Eu deixaria ele se ambientar na minha sala de aula. Se eu fosse obrigar o aluno a fazer só o que eu quero, eu não estaria respeitando-o, acho que isso iria dificultar. Eu criaria um ambiente agradável, onde ele se sentisse protegido. Tentaria manter a comunicação de todas as formas possíveis a cada dia; procuraria falar palavras motivadoras, elogiar-lo. É importante o período de adapta-

ção. Então, para o Robson eu transmitira segurança, limite, carinho e a porta fechada, até que ele se adaptasse. Colocaria na sala, não distinguiria dos demais. Traria atividades dinâmicas, que fizessem com que ele se sentisse motivado. A gente procuraria trabalhar da melhor forma possível, com material concreto e manteria Robson sempre inserido nas atividades. Com o passar do tempo, Robson iria se adequando às nossas normas da escola. Como professora, tenho que entender que a maneira como ele vai avançar não vai ser igual à dos outros coleguinhos. Tenho que ter essa sensibilidade de compreender os avanços dele, ajudá-lo, assim, a entender a mudança. Educação inclusiva trata disso, não é ter solução pronta, é o professor encontrar uma maneira que ele possa ajudar o aluno. Paciência para que o aluno possa se readaptar à nova condição. Fazer diversas artimanhas para que esse aluno se socialize. Eu daria atividades que ele conseguisse fazer com o meu auxílio. Uma atividade em que todos participassem e fazia de tudo para descobrir onde posso melhorar e mudar para atingir aquele aluno. Seria essa a inserção verdadeira. Vai demandar tempo e por isso eu insistiria, procuraria formas que chamassem a atenção dele. O que falta aí é uma questão social, a questão comportamental, que tem que ser incluída. Na Educação Especial, inclusão e participação andam juntas. A avaliação, para mim professor, não é só aquela escrita que o aluno vai produzir no papel. A avaliação tem que ser diferenciada, ter muita paciência, mas principalmente, é diversificar a atividade. Nós temos que ser criativos, adaptar um lápis para que o aluno consiga escrever, para que possamos ver o aprendizado dele. Como ele não escreve precisamos estar sempre trabalhando a oralidade com esse aluno, observando e vendo até que ponto está indo o aprendizado. Trabalhar o letramento, a alfabetização com ele. Eu adaptaria o conteúdo e as atividades da turma de modo que ele conseguisse realizar, fazia o currículo adaptado, com o objetivo da socialização.

Professor AEE

Quando a gente recebe um aluno que veio de uma escola especial, geralmente eles mandam um relatório falando sobre o desenvolvimento. Eu olharia esse relatório para descobrir o porquê de toda essa situação e fazia uma avaliação. É aí que entra o AEE na escola, a partir dessa avaliação

eu vou conversar com o professor da sala comum, buscando estratégias para ele tentar superar. A primeira coisa que eu faria seria um estudo de caso, conversaria com os professores para depois encaminhar o aluno para um atendimento, ou não. Deve existir um planejamento com a professora. Primeiro você tem que conhecer o aluno, observa-lo como um todo. Procuraria adaptar as atividades de acordo com o nível dele, com o mesmo conteúdo. Tentaria estabelecer essa empatia para levá-lo para a Sala de Recursos e a partir daí começar um trabalho de alfabetização, no contra turno. Tenho que oferecer atividades prazerosas para ele começar a sentir o gosto de saber ler e escrever. Esse menino teria um atendimento atualizado com o seu professor na sala de aula e no AEE. Temos que inserir esse aluno no processo da alfabetização, porque ele já conhece as letras. Se for possível ouvir esse aluno e saber o porquê disso e explicar para ele como é a rotina da escola, como que é esse espaço mostrando para ele, enfim, envolvendo-o mesmo. De início, eu teria que avaliar a minha própria prática junto a esse aluno, trazendo alguma atividade diferenciada de escrita para ele. Eu teria que ver era como eu iria atingir esse aluno, de que forma. Alguma coisa ele vai gostar de fazer. E eu acredito que a escola não é só um lugar de escrita. Eu procuraria utilizar o repertório que ele já tem e a partir daí ampliar, aí eu teria que transmitir, assim, para a professora da sala de aula como ela poderia proceder com ele. Estratégias que a gente já utiliza e sabe que dá resultado. A parte afetiva conta muito. Trabalhar esse aluno individualmente, depois em pequenos grupos, e aos poucos inseri-lo na sala de aula comum, para que ali ele possa formar pequenos grupos e também orientar o professor como agir. Acho o diálogo muito importante para avaliar todos os aspectos emocionais, cognitivos e sociais do aluno. O professor do AEE teria que estar em sala de aula junto para ver o que está acontecendo e oferecer recursos concretos. Se a família tivesse disponibilidade, eu teria que chamar os pais, fazendo um levantamento do histórico da criança estabelecendo uma parceria com ela. Buscar apoios junto a outros profissionais seja com o Coordenador, ou com Pedagogos e Psicólogos, para então buscar informações, até mesmo com todos os funcionários da escola, para que todos pudessem colaborar no trabalho e trazer o aluno para dentro da sala de aula. Pensar em estratégias juntamente com a professora, formar uma equipe multiprofissional para elaborar um plano de trabalho para esse aluno. Ele precisa

de um tempo para se adaptar, para conhecer os amigos, ver que a escola é um lugar agradável. A rotina pode ajudar e também atividades lúdicas, dinâmicas em grupo e dessa forma a professora vai perceber o potencial do aluno, e a partir dele, desenvolver seu trabalho. Horário, flexibilidade, cada um tem seu tempo de aprendizagem, que precisa ser respeitado. Alunos como Robson têm que entender que nós somos parceiros, amigos e professores. Fazer ainda um trabalho com toda a turma, pois esse aluno precisa participar das mesmas atividades.

Pais

O quê que a escola tinha que fazer com ele? Ele teria que ter mais atenção. Acho que a escola poderia estar procurando novas atividades, juntamente com os familiares e os colegas da sala de aula para fazer um atendimento melhor. Acho que é tudo uma questão de acompanhamento e compreensão. A escola tem que deixar um pouco o aluno até ele se acostumar, porque ele chegou num ambiente novo. Deveria arrumar bastante amizade para ele para ver se ele já fica mais na escola. Ter mais paciência, ter um olhar, compreender, porque as coisas vão passar, tudo passa, ele precisa só se adaptar. O professor vai ter que ter calma para que ele consiga se abrir e se adaptar. A escola tem que fornecer segurança para ele gostar de estar ali, descobrir as suas potencialidades, habilidades, interesses, para tentar cativá-lo junto com seus colegas através de conversas com os pais, com ele. Tem que ter uma pessoa preparada que saiba lidar com a situação. Como eu não sou, então eu não sei. O primeiro passo é procurar parceria com a família, depois procurar parceria com o AEE da escola. Acompanhar de perto essa criança, para ver qual a limitação dela, para procurar a ajuda necessária. Tem que ter bastante diálogo incentivá-lo para brincar, conversar com seus amigos, porque cada vez que ele aprende, vai ser melhor para a vida dele. Sentar junto dele, procurar um meio, assim, como ensinar e procurar tipos de brincadeiras. É importante para ele a escola normal. Mostrar que a escola não é um lugar perigoso, que é um lugar como se fosse a casa dele, e que a professora, a diretora, tinham que abraçar ele do mesmo modo. Não é só a escola que tem a obrigação de socializar o aluno. A família tem um papel fundamental e devem se unir e tentar buscar

uma solução, um auxílio para que essa criança progrida no ambiente escolar. Buscar conhecimento para depois buscar formas de auxílio pedagógico. É importante a capacitação desses profissionais e não fazer tudo no automático. O certo é estudar a situação dele e ir adaptando-o a escola. Ter outra pessoa perto dele, assim, orientando. A escola deveria também saber lidar com essa criança. Faltam professores que sabem lidar com criança especial. As salas de aula deveriam ser mais reduzidas em número de alunos e, em muitos casos, deveriam ter mais de um professor. Precisaria de professores de apoio urgentemente para ele entrar no mundo dessa criança e trazê-la para o mundo das crianças que estão ali na sala de aula. Se não tiver o professor de apoio aí não vai resolver o problema de Robson. Talvez a presença de um segundo professor para ele, para conversar mais com ele seria uma solução porque o professor regente não pode deixar o resto da turma para atender só essa criança. Tem a pessoa específica para trabalhar com essa criança, mas a professora normal também pode trabalhar com ela. A escola tem que deixar a porta aberta para o professor do AEE ver o desempenho dos outros colegas. Ele tem que se unir mais com os outros colegas e procurar novidades. Chamar os outros alunos da turma para sentar perto de Robson, Levá-lo para uma atividade no pátio. A escola deveria procurar fazer alguma coisa para incluir esse aluno. Ter assim um trabalho mais aberto no qual a criança funcione. A escola tem que mostrar para essa criança que ela é igual a todas as outras que estão ali. Porque ele tem o direito como qualquer outro aluno, porque ele é um dos alunos da escola e merece estar na escola, ter o apoio de todos da escola, das crianças, dos diretores, dos pais, dos professores.

b) Busca de Soluções Externas à Escola

Dirigentes

Eu procuraria primeiro observar a criança, diagnosticar, procurar algum serviço, até para minha entrada na família, porque professor tem que buscar a família para saber o porquê aquela criança tem aquele comportamento. Sugerir aos pais a busca de profissionais que pudessem fazer esse diagnóstico. Esta é uma oportunidade de outros profissionais

ajudarem a escola. Poderia procurar também a ajuda de especialistas porque a gente sabe que sozinho, só o professor sozinho, é incapaz de atender essa demanda. Outras pessoas que tivessem mais esclarecimento do que nós para poder estudar o caso dessa criança e começar a encaminhá-la, a direcionar o caso para as pessoas que realmente pudessem ajudá-lo melhor e para desenvolver um trabalho melhor na sala de aula. Procuraria informações, orientações, principalmente nas escolas especializadas, para saber como lidar, qual dinâmica, qual metodologia para despertar a atenção dessa criança e, acima de tudo, trabalhar a afetividade. Se a gente não conseguisse, aí partiria para a Secretaria, com as meninas do ensino especial, para tentar ajudar esse aluno da melhor forma possível. Eu penso que daria para ter um diálogo com a família, com o AEE, com o pessoal da sala comum, com a equipe diretiva, a orientadora e supervisora pedagógica. Toda a escola, sabe, tem que procurar algumas possibilidades do aluno aos poucos ir se inserindo. Indicaria para os pais a importância deles insistirem com a permanência do filho na escola comum, mesmo que ele chore nos primeiros dias, porque isso acontece e depois passa. A gente procuraria o Atendimento Educacional Especializado e geralmente com psicólogo, assistente social, mas nunca desistiria do aluno. Muitos deles fazem acompanhamento com a terapeuta ocupacional. Inclusive a gente até convida a T.O. para participar, para a gente conhecer as especificidades do aluno, saber como lidar com ele. Eu me despreocuparia quanto ao aprendizado teórico nesse momento e focaria mais em passar tranquilidade aos pais e mostrar que aquela escola é tão dele quanto dos demais alunos, para que ele se sinta pertencente àquele ambiente. Enquanto Robson não se socializar e sentir-se bem na escola, não adianta trabalhar o conteúdo.

Professor P1 - Professor P2 - Professor AEE

Eu convidaria a coordenação da escola e os demais profissionais para fazerem uma análise, uma avaliação, na tentativa de descobrir a causa desse comportamento. Precisamos ter ajuda até, às vezes, de especialistas para saber qual é o problema. Nós somos orientados a procurar o psicólogo porque nós temos um psicólogo na rede. Então pode ser o caso de encaminhar o aluno para um especialista

e depois trabalhar sobre o problema dele. Ai então a gente faz esse trabalho de adaptação, vai conversando para ver se melhora a autoestima, se ele interage com os demais e ainda procurar o AEE para encontrar uma estratégia de trabalho para esse aluno.

Pais

Eu acho que tem que ir com calma com Robson no início e procurar um atendimento psicológico para ele. Eu acredito que a escola tem que oferecer um atendimento especial, individualizado e a partir desse atendimento, fazer um encaminhamento para um psicólogo, para um psiquiatra, para um neurologista se for o caso, para fazer um exame mais detalhado, saber do histórico familiar, enfim, alguém especializado para estudar o que está acontecendo com esse aluno. A professora deveria conversar com a criança e orientar os pais para procurarem um - como é que se diz - uma pessoa especializada e tentar fazer a criança se sentir bem, mostrar para Robson que ali é um lugar seguro. Para tentar colocar ele em uma escola normal ele ia precisar de tratamento, ia precisar da psicopedagoga para ajudá-lo a conviver com os demais. Esse menino está se trancando, ela deveria ter uma conversa com psicólogo e não desistir. Dar bastante carinho, amor, atenção. Eu acho que deveria ser feito um trabalho voltado para a necessidade dessa criança, para saber o porquê dele não "quietar" dentro da sala. A força maior é da família. Faria eles entenderem e procurarem um profissional para ajudar a criança. Os pais têm que conversar muito com os filhos.

c) Busca de apoio familiar

Dirigentes

Chamaria os pais para fazermos um trabalho em conjunto. É tudo um período de adaptação. De início iria ter esse problema da porta fechada, mas aí a gente tentaria convencê-lo e quando necessário, deixar a porta aberta. Eu tenho que saber com quem estou trabalhando. Quem é esse sujeito? De onde ele veio? A identidade dessa criança.

Quem é ele? Claro, e depois, não podemos esquecer sempre da parceria com os pais. Uma entrevista com os pais, para saber por que Robson tem essa ansiedade e fazer todo um trabalho de base em parceria com os pais e depois a nossa parte aqui. Nessa entrevista procuraria conhecer o histórico dessa criança, de onde ela veio. Procuraria agir de uma forma muito cuidadosa com ele, não o diferenciando dos outros, mas entendendo os limites dele. Eu promoveria a interação dele com os outros. Procuraria saber por que ele se comporta dessa forma. Pesquisar alguma coisa a mais que a escola não tem conhecimento. Pediria ajuda ao Serviço Social para fazer um encaminhamento para um psicólogo, porque ele está mais preparado para avaliar esse menino em uma terapia. Orientaria o professor que está diretamente ligado a este aluno para dar-lhe segurança. A partir daí envolveria o aluno na escola tratando-o de forma diferente para que ele se desenvolva, para se criar uma relação mais próxima com ele, para ver se tem algo mais, além dessa questão pedagógica, que leva essa criança a não participar das atividades propostas. Nós temos a sala de AEE, que tem uma professora que pode ajudar esse aluno a interagir com os outros. Dar uma orientação para trabalhar o avanço desse aluno na escola comum. A gente não deveria trabalhar de forma isolada. A professora do AEE, com a professora da sala comum, com a família, não tem como ser de outra maneira. Faria um estudo de caso, se não tivesse laudo.

Professor P1 - Professor P2 - Professor AEE

Primeiro conversar, procurar entender qual é o problema. Procuraria saber dos pais qual é a convivência dele em casa, para poder proceder melhor. Procuraria saber da família o quê que esse aluno gosta de fazer, se ele tem alguma habilidade, se gosta de pintar, se gosta de brincar. Aí, eu programaria uma aula que estimulasse a socialização dele com o restante da turma. Eu preciso ler esse aluno em suas atitudes, em seus gestos, procurar conhecê-lo. O ponto chave da história seria ele criar laços, ele se sentir seguro e confiante. Se a família tivesse disponibilidade, a primeira coisa que eu faria seria solicitar a presença deles e buscar uma parceria. Também procuraria ajuda do professor da sala do AEE e trabalharia com ele usando atividades diferenciadas e ficaria mais atenta com esse aluno na sala de aula.

Pais

A escola deveria chamar os pais, conhecer o histórico de Robson para saber como ele era na outra escola. Os pais procurariam a antiga escola para saber se ele se comportava sempre assim. Eu acho que deveria ser investigado com a assistente social, ou com a coordenadora pedagógica da escola para entrar em contato com a família sobre a questão da porta fechada. A escola teria que procurar os pais da criança e saber como agir, se ele tem algum trauma ou se houve alguma coisa para que ele queira que a porta fique sempre fechada. Os pais devem confiar no colégio, participar sempre e conversar com os professores. Os pais têm que conversar muito com esse menino, tem que ir para um Psicólogo continuar lutando, para melhorar esse estranhamento. Eu acho que é só questão de tempo. Socializar Robson com as outras crianças para ele se acostumar com os outros coleguinhas. E, como ele tem dificuldade nas atividades procuraria juntar uns dois ou três colegas da sala de aula, e o professor para ensinar junto. Sentar e conversar com o Robson, porque conversando a gente se entende. Tentar ver o que há de significativo para essa criança, respeitando seu tempo, mas sempre buscando incluí-la. Buscaria uma forma em que ele se sentisse mais familiarizado na escola para ele começar a se desenvolver. Talvez seja um problema de adaptação. Então, eu acho que os pais tinham que insistir com calma, paciência e ir conversando para ele ficar na aula.

Questão

4

Carolina é uma menina de oito anos, com surdez. Foi matriculada no 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola regular. Ela não está alfabetizada, não sabe Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Os pais querem que a filha aprenda LIBRAS. A escola não tem professores de LIBRAS.

O que você faria no caso dessa criança? Por quê?

Questão 4

Carolina é uma menina de oito anos, com surdez. Foi matriculada no 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola regular. Ela não está alfabetizada, não sabe Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Os pais querem que a filha aprenda LIBRAS. A escola não tem professores de LIBRAS.

O que você faria no caso dessa criança? Por quê?

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO NAS CATEGORIAS

a) *Indicaria a Escola Comum*

Diz respeito a todos os meios que a escola comum precisa ter para oferecer ao aluno com surdez e aos ouvintes condições de se comunicarem e assistirem as mesmas aulas numa mesma sala de aula. Esses meios implicam a aprendizagem de LIBRAS, contratação de intérpretes, aprendizagem do português como segunda língua para surdos e definem o básico para que a escola comum se torne bilíngue. Aquela que indica a escola comum para a aluna, por ser a educação um direito de todos. Nessa escola ela deverá aprender LIBRAS e alfabeto de sinais de modo que possa seguir as aulas com os demais colegas. Esse aprendizado se desenvolveria por meio da contratação de professores de LIBRAS e de intérpretes pelas secretarias de educação, assim como parcerias com instituições especializadas e externas à escola. O ensino de LIBRAS seria ofertado a todos os alunos ouvintes e surdos, aos professores, aos funcionários da escola e familiares. Essa orientação destaca o uso de imagens, alfabeto de sinais, tábuas de comunicação, leitura labial e outros recursos para o ensino dos conteúdos curriculares que devem ser os mesmos para todos. Indica também o ensino do português como 2ª língua que deve ser ministrado concomitante ao ensino de LIBRAS, o que denota o ensino bilíngue na escola comum. Esses recursos devem ser oferecidos à escola pelo poder público. Aponta ainda a necessidade de o aluno frequentar o AEE e conviver com outros alunos surdos. Inclui a preparação de professores da escola já habilitados para ensinar LIBRAS. Propõe projeto de formação em parceria com a Universidade para apoiar a escola. Todas essas indicações implicam em acolhimento da aluna por todos os participantes da escola.

b) *Indicaria um Serviço/Instituição/Escola Especializada e depois a Escola Comum*

Envolve o encaminhamento do aluno surdo para um serviço/instituição/escola especializada para que possa primeiramente aprender LIBRAS para depois frequentar uma escola bilíngue.

c) *Indicaria uma Escola Especializada Exclusivamente para Alunos Surdos*

Indica para esse aluno frequentar exclusivamente uma escola para alunos surdos.

d) *Não Sabe ou Não Respondeu*

Pode também indicar que LIBRAS é a língua que a aluna precisa aprender, mas não indica onde se dará essa aprendizagem.

RESULTADOS QUANTITATIVOS

Percentual de ideias centrais relacionadas à questão 4 – Carolina é uma menina de oito anos, com surdez. Foi matriculada no 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola regular. Ela não está alfabetizada, não sabe Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Os pais querem que a filha aprenda LIBRAS. A escola não tem professores de LIBRAS. *O que você faria no caso dessa criança? Por quê?*

BRASIL

Tabela 31

4 - O que você faria no caso dessa criança? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Indicaria a escola comum	344	95,82%	96,36%
B - Indicaria um serviço/ instituição/escola especializada e depois a escola comum	8	2,23%	2,24%
C - Indicaria uma escola especializada exclusivamente para alunos surdos	2	0,56%	0,56%
D - Não sabe ou não respondeu	5	1,39%	1,40%
Total de respostas	359		
Total de entrevistados	357		

Figura 26



REGIÃO NORTE

Tabela 32

4 - O que você faria no caso dessa criança? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Indicaria a escola comum	59	96,72%	98,33%
B - Indicaria um serviço/ instituição/escola especializada e depois a escola comum	1	1,64%	1,67%
C - Indicaria uma escola especializada exclusivamente para alunos surdos	0	0,00%	0,00%
D - Não sabe ou não respondeu	1	1,64%	1,67%
Total de respostas	61		
Total de entrevistados	60		

Figura 27



REGIÃO NORDESTE

Tabela 33

4 - O que você faria no caso dessa criança? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Indicaria a escola comum	87	95,60%	96,67%
B - Indicaria um serviço/ instituição/escola especializada e depois a escola comum	3	3,30%	3,33%
C - Indicaria uma escola especializada exclusivamente para alunos surdos	0	0,00%	0,00%
D - Não sabe ou não respondeu	1	1,10%	1,11%
Total de respostas	91		
Total de entrevistados	90		

Figura 28

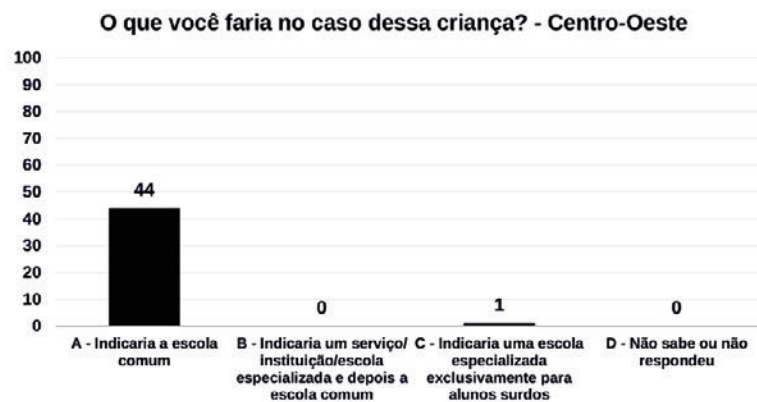


REGIÃO CENTRO-OESTE

Tabela 34

4 - O que você faria no caso dessa criança? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Indicaria a escola comum	44	97,78%	97,78%
B - Indicaria um serviço/ instituição/escola especializada e depois a escola comum	0	0,00%	0,00%
C - Indicaria uma escola especializada exclusivamente para alunos surdos	1	2,22%	2,22%
D - Não sabe ou não respondeu	0	0,00%	0,00%
Total de respostas	45		
Total de entrevistados	45		

Figura 29

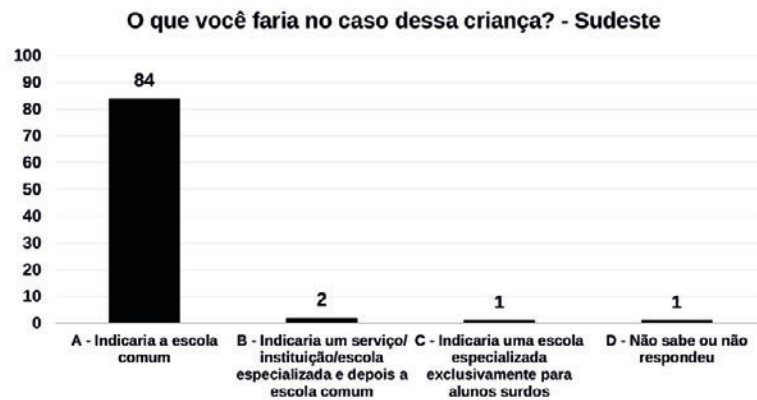


SUDESTE

Tabela 35

4 - O que você faria no caso dessa criança? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Indicaria a escola comum	84	95,45%	95,45%
B - Indicaria um serviço/ instituição/escola especializada e depois a escola comum	2	2,27%	2,27%
C - Indicaria uma escola especializada exclusivamente para alunos surdos	1	1,14%	1,14%
D - Não sabe ou não respondeu	1	1,14%	1,14%
Total de respostas	88		
Total de entrevistados	88		

Figura 30



REGIÃO SUL

Tabela 36

4 - O que você faria no caso dessa criança? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Indicaria a escola comum	70	94,59%	94,59%
B - Indicaria um serviço/ instituição/escola especializada e depois a escola comum	2	2,70%	2,70%
C - Indicaria uma escola especializada exclusivamente para alunos surdos	2	2,70%	2,70%
D - Não sabe ou não respondeu	0	0,00%	0,00%
Total de respostas	74		
Total de entrevistados	74		

Figura 31



RESULTADOS QUALITATIVOS

a) Indicaria a escola comum

Dirigentes

Primeiro a escola, que é a nossa realidade. O professor da sala comum muitas vezes ele não tem LIBRAS,

ele não conhece a Língua Brasileira de Sinais, ele até sabe que existe, mas ele não tem nenhuma formação, mas, se nessa escola eu tenho um professor de AEE, um professor especialista que tem o conhecimento de LIBRAS, recomendaria que a Carolina fizesse, no contra turno, o Atendimento Educacional Especializado para ela aprender LIBRAS com esse professor. Realmente a primeira coisa é a gente poder contar com o AEE, e é nessa hora que eu falo que é extremamente importante a gente saber que tem alguém com quem se possa contar para fazer esse acompanhamento.

E também conversar mesmo com os professores para que eles aceitem esse apoio que vem do AEE e o aluno que está vindo com essa dificuldade. É nesse sentido que eu acho que é essencial a presença do AEE na escola. Por isso enquanto escola, eu buscaria junto ao sistema, à Secretaria da Educação, um recurso, um professor de AEE que pudesse colaborar com a aquisição de LIBRAS e, principalmente, com a ampliação da comunicação da criança porque é dever do sistema o oferecimento de LIBRAS. A Secretaria Municipal de Educação precisa contratar esse profissional porque a aluna tem direito. Eu acho que o papel da gestão é ir atrás desse profissional. Porque eu entendo mesmo que é uma necessidade da Carolina e que é papel da escola, e do município enquanto uma rede suprir essa necessidade. Veja, se a criança não está alfabetizada, não sabe a LIBRAS, e como a escola não tem o professor hábil, que é uma realidade muito grande hoje, o importante é realmente buscar o apoio desse profissional, porque há até amparo legal para esta questão.

Professor P1

Buscaria estudar cada vez mais e faria com que a turma toda começasse a falar em LIBRAS. LIBRAS seria outra disciplina dentro das disciplinas do currículo, para que todos os alunos contribuíssem e assim ajudassem a menina. Assim eu também não estaria sozinha. Assim, eu não estaria sozinha e a aluna também não se sentiria diferente. Eu poderia buscar a sala do AEE, onde a professora poderia me auxiliar, fazendo um trabalho conjunto que pudesse vir a acrescentar. Então eu iria aprender LIBRAS para ensinar Carolina. Com certeza. Porque acho que seria uma maneira de eu estar me comunicando com ela e ela comigo, e talvez o que eu aprendesse eu poderia passar para todos os alunos tentarem se comunicar com ela. O próprio professor tem que buscar um meio de ajudar essa criança. Fazer com que ela aprenda com os outros. Então, nesse caso, o professor tem que buscar se aperfeiçoar, para tentar passar essa novidade para o aluno. Eu acredito na língua de sinais. Na escola tem que ter profissionais para atender esse tipo de especificidade, essa deficiência que é a surdez. Acho que dá para se comunicar de outras formas, dá para se comunicar com imagem, mas eu acho que a LIBRAS está aí, no mundo. Procuraria também a parte pedagógica da escola para ver

o que a gente poderia fazer para eles me auxiliarem; procuraria a Secretaria da Educação para saber se está sendo oferecido algum curso de LIBRAS, tanto para mim como também para Carolina para que ela pudesse participar em um horário extra, num horário de contra turno, num horário que ela não estivesse na sala. Ela poderia então começar a viver esse mundo e também eu poderia me comunicar com ela e com os outros da escola. Sendo assim, o professor teria que correr atrás, fazer cursos nas redes: municipal e estadual. Do meu ponto de vista, o professor teria que buscar o conhecimento para ir aos poucos também trabalhando com esse aluno, com essa criança.

Professor P2

Se eu recebesse uma criança que precisasse de um trabalho com LIBRAS, eu ia buscar esse conhecimento, aprofundar mais e, durante esse tempo que eu estaria aprofundando, eu iria buscar uma alternativa mais rápida, que seria o apoio de uma pessoa do AEE, para trabalhar com Carolina. A escola tem todo um respaldo, tem a Secretaria da Educação, então, eu pediria auxílio, pediria um professor especializado em LIBRAS, e também eu procuraria aprender alguma coisa. Porque mesmo que viesse uma professora, ela não poderia estar todos os dias na escola. E Carolina iria interagir só com essa professora? E com os colegas, e comigo mesma? Ela precisa ter um professor, é direito do aluno ter um professor que o acompanhe. Se o aluno tem uma deficiência, eu acho que seria o caso de procurar a Secretaria de Educação para vir um professor para começar uma alfabetização em LIBRAS. Uma pessoa formada e capacitada para inserir essa criança no ensino regular. Tem que ser uma ação conjunta da família, da escola, da equipe diretiva para providenciar esse professor de LIBRAS. O próprio professor precisa aprender LIBRAS, mas não só ele. Os pais, os professores, todos têm que aprender. A salvação é procurar o professor do AEE na escola para nos auxiliar, mostrando uma situação, uma maneira para trabalhar com essa aluna. Se o professor não tiver uma noção de LIBRAS, vai ter um pouco de dificuldade para trabalhar com esse aluno. Eu acho que as escolas recebem verbas para trabalhar com as políticas educacionais em relação ao AEE. Então, eu acho que o mais apropriado seria manter a aluna em sala de

aula, e a escola e os pais fossem buscar uma outra alternativa para ajudá-la, pois sem comunicação fica muito difícil a convivência. A escola é deficiente nesse sentido de não ter um professor e nem de dar condições a esse professor de ter acesso a LIBRAS. Aí teria que procurar ajuda externa. Na regional em primeiro lugar. Acho que a secretaria tinha que implementar cursos de LIBRAS para nós, porque temos formação continuada, formação em serviço, mas não temos esse curso.

Professor AEE

O primeiro passo seria eu aprender LIBRAS e aprender como ensinar LIBRAS, porque como professora do Atendimento Educacional Especializado é minha obrigação dar o melhor atendimento possível para Carolina. Daí chamaria os pais e sugeriria o atendimento no AEE, normalmente. Para isso eu iria sugerir à família e à Direção da escola para entrar em contato com um órgão maior, no caso a Secretaria da Educação, para abrir um edital, contratar um intérprete ou um professor de LIBRAS para essa criança. E não só para ela, mas para os professores dela, os profissionais da escola. Ou seja, essa escola bilíngue, que é o que essa criança precisa. A criança tem que estar ali na sala junto com os outros colegas. E aí juntos aprenderíamos a LIBRAS. Então, primeiro, eu tinha que aprender. Não se pode colocar uma criança dentro de um ambiente que não tem um profissional preparado. Tem que ter, ou trazer um profissional, ou a pessoa começar a estudar, porque a história da formação, dentro da inclusão, é muito séria! Não tem como trabalhar, simplesmente. Teria que estudar, voltar a estudar LIBRAS e adaptar todas as atividades para poder trabalhar com Carolina. Essa aluna precisa de LIBRAS, então, eu acho que, como professora do AEE, a função é essa: buscar parcerias para conseguir um profissional para trabalhar a LIBRAS com essa criança.

Pais

A escola precisa buscar ajuda junto dos órgãos competentes, Secretaria Municipal de Educação, se for uma escola municipal e Secretaria Estadual se for uma escola estadual. Se a escola não tem professor de LIBRAS explicar

que na escola tem um aluno que necessita da aprendizagem de LIBRAS, para que a Secretaria mandasse um professor e um interprete. Por isso a escola deveria buscar um profissional para ensinar LIBRAS às crianças e também para os professores da escola, porque é um direito adquirido do aluno, porque ele não pode ser excluído só por falta de um professor. Seria então dever da escola conseguir esses professores. Esse professor poderia trabalhar não só com o professor em sala de aula, mas com os demais funcionários, pois eles precisam conhecer pelo menos o básico de LIBRAS. É claro que no caso tem que ter essa comunicação e a parceria com a professora do AEE que também tem que dar esse suporte, tem que entender de LIBRAS, mas eu ia procurar o que é direito dela, reivindicar até conseguir. Toda escola que tem uma criança assim, tem que arrumar pelo menos duas professoras: uma normal, para as pessoas normais e uma para interpretar, porque a criança não sabe LIBRAS, só quem sabe é o professor do AEE. É por isso que eu falei que não só AEE como também os outros professores deveriam fazer uma capacitação. Só assim é que qualquer professor pode ajudar o aluno. Inclusive não só ensinar para essa criança, mas para os demais colegas, porque, como as crianças vão interagir se não conseguem se comunicar com Carolina? Então não é só para ela, porque a partir do momento que tiver o professor de LIBRAS na sala para ela, as outras crianças vão também querer aprender e vai ser um benefício para todos. Poderia também chamar os pais para aprender. Porque não adianta só os filhos aprenderem. Como você vai falar com seu filho se você não sabe? A escola precisa prover meios, buscar na rede um professor especializado para dar conta de atender essa criança, especificamente, e o professor da sala procurar se inteirar da linguagem de sinais para efetivar a comunicação com Carolina, porque essa comunicação não acontece só na Sala de Recursos, uma vez que a aluna participa, regularmente, com os colegas da sala de aula. É importante formar o professor, pois estamos cada vez mais recebendo crianças surdas. Assim, o que eu acho é que a escola deveria procurar um professor adequado para a aula de LIBRAS para poder ensinar Carolina. Porque se não se enturmar numa escola normal, fizer amizades, se comunicar com outras pessoas, aí o futuro dela como é que vai ser?

b) Indicaria um Serviço/Instituição/Escola Especializada e depois a Escola Comum**Dirigentes**

Recorreria ao NAE, que é o Núcleo de Atendimento ao Estudante, para juntos procurarmos um profissional que ofereça essa oportunidade para Carolina. Poderia também orientar para os pais matricularem Carolina no CAS - Centro de Atendimento Especializado à Surdez, no contra turno. Porque quando a criança surda chega à escola ela vem trazendo a comunicação de casa, e ela precisa aprender a comunicação formal, que é a LIBRAS. Então, ela vai adquirir isso com o curso. Nesse centro ela já começaria com LIBRAS e na escola com o professor de apoio. Mas esse professor de apoio tem que ter LIBRAS para treinar a comunicação. Tem municípios que oferecem formação em LIBRAS para vários professores e a orientação é que o professor da sala de aula participe do curso de LIBRAS. E, no caso, se o professor de apoio não tiver LIBRAS deve também participar. Os pais devem aprender LIBRAS também, porque senão não vai resolver né? E, todo esse processo deve ser conduzido pela escola. Porque é um direito da aluna adquirir o conhecimento dentro da Língua de Sinais. Poderia também solicitar da Secretaria da Educação um intérprete de LIBRAS, para que dê esse acompanhamento à aluna de modo que possa desenvolver seu potencial de aprendizagem. No caso da escola inclusiva, deveria realmente haver um profissional com essa capacitação. Caso não haja, é necessário procurar uma instituição especializada para que a criança seja alfabetizada na linguagem de LIBRAS e depois ser alfabetizada na escola. A gente poderia ver a questão de a criança ir para uma escola onde tenha professor de LIBRAS e que tenha outras crianças também, que já são alfabetizadas e estão sendo alfabetizadas em LIBRAS. Essa é uma questão importante porque o número de professores de LIBRAS é pequeno. E se o pai quer que a aluna estude próxima de sua casa, que é um direito que a assiste, então que ela possa ir para outra escola, porque também vai ter contato com outras crianças surdas. E, assim, quando ela vai para a escola onde tem outros surdos a comunicação é muito rápida, eles aprendem com uma rapidez muito grande. É diferente de quando eles estão sós. Ao contrário dos pais de Carolina, tem pais que

resistem em encaminhar os filhos para uma instituição que ensina LIBRAS. Há o caso de uma aluna que começou a ter noções de LIBRAS há um ano, com a professora da Sala de Recursos, que está tentando melhorar a aprendizagem de LIBRAS. Até o alfabeto de LIBRAS foi colocado em sala de aula, os alunos manusearam, mas nós devemos insistir com o que é correto. Às vezes a resistência é muito grande, mas a gente tem que tentar. Se a escola não dispõe do serviço, nós temos instituições na cidade que oferecem o ensino de LIBRAS tanto para o estudante quanto para a família. A escola precisaria ter uma formação buscando alguém de fora e proporcionando para os professores da menina e a escola em geral. E assim sanar essa dificuldade de não ter LIBRAS na escola.

Professor P1 - Professor P2 - Professor AEE

Procuraria uma instituição que tivesse o curso de LIBRAS e, não havendo, procuraria a Secretaria de Educação, pois eles têm que aprender a sua língua. Além do pai querer é muito importante que ela aprenda sua língua.

Pais

Não tem sujeito.

c) Indicaria uma escola especializada exclusivamente para alunos surdos**Dirigentes**

Não tem sujeito.

Professor P1 - Professor P2 - Professor AEE

Talvez se o pai procurasse um atendimento especializado no CEE, em uma escola especial, talvez fosse o melhor para Carolina. Porque se não for trabalhada essa necessidade na escola também não vai ter sentido ela ficar ali, só para socializar. Ela tem que socializar com os outros,

mas também tem que atender as necessidades dela. Sinceramente eu não sei. Eu acho que a família deveria procurar um atendimento especial para Carolina. Levá-la para uma escola que oferecesse a língua de sinais.

Pais

Eles tinham que ter uma escola de LIBRAS, né? Porque ela é surda, então como é que ela vai conseguir. Tinha que ser aquela escola, aquela sala própria para ela. Eu acho assim, que os pais tinham que procurar uma escola com bastantes alunos iguais para as crianças que têm deficiência.



Questão

5

Joana é professora de AEE de uma escola e recebeu o prof. Pedro que ensina língua portuguesa para a 6^a. Série/ano. Ele lhe fez o seguinte relato: na minha sala entrou um aluno que é mais velho que os demais, lê e escreve com muita dificuldade e não domina os conceitos de gramática que estou ensinando para a turma. Acho que ele tem algum problema e fica só me olhando o tempo todo. Não interage com os colegas. E a coordenadora pedagógica me cobra bons resultados dos alunos.

**O que a professora Joana poderia dizer ao prof. Pedro?
Por quê?**

Questão 5

Joana é professora de AEE de uma escola e recebeu o prof. Pedro que ensina língua portuguesa para a 6^a. Série/ano. Ele lhe fez o seguinte relato: na minha sala entrou um aluno que é mais velho que os demais, lê e escreve com muita dificuldade e não domina os conceitos de gramática que estou ensinando para a turma. Acho que ele tem algum problema e fica só me olhando o tempo todo. Não interage com os colegas. E a coordenadora pedagógica me cobra bons resultados dos alunos.

92

QUESTÃO 5

**O que a professora Joana poderia dizer ao prof. Pedro?
Por quê?**

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO NAS CATEGORIAS

a) *Conhecimento do Aluno*

Diz respeito a ações que visam conhecer o aluno no contexto escolar, familiar e social. Trata-se de um levantamento de dados relativos às experiências do aluno no seu cotidiano para estudo de caso.

b) *Conhecimento do Aluno mais Diagnóstico*

Envolve tudo que diz respeito ao conhecimento do aluno mais o parecer (laudo, diagnóstico) de especialistas das áreas médica e paramédica.

c) *Restringe o Conhecimento do Aluno ao Diagnóstico*

Diz respeito ao conhecimento do aluno restrito apenas ao laudo ou diagnóstico clínico de especialistas das áreas médica e paramédica.

d) *Propostas de Ações Possíveis*

Refere-se ao trabalho integrado com professores e demais membros da equipe escolar para acompanhamento do processo escolar (diretor e coordenador pedagógico). Envolve encaminhamentos do aluno para reforço escolar, assistência de especialistas, orientação para a família assim como o plano de AEE a ser desenvolvido com o aluno.

e) *Valorização da Relação Professor-Aluno*

Envolve respeito à criança e suas capacidades, reconhecidas através do estudo de cada aluno.

f) *Formação de Professores*

Tem a ver com a necessidade dos professores terem formação voltada para a educação inclusiva, ou seja, a consideração da diferença dos alunos em geral e não apenas de alguns alunos que apresentam um desempenho fora do convencionalmente esperado.

g) *Não Respondeu a Questão*

Observação: Esta Questão não foi aplicada aos pais.

RESULTADOS QUANTITATIVOS

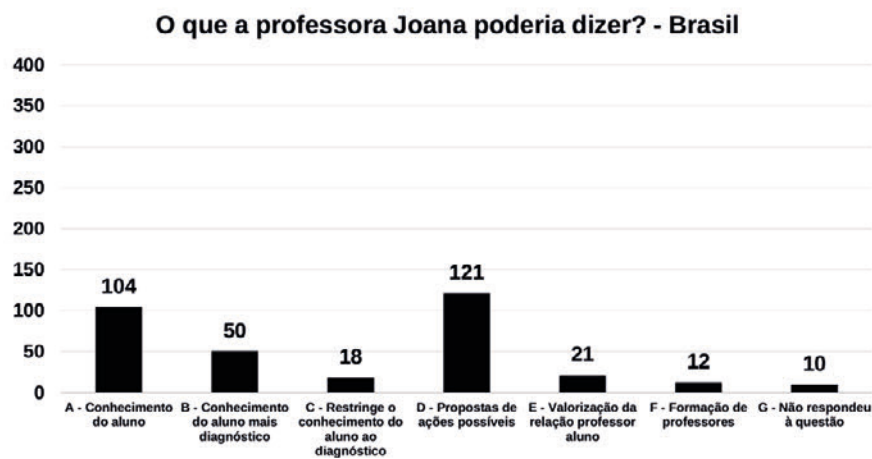
Percentual de ideias centrais relacionadas à questão 5 – Joana é professora de AEE de uma escola e recebeu o prof. Pedro que ensina língua portuguesa para a 6ª. Série/ano. Ele lhe fez o seguinte relato: na minha sala entrou um aluno que é mais velho que os demais, lê e escreve com muita dificuldade e não domina os conceitos de gramática que estou ensinando para a turma. Acho que ele tem algum problema e fica só me olhando o tempo todo. Não interage com os colegas. E a coordenadora pedagógica me cobra bons resultados dos alunos. *O que a professora Joana poderia dizer ao prof. Pedro? Por quê?*

BRASIL

Tabela 37

5 - O que a professora Joana poderia dizer ao professor Pedro? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Conhecimento do aluno	104	30,95%	40,00%
B - Conhecimento do aluno mais diagnóstico	50	14,88%	19,23%
C - Restringe o conhecimento do aluno ao diagnóstico	18	5,36%	6,92%
D - Propostas de ações possíveis	121	36,01%	46,54%
E - Valorização da relação professor aluno	21	6,25%	8,08%
F - Formação de professores	12	3,57%	4,62%
G - Não respondeu à questão	10	2,98%	3,85%
Total de respostas	336		
Total de entrevistados	260		

Figura 32

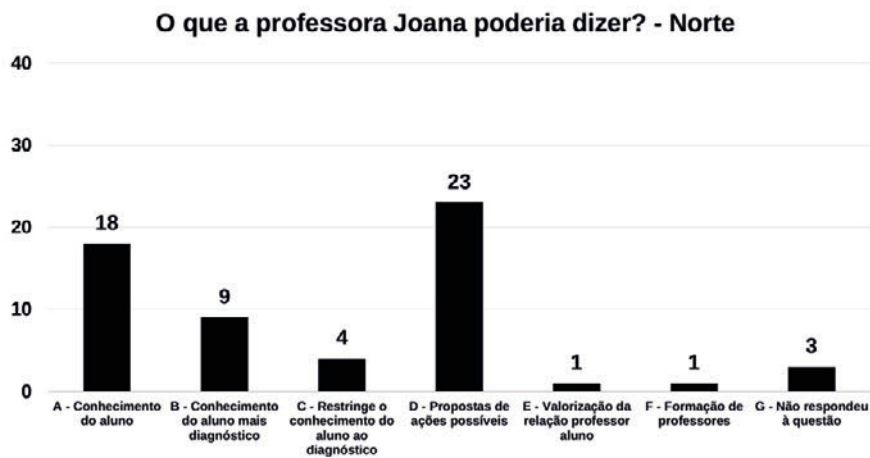


REGIÃO NORTE

Tabela 38

5 - O que a professora Joana poderia dizer ao professor Pedro? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Conhecimento do aluno	18	30,51%	40,91%
B - Conhecimento do aluno mais diagnóstico	9	15,25%	20,45%
C - Restringe o conhecimento do aluno ao diagnóstico	4	6,78%	9,09%
D - Propostas de ações possíveis	23	38,98%	52,27%
E - Valorização da relação professor aluno	1	1,69%	2,27%
F - Formação de professores	1	1,69%	2,27%
G - Não respondeu à questão	3	5,08%	6,82%
Total de respostas	59		
Total de entrevistados	44		

Figura 33

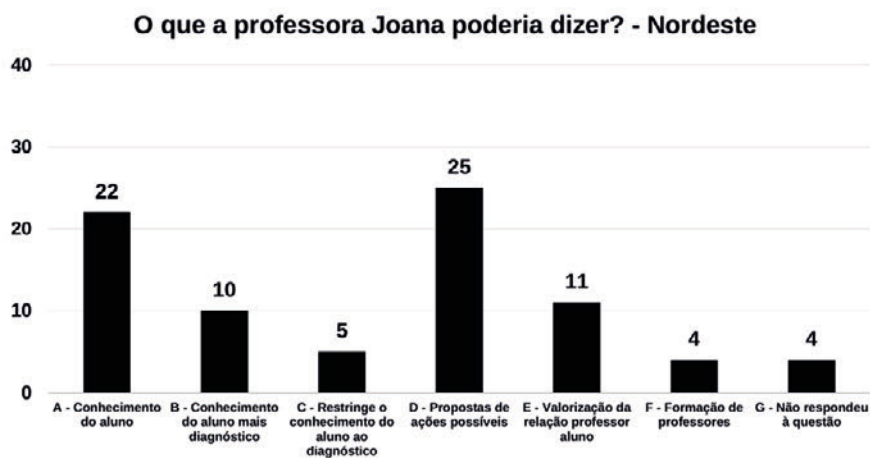


REGIÃO NORDESTE

Tabela 39

5 - O que a professora Joana poderia dizer ao professor Pedro? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Conhecimento do aluno	22	27,16%	33,33%
B - Conhecimento do aluno mais diagnóstico	10	12,35%	15,15%
C - Restringe o conhecimento do aluno ao diagnóstico	5	6,17%	7,58%
D - Propostas de ações possíveis	25	30,86%	37,88%
E - Valorização da relação professor aluno	11	13,58%	16,67%
F - Formação de professores	4	4,94%	6,06%
G - Não respondeu à questão	4	4,94%	6,06%
Total de respostas	81		
Total de entrevistados	66		

Figura 34

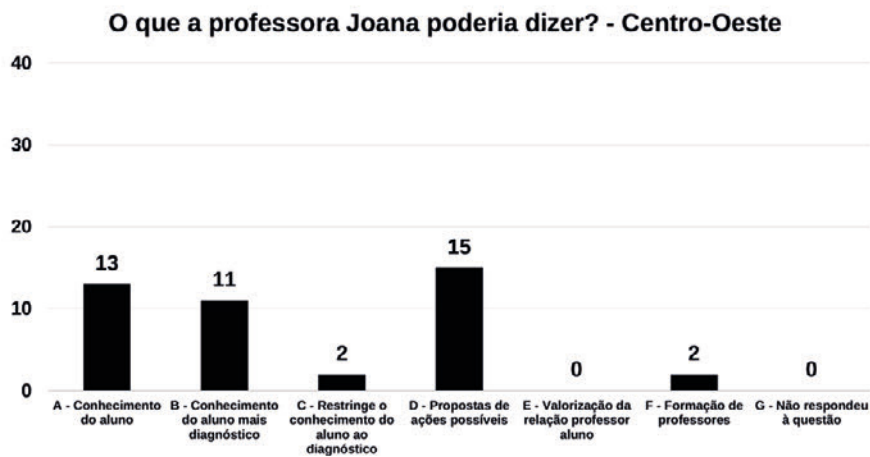


REGIÃO CENTRO-OESTE

Tabela 40

5 - O que a professora Joana poderia dizer ao professor Pedro? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Conhecimento do aluno	13	30,23%	40,63%
B - Conhecimento do aluno mais diagnóstico	11	25,58%	34,38%
C - Restringe o conhecimento do aluno ao diagnóstico	2	4,65%	6,25%
D - Propostas de ações possíveis	15	34,88%	46,88%
E - Valorização da relação professor aluno	0	0,00%	0,00%
F - Formação de professores	2	4,65%	6,25%
G - Não respondeu à questão	0	0,00%	0,00%
Total de respostas	43		
Total de entrevistados	32		

Figura 35

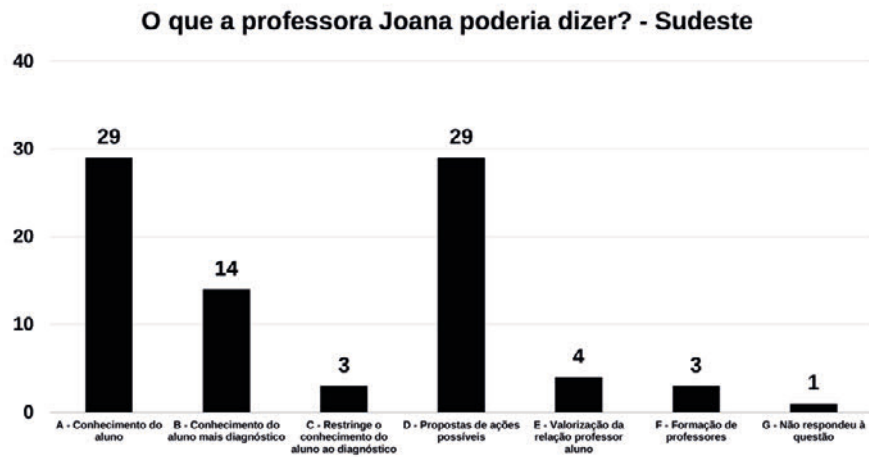


SUDESTE

Tabela 41

5 - O que a professora Joana poderia dizer ao professor Pedro? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Conhecimento do aluno	29	34.94 %	45.31 %
B - Conhecimento do aluno mais diagnóstico	14	16.87 %	21.88 %
C - Restringe o conhecimento do aluno ao diagnóstico	3	3.61 %	4.69 %
D - Propostas de ações possíveis	29	34.94 %	45.31 %
E - Valorização da relação professor aluno	4	4.82 %	6.25 %
F - Formação de professores	3	3.61 %	4.69 %
G - Não respondeu à questão	1	1.20 %	1.56 %
Total de respostas	83		
Total de entrevistados	64		

Figura 36

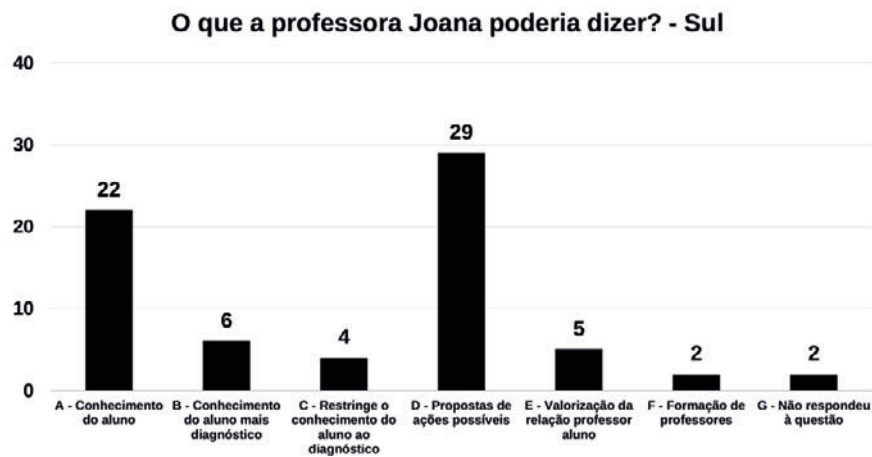


REGIÃO SUL

Tabela 42

5 - O que a professora Joana poderia dizer ao professor Pedro? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Conhecimento do aluno	22	31,43%	40,74%
B - Conhecimento do aluno mais diagnóstico	6	8,57%	11,11%
C - Restringe o conhecimento do aluno ao diagnóstico	4	5,71%	7,41%
D - Propostas de ações possíveis	29	41,43%	53,70%
E - Valorização da relação professor aluno	5	7,14%	9,26%
F - Formação de professores	2	2,86%	3,70%
G - Não respondeu à questão	2	2,86%	3,70%
Total de respostas	70		
Total de entrevistados	54		

Figura 37



RESULTADOS QUALITATIVOS

a) Conhecimento do aluno

Dirigentes

Primeiro eu queria conhecer o aluno para poder fazer uma investigação, um estudo de caso e entender quais as necessidades reais que ele tem. Observar melhor esse aluno, pois é mais velho que os demais e não interage. Fazer uma observação contínua, frequente, com um olhar atento para ver se existe algo mais, além da dificuldade que ele apresenta. Chamaria a família para ver se tem algum problema cognitivo, além do déficit de aprendizagem. A professora Joana junto com o professor Pedro poderiam também observar o aluno. Ela poderia oferecer suporte ao professor e encaminhar o aluno para a Sala de Recursos Multifuncionais. É o primeiro ano que ele frequenta o ensino regular? É o primeiro ano que ele enfrenta essa sala de aula? Qual foi a experiência escolar que ele teve? Foi em escola regular, foi em escola especial? Na verdade o professor Pedro não trouxe muitos elementos a respeito do que ele já tentou com esse aluno. Quais são as zonas de interesse desse aluno? Quais são os canais de aprendizagem dele? Eu acho que tudo isso deveria ser estudado, porque ele fica só olhando. Será que ele está compreendendo? Qual que é a dinâmica da aula? As regras, por exemplo, gramaticais e ortográficas, elas são conversadas e discutidas ou elas são simplesmente propostas na lousa e impostas? O aluno tem o seu limite. Ele deve ter outras habilidades, além de escrever. Talvez ele não consiga escrever, mas consegue interpretar uma imagem. Trabalho em grupo é muito importante para esse aluno conseguir interagir e participar. Penso que a escola é um espaço de investigação, onde a gente pode conhecer melhor esse aluno. E hoje, com a sala de AEE, ficou mais fácil esse trabalho, essa investigação. Sugeriria que o professor Pedro observasse mais criteriosamente esse aluno, para tentar identificar qual é a dificuldade dele. Talvez ele tenha um problema de audição, talvez ele esteja com uma dislexia, enfim, ele precisa descobrir e observar direitinho o que esse menino tem. A professora Joana deveria pedir ao professor Pedro para esgotar todos os recursos técnico-

-pedagógicos com o aluno e, ao mesmo tempo, fazer um trabalho paralelo para detectar se existe algum problema com ele. Muitas vezes ele, ao progredir um pouco, está obtendo um ganho muito maior do que aqueles que obtiveram sucesso em termos de valores, de nota. Se o AEE conseguir desenvolver nos professores essa noção de que a gente tem que partir do potencial, já é meio caminho andado.

Professor P1 – Professor P2 - Professor AEE

Acho que antes da gente tachar o aluno como incapaz é preciso conhecê-lo. Perguntar aos demais professores se o aluno está tendo o mesmo comportamento ou se é só na aula do professor Pedro. Perguntar aos pais se ele tem esse comportamento e, se os pais responderem que sim, fazer o estudo de caso junto da professora do AEE para ver o que pode ser feito. Embora os alunos sejam diferentes e não aprendam da mesma maneira o professor tem de descobrir como o aluno está aprendendo, aproximando-se dele para conhecê-lo. Ele vai ter que pesquisar mais para saber se o aluno veio de uma sala especial. Ele é especial? Tem que falar com o professor anterior, com a direção da escola onde ele estudou, pesquisar se teve alguma dificuldade de alfabetização. O professor do AEE deve fazer uma avaliação do aluno junto com os professores que dão aula para ele. Às vezes a criança não foi alfabetizada no tempo certo, teve atraso nas séries seguintes. É importante verificar se esse aluno é atendido em algum lugar, se ele tem psicólogo, atendimento com terapeuta ocupacional e conhecer um pouco da história do menino. O fato do menino não participar não significa que ele tem algum problema. Às vezes ele pode estar só se recusando por não ser aceito, por ter medo, por ter vergonha. Acho que primeiro o professor Pedro tinha que conhecer o menino para depois fazer esse julgamento, pois ele nem conhece a criança, nem fez atividades diferenciadas com ele para ver em que nível o aluno está. O professor Pedro mostra não estar aberto à diversidade porque está preso à ideia de que todos os alunos devem ter o mesmo rendimento, a mesma oportunidade e aprendam da mesma forma. Em relação à idade a gente acompanha o processo. A avaliação do aluno não é aquela escrita. Se ele vai avançando aos pouquinhos, ele não vai ser avaliado com média 6, média 8. A gente acompanha o que ele vai galgando. O

aluno não tem nenhum laudo, então ele não é considerado deficiente. A primeira coisa que a professora do AEE precisaria saber é se esse aluno tem realmente alguma deficiência. A professora do AEE poderia dizer para o professor Pedro conversar com a criança, que juntasse esse aluno com outras crianças, e tentasse descobrir qual o seu problema. Isso porque o professor tem que trabalhar com o aluno e ver qual é a dificuldade dele, para conseguir que ele faça alguma coisa, alguma atividade. Eu tenho, como professora do AEE, que ter um olhar para esse aluno, para entender como é que ele aprende. Nós não trabalhamos atualmente com classes homogêneas, respeitando o espaço em que todos são diferentes e, aí a inclusão acontece, respeitando a diversidade, o que temos de diferente no grupo que a gente está trabalhando. Eu como professora do AEE levaria o professor Pedro a fazer uma parada, uma reflexão, para perceber quais são as deficiências que levam o aluno a não ler e escrever corretamente. É uma questão cognitiva, social, psicológica, afetiva? Na verdade, a nossa sala é heterogênea, cada um tem um ritmo. Eu diria: Sim. Vamos pensar nele no dia que ele chegou aqui. O quê que ele sabia? O quê que ele aprendeu no decorrer desse bimestre? Pode não ter sido os mesmos conteúdos que os outros meninos, mas ele aprendeu alguma coisa.

b) Conhecimento do aluno mais diagnóstico

Dirigentes

O que normalmente nós fazemos é sempre pedir primeiro um encaminhamento para também fazer a parte clínica paralela à parte pedagógica, para que a questão, da saúde, do desenvolvimento dessa criança também seja investigada. Nós pedimos para que o pediatra encaminhe ao psicólogo, ao neurologista, ao psiquiatra. Em paralelo, nós vamos ver aqui: Não aprende por quê? Ele lê e escreve com alguma dificuldade, quer dizer, ele tem um tempo diferente? Então, já é enquadrado mesmo como uma deficiência intelectual ou qual seria a situação desse aluno? Depois encaminharia para a coordenadora que, juntamente com o diretor e, se houver, a professora do atendimento educacional, nós poderíamos fazer uma avaliação, uma averiguação mais detalhada das condições, das potencialidades que este aluno apresenta. A

professora do AEE teria que se inteirar bem da situação do aluno. Fazer uma anamnese, ver o perfil, porque se ele está no 6º ano, alguma coisa deve ter sido feita com ele antes. Conversar com os pais e ver se ele não recebe algum atendimento. E, se for o caso, até para o encaminhamento médico. Aí pode encaminhar para os órgãos competentes - para uma avaliação com o psiquiatra, com psicólogo, com psicopedagogo - para que a professora possa ter um diagnóstico mais preciso para dar o acompanhamento. O professor Pedro pode tomar algumas medidas que vão desde a aproximação com esse aluno e o estabelecimento de um diálogo para identificar quais são as dificuldades. Se ele modificar o tipo de avaliação o aluno responde? Deve modificar o tipo de apoio? O aluno é mais velho e isso mostra que ele passou por um processo de fracasso escolar, de reprovação. Vem tendo dificuldades no decorrer da sua escolarização e merece ser olhado. Pode ser investigado no próprio Atendimento Educacional Especializado no sentido de fazer um estudo de caso desse menino, para orientar esse professor. A professora do AEE tem um papel fundamental que é promover essa aproximação. E o espaço do Atendimento Educacional Especializado também pode ser um espaço de identificação, de estudo de caso, para dar respaldo a esse aluno. Costumo dizer: inscrito no AEE, realmente o aluno é público-alvo da Educação Especial. Agora, o espaço do Atendimento Educacional Especializado pode ser um espaço de identificação dessas necessidades específicas, para que você observe esse aluno e possa criar algumas hipóteses e fazer os encaminhamentos, problematizar algumas situações e fazer o que for necessário. Até a gestação da mãe a gente tem que buscar. Para ter esse olhar coletivo, a gente discute o caso em HTP. A equipe pode pedir aos pais que procurem um neuropediatra, encaminhar para o psicopedagogo, para o Núcleo Psicopedagógico da Educação Especial, Chamar a família para a gente ver se tem algum histórico de violência familiar que ele venha sofrendo. O que aconteceu para ele estar perdido nessa questão da idade, por ele estar atrasado. E assim, grande parte das crianças que a gente começa a observar que começa a ter relatos, que o pai leva, passa por um neurologista, ele é diagnosticado com alguma deficiência, alguma patologia. É uma situação muito delicada. As famílias sofrem na pele o preconceito, então eles escondem e morrem negando que o aluno na casa não é nada disso, que ele é normal. Inventam, criam uma história e enquanto

a gente não tem o documento na mão para respaldar as nossas atitudes, a escola fica meio que amarrada.

Professor P1 - Professor P2 - Professor AEE

Não havendo uma avaliação psicológica ou neurológica, que tal estabelecer objetivos diferenciados para esse aluno? Talvez o aluno só tenha uma dificuldade, e não uma deficiência. Daí eu vou tentar sanar isso, e se realmente vejo que ele não avança vou encaminhar para uma possível avaliação do AEE, avaliação psicológica e depois uma neurológica. Faria esse encaminhamento juntamente com a pedagoga e diretora da escola. Também poderia encaminhar o Pedro para uma avaliação com a equipe multiprofissional para ver se conseguiria identificar alguma deficiência nesse aluno. Hoje a gente tem um problema muito grande na escola para definir o que é dificuldade e o que é deficiência. Então, é importante investigar a vida do aluno antes. Vamos ver o que a gente pode fazer, mas antes de rotulá-lo, vamos verificar o que aconteceu. Ele tinha todas as condições de ter aprendido e não aprendeu. Marcamos um encontro com o aluno, fazemos algumas atividades e, dentro daquilo que for observado, solicitar que ele vá a um pediatra, a um Pediatra não, porque ele já está no 6º ano, a um neurologista ou a algum outro especialista para ver se ele tem algum problema além. Observar melhor esse aluno, verificar o histórico dele e após tudo isso se a gente constatar que ele realmente tem uma deficiência, chamar para a sala do AEE e dar uma olhada mais profunda. A professora do AEE tem que ter um laudo, tem que ter um diagnóstico, tem que ter alguma coisa para dizer ao professor Pedro o que esse aluno tem. Também poderia chamar os pais para uma entrevista e saber dados desse aluno. O professor Pedro poderia ainda fazer um levantamento de dados do aluno frente as suas aulas com um roteiro disponibilizado pela professora do AEE. Poderia sugerir ainda que a orientadora pedagógica, a diretora e a vice-diretora fizessem uma análise do que está sendo discutido, e a professora do AEE entraria na finalização para investigar o que foi feito e ver os encaminhamentos possíveis. Em reunião de HTPC conversaria com todos para ver quais as possibilidades: um estudo de caso para ver se realmente o aluno vai se beneficiar do Atendimento Educacional

Especializado e avaliar outras questões com psicólogo, fonoaudiólogo, TO que são nossos parceiros.

c) Restringe o conhecimento do aluno ao diagnóstico

Dirigentes

Antes de a professora Joana falar alguma coisa para o professor Pedro, eu acho que ela poderia chamar a equipe multidisciplinar do município - porque nós temos, por exemplo, psicólogo, fonoaudiólogo enfim, os profissionais que estão envolvidos para tentar diagnosticar junto com o médico se esse aluno realmente tem algum problema ou não, e depois de ser diagnosticado, e aí procurar os meios ou as maneiras para trabalhar com esse aluno. Acho que antes de tudo, é procurar ajuda com essa equipe multidisciplinar para que assim a gente também não faça um diagnóstico errôneo do que ele possa ou não possa ter. É importante um diagnóstico com o laudo do médico. Acho que seria isso. Eu diria para ele fazer esse encaminhamento para outros especialistas analisarem o caso desse aluno. Porque é necessário procurar as pessoas certas.

Professor P1 - Professor P2 - Professor AEE

A professora Joana não pode dar o laudo. Ela teria que orientar o professor Pedro para procurar ajuda de um profissional capacitado até diagnosticar o problema daquele aluno. Então, depois do diagnóstico ele poderia trabalhar uma metodologia. Sugeriria uma avaliação, buscaria em parceria com a secretaria um psicólogo, um oftalmologista e outros meios para ajudar esse professor. Encaminharia para uma avaliação com a psicóloga, um neuropsiquiatra para tirar a dúvida do professor. Não rotular mais a criança porque assim ele está praticamente excluindo. Primeiro teria que fazer uma avaliação mais detalhada. Joana, como professora de AEE ela poderia verificar se o aluno tem algum laudo, se tem algum relatório médico que indique alguma deficiência. Os professores de AEE eles não podem chamar o aluno para adesão se não passarem pelo diagnóstico clínico.

d) Propostas de ações possíveis

Dirigentes

O contato do professor de AEE com o professor regente é muito importante, porque a inclusão não é só aplicar atividades diferenciadas. É dar oportunidade ao aluno para poder dentro daquela esfera, daquele meio, dos conteúdos pertinentes ali, sentir-se inserido. A diferença nesse trabalho, que deve ser multidisciplinar, é de total importância. Não só a ajuda da coordenação pedagógica, mas principalmente o do professor de AEE que está diretamente ligado às dificuldades dessa criança. Isso, pode fazer uma diferença. É uma construção. Já que é 6º ano, que são vários professores, a professora do AEE poderia chamar outros professores para perguntar se nas demais aulas está sendo dessa forma e se realmente os professores estão vendo que há algum problema, para depois ela ajudar esse professor especificamente, fazendo uma avaliação e encaminhando esse aluno para o serviço social, caso haja na escola, para que esse aluno seja investigado. Se há alguma deficiência ou não? Há distorção idade-série? Se for o caso orientar esse aluno para participar da Sala de Recursos. A professora do AEE teria que se apropriar dos conteúdos que estão sendo dados na sala de aula, avaliar a criança, conhecer o que ela sabe. Eu acredito que não pode existir uma tarefa diferenciada, tem que ser uma tarefa adaptada. A avaliação oral é muito importante também. Vamos trabalhar juntos para melhorar o atendimento dessa criança na sala de aula. Construir um parecer conjunto e depois também ver a necessidade de outros encaminhamentos, para a Saúde, por exemplo. Tem alunos que às vezes ficam um tempo no AEE e conseguem sanar aquela dificuldade. Tem que ter um tempo de observação. Acho que o diálogo com a professora do AEE e também com a coordenadora pedagógica é importante, porque muitas vezes, essa cobrança de resultados é um entendimento de que cada um tem o seu tempo. Há uma questão aí que demonstra, num primeiro momento, que a gente precisa discutir essas práticas de ensino. Como a gente trabalha com isso? Vamos problematizar, vamos discutir coletivamente. Pode começar pelo professor do AEE, pelo professor da sala de aula. Mas isso tem que se estender para reuniões pedagógicas, para encontros com o coletivo da escola. Talvez ele tivesse idade

para estar na EJA, mas ele não pode ir à noite, está indo no regular, no 6º ano. A diferença está aí. Em primeiro lugar é importante trabalhar com a turma, porque esse aluno, por ter uma idade diferente, ele deve ter problema de convivência, de relacionamento, ele precisa participar de um trabalho social que pode partir do próprio professor da sala comum, da professora do AEE, preparando a turma para isso. Vamos trabalhar a sensibilidade desse professor e juntamente com ele propor situações de atividades que levem esse aluno à aprendizagem, muito embora ele não consiga chegar tão rápido quanto os outros. Mas ele chega. E aonde ele chegar e o quanto ele chegar é significativo. Tem a questão médica também, mas é importante que haja consonância entre professores do ensino regular quanto do AEE, para que ocorra uma melhor integração entre eles. Porque a criança precisa se sentir acolhida, se sentir bem na escola. O desafio está aí: repensar a prática pedagógica da sala de aula. A preocupação da escola é ter resultado. Mas o resultado em relação a quê? É importante desenvolver a leitura-escrita? No que o professor pode contribuir para que o processo de letramento seja mais efetivo e que o aluno se envolva de forma mais significativa com a leitura-escrita. É preciso refletir sobre o que é significativo para a aprendizagem dos alunos. O que é prioritário em termos da língua portuguesa, o que é importante desenvolver com os alunos - a autonomia, a interpretação, a função da escrita na vida dele, dele e dos outros colegas. Se no caso desse aluno parece fundamental o conceito da gramática, em segundo plano fica a função significativo-social da escrita. Eu não acho que precisa ser uma escola tão linear, tão certinha. Agora, é importante observar a interação, se há interação com os demais, e qual é o objetivo que o professor tem para a turma e para ele. Caso fosse uma dificuldade de aprendizagem, esse aluno participasse de um reforço escolar, e caso esse aluno fosse um deficiente intelectual propor uma estratégia de aprendizagem oferecida pela escola, ele viria para a sala de AEE. Quando a gente recebe alunos no ensino fundamental alguns já tem uma fluência de leitura, outros não. Mas isso não pode impedi-los de participar e de adquirir os conhecimentos que estão sendo trabalhados nas Ciências, na Geografia, porque a gente pode adquirir conhecimentos e compreender e interpretar de diversas formas. Se eu condiciono o acesso à compreensão de conteúdo só por meio da leitura, prejudico o acesso a outros conteúdos. Por outro lado, independente

do ano que se esteja, quando a gente fala em educação inclusiva a gente está dizendo de trabalhar uma educação que considere os sujeitos reais da escola. Se eu tenho um aluno no 6º ano que não tem ainda uma fluência, eu tenho também que dar direito a ele de ter oportunidades, mesmo estando no 6º ano, de avançar na escrita, na leitura, partindo do que ele já sabe das necessidades dele. Um currículo rígido, que valoriza os resultados deixa escapular os sujeitos reais da proposta pedagógica da escola. A aprendizagem de todas as crianças não acontece de uma forma padrão. Existe um tempo de cada um. Esse aluno demonstra que está construindo seu processo de alfabetização, mas esse seu processo não está contextualizado no 6º ano. Então, o aluno já lê, já escreve, muito bem. A limitação dele é na gramática? Nos textos que ele escreve? Qual é a importância de se trabalhar a gramática naquele contexto? Vamos então trabalhar nesses contextos. Não adianta o professor trabalhar conceitos isolados com esse aluno - adjetivos, substantivos - se ele não vai saber na hora de escrever aonde ele vai empregá-los. Ele deve ir trabalhando a partir daquela construção que o aluno faz. Se ele escreve um texto em que consegue estruturar o pensamento, mas apresenta erros de ortografia ou erros de concordância, é ali, naqueles erros que o professor vai trabalhar com esse aluno. É ali que está o limite do processo desse aluno. Também se pode adaptar um assunto para o aluno, já que ele não acompanha a turma. O que ele pode aprender dentro daquele assunto? Uma coisa mais fácil? Uma atividade diferenciada dentro daquele assunto?

Professor P1 - Professor P2 - Professor AEE

Eu diria para ele pedir auxílio à direção, aos coordenadores, aos supervisores. Poderia propor também para o professor, uma vez que ele é especialista, para fazer uma observação do aluno. E a partir da observação a gente vai traçando o perfil, vendo o quê que ele tem facilidade. Essa coisa mesmo de perguntar o que ele gosta, de conversar mesmo, fazer com que o aluno exponha o que ele pensa. De repente ele pode estar com uma dificuldade e o professor não percebeu. Se ele não conseguir então deve pedir ajuda à sala do AEE. O professor Pedro em contato com a professora Joana pode pegar orientações com ela e readaptar suas aulas para este aluno, e fazer uma avaliação diferen-

ciada. Sem, no entanto, deixar transparecer na sala que está havendo esse trabalho diferente. Porque eu acho, assim, que trabalhando jogo, alguma dinâmica, essas coisas, talvez ele gostasse e não ia se sentir inferior. A professora Joana precisa ir para a sala de aula e observar o aluno na sala enquanto o professor estiver dando aula. Após a observação ela vai fazer um relatório e tirar uma conclusão. Se o aluno necessita de um melhor atendimento ou se é só a prática pedagógica do professor que não está atingindo o nível de aprendizagem do aluno. Ou então encaminhá-lo para um serviço de saúde e buscar parcerias. Assim, vamos ver o melhor jeito, a melhor forma para que ele possa interagir com os outros, pois o envolvimento com os demais é muito importante. Ou seja, é um trabalho que envolve uma equipe. Coordenação, orientação se tiver, professor do AEE, para ajudar o professor Pedro. Ajudar o professor a buscar estratégias para trabalhar com esse aluno. As orientações ao professor Pedro devem também ser oferecidas a todos os professores que trabalham com esse aluno. Poderia ainda dizer ao professor Pedro para mudar um pouquinho o jeito de pensar a sua aula, que isso vai servir também para os outros alunos, vai enriquecer a aula. O primeiro passo seria ver o que esse aluno já consegue dominar e partir do que ele sabe. Se o restante da turma já está num nível mais elevado ele não vai ter que trabalhar com atividades diferenciadas. É importante buscar outras maneiras do ler, para assimilar o conteúdo, buscar estratégias: uma aula mais dinamizada, buscar recursos visuais para ele, envolver os alunos nos exemplos. Chamar o aluno para participar, interagir com a turma nesse momento da explicação. O professor Pedro foi honesto a partir do momento que analisou a situação do aluno e apresentou a situação como ela é. Mas ele também tem que ter o bom-senso de ver que aquele aluno não vai ter o mesmo rendimento, o mesmo aproveitamento que os outros. Ele tem que buscar, ele mesmo fazendo a parte dele, as maneiras de levar aquele menino a acompanhar melhor os outros e a professora Joana poderia ajudá-lo de alguma forma nesse sentido. Joana também poderia dizer: Vamos ter que encaminhar esse menino para um reforço para trabalhar exatamente a dificuldade dele. E o que dizer para o professor do reforço? Professor prepara umas atividades extras para essa criança com essas dificuldades! Ajuda ele ali num cantinho! Vai dando umas atividades, vai despertando o interesse dele, que com certeza, se você chegar com carinho,

ele vai se dedicar. Faz um caderninho, manda para casa. Também conversar com o aluno que ele não precisa ser igual aos outros, que nenhum deles são iguais. Então, têm várias ações que a gente pode fazer com os professores. Ora, se o aluno não está acompanhando o que está sendo ensinado e da maneira como está sendo ensinado, precisa buscar mecanismos que façam com que ele consiga resolver essa situação da forma mais sucinta. Primeira coisa: colocar ele perto da mesa do professor, bem na frente, num lugar que tenha clareza, que ele não distraia com facilidade. Fazer agrupamentos produtivos, por exemplo, pegar um colega que tenha facilidade e colocar por perto, e pedir que ele sempre ajude esse aluno a fazer as atividades. Ele não consegue acompanhar um texto longo, mas ele consegue acompanhar um texto curto. Se ele não consegue acompanhar um texto curto, mas ele consegue falar, trabalhe a questão da oralidade com ele. A escrita é uma consequência da oralidade. Ele não sabe escrever, mas sabe falar, tem argumentação, é participativo, então explore isso, e aí, gradativamente você vai explorando, vai trabalhando a escrita. Como inserir esse aluno nos grupos, embora ele seja maior? Colocar ele no nível dos pequenos, porque ele só tem o tamanho. Explicar para esse professor que embora a idade cronológica dele seja de 14 anos, 12 anos, a idade mental dele é a mesma que aquela daqueles aluninhos ou até menos, que têm 8 anos, 7 anos. As atividades específicas para esse aluno no AEE vão ter que ser lá da base. Começar na iniciação para que ele possa mais tarde acompanhar aqueles alunos. Orientar para que ele possa, por exemplo, distribuir a folhinha para os colegas, trazer esse aluno para o grupo, para que ele seja um aluno útil. Se ele não consegue escrever, vamos trazer a tecnologia para a sala de aula. Ele não tem a coordenação motora? Mas ele pode olhar no quadro e copiar no notebook ou no NET. Ali ele pode digitar. Se ele não tem a habilidade, não está conseguindo desenvolver a motricidade da escrita ele pode usar o notebook ou NET, que nós temos acesso.

e) Valorização da relação Professor-Aluno

Dirigentes

A gente vai olhar de uma forma mais humana para os alunos, pois cada um tem suas diferenças. Não existe ne-

nhum igual, seja o deficiente seja o que não tem deficiência, todos têm suas habilidades. Uns têm habilidades no raciocínio lógico, outros têm outras habilidades. Essa questão do respeito aos limites de cada aluno e mudar a metodologia de trabalho na sala de aula é fundamental. Trabalhar o quê com esse menino? Primeiro aproximar-se dele para saber quais são seus saberes. O mais importante não é saber o que a escola ensina para ele, mas valorizar sua pessoa, fazer uma aproximação. A primeira coisa é dar os parabéns ao professor por ter observado o aluno. Isto porque ele observou e se aproximou do aluno e agora falta pensar numa intervenção. O fato de o aluno parar, ficar olhando para o professor, isso já é um bom sinal. É um sinal que ele já está chamando a atenção do professor para alguma coisa. E o professor percebeu que o aluno fica olhando para ele, olha o ganho que ele já tem! Por que eu falo que é um ganho do professor? Porque ele conseguiu enxergar isso no aluno. A maioria dos professores nem isso enxergam. Uma das coisas que a Joana, com certeza, vai orientar o professor, é fazer a intervenção. Também é importante saber se é o aluno que não interage com a turma, ou é a turma que não interage com o aluno? A turma aceitou o aluno? Será que o professor Pedro aceitou esse aluno? Incluir o aluno e não só deixá-lo ali presente, mas propor para ele atividades, dinâmicas, trabalhos em grupo. Porque se ele não consegue escrever com facilidade, ele pode ditar a resposta para o colega escrever. O professor tem que fazer com que aquele aluno cresça e se conscientizar que os alunos são as peças principais da escola. Se esse aluno não faz nada, não interage, é fácil deixar ele lá, mas não é esse o objetivo da escola, o objetivo da escola é fazer com que aquela criança avance, não só na parte pedagógica, mas na parte social. Que se socialize e se sinta bem na escola. O professor Pedro não pode querer que a turma acolha o colega se ele próprio não acolhe. Os alunos se espelham muito no professor. Se o professor trata um aluno com indiferença, preconceito é muito difícil a turma tratar aquele aluno bem. Se o professor cativar os alunos, ele tem tudo com a turma, e eles aprendem com mais facilidade. Se os alunos gostam do professor, eles aprendem muito melhor. É isso.

Professor P1 - Professor P2 - Professor AEE

A professora Joana deveria ir até a sala para verificar as relações entre o aluno e o professor e entre o aluno e seus colegas. O professor por sua vez tem que estar em contato com o aluno, tem que lidar diretamente, sentir. Então, a gente, na sala de aula tem que estar nesse processo constante, direto, de relação com o aluno. Acho que o professor Pedro tem que baixar a ansiedade, tem que ir devagar com essa criança, tentando tirar algumas coisas dentro do contexto. Poderia dizer que ele tem que chegar mais próximo desse aluno e o mais próximo possível da turma, partindo do que ele já tem de conhecimento para ver se o aluno chega mais próximo da turma no nível de conhecimento. Insisto no vínculo, o professor precisa chegar até o aluno. Aconselharia o professor Pedro a tentar uma aproximação maior porque, às vezes, pela amizade, por um elo de confiança ele consiga um crescimento pedagógico maior para esse aluno. Aconselharia também a respeitar o limite desse aluno e procurar incentivá-lo a trabalhar em grupo, para ele começar a vencer esse obstáculo, demonstrando a importância de não observar a idade e respeitar o limite de aprendizagem. O professor tem que respeitar também o limite de aprendizagem de cada um, né?. Lembraria ainda que é preciso ter paciência com esse aluno porque a partir do 5º ano tudo fica mais difícil. Tudo muda, a adaptação é diferente. Assim, insista, insista, insista na aprendizagem desse aluno, porque ele vai conseguir se desenvolver. Só que, por outro lado, me parece que o professor coloca algum tipo de preconceito, dizendo que esse aluno tem um problema. Ele não é um aluno problemático, ele tem sim, algumas dificuldades. E talvez essas dificuldades levem o professor Pedro a rotulá-lo. A primeira coisa que o professor Pedro tem que quebrar é esse comodismo, porque nós professores às vezes temos isso. Tudo que causa transformação machuca a gente, a gente não aceita, e se amedronta ao mesmo tempo, a gente se sente incapaz. Mas se você não trabalhar não vai conseguir atender esse aluno. Persistência é a palavra que eu usaria para esse caso.

O professor Pedro então teria que se aproximar desse aluno, conversar com ele, passar uma segurança, porque o aluno precisa dessa segurança, saber que o professor é um amigo em quem ele pode confiar. É maravilhoso quando

você sente que o aluno confia em você. Você faz um trabalho melhor e ele até se sente à vontade em falar da vida dele, da família dele. Finalmente eu diria para o professor Pedro: Acho que você também tem que procurar fazer a sua parte, tentar interagir com ele. Porque há pessoas que precisam que alguém dê o ponto de partida.

f) Formação de Professores

Dirigentes

Para eu ser professor de AEE tenho de estar preparado para receber o Pedro. E também a Carolina, e aquele que tem problema de visão. E isso não está acontecendo nas escolas. Há escolas que têm muitas dificuldades, mas oferecem formações. As meninas do AEE dão formações dentro da escola e também temos formações fora da escola. Essas formações têm que se estender para reuniões pedagógicas, para encontros com o coletivo da escola. O professor do 6º ao 9º ano é especializado numa única disciplina e ele também precisa começar a se formar. Não é chegar na sala e dar aula de Português, de Matemática, de História ou Geografia, e não querer saber de nenhuma necessidade especial, não se preocupar com essas outras coisas. O professor do 1º ao 5º ano não teve tempo de se preparar para receber o aluno do AEE depois que a LDB determinou que esses alunos viessem para a escola. Já os professores do 6º ao 9º ano tiveram mais tempo, porque os alunos ainda iriam cursar o 1º, 2º, 3º, até chegar ao 5º. Então, os professores do 6º ao 9º ano tiveram bastante tempo para fazer todas as capacitações possíveis. Assim mesmo, esses professores não se prepararam. Eles só querem ter turmas homogêneas, chegar na sala de aula e jogar conteúdo e acabou. A gente ainda encontra professores que não estão preparados para trabalhar com essas crianças, apesar de sabermos que todos nós temos que estar preparados. Precisamos cobrar essa formação da secretaria do Governo Municipal e até mesmo do Governo Federal.

Professor P1 - Professor P2 - Professor AEE

O problema está em como o professor ensina ou em como o aluno está aprendendo? Eu penso que o foco maior da nossa profissão não é aprender a ensinar, é aprender como a pessoa aprende. Que método esse professor está usando? O método tradicional? É um método que está conseguindo atingir a todos os alunos? Será que essa dificuldade é só desse aluno? Porque o problema às vezes não está só no aluno. Pode também estar no professor. O que mais tem se falado ultimamente é na Inclusão do aluno com deficiência, com dificuldade na escola de ensino regular. Mas em que momento estamos visando também a Inclusão do professor? Por que tem cursos, eles disponibilizam cursos para professores on-line e tudo, mas é uma coisa facultativa. Então o professor Pedro deveria procurar uma formação para atender esse aluno. Ele precisa se especializar nessa dificuldade do aluno para poder atender à necessidade dele. Ele não sabe qual é a dificuldade do aluno quando diz: Acho que ele tem algum problema e fica só me olhando o tempo todo. Eu não sei se o professor Pedro teria um método para ajudar esse aluno, mas o aluno precisaria de um professor diferente do que veio para aula de Português. E aí a direção nem poderia cobrar isso do professor Pedro porque ele não veio para dar uma aula só para esse aluno “especializado”. É por isso que a gente fala que não tem um apoio. Vem um professor para dar aula para 50 alunos, e tem 2 ou 3 alunos que não vão conseguir acompanhar os outros. Se ele foi preparado para ensinar para todos os alunos ele precisa de uma formação. Só que nem todos os professores estão preparados para isso. Acho que o professor Pedro não teve nenhuma formação. Avaliar com a coordenação pedagógica se é necessário um trabalho de formação não só com o professor Pedro, mas com todos os professores.



Questão

6

Marília dá aula em um 2º. ano/série e tem uma aluna cega que sabe usar o soroban (ábaco). Marília precisa de apoio para ensinar a tabuada para essa aluna.

Na sua opinião quem ela deveria procurar para obter esse apoio? Por quê?

Questão 6

Marília dá aula em um 2º. ano/série e tem uma aluna cega que sabe usar o soroban (ábaco). Marília precisa de apoio para ensinar a tabuada para essa aluna.

Na sua opinião quem ela deveria procurar para obter esse apoio? Por quê?

110

QUESTÃO 6

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO NAS CATEGORIAS

a) *A Coordenação Pedagógica e/ou Professor de Matemática*

Consiste na indicação do professor de matemática e do Coordenador Pedagógico da escola que seja sugerido um apoio ao professor do 2º. ano ensinar tabuada para a aluna. Os professores de Matemática, pois as trocas de experiências ajudam os professores no seu dia a dia. Caso os professores tivessem o conhecimento necessário para ajudar pediria formação especializada para a Orientação Pedagógica e para a Secretaria de Educação. A professora de Matemática, a professora do AEE ou uma professora que tenha mais facilidade podem apoiar a professora. É sempre indicado que a coordenação pedagógica seja procurada para que juntos com o professor de AEE possam procurar um método para a criança evoluir. O professor de Matemática que trabalhe com materiais concretos podem apoiar o professor. A coordenação pedagógica pode auxiliar o professor, mas nem sempre estão preparados. Procurar o centro de formação continuada. O coordenador pedagógico é o primeiro que deve ser procurado, caso ele tenha dúvidas, deve buscar ajuda com o professor do AEE. A coordenação pedagógica é a principal responsável pelo apoio ao docente. Deveria pedir ajuda da coordenação pedagógica e também do Departamento de Educação Especial que assessora as escolas. A professora Marília junto com a professora do AEE devem procurar o coordenador pedagógico e o orientador da escola

b) *Apoios externos à escola*

Diz respeito a busca de apoio externo de especialistas em deficiência visual para desenvolver em parceria com o professor de AEE e o professor da escola comum e, se necessário, o gestor e o coordenador pedagógico uma

maneira adequada para ensinar tabuada para a aluna. Em caso de atender as questões de deficiência visual, o município tem profissional específico para realizar acompanhamento nas escolas, inclusive realizar orientação ao professor. Professor mais experiente e os profissionais do Centro de Apoio a deficientes visual. O professor deve buscar parcerias com o Coordenador Pedagógico, com o professor do AEE, se ele souber usar este material, ou até mesmo buscar ajuda fora para estabelecer parcerias necessárias a fim de melhor atender o aluno. Professor de apoio à inclusão. A escola especializada pode auxiliar o professor. A equipe gestora pode propor formas alternativas de ação para apoiar o professor caso o professor do AEE não tenha formação adequada para o atendimento. Procurar outras instituições. Os professores devem estudar e também pesquisar pela internet. O professor do apoio também pode orientar o professor. Ação conjunta entre os professores do AEE, auxiliares e professor da classe comum resulta num bom trabalho junto ao aluno com deficiência. Parceria com a gestão e coordenação pedagógica é necessária, pois potencializa as ações do professor do AEE. O professor deve ser o primeiro a ser o apoio da aluna. Mas pode também buscar ajuda, e para isto há muitas possibilidades: buscar ajuda com outros professores, com grupos e também com professores do AEE. Pode-se também buscar ajuda de pessoas cegas. A supervisora pedagógica.

c) *Protagonismo do Professor do AEE*

Consiste em respostas que não correspondem ao papel do professor de AEE. A professora do AEE, ao trabalhar com o aluno no contra turno o ajuda a aprender. O professor do AEE preenche as lacunas deixadas pelo professor do Ensino Regular. A professora do AEE está capacitada para dar suporte ao professor da classe comum. A professora do AEE está preparada para auxiliar o professor no trabalho junto às pessoas com deficiência. É preciso diminuir a separação existente entre as práticas e recursos do AEE e os recursos e práticas da sala de aula regular. O professor do AEE pode apoiar o professor da turma e também buscar ajuda de um “intérprete de Braille”. AEE para diagnosticar o melhor método de ensino. Tal fato não possibilita que o professor do AEE exerça sua função de orientar os professores na utilização de recursos adequados ao trabalho pedagógico com os alunos com deficiência.

d) *Sem relação com a questão*

Corresponde àquelas que não têm nada a ver com o assunto da questão. A professora de matemática porque conhece o Soroban. O professor tem muitos alunos com deficiência que não têm laudo, e pelo fato dele não ser especialista, ele deve buscar ajuda com inúmeras pessoas para poder melhor atender este aluno. A escola precisa proporcionar encontros para viabilizar a todos a apropriação de saberes e práticas realizadas na escola, relativos aos alunos com deficiência porque o aluno é da escola e não de um único professor. Isto colaboraria para superar o medo e o preconceito ainda existente em alguns de seus profissionais. O professor ser pesquisador. A professora do AEE trabalha nas escolas para atendimento a alunos com deficiência intelectual. O professor deve considerar também a possibilidade de construir conhecimentos a partir dos saberes dos alunos. É necessário um professor auxiliar para dar apoio à professora da classe comum porque ele tem outros para se dedicar. Ao se tratar de Educação Inclusiva é preciso entender que isto requer ações de muitos atores e decisões políticas claras. O professor do AEE deve buscar continuamente formação para ajudar os alunos. A sala de recursos multifuncional tipo II é a mais adequada para o atendimento ao deficiente visual. O AEE não realiza reforço escolar. O AEE por ser realizado no contra turno não viabiliza o encontro entre os professores do AEE e os da classe comum.

RESULTADOS QUANTITATIVOS

Percentual de ideias centrais relacionadas à questão 6 – Marília dá aula em um 2º. ano/série e tem uma aluna cega que sabe usar o soroban (ábaco). Marília precisa de apoio para ensinar a tabuada para essa aluna. *Na sua opinião quem ela deveria procurar para obter esse apoio? Por quê?*

BRASIL

Tabela 43

6 - Na sua opinião quem ela deveria procurar para obter esse apoio? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - A coordenação pedagógica e/ou professor de matemática	54	18,37%	20,69%
B - Apoios externos à escola	21	7,14%	8,05%
C - Protagonismo do professor do AEE	194	65,99%	74,33%
D - Sem relação com a questão	25	8,50%	9,50%
Total de respostas	294		
Total de entrevistados	261		

Figura 38



REGIÃO NORTE

Tabela 44

6 - Na sua opinião quem ela deveria procurar para obter esse apoio? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - A coordenação pedagógica e/ou professor de matemática	11	23,40%	25,00%
B - Apoios externos à escola	1	2,13%	2,27%
C - Protagonismo do professor do AEE	34	72,34%	77,27%
D - Sem relação com a questão	1	2,13%	2,27%
Total de respostas	47		
Total de entrevistados	44		

Figura 39



REGIÃO NORDESTE

Tabela 45

6 - Na sua opinião quem ela deveria procurar para obter esse apoio? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - A coordenação pedagógica e/ou professor de matemática	10	13,51%	15,15%
B - Apoios externos à escola	6	8,11%	9,09%
C - Protagonismo do professor do AEE	48	64,86%	72,73%
D - Sem relação com a questão	10	13,51%	15,15%
Total de respostas	74		
Total de entrevistados	66		

Figura 40



REGIÃO CENTRO-OESTE

Tabela 46

6 - Na sua opinião quem ela deveria procurar para obter esse apoio? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - A coordenação pedagógica e/ou professor de matemática	8	21,05%	24,24%
B - Apoios externos à escola	2	5,26%	6,06%
C - Protagonismo do professor do AEE	23	60,53%	69,70%
D - Sem relação com a questão	5	13,16%	15,15%
Total de respostas	38		
Total de entrevistados	33		

Figura 41



SUDESTE

Tabela 47

6 - Na sua opinião quem ela deveria procurar para obter esse apoio? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - A coordenação pedagógica e/ou professor de matemática	12	16,22%	18,75%
B - Apoios externos à escola	7	9,46%	10,94%
C - Protagonismo do professor do AEE	52	70,27%	81,25%
D - Sem relação com a questão	3	4,05%	4,69%
Total de respostas	74		
Total de entrevistados	64		

Figura 42



REGIÃO SUL

Tabela 48

6 - Na sua opinião quem ela deveria procurar para obter esse apoio? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - A coordenação pedagógica e/ou professor de matemática	13	21,31%	24,07%
B - Apoios externos à escola	5	8,20%	9,26%
C - Protagonismo do professor do AEE	37	60,66%	68,52%
D - Sem relação com a questão	6	9,84%	11,11%
Total de respostas	61		
Total de entrevistados	54		

Figura 43



RESULTADOS QUALITATIVOS

a) A Coordenação pedagógica e/ou professor de matemática

Dirigentes

CPM

Ela pode procurar um professor de matemática, trazer materiais 'concretos', que a aluna possa trabalhar, manipular. Pode também procurar pessoas cegas para trabalhar junto. Porque a professora de AEE não alfabetiza em Braille nem vai alfabetizar com o soroban - alfabetizar no sentido da Matemática - para trabalhar a tabuada. Ela não vai alfabetizar, mas vai ensinar o uso do Soroban para que o aluno cego consiga aprender lá na sala de aula e o professor consiga trabalhar com facilidade a Matemática através do uso do Soroban. O AEE pode também ser articulado com a coordenadora pedagógica para juntas fazerem um estudo de caso para ver a dificuldade apresentada, que recursos

concretos seriam indicados para que ela conseguisse vencer e aprendesse a tabuada.

CPE

A professora Marília, junto com a professora de AEE, poderia buscar alternativas com o coordenador pedagógico da escola e até mesmo com os colegas de trabalho. Acredito que a coordenação pedagógica juntamente com a professora do AEE poderia trabalhar de forma eficaz com essa aluna. A professora da sala de aula poderia usar outros materiais, não só o Soroban, e fazer algum trabalho para conseguir passar o conteúdo da sua disciplina. Portanto, primeiro a professora deveria recorrer à escola. Se na escola não tiver pedagogo o coordenador pedagógico poderia auxiliá-la. Seria bem bacana a gente fazer tematização de práticas, a gente levar uns estudos de caso, a gente ir problematizando isso no grupo mesmo.

GESTOR

Deveria ter o apoio da coordenadora pedagógica, porque a coordenadora ia achar meios, métodos, para trabalhar com essa aluna, já que a coordenação pedagógica, tem

que estar sempre atenta a toda parte de aprendizagem. A supervisão também poderia apoiar essa professora. O primeiro passo seria esse, porque todas as crianças nessa idade precisam ter contato com o concreto, com o semi-concreto, então é necessário que o coordenador pedagógico oriente a professora para isso. Mas se a coordenação pedagógica não souber resolver o problema eu também não sei como ajudar. Então vamos buscar na Semed um treinamento, esclarecimento maior, materiais para trabalhar com esse conteúdo. Poderia orientar também que Marília procurasse Centros de Formação Continuada para os professores. A professora pode falar com a equipe pedagógica também e se a escola tem Atendimento Educacional Especializado deve procurá-lo porque são as pessoas teoricamente mais preparadas e com os recursos para ajudar Marília. Acho que também é válido que antes de procurar o coordenador, ela poderia procurar a gestora da escola. Porque eu, enquanto gestora, gosto muito de dividir esses anseios, essas dificuldades com os meus professores.

Professor P1

Ela tem que pedir ajuda para coordenação pedagógica da escola. Poderia também procurar o professor de Matemática. No entanto, se a professora quiser aprender o uso do ábaco terá que recorrer ao departamento da Educação Especial que assessora as escolas para pedir ajuda ou até mesmo buscar apoio de uma professora de 1º. ou 2º. ano que domina o uso do ábaco. A gente sabe que existem pessoas que dão conta e sabem utilizar esse material. Ela tem também de procurar apoio na escola com a gestão e o pedagógico. Se eles não estiverem em condições de resolver o problema deve procurar outras instâncias até que o caso seja solucionado. Certamente esta criança tem um laudo e, tendo um laudo ela tem direito a um professor de apoio.

Professor P2

Deveria procurar a professora de Matemática. Porque é sobre tabuada, e de repente a professora de matemática dá aí alguma sugestão, alguma atividade que ela possa trabalhar com essa criança. Porque quem tem as melhores estratégias para ensinar Matemática é o professor de Ma-

temática. Então eu vejo assim, que ela deveria procurar o professor de Matemática, juntamente com o professor da sala especial, para que ambos chegassem a uma estratégia que facilitasse, ou seja, que conseguisse alcançar essa aluna, conseguisse leva-la a entender. Além do professor de Matemática, ela poderia procurar ajuda com colegas da própria rede. É trocando ideia com os colegas que a gente cresce. Seria bom formar grupos de estudos, formar grupinhos aonde um vai ajudando o outro. Então eu pediria primeiro para colegas da minha própria escola, e daí sim, se ninguém conseguisse me ajudar, eu pediria alguma formação mais especializada para orientação pedagógica ou para Secretaria da Educação. Ainda poderia recorrer ao núcleo gestor porque ele tem como solicitar da Secretaria da Educação uma ajuda ou até mesmo uma formação continuada para ajudar a aluna na sala.

Professor AEE

Primeiro a professora deveria buscar ajuda junto ao coordenador pedagógico da escola. Caso permaneça a dúvida, buscar informações junto ao professor do AEE porque aí os dois vão buscar meios e soluções para esse problema da menina. A coordenação da escola tem a função de orientar as dificuldades que dos professores. Deve buscar apoio na coordenadora pedagógica, na professora do AEE ou ela sozinha pode elaborar estratégias. Por quê? A primeira dificuldade que um professor tem é assim: Sabe quando você acorda toda manhã pega o seu uniforme de trabalho coloca e vai trabalhar? E de repente quando acorda em uma bela sexta-feira e você esqueceu-se de lavar todos os seus uniformes e tem que pensar com que roupa vai trabalhar? Às vezes eu considero estratégias e métodos meio parecidos com isso. Você está acostumado com aquele método, aplicar aquele método daquele mesmo jeito, e você não se atenta que aquele recurso que utilizou para trabalhar com aquele método, aquela estratégia, ele pode ser aplicado diferente. Opa, peraí [sic], se eu uso o Soroban, o ábaco, para somar, opa, a multiplicação é um resumo da adição. Então eu vou usar o Soroban também para multiplicação. E às vezes o professor não se atenta muito a isso. Aí, você chega para ele e fala assim: Olha, mas se a gente pegar 2 dezenas, que aparecem 2 vezes, dá quanto? Dá 20. Duas vezes o 10

dá 20. É o mesmo recurso com uma metodologia diferente. Aí ele abre aqueles olhões enormes e diz assim: Nossa, é verdade, eu não tinha pensado nisso. Então, eu vejo assim, é um pouquinho da mudança de método e de estratégia. Você sempre fica buscando a resposta em alguém que sabe mais que você. Quando na verdade você pode buscar em você mesmo. É só mudar um pouquinho o seu olhar, mudar um pouquinho aquele seu costume. E trabalhar de forma diferenciada. Mas isso é coisa que eles vão aprendendo com o tempo. A professora também poderia aprender o ábaco porque é um material que pode ser trabalhado com a sala toda.

b) Apoios externos à escola

Dirigentes

CPM

Se no município tiver o CAP que é o Centro de Apoio Pedagógico para as pessoas com deficiência visual eu indicaria para procura-lo porque o CAP já está preparado. E nós temos os professores do AEE para poder orientar a professora como trabalhar com essa aluna com o Soroban.

CPE

Eu diria que a própria Secretaria deveria disponibilizar alguém para trabalhar com essa aluna na sala de aula e que a coordenação deveria ter conhecimento do Soroban para dar um auxílio à professora. Os próprios colegas também podem ser um apoio porque ela só é cega. Ela ouve, então pode-se ensinar com o próprio ábaco, com o próprio soroban. O professor pode buscar também conhecimento em outras instituições ou curso de capacitação na Secretaria de Educação.

GESTOR

A professora deveria procurar um centro de apoio visual da rede que daria esse apoio, assim como uma formação. Ou ainda acionar uma equipe, que vem até a escola e dá todos os subsídios para poder trabalhar com essas

crianças. Eu poderia ainda aconselhar a professora Marília a procurar as escolas que tem salas para deficientes visuais. Pode procurar ajuda com especialistas da saúde, com gerência de Inclusão para ampliação, adaptação de livros. Sempre que a gente precisa eles nos auxiliam. E ainda um curso de qualificação.

Professor P1

A professora deveria procurar o CAP e também a professora de AEE. Porque tem esse curso que dá todo o suporte, ensina a mexer com métodos, ensina a produzir o material necessário. Poderia ainda procurar a escola especializada em cegueira, porque lá eles vão encontrar uma solução. Sempre a gente está reportando ao AEE. Porque todas as professoras do AEE, a gente tem percebido que elas têm ajudado muito.

Professor P2

Não tem sujeito.

Professor AEE

A professora deveria procurar o CADV, que é o centro que trabalha com deficientes visuais. Então, lá, tem os professores de todas as disciplinas que vão trabalhar esses conteúdos com Marília. Porque o professor da sala de aula como é hoje ele não vai dominar Soroban, não vai dominar esse trabalho. Então, a gente encaminha para o CADV ou traz o CADV aqui para fazer esse processo junto com o professor para ele aprender, e esse encaminhamento é feito pela professora de AEE. A gente tem uma parceria com o CADV. O aluno com deficiência visual é atendido na escola e no CADV. Quando o professor da escola precisa o professor do CADV vem aqui. Ele ensina alguma coisa para o professor da escola. Mas a gente gostaria que sempre esse aluno estivesse lá, porque o apoio vai ser maior para ele. Porque o AEE não é reforço e o CADV vai fazer esse trabalho de trabalhar os conteúdos de sala de aula, como se fosse um reforço mesmo. Já o CADV em outros municípios trabalha

apoiando com seus especialistas as professoras da sala de aula e também as do AEE.

Acho que a família tinha que ajudar também nesse processo de ensinar a tabuada e se o professor do AEE não tiver formação para trabalhar com alunos cegos temos o CAPI que trabalha com esses alunos. Poderia também aconselhar a procurar uma professora especialista em Braille. No nosso município nós temos o Centro de Atendimento Multidisciplinar que nos dá esse apoio, para nós professores do AEE, para a professora da sala de aula, para a aluna e para a família

c) Protagonismo do Professor do AEE

Dirigentes

CPM

Penso que a aluna, em primeiro lugar, ela tem que ajudar a professora Marília a entender o uso do Soroban, e eu acho que o professor do AEE é corresponsável para que de fato o recurso sirva para a aluna na sala de aula comum. Indicaria também o professor do AEE, porque ele está sempre fazendo formações, obtendo informações e, caso esse professor não saiba, procurar a direção para ver com a Secretaria da Educação se o município pode disponibilizar cursos para os professores. Sugiro que a colega procure a Sala Multifuncional Tipo 2, alguém que tenha domínio do uso do soroban ou algum profissional do CAP. Entendo que o professor de AEE está apto a fazer isso. Porque uma das funções de AEE é dar esse suporte para as crianças que têm dificuldade. Se existe um parceiro, como nós temos aqui é o de LIBRAS e o ADA, que tem desenvoltura, que poderia também fazer um reforço, uma questão de apoio. O professor do AEE estaria muito apto a atender essa criança e trocar essas informações com o próprio professor de sala de aula, e mostrar que o Soroban é muito bom de aprender. A professora precisa mesmo de alguém que lhe ensine a utilizar o soroban. E de alguém que pudesse passar essa orientação para a aluna. Essa professora que está dentro da escola tem essa função. Ela tem de dominar todos os instrumentos de apoio, todas as ferramentas para que a

aprendizagem ocorra com qualidade, que a criança avance. Ela vai auxiliar a professora da sala regular a usar o Soroban e ensinar para a turma toda. Não vai ser só para a aluna que é cega. Todos vão ser beneficiados com essa aprendizagem. Porque a professora do AEE tem que estar apta para mostrar caminhos ao professor do ensino regular. Eu sempre coloco que o professor do AEE é um coordenador da educação inclusiva porque ele está sempre buscando informações e estudando, para incluir a criança na escola regular. Ele tem que ser um disseminador de conhecimento para o vigia da escola, para o porteiro da escola, para o gestor da escola. E para professor da sala regular principalmente. A professora do AEE vai ajudar Marília a se sentir segura e ter subsídios para ensinar a criança. Isso é um exemplo de articulação entre o professor do AEE com o professor da sala de aula. E o professor do AEE deve oferecer a formação para os professores de sala comum. Agora, se a professora do AEE não foi capacitada a ensinar o uso do soroban, ela terá que procurar uma instituição para aprender ou fazer esse trabalho por ela.

CPE

Como coordenadora pedagógica da escola eu indicaria o Atendimento Especializado (AEE). Porque ele vai saber, vai separar junto com a professora a melhor maneira para ensinar a tabuada para esse aluno, capacitar Marília para agir junto com o professor de AEE. Na verdade, a gente tem professores do AEE que lidam diretamente com a inclusão dos deficientes visuais. Então, ele já conhece o Soroban, ele já conhece mesmo o Braille, e então ele vai conseguir dar esse apoio mais garantido, mais eficiente. Eu penso que nesse caso é o professor do apoio, eu acho que a coordenadora pode participar junto, mas às vezes a gente não tem o conhecimento técnico que o professor especialista tem. Também poderia dizer que se a coordenação da escola e a professora do AEE não derem conta a gente vai correr atrás da Secretaria da Educação e de outras Secretarias para ajudar essa professora.

GESTOR

Enquanto gestor indicaria o professor do AEE porque é muito viável essa parceria. E os professores do AEE estão preparados para essa função. Ele já tem uma formação,

trabalha com muitos jogos e, automaticamente, já tem esse conhecimento para poder passar para a gente, para o professor. A professora também tem que procurar a Secretaria de Educação do município para ver se tem um profissional desses que saiba dominar o soroban para dar apoio. No caso da Sala do AEE, o professor nesse sentido ele teria que dominar, pelo menos ter um domínio da técnica do SOROBAN, ter um conhecimento para auxiliar a professora. Está correto indicar o departamento de AEE que está preparado para dar esse auxílio, seja com atendimento paralelo à criança, ou seja, no caso aqui, se precisar, do auxílio direto do lado da criança, que é o mais normal. É um direito da criança. Então o departamento tem que lutar para ter aquela pessoa ao lado para estimular a criança. Ainda mais que a criança sabe usar o material. Ela precisa só de um auxílio de alguém que apoie. Porque a professora, às vezes, atendendo a sala toda consegue sozinha. No caso de não ter a sala do AEE, no mínimo a pessoa que poderia ajudar Marília nesse momento seria o professor de apoio ou educador-cuidador. Eu acho que ele é essencial na escola. Ou ainda uma escola que não tem sala de AEE pode recorrer ao professor de reforço que acaba ajudando, de alguma forma, esses alunos de difícil aprendizagem. A Marília pode procurar ajuda com especialistas da saúde, também.

Professor P1

A gente tem a professora do AEE, tem o professor auxiliar e os três acabam desenvolvendo um bom trabalho. Mas tem um monte de possibilidades: pode ser eu, pode ser um colega, porque nada melhor que um colega que está ali na mesma situação. Se a escola tiver professor de AEE deve pedir para ele também ajudar. Assim, uma vez por semana para me ajudar nisso. Acho que é isso: a gente não tem muitas opções. O professor hoje tem muita coisa para fazer, e muitos alunos, e muitos deles aparecem sem diagnóstico. Nós temos hoje nas escolas muitas crianças com várias deficiências e o professor na sala de aula precisa fazer essa intervenção o tempo todo. Eu tenho na minha sala vários que precisam de ajuda e eu não sou especialista. Eu acho que esse é o caminho: procurar ajuda, pedir, ir lá na sala de recursos incomodar. Vem aqui, me ajuda, eu preciso de ajuda, me ajuda com esse aluno, vamos olhar para ele,

olhar mesmo. Precisa olhar para aquele aluno e falar “me ajuda”. Porque esse professor vai procurar estratégias metodológicas adequadas para isso. A professora do AEE é a que tem a maior capacidade dentro da escola para dar esse tipo de orientação. Na sala do AEE ficam disponibilizados alguns materiais que a gente não tem na sala comum e se no AEE não tem, temos que buscar na Semed o que é preciso. Na sala de AEE os professores são especializados para trabalhar com material concreto e é onde a tabuada pode ser ensinada para essa criança. Lá elas têm uma metodologia diferenciada da nossa para trabalhar com essa criança.

Professor P2

Ela deveria procurar a professora do AEE para tomar as devidas providências. Porque é a pessoa responsável em situações assim. Se o professor da disciplina não conseguiu ensinar a menina, aí ele terá que procurar ajuda no AEE. Porque é esse professor que vai dar o suplemento e o complemento para essa menina aprender a tabuada. Esse instrumento, o ábaco, é um instrumento que pode ser construído, não pode? Então, Marília poderia, dentro dos recursos dela, construir e lidar com esse aluno dessa forma. Agora, se ela por ela mesma não pudesse, ela poderia recorrer. A escola dela tem o AEE? Então recorra aos profissionais dessa área que certamente eles vão estar aparelhados para ajudá-la nessa situação. Mas basicamente eu acho que ela teria que recorrer ao AEE para aprender a mexer com o ábaco e aí poder trabalhar com essa criança. E às vezes recorrer ao professor de Matemática também porque ele tem conhecimento a respeito.

Professor AEE

Indicaria a professora de AEE, que é um professor especializado nas deficiências e com certeza vai saber usar o Soroban. A rede tem a disponibilidade do profissional da deficiência visual. Ele tem todo o preparo para fazer esse tipo de trabalho. Nas escolas, fixas estamos nós da deficiência intelectual. Mas quando são casos específicos como no caso da deficiência visual desse aluno, faz-se a solicitação e esse profissional vem fazer o acompanhamento para ajudar justamente nessas questões que ela necessita. E essa

professora do AEE do DV ela tem que dar essa formação para a professora da sala comum porque ela não é obrigada a saber usar o Soroban ou a máquina de Braille, qualquer coisa que seja. Pode também colocar uma pessoa do AEE ou mesmo do DV que dê esse apoio dentro da sala de aula da área de inclusão, para fazer essa ação colaborativa com a professora ou aplicar esse Soroban na sala. Essa criança tem o direito de aprender com os demais. Essa é uma das funções do AEE – dar suporte ao professor da sala regular na manipulação, na confecção, no uso de recursos diferenciados. Nós aqui temos a Sala de Recurso Multifuncional Tipo 1, mas é a do Tipo 2 que trabalha mais essa questão. Então nós não temos esses materiais aqui, na nossa Sala de Recursos. Como professora do AEE teria que buscar, num centro de apoio especializado que produz material e instrui os professores no uso deles. Diria mesmo que ela deve procurar o professor do Atendimento Educacional Especializado, para que juntas descubram qual é a melhor forma para a aluna adquirir o conceito da tabuada. E, além disso, existe o apoio de um intérprete do Braille, que é um profissional que pode ajudar. Outra solução ainda seria procurar um especialista em Braille ou trabalhar oralmente com a aluna. A professora precisa de orientação para trabalhar a tabuada com o soroban. Se ela não tiver conhecimento do Soroban o professor do AEE vai orientar onde a professora poderá buscar esse conhecimento. O professor do AEE tem conhecimento das tecnologias assistivas para trabalhar com um aluno cego. Então, com certeza esse aluno cego deve ir ao AEE no contra turno para um atendimento especializado onde ela vai aprender a utilizar, por exemplo, o soroban. Ela também teria que ter uma cuidadora para ajudá-la individualmente. Porque em quase todos os momentos é necessário que ela seja atendida no individual, para ter as explicações, tirar a sua dúvida e desenvolver o processo escolar. Eu solicitaria uma cuidadora permanente para essa aluna.



Questão

7

Para os profissionais:

Você percebeu alguma diferença na sua vida profissional depois do AEE? Por quê?

Para os pais:

Você percebeu alguma diferença no seu filho depois que ele passou a frequentar a escola comum que tem o Atendimento Educacional Especializado? Por quê?

Questão 7

Para os profissionais:

Você percebeu alguma diferença na sua vida profissional depois do AEE? Por quê?

Para os pais:

Você percebeu alguma diferença no seu filho depois que ele passou a frequentar a escola comum que tem o Atendimento Educacional Especializado? Por quê?

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO NAS CATEGORIAS

a) *Percepção de Ganhos na Vida Profissional e Pessoal*

Diz respeito a sentimentos dos entrevistados (professores em geral e professores do AEE, coordenadores e gestores escolares). Refere a mudanças de conceber e de praticar o AEE. Refere também a mudanças sentidas na vida pessoal desses profissionais. Superação do medo e das dúvidas. Mais segurança para que pudesse atuar na coordenação pedagógica. Mudou o olhar a respeito das pessoas com deficiência, passou a percebê-las como pessoas que tem capacidade e que podem construir sua autonomia. Sempre há algo a fazer por elas. Acesso a conhecimentos sobre alunos com deficiência. Ajudar os alunos da escola e outros alunos. Estudar muito e por isto mudar o olhar a respeito do ser humano. Que todo ser tem algo a oferecer e aprender. Perceber que precisam receber de braços abertos todas as crianças. Estar constantemente estudando. Mudou sua visão de Educação Especial. Passou a perceber que a Educação Especial pode promover mudanças na educação como um todo. Acredita que teve acesso ao cargo de chefe de setor por seus conhecimentos e posicionamentos a respeito da Educação Especial. Perceber que o professor nunca está pronto e que precisa sempre buscar novos saberes em diferentes referenciais teóricos. O Apoio do professor do AEE o ajudou a ter novos conhecimentos.

A pessoa muda e passa a agir para ajudar as pessoas com deficiência. Perceber que a escola regular oferece maiores e melhores possibilidades para que uma criança com deficiência se desenvolva do que uma escola especial. Aprendeu muito com o profissional do AEE. Aprendeu muito com as crianças com deficiência; é uma pessoa apaixonada pela inclusão. Mudou a sua prática. Fazer descobertas importantes. Sentiu seu trabalho mais valorizado. É possível conhecer a criança a fundo e saber o que ela precisa. Percebeu que as crianças podem ser incluídas, que elas têm mais potencial do que se imagina. Como diretor passou a ter mais vontade de contribuir com a inclusão. Fortalece a sua prática. Passou a ter convivência com pessoas com deficiência. Os professores da classe regular precisam ter formação específica em Educação Inclusiva. Mudou sua visão a respeito do ensino e da aprendizagem. Passou a refletir mais sobre sua profissão e própria vida. Olhar não só mais pedagógico, mas também mais humano. Com o AEE passou a ter a quem recorrer. O AEE lhe deu novo ânimo na vida. Ajuda a aprender sempre, pois cada aluno é um desafio. Olhar mais cuidadoso e mais especial, inclusive com os que não têm necessidades específicas. Percebeu que não pode excluir o aluno com deficiência, necessitando apenas trazer atividades diferenciadas para eles. O AEE fez com que o aluno passasse vencer a timidez, pois passou a participar dos projetos da escola. Percebeu maior procura por parte dos professores por formação em Educação Inclusiva. Percebeu maior envolvimento dos professores. Passou a ter mais acesso a formação continuada. Aprendeu a valorizar os pequenos avanços dos alunos. Sentiu-se uma pessoa mais humanizada. Reconhecer que as pessoas têm ritmos diferentes de aprendizagem. O ajudou a superar o preconceito. Modificou em questão das práticas, de seus métodos, de seu planejamento. Proporcionou maiores oportunidades profissionais, pois frequentemente vem sendo convidada a fazer palestras. Passou a ver a inclusão e acreditar que as coisas são possíveis. Verificou que o AEE não é reforço escolar. Ficou mais companheira, mais atenta. Passou a enxergar a educação de outra forma. O AEE trouxe mais segurança para a escola, porque o especialista dá suporte aos professores realizando explicações e pesquisas. O AEE proporcionou o privilégio de conviver com pessoas que coadunam do seu pensamento. O trabalho dos professores do AEE orienta os demais profissionais da escola a respeito de suas práticas com alunos com deficiência, além de facilitar o acesso dos alunos na escola. Ao fazer o curso de AEE tornou-se mais curiosa.

b) *Não Percebeu Ganhos na Vida Profissional*

Refere-se ao posicionamento dos entrevistados que não sentiram mudanças provenientes da prática do AEE, seja nos âmbitos profissional e pessoal. Não percebeu mudança em sua vida profissional depois do AEE. Percebeu mudança após a chegada dos alunos com deficiência em sua sala de aula.

c) *Percepção de Ganhos Relacionados ao Aluno, Professor e Pais*

Consiste na opinião de pais e professores a respeito dos ganhos dos alunos/filhos com o AEE. A aluna começou a reconhecer aspectos da leitura e da escrita e melhorou muito na aprendizagem de Língua de Sinais. O aluno aprendeu com as diferenças ao estar na escola. O aluno agora está entendendo e fazendo melhor as atividades escolares. O aluno ficou mais calmo e passou a ter melhor desempenho na escola. Encontra na professora do AEE auxílio necessário quando precisa. O desenvolvimento do aluno foi percebido por seu neurologista. A filha teve grande desenvolvimento porque o AEE lhe proporcionou condições de ter os recursos necessários adaptados para que ela pudesse aprender. A filha aprendeu a ler, bem como aprendeu os demais conteúdos trabalhados. Seu filho aprendeu a falar, a brincar, a interagir com os demais colegas, sua rotina ficou menos rígida. Aprendeu até a fazer bagunça. Sua filha progrediu muito, conquistou independência, percebeu que mesmo tendo deficiência poderia realizar a mesma coisa que as demais crianças. Sua filha se aproximou mais da colega com deficiência. Depois que começou a frequentar o AEE seu filho está aprendendo a ler. Sua filha superou o

medo e aprendeu a lidar com as crianças com deficiência. Mudanças no seu ambiente familiar. O AEE significou a garantia de direito de seu filho ter o atendimento necessário ao seu desenvolvimento. Possibilitou que sua filha e os demais colegas da turma, pudessem conviver com as diferenças e com isto tornaram-se mais solidários e amigos dos colegas. Os filhos passaram a comportar-se como as demais crianças de sua faixa etária. Seu filho passou a cobrar-se mais a fim de que seja cada dia melhor. Passou a sentir que não estava mais sozinho. Sua filha não quer ir para o Ensino Regular, só quer ir para o reforço. Sua filha passou a ser capaz de fazer uma prova com consciência. A escola particular por não ter o AEE não proporcionou tanto desenvolvimento a seu filho quanto a escola pública que oferta este serviço. Deu uma sacudida em sua vida e pode aprender coisas.

d) *Não Percebeu Ganhos no Filho*

Consiste na posição dos pais que não perceberam ganhos nos filhos a partir do trabalho no AEE, explicando os avanços por outros meios. Não percebeu mudança em seu filho porque este não convive com crianças com deficiência que tem na escola. Não houve mudança no comportamento do filho. Não consegue perceber se o desenvolvimento de seu filho se deve a segunda professora da classe comum ou à professora do AEE. Não percebeu diferença em seu filho. Não pode afirmar que o desenvolvimento do filho se deve à Educação Especial, pois ele realiza tratamentos clínicos e aprendeu a ler com o esforço da professora, pois não havia o serviço do AEE.

e) *Sem Relação com a Questão*

Corresponde àquelas que não têm nada a ver com o assunto da questão. Nunca esperou que os outros lhe mostrassem o caminho, sempre buscou as melhores formas de atender seus alunos. A rede municipal oferta o AEE, mas a rede estadual não garante este direito. Os pais devem reivindicar o direito de que seus filhos tenham salas de recursos nas escolas, pois gestores e professores têm visão limitada a este respeito. Se o professor percebe algum problema encaminha para o AEE que pode encaminhar para a equipe multidisciplinar.

f) *Não Respondeu*

Não respondeu à questão. Não focou o AEE.

RESULTADOS QUANTITATIVOS

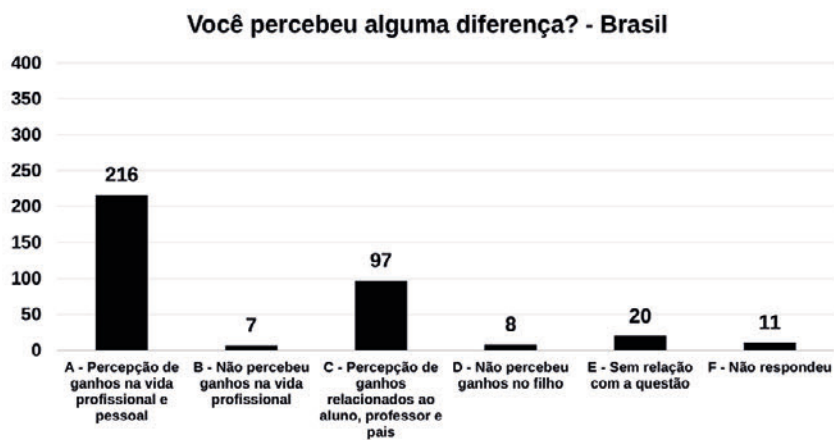
Percentual de ideias centrais relacionadas à questão 7 – **Para os profissionais:** *Você percebeu alguma diferença na sua vida profissional depois do AEE? Por quê?* **Para os pais:** *Você percebeu alguma diferença no seu filho depois que ele passou a frequentar a escola comum que tem o Atendimento Educacional Especializado? Por quê?*

BRASIL

Tabela 49

7 - Você percebeu alguma diferença na sua vida profissional depois do AEE? Por quê? Você percebeu alguma diferença no seu filho depois que ele passou a frequentar a escola comum que tem o Atendimento Educacional Especializado? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Percepção de ganhos na vida profissional e pessoal	216	60,17%	60,67%
B - Não percebeu ganhos na vida profissional	7	1,95%	1,97%
C - Percepção de ganhos relacionados ao aluno, professor e pais	97	27,02%	27,25%
D - Não percebeu ganhos no filho	8	2,23%	2,25%
E - Sem relação com a questão	20	5,57%	5,62%
F - Não respondeu	11	3,06%	3,09%
Total de respostas	359		
Total de entrevistados	356		

Figura 44

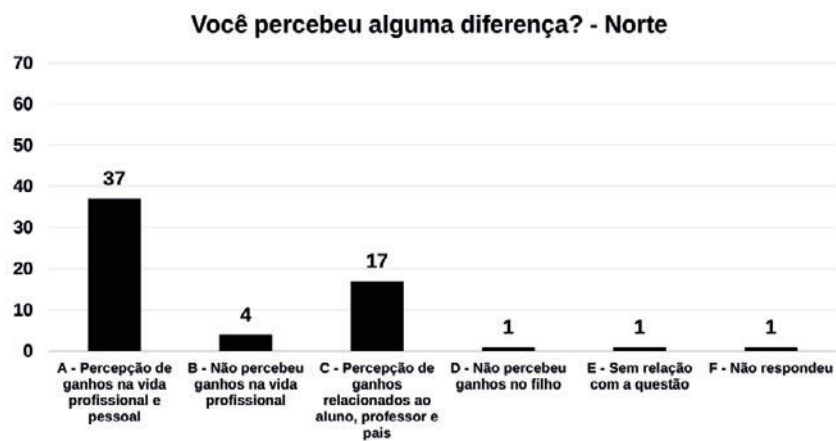


REGIÃO NORTE

Tabela 50

7 - Você percebeu alguma diferença na sua vida profissional depois do AEE? Por quê? Você percebeu alguma diferença no seu filho depois que ele passou a frequentar a escola comum que tem o Atendimento Educacional Especializado? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Percepção de ganhos na vida profissional e pessoal	37	60,66%	61,67%
B - Não percebeu ganhos na vida profissional	4	6,56%	6,67%
C - Percepção de ganhos relacionados ao aluno, professor e pais	17	27,87%	28,33%
D - Não percebeu ganhos no filho	1	1,64%	1,67%
E - Sem relação com a questão	1	1,64%	1,67%
F - Não respondeu	1	1,64%	1,67%
Total de respostas	61		
Total de entrevistados	60		

Figura 45

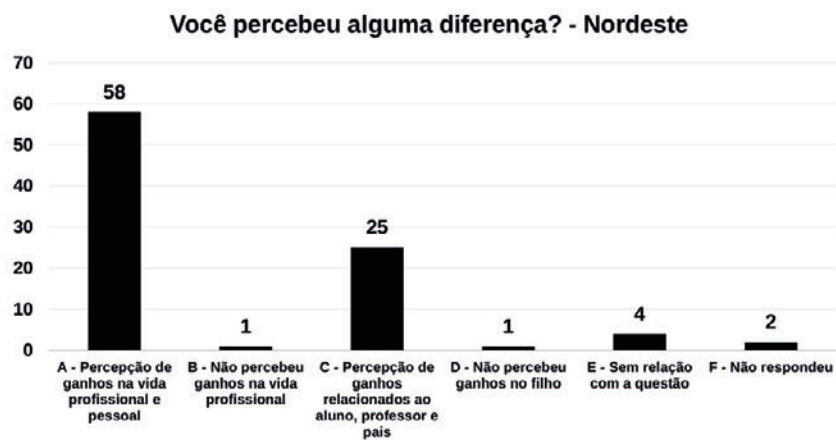


REGIÃO NORDESTE

Tabela 51

7 - Você percebeu alguma diferença na sua vida profissional depois do AEE? Por quê? Você percebeu alguma diferença no seu filho depois que ele passou a frequentar a escola comum que tem o Atendimento Educacional Especializado? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Percepção de ganhos na vida profissional e pessoal	58	63,74%	64,44%
B - Não percebeu ganhos na vida profissional	1	1,10%	1,11%
C - Percepção de ganhos relacionados ao aluno, professor e pais	25	27,47%	27,78%
D - Não percebeu ganhos no filho	1	1,10%	1,11%
E - Sem relação com a questão	4	4,40%	4,44%
F - Não respondeu	2	2,20%	2,22%
Total de respostas	91		
Total de entrevistados	90		

Figura 46

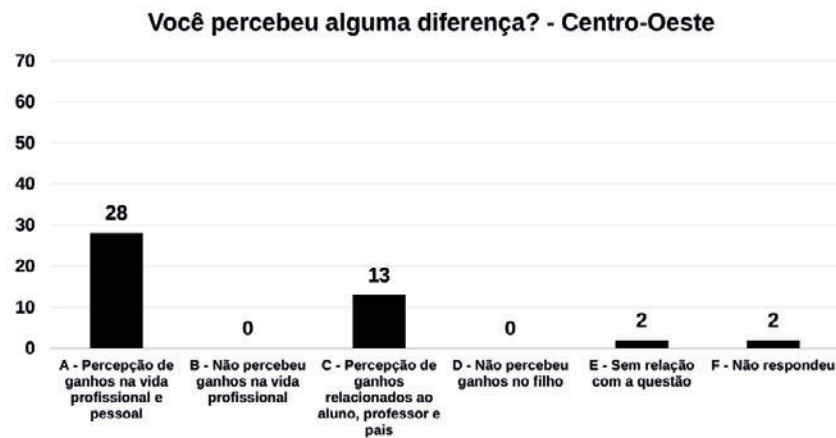


REGIÃO CENTRO-OESTE

Tabela 52

7 - Você percebeu alguma diferença na sua vida profissional depois do AEE? Por quê? Você percebeu alguma diferença no seu filho depois que ele passou a frequentar a escola comum que tem o Atendimento Educacional Especializado? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Percepção de ganhos na vida profissional e pessoal	28	62,22%	62,22%
B - Não percebeu ganhos na vida profissional	0	0,00%	0,00%
C - Percepção de ganhos relacionados ao aluno, professor e pais	13	28,89%	28,89%
D - Não percebeu ganhos no filho	0	0,00%	0,00%
E - Sem relação com a questão	2	4,44%	4,44%
F - Não respondeu	2	4,44%	4,44%
Total de respostas	45		
Total de entrevistados	45		

Figura 47

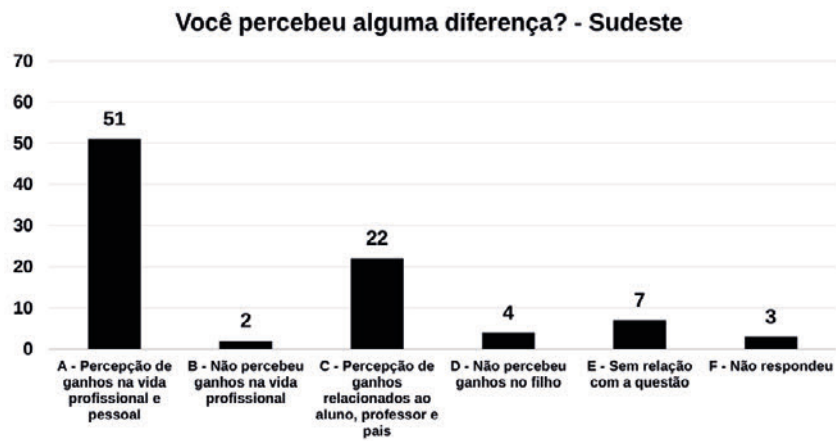


SUDESTE

Tabela 53

7 - Você percebeu alguma diferença na sua vida profissional depois do AEE? Por quê? Você percebeu alguma diferença no seu filho depois que ele passou a frequentar a escola comum que tem o Atendimento Educacional Especializado? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Percepção de ganhos na vida profissional e pessoal	51	57,30%	57,95%
B - Não percebeu ganhos na vida profissional	2	2,25%	2,27%
C - Percepção de ganhos relacionados ao aluno, professor e pais	22	24,72%	25,00%
D - Não percebeu ganhos no filho	4	4,49%	4,55%
E - Sem relação com a questão	7	7,87%	7,95%
F - Não respondeu	3	3,37%	3,41%
Total de respostas	89		
Total de entrevistados	88		

Figura 48



REGIÃO SUL

Tabela 54

7 - Você percebeu alguma diferença na sua vida profissional depois do AEE? Por quê? Você percebeu alguma diferença no seu filho depois que ele passou a frequentar a escola comum que tem o Atendimento Educacional Especializado? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Percepção de ganhos na vida profissional e pessoal	42	57,53%	57,53%
B - Não percebeu ganhos na vida profissional	0	0,00%	0,00%
C - Percepção de ganhos relacionados ao aluno, professor e pais	20	27,40%	27,40%
D - Não percebeu ganhos no filho	2	2,74%	2,74%
E - Sem relação com a questão	6	8,22%	8,22%
F - Não respondeu	3	4,11%	4,11%
Total de respostas	73		
Total de entrevistados	73		

Figura 49



RESULTADOS QUALITATIVOS

a) Percepção de ganhos na vida profissional e pessoal

Dirigentes

Percebi que mudou muita coisa, principalmente o olhar para o outro. O olhar mudou totalmente e sempre. Eu começo a ver que tem algo para ser feito para crianças com deficiência. Eu posso fazer alguma coisa por elas. É importante a questão do acreditar. Eu acredito que essa pessoa pode ser diferente, pode ter autonomia, pode ter uma independência. A minha vida profissional mudou significativamente depois do AEE. Eu acho que a minha visão de educação, do que a Educação Especial pode propiciar para a educação como um todo, foi fundamental. Algumas pessoas têm o discurso de que a Educação Especial está acabando, mas eu acho que muito pelo contrário ela está promovendo de fato uma mudança na educação. E eu acredito que coisas que nunca foram ditas ou sequer olhadas, hoje a gente tem um olhar para elas. O AEE, a formação lá em 2008, de fato mudou a minha vida profissional. Acho que foi a partir da minha formação que eu fui convidada para ser chefe aqui na Secretaria. Pelas minhas discussões, pela formação que vinha tendo e isso me abriu outras oportunidades profissionais. Esse trabalho é de muita importância para mim. Eu acho que o AEE veio para trazer um grande avanço na área pedagógica. Ele veio auxiliar as crianças no contra turno, propiciando assim uma melhoria, uma qualidade de ensino para o aluno com deficiência. Com o tempo a gente percebeu que eles se desenvolvem com o trabalho e vendo hoje o sorriso das crianças, vendo a evolução desses alunos, a gente percebe a diferença. O avanço é muito grande. O AEE é importantíssimo e também todo um trabalho coletivo e unido do professor, do orientador, do coordenador, do diretor, do professor do AEE, dos pais. Eu percebi muita mudança e vejo dificuldades de todos os lados, inclusive a angústia dos pais e familiares. Ouvi muitos depoimentos de pessoas que têm vergonha de chegar na escola e fazer sua matrícula, porque não conhecem os direitos que possuem. Fui tentando, explicando para os pais que seus filhos têm direitos perante a lei. Então, isso tudo foi me sensibilizando e fiquei

apaixonada por esse trabalho começando a me dedicar e me debruçar sobre ele na escola em que eu trabalhava. E a gente começa a respeitar o outro, se colocar no lugar do outro, entender que ele faz parte de uma sociedade. São nessas coisas que a sociedade não acredita. Então eu aprendi a ser mais humana, fazer, querer, e correr atrás. Explico para os pais e procuro ajudar ao máximo. Depois do AEE a gente percebe que as escolas têm tido mais confiança para trabalhar a inclusão. A gente vê que a inclusão está crescendo com o favorecimento da Sala de Recursos, do serviço do Atendimento Educacional Especializado que fazem com que as escolas tenham um suporte bem maior para trabalhar a inclusão. Profissionalmente percebo que tive um trabalho bem maior. Uma grande experiência. A gente cresce muito. Hoje eu não tenho apenas a experiência da escola em que eu trabalhava. Tenho a experiência de todas as escolas do município. Mensalmente a gente se reúne com os professores do AEE e eu faço a formação. Acredito que tive um crescimento muito grande e estou crescendo muito ainda. Para mim é fácil falar da Educação Especial, do Atendimento Educacional Especializado, porque é uma vivência, é o meu dia a dia. Como coordenadora da rede, do setor de Educação Especial, comecei há 10 anos. E aí apareceram muitas crianças: paralisia cerebral, surdez, deficiência intelectual, muitas deficiências. E eu comecei a trabalhar com os diretores e professores, na perspectiva de ajudá-los. Mas a gente via que mesmo dando a formação o professor precisa de algo mais, ele precisa de um apoio - não um apoio bengala -, mas precisa de alguém que dialogue com ele para que possa entender que é possível dar acesso para o aluno aprender. Em 2006 a gente implantou a primeira sala de AEE. Teve uma política de formação a partir de 2006, quando foram implantadas as salas e fomos formando novas professoras para essas salas. Hoje todos os professores da rede, que estão em Sala de Recursos, têm ou estão fazendo a especialização. Eu acho que a formação foi um marco para o município e é muito bem reconhecida. As pessoas têm um respeito muito grande pelo atendimento aqui, eles comparam com outros lugares e eles têm essa noção do serviço. Em 2004 eu fui convidada pela Secretária para assumir a Gerência da Educação Especial e aí foi proposto que houvesse no município o Atendimento Educacional Especializado. Até então não se sabia como fazer, mas a partir das formações do MEC, que nós participamos desde o curso de formação

continuada e depois a pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado, acredito que houve uma mudança significativa no nosso município. Os professores estão mais tranquilos, nossas escolas estão mais felizes, porque aonde tem o AEE a escola está tranquila e os professores também. Porque eles têm a quem recorrer, a quem pedir ajuda, onde encontrar um suporte pedagógico. O professor do AEE vai lá, acompanha a criança e mostra para o professor da sala: Olha, ele tem esse e esse potencial, ele tem essa e essa dificuldade. Se você for por esse caminho você vai ajudar essa criança. A vida da gente muda quando percebemos que todos os alunos são capazes de aprender. É muito gratificante para nossa vida ver a criança avançar na aprendizagem e na socialização. E vale a pena investir. Então a vida da gente muda e crescemos como ser humano. E o AEE também contribui para compreender que o ritmo de aprendizagem pode ser outro. Trabalhei 25 anos na empresa de processamento da prefeitura. Como professora nunca tinha assumido uma sala de aula por não ser concursada. Resolvi então fazer o concurso e assumir a sala de aula. Tive então experiência em uma sala de aula de ensino fundamental. Depois optei pela educação infantil. Em seguida me convidaram para atuar na sala do AEE. A partir de então mudou muito a minha vida. Em 5 anos mudou muito. E aí todo dia eu me renovo, aparecem sempre novidades boas para a gente continuar lutando. Percebi como era o funcionamento do AEE, como se trabalhava no AEE. Tinha uma necessidade muito grande desse trabalho no município, porque no AEE você não tem que estar só com o aluno é necessário envolver toda a família. Tratar das questões de saúde, da escola, dos direitos. Se você não souber orientar o trabalho não acontece. O professor do AEE que não faz parcerias com a Saúde, a universidade, vai ter muitas dificuldades nos atendimentos. Então é importante a parceria, você chegar e se comunicar. Abracei essa causa de uma forma não impositiva. Nós construímos todas as possibilidades de uma mudança no atendimento. Porque ele era muito mais um reforço escolar. Os professores também eram vistos como professores ociosos, que não atendiam adequadamente. E é em cima do fazer que nós vamos garantir o Atendimento Educacional. E a partir de 2010 em diante o Atendimento Educacional Especializado tomou outro corpo. Estar em contato e poder conhecer algumas questões das deficiências faz a gente se tornar uma pessoa melhor. E agora a gente enxerga a avalia-

ção dessas crianças de outra forma. Antes qual era o grande princípio: vai aprovar ou vai reprovar esse aluno? O Atendimento Educacional Especializado mudou isso tudo. Quando ele passou a colocar a aprendizagem desse aluno como um processo, considerando a temporalidade e as condições que ele apresenta, passou a investir nesse aluno. Nós procuramos trazer profissionais para apoiar os professores, instrumentaliza-lo de modo que pudesse tornar a vida dessas crianças um pouquinho melhor. E quem sabe os nossos alunos da escola regular passem a ser pessoas melhores, porque estão vivenciando a colaboração. Eu só acredito em LIBRAS quando há interação. Quando se estabelece alguma comunicação em LIBRAS numa escola onde tem alunos surdos. Isso é fundamental. Não só o professor do AEE mas todos podem muito bem estabelecer alguma comunicação com o aluno surdo e a gente vê que eles ficam mais felizes porque as pessoas os compreendem. Eu passei a enxergar mais o próximo. E uma coisa que me assustava no início. Em nenhum momento eu via que o aluno com deficiência tinha que ser incluído na escola, porque eu cresci muito distante da deficiência, eu estudei muito distante da deficiência. Eu tinha que aprender o que era cada deficiência para poder me incluir no meio, para ser respeitada por eles. Eu queria me incluir. Eu acho que eu estou ficando uma pessoa melhor. Senti muita diferença. Para mim foi uma verdadeira escola. Ajudou-me a entender a Tecnologia Assistiva, a acessibilidade que não estão unicamente coladas na deficiência. Esse conhecimento foi transformador. Eu me sinto muito mais apta na Gestão depois de ter esse serviço disponibilizado na rede e de estar à frente dele. Ele é extremamente formador e é isso que eu espero que ele seja para as escolas de modo que elas consigam ver o quanto existe de possibilidades de realizarem um trabalho pedagógico inclusivo. Esse trabalho, de certa maneira, força, compromete e você começa a perceber que muda o seu foco. Que faz você mudar. Você não pode mais ficar à margem ao fazer um trabalho comprometido. A gente cresce muito como ser humano em termos de conhecimento e de relações interpessoais. Para mim teve toda uma transformação na vida profissional no momento em que eu vejo no outro as possibilidades ao invés das dificuldades. Vejo nos profissionais a busca, o movimento para atender o outro em suas necessidades específicas e isso obviamente tem um impacto escolar e social na vida humana, onde a gente estabelece relações mais humanitárias, de

ajuda, de colaboração, de respeito. O impacto que dá na minha vida profissional é que a escola passa a ser um ambiente que reflete a vida como ela é. Alterou um pouco. Porque agora que eu estou aprendendo a trabalhar com as salas. E aprendo lendo, porque não tenho nenhuma pós-graduação, só tenho o curso de AEE. Eu acredito que para trabalhar com o Atendimento Educacional Especializado na área de Educação Especial, seja na Sala de Recursos ou na coordenação, que é o que eu trabalho, é preciso gostar. Quando você gosta, você quer defender de todas as formas e quer abraçar a causa. E quando você quer abraçar essa causa você busca o conhecimento e conforme vai aprendendo vai gostando ainda mais. Eu aprendi muito. Agora, preciso conhecer mais enquanto coordenadora. A partir do momento que se conhece o que é o AEE você se coloca numa situação de estudante permanente. Isso faz um diferencial muito grande enquanto profissional. Porque tudo a gente pensa, se a gente lê um conteúdo a gente já começa a fazer uma reflexão, como é que seria esse conteúdo para aquele perfil de aluno? Como é que seria trabalhado isso? Você pensa na palavra inclusão. Você pensa no serviço que lhe tocou, mexeu com você em relação ao processo inclusivo. Porque aí a gente não pensava no aluno com deficiência, a gente pensava no colega que tem que estar dentro do processo inclusivo. Pensa no conteúdo que tem que ser trabalhado, pensado, para que todos os alunos consigam aprender. É isso. Mexe com tudo. Você não é mais a mesma pessoa. Radicalmente a gente muda, se transforma. Até as próprias produções da gente, artigos ou até mesmo as escolhas em texto para você ler, você busca o que está vinculado à Educação Especial ou à educação inclusiva. Abriu meus horizontes. Porque, querendo ou não, quando começou a inclusão, a gente ficou com muitas dúvidas, ficou com muito medo. O AEE me deu segurança para poder atuar junto a esses meninos - na parte pedagógica e na parte emocional também. Aprendemos a lidar com eles, recebê-los e oferecer-lhes um ensino de qualidade. Foi um crescimento profissional. O que eu percebi foi, assim, uma confiança. A escola ficou mais segura, porque o especialista vem, dá o suporte, ajuda, explica, ele faz uma pesquisa e tudo isso dá uma estrutura melhor para que a gente possa trabalhar com mais tranquilidade. Acho que depois do AEE a gente passa a estudar cada caso individualmente e descobre que nunca vai saber tudo mesmo e vai ter que estar sempre buscando autores, referências, apoio das

pessoas especializadas para nos ajudar. A partir de cada caso, da necessidade de dialogar com o professor de AEE, a gente aprende. Eu entendo que é uma possibilidade de crescimento, eu vejo dessa forma. A gente aprende cada dia com a profissional e com a circunstância que aparece. Cada menino tem uma questão que a gente tem que ir atrás de uma resposta. Então, é sempre crescimento. A gente sempre está buscando, estudando, aprendendo e acho que eu aprendi muito. O meu olhar é muito mais cuidadoso, é muito mais especial, até por quem não demonstra ter uma necessidade educacional especial. O AEE veio mesmo para ajudar, para enriquecer o nosso trabalho, para dar mais consistência. Hoje eu olho para aquela criança e sei que ela capaz, que tem desejos e sonhos iguaizinhos a todos nós. Isso eu venho aprendendo com eles. Para mim a Sala do AEE é essencial dentro da escola. Hoje eu tenho um olhar mais sensibilizado para essas questões por ter o conhecimento. Sou mais tranquila em relação às crianças. Estou mais tranquila e sem medo de errar como tinha antigamente. Sinto-me bem mais encorajada a buscar soluções para os problemas. Aprendi a trabalhar com as diferenças. É um desafio. Mas é aí que eu me sinto feliz. Antes do AEE eu vivia muito fora da realidade. A gente aprende a conviver com todas as diferenças, porque parece que antes a gente não enxergava. Eu tinha um receio muito grande até de chegar perto daquele aluno. Hoje, não. Hoje eu abraço ele, converso com ele. Brinco muito. Percebi uma mudança para melhor, pois o AEE na escola veio para somar com a equipe pedagógica. Então, sem o AEE não dá para ficar mais. Antigamente você falava: Não, deixa para lá. Hoje, não. Dizemos: vamos trabalhar? Vamos avançar? E nós estamos tendo avanço com os autistas e o avanço deles é surpreendente! E isso nos enaltece também, porque ficamos orgulhosos de ver o trabalho. Eu passei a entender melhor o lado dos alunos. Pude ver a importância da inclusão. Não só do aluno com deficiência, mas de todos os alunos da sala, no contexto real da sala de aula e o espaço das crianças com deficiência é dentro do ensino regular. O AEE humanizou as relações na escola. O AEE não vem com uma coisa pronta. Ele é construído. A acessibilidade a gente precisa pensar e estudar para cada aluno. Então, essa lamúria ou esse sentimento de incapacidade dos professores desaparece. Eu percebi muita diferença porque passei a perceber o quanto todo mundo é capaz de tudo. Eu cresci demais. E passei tudo isso para dentro de casa, para minha

família. Todos os conhecimentos que eu já tinha só aumentaram. A gente consegue se colocar no lugar do outro.

Professor P1 – Professor P2 - Professor AEE

Meu trabalho com alunos especiais me ajudou bastante. Enquanto eu estava com eles pude fazer o curso de LIBRAS, o curso de baixa visão e isso não me ajudou só com esses alunos, mas está me ajudando na minha carreira para eu ajudar os outros alunos também. Eu percebo que agora estamos tendo outra visão para esses alunos, um olhar mais minucioso. Eu acho que o AEE mudou muito a nossa vida. O AEE me ensinou muito. O olhar que eu tenho hoje para essa criança, a percepção que eu tenho dela, compreendi que por mais difícil que pareça ser o grau de dificuldade ela aprende, interage, responde, conhece a voz do professor, ela procura pelo professor. Eu tive a felicidade de ter uma profissional do AEE ao meu lado como parceira, que me fez descobrir algumas coisas. Essa troca possibilitou a mudança na minha prática. Eu me senti apoiada para tirar dúvidas com relação aos alunos com deficiência que tenho em minha sala. Como agir com ele. Depois que a gente começa a trabalhar com essas crianças, vai adquirindo experiência vai compreendendo como é o ser humano e que todos têm capacidade. E acreditando nisso, você vê que a criança adquire confiança e aprende na forma dela, do jeito dela, com a ajuda dos colegas. É uma experiência nova e a gente está sempre aprendendo. Eu notei a diferença de uma forma positiva. Positiva, porque eu não posso excluir aquele aluno que tem uma necessidade especial. Vou tratá-lo como os demais, sendo só diferenciada a parte pedagógica trazendo alguma atividade diferenciada para ele. A primeira coisa que eu percebi é valorizar os pequenos avanços. E com os alunos do AEE esses pequenos avanços demoram semanas, demoram meses para acontecer. Mas pequenos avanços para mim são um grande avanço para aquele aluno. Isso foi uma das coisas que eu descobri, que eu mudei. A gente não tinha o AEE na escola, mas mudou muito depois que veio a sala de recursos. Eu acho que muda a vida de todos. Acaba derrubando preconceitos. A professora do AEE tem contato com a gente, pergunta como está o aluno na sala regular. A gente troca ideias, troca experiências. Eu tenho uma diversidade de material para trabalhar com essa criança na sala, porque

ela me passa orientações. Eu acho que ela ajudou a gente a crescer também, além dos cursos que fiz. Ela me passa o que aprendeu e eu também passo a ela o que aprendi. Antigamente o professor se via mais perdido e era pior, porque não tinha ninguém para recorrer. E hoje, o professor do AEE vai à sala de aula, dá as orientações principais, orienta como trabalhar com as potencialidades do aluno, quais são as dificuldades e deficiências dele, para você saber melhor trabalhar com ele. Muitas vezes a teoria traz muita coisa, mas realmente é na prática, no dia a dia ali que está o diferencial, pois o ser humano é único. Hoje eu não tenho tanta dificuldade de trabalhar na minha sala porque a gente encontra muitas crianças com várias deficiências. O AEE tem ajudado na nossa escola, foi um suporte muito importante, tipo um socorro, que a gente precisava bastante. Com o AEE passei a conhecer mais de perto esse atendimento. Achava que o AEE é que deveria alfabetizar o aluno e até fazer atividades de reforço. Mas o AEE não é um reforço. E assim, passei a ter um novo olhar para esses alunos e para o AEE. As professoras do AEE estão sempre dispostas a ouvir a gente, a colaborar, a orientar, a produzir materiais. Por isso eu acho que o AEE tem um papel fundamental no processo da inclusão. Antes eu não acreditava na inclusão. Porque o aluno chegava na escola, ficava no canto e eu não sabia o que fazer com ele. O aluno ia ficando. Depois do AEE parece que abriu um leque. Assim, se surge dúvida, você tem aquela pessoa para recorrer. Antes você ia para o diretor, para o supervisor e eles não sabiam como resolver a situação. Agora você tem uma maior segurança. Hoje tenho outra postura diante da inclusão do aluno especial. Antes eu achava que tinha que ficar protegendo: Cuidado com isso, cuidado com aquilo. Quase que eu fazia as atividades para o aluno. Hoje eu sei que ele tem que aprender a conviver com os outros e seguir a rotina da sala de aula igual aos outros alunos. Então, dentro da minha sala, hoje, não tem o aluno especial. Não tenho mais essa visão de coitadinho. Ele é um aluno, uma criança, uma pessoa, que vai se desenvolver igual aos outros. Mudei muito tendo em vista que eu já trabalhei outros anos sem a equipe de AEE de forma direta dentro da escola. Hoje eu vejo um atendimento mais especializado. Consigo ver a individualidade da criança, respeitando as diferenças na minha prática profissional. Isso permitiu que, até mesmo eu, enquanto profissional, alargasse minha visão com relação ao atendimento especial sabendo que aquela

criança vai ter todo apoio, não só o meu, mas de toda uma equipe dentro da escola. A gente fica um pouco mais humana. Muda o pensar, muda o agir. A gente se coloca no lugar daquela outra criança, daquele outro pai quando ele busca uma ajuda e não consegue. O AEE tem métodos, tem meios que fazem com que a criança aprenda e não fique isolada. Então, assim, eu me sinto melhor. Eu vejo até a esperança aumentar. Porque hoje a gente tem experiências bem sucedidas. Percebe-se que o aluno com deficiência pode aprender no ritmo dele dentro da classe comum, que ele pode ter um apoio no contra turno. E as vezes eu até considero que é pouco. Mas acredito que a grande contribuição do AEE foi possibilitar realmente a presença do aluno com deficiência na sala comum. Eu me sinto mais realizada agora, com essa perspectiva de inclusão. Eu não me imagino hoje trabalhando sem o AEE. Temos a felicidade de trabalhar em conjunto, falamos a mesma língua. Existe uma proximidade das professoras do AEE conosco. Nós passamos para elas as nossas angústias, e elas nos ajudam. Nós esperamos que isso seja eterno. Com a inclusão, estamos tendo pontos muito positivos porque juntamente com a direção e com o AEE, tivemos que encontrar formas de como trabalhar com esse aluno, como fazer com que ele não se sentisse diferente dos outros que estavam em sala de aula. O AEE ajuda a saber o que a criança tem, o que não tem, que atividades ela faz fora da escola. Era um campo que eu não conhecia e, realmente, mudou muito e até me inscrevi para uma especialização nesse sentido. Nas coisas que eu pecava antigamente eu não estou pecando mais. O meu trabalho ficou mais rico. Quando você planeja sua aula, você já sabe que tem um aluno que vai precisar de uma atividade diferenciada. E esses alunos também sentam na minha mesa. Até a minha maneira de trabalhar dentro da sala mudou. Você vê na sala de aula que seus alunos, por mais que sejam ditos normais, eles são um diferente do outro. Tem uns que sabem mais, tem uns que sabem menos. Então eu faço plano de aula 1, 2 ou 3. Passo uma atividade um pouquinho diferente, mas com o mesmo conteúdo. Então, para mim, foi importante o AEE. Ele me ensinou como fazer, como me comportar, o que fazer. Devemos procurar alguns deles para ver qual é a dificuldade, o que eles podem ajudar e até mesmo nos orientar. Antes a gente costumava trabalhar com todos da mesma forma, achava que a produtividade tinha que ser a mesma. A partir do AEE a gente começa a respeitar o deficiente e bus-

car mais soluções. Tudo fica mais fácil a partir do momento que você tem conhecimento da capacidade, do que cada deficiente é capaz e do que a gente pode exigir a partir de cada deficiência e ainda como a gente deve trabalhar. Eu sei que é uma caminhada lenta, eu sei que tem preconceito, que é uma oportunidade de eu me abrir e ver que eu sou preconceituosa. Já falei muitas vezes que os alunos deveriam se socializar com os iguais, com os iguais a eles, e hoje eu vejo que não é assim, mas ainda há que se caminhar muito, a estrutura ainda é falha. Colocou-se para nós o AEE sem estrutura física, sem estrutura humana, sem estrutura psicológica, sem formação. Formaram-se pessoas que não compartilharam, e assim formaram-se os orientadores, os professores do AEE, mas o professor que efetivamente está na sala todos os dias com esse aluno não foi formado. Eu modifiquei a minha prática, meu método, meu planejamento principalmente, e essas modificações todas foram extremamente positivas. E quem ganhou com essas situações foram minhas crianças, e a minha prática, que conseguiu proporcionar o objetivo principal da escola: a formação do ser humano de uma forma completa. Porque antes do AEE a gente tinha aquele aluno lá e ele ficava lá, entrava de um jeito e saía quase do mesmo jeito. O AEE tem ajudado o aluno a melhorar, a evoluir. É claro que ele não atinge o resultado dos outros, ele não segue o desempenho dos outros, mas ele consegue evoluir dentro do tempo dele, da dificuldade dele. A criança com deficiência aprende. Nós é que temos que conhecer, caracterizar, diagnosticar a deficiência e buscar alternativas apropriadas para trabalhar essa deficiência.

Pais

Não tem sujeito

b) Não percebeu ganhos na vida profissional

Dirigentes

Eu não comparo, porque quando entrei a escola já tinha essa inclusão. Está sendo uma experiência muito nova para mim.

Professor P1 - Professor P2 - Professor AEE

Depois do AEE não percebi mudança. Percebi alguma diferença na minha vida profissional a partir do momento que essas crianças vieram para sala de aula. Sinceramente, não. Eu nunca recorro ao AEE. Não estou falando do profissional do AEE, estou falando do recurso. Eu sei que lá tem materiais, mas para mim não fez muita diferença não. Eu não posso fazer essa diferença do antes e do depois na minha vida profissional, mas o que eu poderia dizer é que esse programa veio para melhorar. Eu comecei há pouco tempo no AEE e como eu já vinha trabalhando com crianças especiais ao longo da minha carreira, então, eu não percebo tanta diferença.

Pais

Não tem sujeito.

c) Percepção de ganhos relacionados ao aluno, professor e pais

Dirigentes

Percebi ganhos porque as crianças especiais ou os adolescentes especiais começaram a se sentir incluídos na sociedade, porque quando ele chega a uma escola e consegue fazer amizades diferentes na sua sala de aula, com certeza ele vai conseguir desenvolver melhor as suas habilidades, algumas que podem estar até guardadas e eles consigam desenvolver. As professoras das salas de aula não conseguiam trabalhar com os alunos com deficiência até descobrirem, com a ajuda do AEE, qual era a dificuldade que o aluno tinha. A partir daí os alunos começaram a participar da Sala do AEE e das atividades específicas para as dificuldades que tinham. E o resultado no final do ano foi o rendimento e a aprovação desses alunos. Tem pais que tiram o filho de Escola Particular de renome na cidade e levam para a escola pública para frequentar o AEE, não pela escola, mas pelo atendimento. Eu era Supervisora Escolar na área rural. Então, eu via que os alunos com deficiência precisavam de um apoio. Só que a gente não tinha como

apoiar, porque a escola geralmente se preocupa com os alunos que tem potencial - não que a criança com deficiência não tenha -, mas a escola investe naqueles que vão dar mais resultado. Não havia inclusive um reforço escolar para alunos com deficiência. Depois do AEE eu acredito que houve uma conscientização. Os professores, juntamente com a Secretaria da Educação, passaram a mostrar para a escola que essa criança era importante, que essa criança estava lá porque ela tinha direito à educação, ela tinha direito de participar dos mesmos espaços, de ter o mesmo apoio e de aprender. Então, a partir do AEE, a partir dessa conscientização, as famílias com ajuda dos profissionais perceberam que a criança com deficiência tem condições de aprender. Talvez ela não aprenda matemática, ciências, mas ela aprenderá a viver. A escola tem esse objetivo de ensinar a viver. Os nossos alunos que frequentam a sala do AEE, hoje estão trabalhando num dos melhores mercados da cidade. Isso significa que eles então inseridos no mercado de trabalho. Existe o antes e existe o depois do AEE. Antigamente via-se mais a deficiência física, não se viam os transtornos, a paralisia cerebral porque esses alunos não iam para a escola. Eles ficavam segregados. E hoje não. Essas crianças estão felizes na escola. Muitas vezes os pais colocam os filhos na escola, não para aprender a ler, a escrever, mas para fazer amigos, se socializar, ser feliz, brincar na escola. E no momento em que ele é feliz na escola, ele aprende. E com a política da inclusão, chegam todos os recursos que aprimoram nosso trabalho. Existem diferentes formas de aprender, existem limitações, um aprende de uma forma, outro aprende de outra, dentro da sua síndrome, dentro do seu transtorno, mas todos aprendem.

Professor P1 - Professor P2 - Professor AEE

No caso dos meus alunos que estão recebendo atendimento no AEE e a gente vê que eles conseguem aprender algumas vezes muitas coisas, mas poderia ser melhor, por falta de mais tempo de trabalho com esses alunos. Embora o aluno não possa acompanhar a disciplina ele consegue interagir com os colegas. Eu percebi uma grande diferença porque na época que eu estudava o AEE era oferecido na sala onde estavam todos os alunos especiais. Depois que

se instalou o AEE na escola e o que a gente chama de AP, que é a pessoa que acompanha essa criança, até as outras crianças perceberam realmente que eles não são doidos ou malucos. Eles só precisam de um apoio mais eficaz, mais eficiente. Eu acho que o AEE é muito bom porque com esse suporte a gente percebe que os alunos têm um desenvolvimento maior. Se a gente quer que eles participem junto com os demais como propõe a inclusão fica muito ruim ele não ter sido trabalhado anteriormente nas habilidades que ele necessita. Então, eu acho que o AEE é muito bom nesse sentido. Acho que a maior diferença depois do AEE é a inclusão realmente dos alunos que antes achava-se impossível. Quando a gente tinha as classes de Educação Especial elas pareciam um depósito. Todo aluno que não aprendia ia para lá. E aí tinha aluno com Síndrome de Down, aluno autista, aluno hiperativo, aluno que não tinha nenhuma deficiência mas tinha problema para aprender. Era uma sala superlotada. Antes do AEE não se pensava em colocar esse aluno numa classe comum, como se ele não tivesse condição nunca de acompanhar. Nós vemos nosso aluno feliz porque está trabalhando com recursos mais tecnológicos, com coisas diferentes, com um trabalho diferenciado, e ele tem um melhor desenvolvimento na sala de aula. Portanto, aquilo que nós queremos do nosso aluno está mais perto de acontecer, que é o sucesso acadêmico dele. Sem o AEE seria muito difícil fazer a ligação do professor com o pai, o aluno, a sala de aula, a relação da sala de aula com as crianças.

Pais

Eu acho que minha filha aprendeu bastante. Ela pega o caderno e pergunta assim: "Mãe, quê que é isso aqui?" Aí eu vou explicando, letrinha por letrinha e ela lê. Mudou sim, porque ela aprendeu. Porque até então ela enxergava, sabia ler, escrevia no caderno, depois foi perdendo a visão, mas ela é uma criança totalmente inteligente. Então, ela está superando aos pouquinhos, está se esforçando e aprendendo. Ela gosta muito da sala do AEE e está aprendendo bastante, inclusive no computador. Ela digita em casa, em um programa já dela e faz texto, joga no computador. Aqui ela está aprendendo e em casa coloca em prática o que aprendeu na sala do AEE. É muito bom isso tanto para ela, quanto para mim. Percebi muita diferença, porque quando

ela veio para a escola ela ainda não estava oralizada. Ela também tem um atendimento de fonoaudióloga e hoje ela já está começando a ser oralizada, e na parte de educação, na parte de escrita e de leitura ela já está começando a reconhecer, e também melhorou muito na língua de sinais. Mudou sim porque ele também aprende vendo as outras crianças que não são como ele, ele aprende com as diferenças. E eu gosto de escola assim que tem todo tipo de criança. Percebi que ele teve ganhos porque na outra escola ele chegava com o caderno em branco e não fazia a prova. Agora, do jeito dele, está fazendo, graças à escola. Ele era muito agitado na escola, deu problema demais, mas graças a Deus agora ele está desenvolvendo bastante. Ele foi para o reforço e quer ficar firme na escola. Parou de dar trabalho, as professoras não têm reclamado e daqui para frente ele será um menino muito bom. Eu vejo que aqui acontece a inclusão. Não é porque eu trabalho aqui não, porque eu já trabalhei em outras escolas e nunca tirei a minha filha de outro lugar. Aqui eu vejo que acontece, vejo a preocupação, eu vejo os materiais que eles adaptam para as crianças. Minha filha teve uma mudança gigantesca no comportamento. Ela nunca tinha o acompanhamento na aprendizagem. Hoje está quase alfabetizada, tem uma vontade muito grande de ler. Ela é arteira, mas isso é de criança. Eu tenho orgulho de mostrar o caderno da minha filha. Coisa que eu nunca tive, porque eu nunca tive caderno para ela. As mesmas atividades que os alunos fazem é adaptada para ela. Ela modificou demais e estou muito feliz e realizada com ela. Percebi sim, ele mal falava. Não falava, não brincava com as outras crianças, ele era muito sistemático. A rotina dele tinha que ser rígida, porque se você o tirasse um pouco da rotina você destruía o dia dele. E agora, ele só é um pouco mais lento, tem o ritmo dele. Mas no resto ele age normalmente. Ele aprendeu até a bagunçar com as outras crianças. Essa é a minha preocupação: na EMEB ele está bem apoiado, mas na escola estadual, ela não consegue continuar o trabalho de apoio. Minha filha progrediu muito. Ela passou a se sentir mais independente. Passou a se sentir mais capaz. Ela percebeu que podia contar com a ajuda dos colegas que a tratam de forma especial e, o que é de suma importância, ela percebeu que mesmo com a sua deficiência podia realizar as atividades dos demais. Desenvolveu muito, e estou percebendo melhoras de forma clara. Eu percebi que minha filha de 9 anos teve ganhos porque ela se enturmou com as meninas que têm

dificuldade e participa com elas nas brincadeiras e nas tarefas. Ela aprendeu a lidar com essas crianças que tem problemas. No início meu filho frequentava o Centro, mas também frequentava a escola. O Centro é tipo APAE, Centro de Ensinos Especiais. O meu filho nasceu com paralisia cerebral leve e só teve diagnóstico no Sarah Kubitschek em Brasília quando estava fazendo quase 4 anos. Antes disso ele já fazia atendimento particular que a gente pagava. Então eu consegui uma vaga no Centro Especial e ele foi matriculado no Jardim de Infância. Ele foi acolhido lá e era atendido nos dois procedimentos. E deu muito certo. Só que chegou um tempo que não tinha mais necessidade de ele estar no Centro, porque o colégio, junto com uma junta de outros profissionais do governo eles tinham vários profissionais que visitavam a escola e faziam avaliações, e o meu filho passou também aí, junto com esse outro grupo, a frequentar o jardim de infância da escola, acompanhado por este grupo. E ele ainda tinha atendimento no contra turno. Então, ele tinha o horário normal de aula assistido, ele tinha horários separados com este grupo fora do ambiente escolar dele, e também tinha atendimento no contra turno. Mas quando mudou de escola ela não tinha a Sala de Recursos e seria montada futuramente. Mas eu falei: Esse futuramente a gente vai ter que antecipar, porque o meu filho veio de um colégio aonde ele foi assistido e ele vai ter essa sala porque é direito dele. Antes do previsto, no mesmo ano que nós chegamos aqui a Sala de Recursos foi instalada. Eu acho que os pais têm que estar engajados, porque os gestores e os professores são limitados nas suas iniciativas e nós temos que procurar. Não tenho do que me queixar, porque quando a Sala de Recursos foi instalada foi um ganho extraordinário para a comunidade e, principalmente, para a escola que tinha uma referência educacional muito boa e se tornou ainda melhor devido ao atendimento especializado que ela tem. Meu filho gosta de estar na Sala de Recursos e diz que aprende bastante nessa Sala. É muito bom. Porque na sala de aula o professor não tem tempo para ensinar os alunos com deficiência. Aqui é bom, porque tem a sala, tem o professor apropriado para ele, que está sempre ajudando, dando um reforço. O neurologista percebeu que neste ano que ele está aqui na escola teve um progresso fantástico. Por isso ele está aqui, continua aqui e eu não tiro ele do atendimento especializado. Na Sala de Recursos, ele tem todo o atendimento, e vê que ele é capaz, que dá conta de uma maneira totalmente diferencia-

da. Meus filhos têm atraso no desenvolvimento mais físico do que cognitivo. Eles frequentaram a APAE. O mais velho, que fez 9 anos agora, frequentou a APAE desde os 2 anos e meio. Então, lá na APAE ele estudou o 1º ano do fundamental, porque aqui as escolas da APAE são consideradas escolas básicas de Ensino Fundamental, na modalidade Ensino Especial. São escolas mesmo. Então ele frequentou o 1º ano lá. E depois entrou no regular no 2º ano do fundamental. Ele sempre foi muito inteligente, e eu alfabetizei meus filhos em casa, antes de irem para a escola. Então, eles nunca tiveram dificuldade em aprender na APAE. Só que quando eu coloquei eles no ensino regular, senti que deram um up também no desenvolvimento social, e achei que eles cresceram na parte mental de acordo com a idade deles. Eu me surpreendo. Um deles fez aniversário e escolheu para ganhar um estilingue do Angry Birds que está na moda e a piaçada gosta. Então eu percebo o quanto ele é igual às crianças da idade dele. E eu tenho certeza que é porque ele convive com crianças iguais, da idade dele. Não que na APAE ele não tinha esse convívio com crianças da idade dele. Mas era diferente. Na sala de aula que estudava na APAE tinha 6 alunos e os 6 não falavam. Eram crianças que tinham outro tipo de comunicação - por cartões - comunicação alternativa. Agora ele está numa sala que tem 28 alunos que falam, que contam piada. Então ele está convivendo com essas crianças. Ele tem que ser rápido, tem que pensar rápido, porque senão passou, né? O meu filho é tão igual aos outros que tem dias que não quer fazer a atividade. Isso não tinha lá na APAE. Lá todo mundo é sempre igual. Aquela coisa: vamos fazer a atividade? A professora ajuda um, enquanto o outro aguarda para ser ajudado também, porque tem que pegar na mãozinha. Então eles sentiram por conta própria que tinham que avançar para poder acompanhar os outros. Essa foi a grande diferença que eu senti deles estarem estudando numa escola diferente da APAE. Não que eu não ache importante o ensino da APAE. Eu acho, sim, que é importante, principalmente a estimulação precoce da APAE, que não tem em lugar nenhum. Não tem instituição que ofereça isso, essa estimulação desde 6 meses. Por mais que ele fique numa creche, não vai ter esse estímulo que ele vai ter lá dentro. Mas num determinado momento ele tem que ir para a escola comum e o quanto antes. O quanto antes entrar na APAE e o quanto antes sair da APAE também. Sim, percebi uma diferença boa. Acho que minha filha passou a

entender que existe uma pessoa com deficiência e que a gente tem que aceitar. Não engolir apenas. Porque a maior parte do preconceito eu acho que vem das crianças não terem esse contato. Então eu achei superimportante. Num primeiro impacto eu não gostei, mas depois fui percebendo que era importante para minha filha e importante para mim. Eu fico feliz de ter a oportunidade da minha filha estar estudando com aluno especial. Minha filha hoje cuida e zela mais pelas crianças. Percebi grande diferença no meu filho. Ele vai sozinho no banheiro, vai tomar água, vai fazer seu lanche. Vai na filinha, fica esperando, coisas que ele não fazia porque na escola especial todo mundo senta numa mesa e as professoras levam o lanche para eles. Aqui não, ele vai, ele entra na fila. E no aprendizado também, a socialização com as outras crianças. Porque só ia da APAE para casa e de casa para a APAE. Agora não, ele já sai nos lugares, encontra os amiguinhos, chama para brincar: Vamos brincar e até forma palavras, escreve, sabe o nominho dele, faz perguntas. Isso tudo ele não fazia. Foi muito bom! Foi ótimo depois que ele veio para a escola regular. Mas no começo, outros pais me punham medo dizendo: Você vai levar? Eu disse: Eu vou tentar! Se não der certo ele volta. E a APAE disse: É, mas para voltar é mais difícil. E eu respondi: Mas eu não quero voltar, eu quero deixar ele lá, para ele aprender, porque na APAE o estudo é de um jeito, e numa escola regular é bem diferente. Nem que ele não vá no mesmo ritmo das outras crianças, mas que ele aprende, aprende. Do jeito dele, mas vai. É muito bom! Ótimo! Foi uma mudança da água para o vinho. Porque, imagina uma criança que não lia, dizendo: Mãe, para o carro que eu quero ler a placa. Eu quero ler o que está naquela placa. Deixa eu ler para você. Quando eu falo que ela tem reforço, ela vai com a maior alegria do mundo porque ela quer ir para a Sala de Atendimento Especial. Porque ela sabe que atende as suas necessidades, seus interesses. Minha filha hoje faz uma prova com consciência do que está fazendo. Antes de frequentar o AEE fazia uma prova e simplesmente o professor dava aquela nota porque não sabia o que fazer. Hoje tudo o que ela faz ela faz com consciência, se ela responde uma coisa ela sabe o que está respondendo e, assim, se eu pudesse esse AEE ia até o final do Ensino Médio. É uma coisa assim muito delicada dizer o que eu percebi. Eu acredito que meu filho está crescendo e se formando. Ele tem só sete anos, e se ele continuar estudando em uma escola que for-

nece esse atendimento, dá todo esse suporte, ele vai crescer sendo um cidadão que dificilmente vai conseguir discriminar uma pessoa nessas condições. Quem vê meu filho hoje e quem via naquela época antes dele entrar na sala de aula não fala que é a mesma criança que tinha aquela dificuldade enorme. A fala está se soltando mais e também a inclusão com os coleguinhas está muito bem. Hoje ele convive com muitas crianças. Ele tinha medo de criança, mas graças a Deus o atendimento ajudou muito. Muita gente fala: Ah, mas você vai tirar ele de uma escola particular e por numa escola pública? Na particular eles têm mais atendimento. Não. Negativo! Para mim eu só tenho a agradecer aqui porque atende ele muito bem. Na fala, ela não sabia expressar, ficava com medo de conversar e da pessoa rir dela. Ela não tinha paciência, era agressiva. Então ela mudou totalmente. E eu fico preocupada na hora que terminar essa escola. Para onde que eu vou levar ela? É isso que me preocupa. Mas, do fundo do coração, minha filha ficou 100%. Ninguém dava nada. Eu só ouvia: Não sabe. Não vai ler, não vai escrever, não vai andar, não vai falar. Os médicos falaram isso para mim. Então, hoje em dia, eu estou com uma benção na minha vida, e eu agradeço muito. Ela está 100%, 100%. Mesmo tomando remédio ela dava crise duas vezes por mês. Agora, tem três anos que eu estou aqui na escola e ela não teve nenhuma crise. Então quer dizer que ela gostou da escola. Minha menina chega em casa alegre. E eu pergunto por quê e ela diz: Mamãe, eu hoje aprendi tanta coisa boa lá de LIBRAS. Agora eu consigo falar com os meninos. A escola está se modernizando mais para os deficientes, porque de primeiro as portas só ficavam fechadas. Se chegasse algum deficiente diziam que não pegavam. Aí isso ficava muito triste para a família porque não tinha onde colocar seus filhos. Ele é feliz, ele tem amigos, ele sai, ele passeia, está totalmente diferente para melhor. Ele está se libertando, está com treze anos e está descobrindo a liberdade da juventude. Ele faz amigos. Ele deixou a timidez e ficou mais expressivo. Quem conheceu meu filho em 2012 e vê ele agora, brinca comigo: Cadê teu filho? Porque ele é outra criança. A gente o tratava como uma criança, não vendo que a idade estava passando e que ele tem o direito viver cada etapa. Cem por cento de diferença. Minha filha era fechada, não falava, só falava por mímica, não gostava de brincar, não gostava de se relacionar com ninguém. Ela estudou vários anos em uma escola especial e eu não via desenvolvimento. Aqui foi um

presente na vida dela. Ela hoje divide as coisas com os irmãos. Ela não sabia o que era uma escola, porque para ela a escola era ficar deitada. Era pegar um brinquedo só dela. Hoje não, ela divide, brinca, mexe no computador, quer interagir, quer participar, quer aprender, tem gosto. Aqui tem AEE e meu filho quer participar também na sala de recursos tem muitos materiais adequados, muitos brinquedos, letreiros, essas coisas, mas ele não pode.

d) Não percebeu ganhos no filho

Dirigentes

Não tem sujeito.

Professor P1 - Professor P2 - Professor AEE

Não tem sujeito.

Professor P1 - Professor P2 - Professor AEE

Você percebe que o aluno tem alguma dificuldade na sala, o professor de AEE vem, sonda, e se ele percebe algum problema que não é da sua alçada, já encaminha para uma equipe multidisciplinar. Porque às vezes é um problema fonológico, então encaminha para uma fono, se é um problema psicológico encaminha para um psicólogo.

Pais

Não tem sujeito.

142

QUESTÃO 7

Pais

Na sala dele não tem aluno com deficiência, então não posso dizer. Meu filho tem muita facilidade de relacionamento, então não teve mudança de comportamento. Não há diferença no comportamento do meu filho, porque na sala dele tem um aluno que é do AEE e todos os colegas entendem. Não há diferença no comportamento dele. Sempre há uma aceitação. Nenhuma mudança. Para mim continua normal.

e) Sem relação com a questão

Dirigentes

Não tem sujeito.

Questão

8

Na sua opinião o que tem ajudado o AEE acontecer na sua escola/rede? Por quê?

Questão 8

Na sua opinião o que tem ajudado o AEE acontecer na sua escola/rede? Por quê?

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO NAS CATEGORIAS

a) *Fatores Relacionados aos Investimentos Públicos para o AEE*

Diz respeito a investimentos do poder público federal, estadual e municipal para implementação do AEE. Implementação do AEE. Sala de recursos. Investimento do MEC. Material do MEC. Apoio da gestão. Recursos da Prefeitura. Apoio da Secretaria. PAP – Plano de Atendimento Prévio.

b) *Fatores Relacionados Diretamente ao AEE e a Inclusão Escolar*

Refere-se ao modo como os professores de AEE e demais profissionais da escola estão atuando para que o AEE possa oferecer as condições mais favoráveis para o desenvolvimento dos alunos do ensino especial e sua inclusão nas salas de aula. Procura dos professores da classe comum pelo AEE. Envolvimento de todos os professores da escola por causa do próprio AEE. Apoio de todos os funcionários. Parceria dos professores com o professor de AEE. Trabalho direto com o aluno - atendimento individualizado; demanda pelo AEE; a experiência que é adquirida; o valor que os alunos atendidos dão ao AEE; atitude dos professores; ajuda do professor de AEE para os demais professores; a força de vontade da professora de AEE; alunos presentes e inspirando o professor; o AEE ajuda no aprendizado. Abertura emocional do professor. Credibilidade. A excelência do trabalho da professora; trabalho em sala de aula. Parceria da gestão e professores. O carinho do estudante. Mediação do AEE. Preparação da escola. Oferta de formação de professores de AEE pelo poder público.

c) *Fatores Relacionados à Participação da Família*

Implica no empenho e confiança da família para a inclusão de seus filhos na escola comum. Envolvimento da família. Confiança dos pais.

d) *Sem Relação com a Pergunta*

Corresponde àquelas que não tem nada a ver com o assunto da questão. Vê os professores confusos.

RESULTADOS QUANTITATIVOS

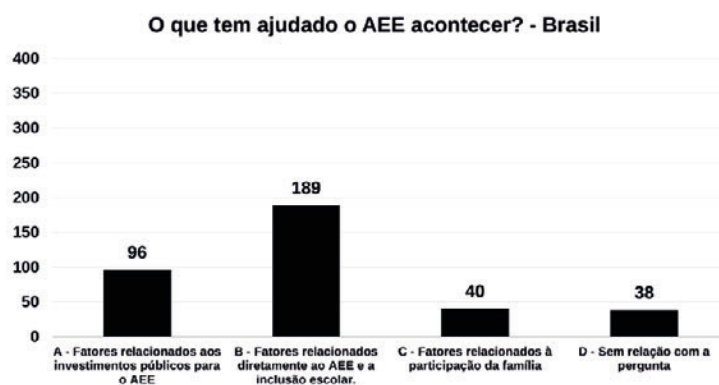
Percentual de ideias centrais relacionadas à questão 8 – *Na sua opinião o que tem ajudado o AEE acontecer na sua escola/rede? Por quê?*

BRASIL

Tabela 55

8 - Na sua opinião, o que tem ajudado o AEE "acontecer" na sua escola/rede? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Fatores relacionados aos investimentos públicos para o AEE	96	26,45%	36,92%
B - Fatores relacionados diretamente ao AEE e a inclusão escolar.	189	52,07%	72,69%
C - Fatores relacionados à participação da família	40	11,02%	15,38%
D - Sem relação com a pergunta	38	10,47%	14,62%
Total de respostas	363		
Total de entrevistados	260		

Figura 50

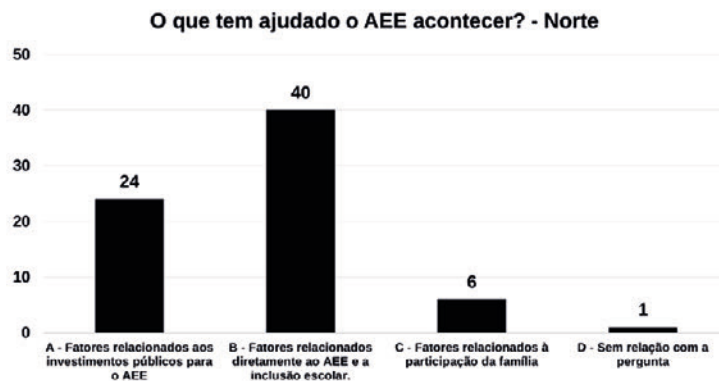


REGIÃO NORTE

Tabela 56

8 - Na sua opinião, o que tem ajudado o AEE "acontecer" na sua escola/rede? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Fatores relacionados aos investimentos públicos para o AEE	24	33,80%	54,55%
B - Fatores relacionados diretamente ao AEE e a inclusão escolar.	40	56,34%	90,91%
C - Fatores relacionados à participação da família	6	8,45%	13,64%
D - Sem relação com a pergunta	1	1,41%	2,27%
Total de respostas	71		
Total de entrevistados	44		

Figura 51

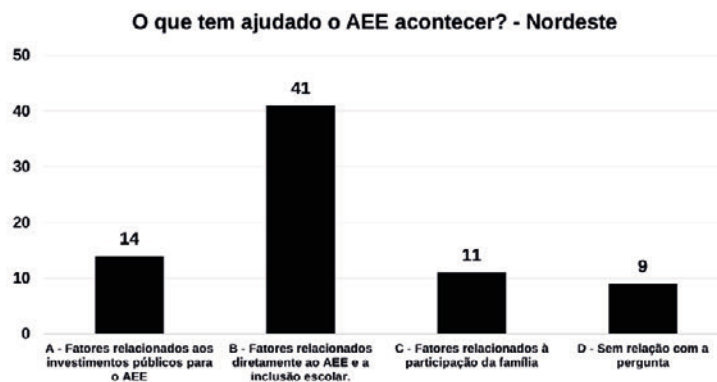


REGIÃO NORDESTE

Tabela 57

8 - Na sua opinião, o que tem ajudado o AEE "acontecer" na sua escola/rede? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Fatores relacionados aos investimentos públicos para o AEE	14	18,67%	21,54%
B - Fatores relacionados diretamente ao AEE e a inclusão escolar.	41	54,67%	63,08%
C - Fatores relacionados à participação da família	11	14,67%	16,92%
D - Sem relação com a pergunta	9	12,00%	13,85%
Total de respostas	75		
Total de entrevistados	65		

Figura 52

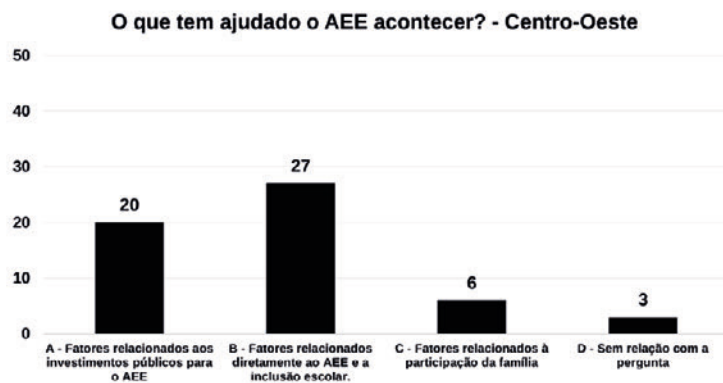


REGIÃO CENTRO-OESTE

Tabela 58

8 - Na sua opinião, o que tem ajudado o AEE "acontecer" na sua escola/rede? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Fatores relacionados aos investimentos públicos para o AEE	20	35,71%	60,61%
B - Fatores relacionados diretamente ao AEE e a inclusão escolar.	27	48,21%	81,82%
C - Fatores relacionados à participação da família	6	10,71%	18,18%
D - Sem relação com a pergunta	3	5,36%	9,09%
Total de respostas	56		
Total de entrevistados	33		

Figura 53



SUDESTE

Tabela 59

8 - Na sua opinião, o que tem ajudado o AEE "acontecer" na sua escola/rede? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Fatores relacionados aos investimentos públicos para o AEE	14	17,07%	21,88%
B - Fatores relacionados diretamente ao AEE e a inclusão escolar.	44	53,66%	68,75%
C - Fatores relacionados à participação da família	7	8,54%	10,94%
D - Sem relação com a pergunta	17	20,73%	26,56%
Total de respostas	82		
Total de entrevistados	64		

Figura 54

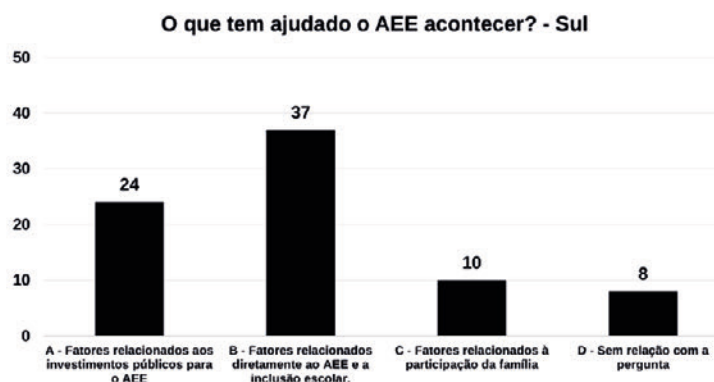


REGIÃO SUL

Tabela 60

8 - Na sua opinião, o que tem ajudado o AEE "acontecer" na sua escola/rede? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Fatores relacionados aos investimentos públicos para o AEE	24	30,38%	44,44%
B - Fatores relacionados diretamente ao AEE e a inclusão escolar.	37	46,84%	68,52%
C - Fatores relacionados à participação da família	10	12,66%	18,52%
D - Sem relação com a pergunta	8	10,13%	14,81%
Total de respostas	79		
Total de entrevistados	54		

Figura 55



RESULTADOS QUALITATIVOS

a) Fatores relacionados aos investimentos públicos para o AEE

Dirigentes

A lei, a implementação, o apoio, e a política das redes públicas

Primeiro porque o AEE é uma exigência, existe uma lei que obriga que o atendimento aconteça, vontade política e a disseminação da política educacional. Eu acho que a gente fez um trabalho muito forte, com relação às pessoas entenderem que política era essa, o que ela promovia, de onde ela vinha, qual era o objetivo, a discussão *in loco* dos casos, os estudos de caso, que vimos qualificando cada vez mais. Eu acho que esses fatores vêm ajudando a qualificar na rede esse lugar. Estamos investindo pesado na formação desses professores que estão atuando no Atendimento Educacional Especializado. Eles já eram professores da rede e um grupo. Eu acho que temos um trabalho muito sério aqui

na Secretaria de Educação, que nos apoia, que todos os anos oferecem a capacitação para os professores. O que precisamos, as dificuldades que encontramos, eles atendem, nos ajudam. Eu acho que é isso que vem contribuindo para o sucesso do AEE. O investimento sem dúvida nenhuma vem do governo federal, por ter criado um programa, e esse programa é viabilizado. O enfoque no encaminhamento do programa das Salas de Recursos, e agora, com a questão não só da criação, mas de reforma, de equipamentos, de encaminhamento de equipamentos para essas Salas, sem dúvida nenhuma, há um investimento, por meio desse programa, o que facilita muito a possibilidade de a gente ter na escola os meninos com deficiência. Aqui na escola temos esse momento que eles vêm, é um atendimento que está tendo resultado. Eles estão dentro, inseridos na nossa escola realmente. Temos uma sala, o atendimento acontece mesmo na escola. O que ajudou foi que o MEC implantou a Sala de Recursos Multifuncional para que atendêssemos essas crianças com uma educação complementar no turno oposto, isso foi maravilhoso. A nossa Secretaria da Educação de fato acredita na política. É muito importante você ter um gestor que assuma uma posição, compre uma briga, implante e implemente uma política, acho que temos algo muito significativo. A política mesmo da rede tem ajudado o

engajamento da gestão, da política pública do município em abraçar a causa e disponibilizar os profissionais, as salas, para que isso aconteça, essa parceria Governo Federal, os Estados e os Municípios. O diálogo entre as redes precisa do social, da educação e da saúde, se não trabalhar em rede, se não fizer o diálogo, o trabalho do núcleo, o Núcleo de Atenção ao Estudante, onde ficam os psicólogos, as fono, agora este ano a psicopedagoga, a assistente social, a parceria que temos com a Secretaria da Saúde, enfim, quando se fala do executivo, do legislativo, que também mexe com todas essas instâncias para poder garantir tudo isso, então o diálogo é muito importante. É um trabalho de gestão no sentido também de gestão direta da escola, favorecendo assim o trabalho do professor do AEE. Porque se o professor do AEE trabalhar isolado da escola, se não estiver dentro da política, do projeto psicopedagógico da escola, a educação inclusiva, por meio do Atendimento Educacional Especializado ou dos demais projetos que a escola trabalhe, a professora do AEE não vai poder fazer muita coisa.

Apoio com materiais e Sala de Recursos

Essa iniciativa de ter a Sala de Recursos na escola é fundamental. Eu acho que a escola com os alunos inclusos, sem esse atendimento aqui, não tinha como acontecer. Eu acho de total importância o atendimento na sala. Como ela está sendo instrumentalizada, equipada, favorece bastante esse canto especial, para que você ali promova a construção, o fazer, utilizando parte dos recursos tecnológicos e isso favorece muito. Eu acho que se a criança não aprende de um jeito, outras coisas têm que ser lançadas, oferecidas para que ela possa se desenvolver, avançar de alguma forma. O MEC nos mandou recursos, nós compramos, aplicamos, e o que tem ajudado é esse material que o MEC sempre está disponibilizando. Hoje nós já dispomos de um vasto material, seja eletrônico ou mesmo de manuseio. Temos a aquisição de recursos e materiais acessíveis, o material está bem diversificado. O sistema de ensino junto ao MEC tem priorizado recursos para que a Sala do AEE, para que a escola receba materiais, subsídios. Mas os recursos que estão vindo, os recursos pedagógicos são imprescindíveis, porque sem os recursos não tem como fazer um bom trabalho. O que tem ajudado a acontecer são os recursos humanos e os

didático-pedagógicos que chegam do Governo Federal. Eles estão sempre chegando, a gente está sempre recebendo, o trabalho do MEC está sempre procurando atender às necessidades do aluno e da escola no todo. É fundamental, porque a escola, o município, não teriam condições de adquirir. Hoje nós temos a sala do AEE tipo 1 e 2, em virtude dos alunos, das necessidades dos alunos que nós temos, então eu vejo que tudo isso são pontos positivos e que vêm somar para que o AEE aconteça dentro da escola.

Investimento da Secretaria e MEC às formações e aos profissionais da escola

O apoio que a Secretaria dá a esses profissionais passando capacitação toda semana, enfim, essa formação que os professores estão recebendo e a escola junto, capacitando os profissionais para atuar, isso foi um ponto de partida muito interessante. Formação que habilita esses novos profissionais para uma nova prática, mas sempre em interação com situações reais e cotidianas. Tudo isso nos ajuda a materializar, a solidificar o AEE nas nossas escolas. A Secretaria da Educação proporciona formações mensalmente para os professores especialistas, tanto para os professores das Salas Multimeios como para os auxiliares de ensino, e também para os demais profissionais da escola. As formações são muito importantes, teve todo um investimento em cursos de formação e aí o professor se sentiu mais seguro para participar, para auxiliar, ele se motivou e melhorou muito o AEE. O apoio da Secretaria da Educação nas formações é fundamental. Daí estar funcionando como está. O trabalho da Sala Multimeios do Atendimento Educacional Especializado é fundamental, as formações ao longo do processo também. Ao longo dos anos a gente tem tido essas formações, e há necessidade realmente de se aprender a conviver com essas crianças, e esse AEE vai se consolidando quando a gente vive um momento onde está acontecendo muita formação e há espaço para a gente trabalhar. É um trabalho que começou há bastante tempo, o cuidador, o professor auxiliar que nós temos em toda a rede, e depois veio a Sala de Recursos, é toda uma política, uma visão, e pessoas que têm muita vontade. E essa formação contínua que damos, procuramos estudar, mandamos textos, e o pessoal é muito engajado. Uma coisa muito importante

é que, nesta rede, é uma condição para o professor compor a equipe do Atendimento Especializado que ele tenha disponibilidade de estar em tempo integral na escola. Todos trabalham os dois turnos com o Atendimento. O sistema de ensino junto ao MEC tem priorizado recursos para a Sala do AEE, pessoal especializado para trabalhar com essas crianças. Primeiro foi a contratação dos profissionais, depois a organização dos espaços para trabalhar o AEE na escola. Eu acho que isso é muito importante, o envolvimento da própria escola, estamos investindo na Formação Continuada. A Formação Continuada dividida em visitas, em presencial, duas etapas, e também os Grupos de Estudo na própria escola, assumidos pelo professor do AEE, especificamente; quando tem professores-mediadores e o intérprete educacional, eles vão se ajudar para que esses Grupos de Estudo aconteçam. Esse suporte para os municípios também dado pelo MEC.

Professor P1 – Professor P2 - Professor AEE

A lei, a implementação, o apoio, e a política da redes publicas

O primeiro passo que auxiliou o AEE foi a política que veio assegurar, embora saibamos que desde a Constituição, da LDB, já vinha sendo citado o direito, mas a Política da Educação Especial veio consolidar isso. Então, o primeiro passo eu vejo que foi a política, a direção sempre aberta, o apoio da Secretaria da Educação, do diretor, do próprio MEC que disponibiliza as salas de AEE, acho que todo o sistema acaba trazendo o AEE. Desde o Ministério da Educação, então vai passando, Secretária da Educação, da direção, da coordenação é tudo um apoio, dá bastante suporte, apoio financeiro, pedagógico! A gerência de Educação Especial do município, que é compromissada e tem mesmo interesse em fazer a Inclusão acontecer, o gestor municipal, que procura ajudar o município a trabalhar, eu acho muito positivo esse olhar que o município tem para Educação Especial, que é bem organizada. A nossa gerente da Educação Especial busca muito, tem um grande envolvimento. A integração entre as secretarias municipais, a disponibilidade de profissionais da área da saúde, de psicólogo, de oftalmo, todos esses profissionais somam, e tudo isso é um trabalho de

formiguinha, cada um faz um pouquinho que é a sua parte, e no final nós temos um resultado. Esse resultado é o Atendimento Especializado nas escolas. Temos o NUMAPS, que é o Núcleo de Apoio Psicopedagógico, que é da SEMED, que é o que a gente tem contato mais direto. Então nós temos o coordenador e o técnico que vem aqui. Eles fazem o encaminhamento dos alunos para psicólogo, fono etc., orientam os pais, conversam com a família, eu gosto muito disso. E também todos os recursos que nós recebemos do MEC e de outras instituições que nos beneficiam, recursos ótimos de acessibilidade em prol do nosso aluno.

Apoio com materiais e Sala de Recursos

É todo o material que vem para cá e a riqueza desse material! Porque você entra na sala do AEE e tem um material todo diferenciado para as crianças. Porque se não tivermos os materiais pedagógicos para o professor do AEE trabalhar, ele não vai conseguir suprir as necessidades. Os recursos do MEC que vieram, a tecnologia é que atrai muito as crianças. Trabalhamos com jogos concretos, com atividades escritas que trabalham a diferença, a dificuldade do aluno, mas o que chama a atenção deles é a tecnologia. Procuramos bastante usar jogos de software, porque é o atrativo da sala. No caso, nós temos os computadores. Tem computador para trabalhar com criança que não ouve, tem o computador para criança que não enxerga. É muito importante isso. Tem livros que a criança vai manusear também, em casa ela não tem esse tipo de material para trabalhar; um livro que tenha Braille, um livro que tem LIBRAS. Os materiais que vêm do MEC são muito importantes porque são um apoio bem grande. Com os nossos equipamentos de hoje nós temos recursos para os nossos alunos com deficiência, nós temos tudo o que nós precisamos. Temos muitos materiais bons para trabalhar diferenciado com essa criança em outro horário. Quando tem material concreto que a gente precisa, é ali com o professor do AEE, com orientação e tudo, que vai nos ajudar. Quando precisamos desse material, também ela fornece para trabalharmos na sala regular. Eu trabalho com alfabetização e é onde a criança precisa, é um trabalho que complementa mesmo o trabalho da sala regular. Então é esse apoio do professor do AEE e todo o material que eles têm ali, são materiais riquíssimos, materiais muito bons, esses recursos que

vêm, esses materiais disponíveis dentro do AEE são fundamentais. A questão do espaço físico, a estrutura que a escola oferece, que é muito importante, não só o acesso, tem essa escada aqui, mas tem acesso pela rampa, para os meninos. Eu vejo que a escola como um todo abraça os alunos, tem o espaço adequado para eles. Tem outro momento, tem outros materiais, mais concretos para eles poderem manusear e assim ir avançando.

Investimento da Secretaria e MEC às formações e aos profissionais da escola

O AEE existe porque a Secretaria de Educação oferece um professor capacitado para trabalhar e também formações para nós. Temos formação mensal no município. O que aprendemos nessas formações ajuda bastante. Ultimamente eles estão fazendo até um curso especializado em AEE, que acontece no Centro de Formação do Estado. A Secretaria de Educação oferece formação de vez em quando para os professores do AEE e coordenadores das escolas. É bacana ter a professora de AEE em alguns momentos de HTPC para discutir sobre os casos. Nos seminários do MEC sempre vai um professor. Isso é muito bom. Porque eles tiram um tempo para discutir, ver outros casos que são muito mais graves que aqueles que a gente tem aqui. O Governo Federal, com esse espaço para interagir, tem ajudado muito, tanto as crianças como os pais, porque isso ajuda na interação. Ajuda eles verem que não podem viver isolados, que eles têm que viver com os outros, próximos do outro, interagir. Ninguém pode viver só.

b) Fatores relacionados diretamente ao AEE a inclusão escolar

Dirigentes

O apoio e comprometimento da coordenação e gestão

O que tem ajudado o AEE acontecer é a gestão que acolhe as reivindicações. A gestão é muito importante e depende um pouco da gente também aceitar, abraçar a causa,

uma vez que o gestor abraça a causa, você vai, traz um, traz outro, traz o educador. Nós somos, enquanto equipe, muito unidos e muito abertos a propostas. Estamos sempre ouvindo as necessidades de cada criança, mesmo que seja a necessidade de compra de um material que vai ser único, que vai ser usado só por ela, queremos ir em frente junto com o nosso aluno, fazer tudo para elevar o nosso aluno. O grupo que forma o AEE é muito coeso, é muito junto, dá respostas rápidas para a gente, nos auxilia com rapidez. O AEE acontece porque a gente corre muito atrás e tem o querer também dos gestores, com muita dificuldade, mas a gente está fazendo muito trabalho, chega o material, tem os profissionais, mas a questão da gestão, ela faz a diferença, porque é ela que articula, que demonstra aquele interesse de fazer com que consolide o AEE. E quando a gestão se empenha todo mundo se empenha junto. Porque sabe que pode contar com ela. A partir do momento que nós conscientizamos os nossos Gestores que o AEE vinha para dar suporte aos professores, que vinha para ajudar o aluno, então houve um acreditar, e um acreditar verdadeiro. Hoje todos os diretores querem o AEE em suas escolas, porque eles sabem que é um apoio para criança com deficiência e para os professores. A direção tem que ser a favor desse projeto, percebemos isso aqui na escola, que a direção é favorável a ter a Sala de Recursos na escola. Quando o diretor é inclusivo a equipe pedagógica com certeza acompanha a direção, porque ele aponta, ele é a águia que puxa o pessoal, então conseguimos fazer um trabalho muito bom. E também sempre dialogar com o grupo de professores, porque os alunos não estão aqui só pela socialização, só pela convivência. Temos que ter objetivos pedagógicos. A gestão da escola está proporcionando espaços adequados para essas Salas de Recursos. Temos escolas pequenas, escolas com pouco espaço, mas o diretor arruma uma forma, um jeito para que aquele espaço seja proporcionado para aquele atendimento. Também contamos com a parceria dos professores das salas de aula, que quando recebem o aluno na escola, se ele acha que o aluno tem alguma dificuldade, passam para a Supervisão.

O trabalho dos professores do AEE

O que tem ajudado o AEE é o trabalho dos professores do atendimento na Sala de Recursos. O comprometimento, a responsabilidade, o empenho desses profissionais é muito grande. A gente fala do empenho, e é muito importante colocar isso em tese. Os profissionais têm mudado a nossa escola com o AEE. É a persistência dessas professoras que estão à frente dessa Educação, no ensino, na prática do dia a dia, na comunicação, nas atividades, o entendimento, a socialização, o aprendizado de uma forma geral. Elas fazem atividades diferenciadas com o conteúdo. Elas são dedicadas, correm atrás, fazem, com o pouco que tem, acontecer a educação inclusiva, justamente porque elas conseguem integrar o aluno na sociedade. Elas procuram recursos, montam cursos e procuram esclarecimentos, tiram dúvidas, fazem grupos de estudo para buscar conhecimentos. Não temos que fazer o diagnóstico, temos que entender o ser humano. É atrás dessa busca que alunos e professores vão. Tem aquele sonho de ver os alunos progredindo e isso temos assistido dentro da escola. As meninas do AEE são muito atenciosas, professoras bem capacitadas, acredito nelas, tem o perfil, se entregam, se preparam, fazem um trabalho admirável. São guerreiras, acreditam, se dispõem, procuram os professores para conversar, com conhecimentos que nos amparam muito. Nos reunimos toda sexta-feira em dois grupos. Uma turma de manhã e uma à tarde para estudo e apresentação dos estudos de caso, das dificuldades, das angústias. É a mediação. Acho que é o ponto forte. A vivência em sala de aula, nessa questão da inclusão, ela é um desafio, e o AEE vem como uma ponte justamente para mediar essa ação, que precisa ser sempre muito bem pensada, muito bem planejada, bem elaborada, e dar essa segurança para que o docente possa também, na sua realidade, desenvolver este trabalho com objetivos significativos, e não somente ficar olhando. Pois esse aluno que está conosco precisa realmente ter oportunidade de crescimento e de aprendizagem. Esse é o nosso foco. Então, o grupo é um grupo coeso, participativo. O que tem ajudado também é que as professoras do AEE têm todo um perfil para lidar com crianças especiais, que foram preparados, conhecem a sua função e estão tendo formação continuada nessa área, vão atrás de cursos, participam de cursos de LIBRAS, têm a capacidade de enfrentar as dificuldades que aparecem na

escola, de uma maneira que não abaixam a cabeça para os problemas que chegam. Elas tentam resolver, porque amam muito o que fazem e têm muito amor por esses meninos. Eu acredito que até a disponibilidade da professora, o interesse que ela tem em ajudar os alunos, isso faz com que as coisas aconteçam realmente e há disponibilidade de um profissional de vir até uma escola rural para trabalhar com a gente. O dia que ela não vem todo mundo sente, as crianças principalmente. Ela vai atrás, movimenta, vai nas casas, faz estudo de caso, chama os pais, se envolve com a escola, com os alunos que ela atende. Quando chega um aluno novo nós indicamos para ela e ela acompanha, faz acontecer, acompanha os resultados desses alunos. Então essa é a grande vantagem: trabalhar com pessoas que realmente gostam do que estão fazendo. Aí está se formando um grupo, na verdade dando as mãos para que isso se fortaleça cada vez mais, o diferencial mesmo são elas que fazem. São as professoras do AEE. Eu posso usar essa palavra com muita convicção, precisa ter paixão, precisa amar aquela profissão que ele vai desenvolver. Porque, se não tiver isso, não tem como dar certo, não tem como funcionar.

A parceria dos professores do AEE com os demais professores

Eu creio que houve uma aproximação do professor com a sala do AEE. A aproximação entre o professor de sala, a coordenação e o AEE propiciou um trabalho mais efetivo para esses alunos. Não adiantava ter a Sala do AEE, ter uma professora que tenha vontade, mas os professores da sala comum ficarem um pouco retraídos, ficarem fechados. Isso não resolveria. O professor da sala comum facilita o trabalho do professor do AEE porque ele deixa o professor do AEE estar na sua sala de aula, observar o aluno e fazer o intercâmbio. Assim ele tem uma via de acesso diretamente na sala com o próprio aluno. Os próprios professores de AEE estão conscientizando o professor da sala de aula comum de que eles têm que trabalhar em parceria, tem que ter um elo. Elas têm que conversar: Qual a necessidade do aluno? O que eu posso fazer. E tem a questão do PAP em sala de aula. Ela também trabalha em conjunto com a professora regente. Acho que essa parceria do Regular com o professor do AEE é fundamental, trabalhar em conjunto, interagindo. Acho que

se não tiver a parceria do professor da sala com o professor do AEE o atendimento não terá sucesso. Porque ninguém sabe tudo, um apoia o outro. Observo que os professores sempre recorrem e estão prontos para ajudar. A professora do AEE também participa dos nossos Conselhos.

O comprometimento dos professores das salas regulares

Aqui na escola existe o compromisso e o comprometimento de vários professores. Eles estão à disposição de todo o corpo docente, nós temos professores que são comprometidos, que buscam, que pedem ajuda, que cobram, porque querem fazer a diferença. Porque eles não estão querendo fazer de conta. Eles querem fazer de verdade. O que tem ajudado é, principalmente, a determinação das profissionais abraçarem a causa, abraçarem a busca de ajuda, porque quando os professores não buscam ajuda fica difícil. Dentro da sala de aula, o primeiro olhar é o do professor, ele tem que abraçar, ele tem que ter esse suporte. Quando o professor abre o coração, aceita o aluno com uma limitação, tudo facilita e faz acontecer.

A coletividade de todos envolvidos no dia a dia do AEE

A coletividade, o envolvimento, a participação, o vestir a camisa, ou, tipo assim: Esse aluno é nosso. O comprometimento dos profissionais que estão envolvidos faz acontecer a inclusão. Não adianta a Secretaria de Educação mandar todos os materiais, não adianta o Governo oferecer os cursos, se os profissionais que estão envolvidos nesse processo não estiverem inteiramente engajados. A minha equipe é uma equipe coesa, sabe o que quer. A minha equipe pedagógica é formada por todos os segmentos da escola. Eu não me sento para planejar uma por uma, eu me reúno com a equipe toda semana. O coletivo é muito melhor. Dividir e dar autonomia. Nós temos objetivos traçados. Se eu tivesse uma equipe que não entendesse a filosofia de trabalho da Escola, eu acho que não daria certo, porque o suporte para isso é muito pouco. A gente passou a se unir e mostrar mesmo o valor de cada profissional do AEE e a importância que eles têm. Quando trabalhamos com a união,

com a força de vontade, sentimos que transforma. É uma integração família-escola-professores-profissionais, é a parceria mesmo, ninguém aqui faz um trabalho isolado. Aquele problema passa a não ser mais um problema, passa a ser a solução. É a equipe estar sempre disposta, é uma sociedade. Por exemplo, se a professora do 2º ano que tem uma criança que tem uma determinada necessidade especial, mas a do 3º ano está no pátio com ela e ela precisa de uma ajuda com aquela criança, ela está sempre disposta a ajudar. A pessoa da cozinha, que tem que fazer um alimento especial porque uma criança tem dificuldade de se alimentar, ela tem aquele olhar, aquela coisa de cuidar do alimento da criança. Têm que colaborar para que isso aconteça, e também o respeito para com essas crianças que têm tantas dificuldades, mas que encontram na escola um apoio. As pessoas aqui da escola aprenderam que o aluno especial, ele não é um aluno do professor e sim que ele é um aluno nosso, ele é um aluno da escola. E também os alunos, porque vemos o cuidado que eles têm com os colegas. É o aluno, é a zeladora, o professor, o vigia. O que faz acontecer o AEE é um todo. E sem contar que nós temos um professor de AEE que acredita, porque para ser professor de AEE tem que acreditar. O AEE está deixando de ser uma coisa que as pessoas veem como um espaço à parte da escola, e passa a ser parte da escola, todas as pessoas abraçaram mesmo a causa, e aí eu acredito que foi isso mesmo que fez com que o AEE acontecesse, é o que faz crescer, e isso é o que a gente consegue de resultado, encaminhando os casos, e obtendo resultados. Também é importante o retorno dos pais.

Professor P1 – Professor P2 - Professor AEE

O apoio e comprometimento da coordenação e gestão

A gestão é fundamental. A concepção que a gestão tem sobre essa política de Inclusão é fundamental. A visão que, no nosso caso, a Secretaria de Educação tem sobre essa política de Inclusão também é fundamental, enfim, o empenho da coordenação, o empenho da direção. O AEE só acontece se a gestão escolar tiver essa vontade que ele aconteça. Porque se a gestão não tiver essa vontade, ele não acontece. Ele pode ter um espaço, pode ter um profis-

sional, mas não acontece. Agora se está junto, entendendo o trabalho, qual é a proposta, os resultados são mais rápidos. Aqui é o esforço mesmo da direção que ajuda o AEE acontecer, que tem colaborado com a equipe pedagógica; a equipe gestora aqui é uma equipe de muito comprometimento, é uma equipe disposta, que está sempre ajudando, auxiliando a professora do AEE e os demais professores. A gestão é democrática aqui nessa escola. Eles são muito flexíveis, são dialogáveis. O que a gente busca eles trazem para nós, para nossa realidade, para realização do AEE. Esse diálogo existe muito, isso facilita muito o trabalho porque dá muita confiança. Tem o apoio da direção, a parceria da equipe de gestão em acreditar no meu trabalho, a gente vê que está sendo bem assistida. O carinho com o nosso trabalho e o reconhecimento aqui é muito grande. O diretor vai tanto ajudar quanto abrir espaços para realizar formações para atuar no AEE e também na busca de materiais. Principalmente os coordenadores que estão mais com a gente, quando eles abraçam a causa da Inclusão. A equipe pedagógica da escola é uma equipe que ajuda mesmo. A gente faz reuniões com a comunidade para explicar o AEE. Eu acho que foi o trabalho da equipe pedagógica que conseguiu conscientizar os pais. Nós temos apoio da diretora e dos docentes, valorizando muito o trabalho do AEE desde que a escola foi fundada. E quando chegou a sala do AEE foi uma grande festa, foi muito bem aceito, foi muito bem estruturado. Está sendo estruturado aos poucos porque tudo é um processo. Desde o início da sala teve a disponibilidade, a preocupação de encontrar e possibilitar um espaço para esse atendimento, um espaço adequado, uma preocupação para que o AEE ocorresse da forma prevista como a proposta, a lei e a política imaginaram. Possibilitando a troca com os demais profissionais e os outros professores também. Isso fortalece, me fortalece enquanto professora, porque quando eu tenho uma angústia, quando eu tenho uma dúvida, quando acontece algo, eu sei que eu tenho pessoas que vão me apoiar, que vão direcionar, que vão estar me ajudando a encontrar um caminho para solucionar alguma situação difícil, ou mesmo compartilhar o que é bom, porque nós sempre compartilhamos o avanço, o crescimento das crianças. A direção da escola é muito empenhada em acolher, em receber esses alunos e proporcionar o que é necessário, materialidade, pessoal, o tempo para se encontrar e conversar sobre o AEE. Acho que o apoio da direção é fundamental.

O trabalho dos professores do AEE

Eu acho que o que faz o Atendimento Educacional Especializado acontecer aqui é a força de vontade da professora que aqui está. Ela é muito interessada, vai atrás, tem tudo em cima, todos os relatórios, tudo. É a força de vontade de ver esses alunos, é o amor pela Educação Inclusiva. Eu vejo grande empenho das professoras que trabalham nessa área, o empenho das professoras é muito grande. E eu observo, nesse processo todo, o interesse na realização dos trabalhos. Ter o interesse em buscar, em conhecer mais, em fazer novas formações, dar palestras para os colegas. Os profissionais do AEE são muito competentes e têm muito gosto no que fazem. Elas têm uma visão profissional, mas também um carinho, um amor muito grande. Todos os profissionais aqui aceitam a Inclusão e querem ajudar. O fato das meninas acreditarem que os alunos são capazes, que eles têm capacidade, têm potencialidade, elas passam isso e ficam indignadas quando não conseguem. Sem dúvida nenhuma a capacitação desses profissionais, tanto a que a gente tem agora quanto a que estava antes, os outros que já passaram, é a pessoa especializada, eles passam uma confiança muito grande para a gente. Sabe, assim ... porque tem pessoas que você sabe que você vai poder perguntar alguma coisa, ter um profissional habilitado, competente e capacitado para o cargo, para trabalhar com as crianças, e eu vejo que praticamente quem faz o trabalho total ali é o professor do AEE. O professor que está trabalhando no AEE está pronto para auxiliar tanto os professores, como a escola, como os pais, estamos sendo muito bem orientados. Ele está passando uma orientação muito boa. Eu acho que é um diferencial. As pessoas que trabalham nesse sentido têm que ter esse olhar, e mais do que ter esse olhar, fazer com que os outros despertem também para esse olhar. E as pessoas que passaram por aqui, sim, sempre tiveram esse olhar, essa sensibilidade para os alunos especiais. Acho que isso contribuiu para que tivesse e crescesse, que tomasse mais espaço dentro da escola.

A parceria dos professores do AEE com os demais professores

E a gente está trabalhando em conjunto, tanto a professora de sala de aula, como a professora aqui do AEE, porque tem que ter uma relação entre as duas pessoas para que isso possa acontecer. Há um tempo atrás não tinha. Então, só simplesmente chegava, tirava o aluno da sala e você não sabia o que estava acontecendo, o que o aluno tinha. Você não sabia se era um reforço, o quê que era que estava acontecendo, e hoje já tem esse esclarecimento. É esse envolvimento maior que os professores do AEE estão tendo com os demais professores. A vontade do professor em querer participar, a parceria que nós temos com o professor do AEE que sempre participa do Conselho de Classe, sempre está interagindo, tem que ter esse diálogo permanente entre professores do AEE, professor do ensino comum e o PAP. Você sabe que tem que trabalhar de uma maneira que ele não se sinta excluído. Eu acho que a parceria tem ajudado. A gente tem mais que uma relação profissional aqui, temos uma relação de amizade. Há uma preocupação efetiva com esses alunos, com o quê eles estão produzindo dentro da sala. O professor está ali sempre, qualquer dúvida, ele está ali para apoiar, para ajudar. A gente pode procura-lo em qualquer momento, podemos agendar, se for o caso, o melhor momento para ele atender as dificuldades. Ele ajuda a elaborar material, disponibiliza material para eu trabalhar com esse menino, é um apoio muito grande. Eles têm apoio e a gente tem apoio. E também os professores da sala de aula que acreditam na Inclusão e dão essa abertura para o professor do AEE. Ouve opiniões, pede opiniões, pede ajuda. Aqui nessa escola eu digo que tem sido muito bom trabalhar dessa forma, e o sucesso se dá pelo grupo trabalhar junto, cada um com a sua parte, mas cada um contribuindo com alguma coisa. Enquanto está na Sala de Recursos está sendo atendido pela professora de AEE e na sala de aula pelo professor comum. Tanto a parte diretiva, quanto a parte de professores tem feito acontecer o AEE de modo especial nessa escola.

O comprometimento dos professores das salas regulares

Os próprios professores fazem com que o AEE funcione, eu vejo a preocupação dos professores de trabalharem juntos para melhorar essas crianças que precisam de um acompanhamento especial. Acho que a própria equipe, todos os professores (de Português, Matemática, História etc.), precisam trabalhar com a professora do AEE. A questão de professores que talvez antes não viam a Inclusão como algo bom ou necessário estão começando a vê-la com outros olhos, pois os alunos estão se desenvolvendo bem. O aluno chega de um jeito e, em questão de um, dois meses ou mais tempo, depende do aluno, ele já está totalmente diferente, está interagindo. São as atitudes de alguns professores, esses realmente me comovem, que abraçam a minha causa, abraçam a causa da inclusão, e tentam procurar fazer a diferença. Porque já amoleceu o coração deles também. A mente também mudou o modo de pensar. É claro, nem todos pensam, mas o que faz acontecer isso aqui e ainda não fechou essa Sala de Recursos, e cada ano tem sempre mais, é o trabalho direcionado de todos aqui.

A coletividade de todos envolvidos no dia a dia do AEE

O que tem ajudado é o envolvimento de todos, quando trabalham juntos. É a abertura, a acolhida, a participação dos profissionais, a cooperação de todos, da coordenação, dos professores, enfim, essa troca de informações, porque realmente a gente sozinha não consegue. A preocupação dos pais com o aluno que sempre está falando com o professor de sala de aula, sempre está falando com o professor de AEE, e assim, juntamente com a direção e todos os envolvidos. Teve a aceitação de todos os profissionais da nossa escola, que estão assim imbuídos nessa questão aí; nós realmente abraçamos essa questão da Inclusão, e então todos nós estamos trabalhando juntos para que esses alunos ditos com deficiência sintam-se normais entre os outros também. Assim, toda a escola abre a porta para a Inclusão. Acho que o AEE precisa ser acolhido pela escola: direção, coordenação, supervisão, professores. A parceria da equipe, a parceria da família é fundamental e ter professor aberto

também. As pessoas têm que estar abertas às diferenças, querer trabalhar no coletivo. O apoio dos colegas é importante porque a sala de aula comum e a sala de atendimento têm que trabalhar juntas, uma apoiando a outra, uma ajudando a outra. Assim o trabalho flui de uma forma bem natural. Existe companheirismo, respeito, troca. A gente avalia no que errou e no que acertou. O que deu certo aqui foi essa integração do grupo, porque a gente tem muitas dificuldades e fica sempre procurando melhorar. E o profissional está sempre buscando, está diariamente com a gente. E mesmo não tendo a preparação estamos sempre em sintonia, é o conjunto da obra: diretora, pedagogo, coordenadora. Um livre diálogo com toda a equipe diretiva e com todos os professores, a gente conversa bastante para poder saber o que eles estão precisando. É uma equipe engajada. São os funcionários, desde a merendeira, da responsável pela limpeza, o pessoal de apoio, a moça que está no portão de entrada desses alunos para poder orientar, encaminhando-os para as salas. Porque uma pessoa sozinha não consegue fazer, para haver a inclusão tem que ter esse trabalho coletivo. Se não tiver, não existe, no fim o mais importante é o carinho das crianças que é muito bom, e a gente não precisa falar o que a gente faz, vai aparecendo nas crianças, que são os nossos maiores objetivos.

c) Fatores relacionados à participação da família

Dirigentes

A família comprometida é crucial, a família tem que estar dentro da escola; a relação família-aluno-escola, uma união mesmo. E quando isso acontece possibilita a inclusão daquelas crianças. Trabalhamos em grupo, em conjunto, comunidade de pais, trazendo as mães desses alunos. Isso foi muito positivo, as mães estão mais presentes, estão confiantes, mais tranquilas de trazer os filhos, de ter esse atendimento. Elas estão confiando muito na escola. Não adianta só ir para a escola, para o professor do AEE, a família também tem que estar incluída; quando a família está integrada com a escola, acredita no trabalho, isso facilita muito. Nós temos as famílias que apoiam e que desejam esse acompanhamento. Nós temos uns pais que eles partici-

pam mesmo, eles não deixam as crianças faltarem. Quando a comunidade conhece esse serviço, quando os pais que têm alunos inclusos desfrutam desse serviço, eles veem o quanto é bom e o quanto é necessário. Então o que eu acho que vem contribuindo para o sucesso do nosso AEE é isso, é esse elo com a família. Nós acabamos de promover uma reunião com todos os pais, a direção, a orientação, a professora do AEE. Então temos envolvido muito as famílias, feito as famílias pelo menos se sentirem um pouco acolhidas, porque já é muito difícil a realidade deles. Porque essa é uma grande função, assim se não tiver eles vão atrás, uma mãe por não ter um acompanhante para o filho dela, que não é mais um acompanhante, é um cuidador, ela foi falar lá no Ministério Público e num instante veio. Enfim, o entendimento dos pais; a aceitação; o respeito dos pais, que uns têm pelos outros; isso aí tudo vem já contribuir para que aconteça o AEE.

Professor P1 – Professor P2 - Professor AEE

O AEE acontece pela própria vontade dos alunos de participar, o apoio e a questão familiar, de o pai correr atrás, de o pai questionar, de vir conversar com a direção da escola. E também pelo número de interessados, mesmo, que a inclusão aconteça. Tem também a necessidade da própria comunidade que tem filhos que precisam desse atendimento, desse atendimento diferenciado, que buscam uma ajuda, que buscam a escola, e que querem também inserir o seu filho num convívio social. Parece que os pais estão se conscientizando mais de que há uma necessidade que essa sala exista. É essa participação da família querer o melhor para o filho dela, querer o aprendizado. Eu vejo que há famílias aqui também que estão envolvidas com outros grupos fora da escola, e acaba que elas têm uma visão, assim, do dever da escola em relação a esses alunos, e então elas acabam cobrando acessibilidade, algumas famílias conhecem bem os seus direitos, nós procuramos ter uma relação próxima com as famílias que atendemos. É a parceria que existe entre escola, família e comunidade em geral, todos trabalhando juntos em prol de uma educação de qualidade. A aceitação dos pais, a confiança que os pais depositam na gente, por mais que tenham dificuldade trazem a criança

fora do horário, aí eu dou as atividades de linguagem para levar para casa, para a mãe passar para o filho, aí ajuda bastante, é um trabalho família-direção-professores do AEE, é um trabalho assim amplo. Porque não adianta trabalharmos somente aqui na escola com essa criança, e a família chegar em casa e fazer tudo ao contrário do que aquilo que trabalhamos aqui, porque aí também não vai ter uma complementação. A família também sente essa necessidade de vir, de trazer a criança no contra turno, de vir conversar. É importante também visitar a família, porque eu fui a todas as casas de todos os meus alunos. Porque quando você vai visitar a família é muito diferente de você conversar aqui na sala com ela. Quando você vai lá, ela se abre mais, ela conta detalhes que podem ajudar muito, contribui muito para o desenvolvimento da aprendizagem da criança aqui. Os pais também acreditarem no trabalho, toda essa interação faz a mudança, e quando se vê mudança, acredita-se mais. Acredito também que os alunos de modo geral, graças a Deus nós temos alunos que sabem o valor dessa inserção, e recebem esses alunos na maioria das vezes com amor, com carinho. Os nossos alunos têm feito acontecer nessa escola o AEE de modo especial. Eu acho que é o fato de os alunos estarem na escola, isso que mostra para a gente que é possível, que isso pode acontecer. Acho que são os próprios alunos que nos mostram. Eu aprendi com os meus alunos. Eles me ensinaram que eles podiam aprender, e como eles aprendiam. O sucesso aqui na nossa escola está nos nossos alunos que conseguem, que estão progredindo. É o que faz a gente ter sucesso.

Questão

9

E o que tem prejudicado? Por quê?

Questão 9

E o que tem prejudicado? Por quê?

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO NAS CATEGORIAS

a) *Fatores Relacionados a Investimentos Públicos para o AEE*

Diz respeito ao financiamento público para garantir as condições mínimas necessárias ao AEE (recursos físicos, materiais e humanos). Falta de recursos. Falta de materiais. Acessibilidade física. Atendimento ser em outra escola e não ter um transporte específico para isso. A distância. Atendimento de saúde.

b) *Fatores Relacionados Diretamente à Implementação do AEE*

Refere-se a questões que prejudicam a atuação direta do AEE nas escolas e atitudes dos profissionais nelas envolvidos diante das inovações educacionais. Resistência dos professores. Falta de esclarecimento sobre o AEE. Visão distorcida dos profissionais em relação ao professor de AEE, a pequena quantidade de aluno ajuda. Profissional atuando na zona rural e urbana. Falta de profissionais Os diretores das escolas. Falta de capacitação dos professores; professores que não quererem trabalhar com o AEE. Falta de um professor para acompanhar o aluno na sala de aula. Dificuldade dos professores. Falta de interesse do profissional em se capacitar. Medo de errar dos professores. Resistência das pessoas. Leis que não são implementadas.

c) *Fatores Relacionados à Participação da Família*

Implica na negligência dos pais para que seus filhos possam se beneficiar do AEE. Família que não colabora, que não aceita, não leva para ter um laudo/diagnóstico. Família que não traz o aluno para a escola.

d) *Nenhum fator prejudica*

e) *Não Respondeu Adequadamente*

RESULTADOS QUANTITATIVOS

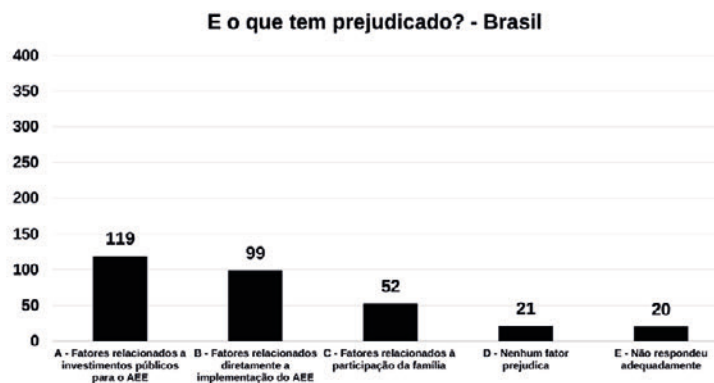
Percentual de ideias centrais relacionadas à questão 9 – *E o que tem prejudicado. Por quê?*

BRASIL

Tabela 61

9 - E o que tem prejudicado? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Fatores relacionados a investimentos públicos para o AEE	119	38,26%	45,59%
B - Fatores relacionados diretamente a implementação do AEE	99	31,83%	37,93%
C - Fatores relacionados à participação da família	52	16,72%	19,92%
D - Nenhum fator prejudica	21	6,75%	8,05%
E - Não respondeu adequadamente	20	6,43%	7,66%
Total de respostas	311		
Total de entrevistados	261		

Figura 56

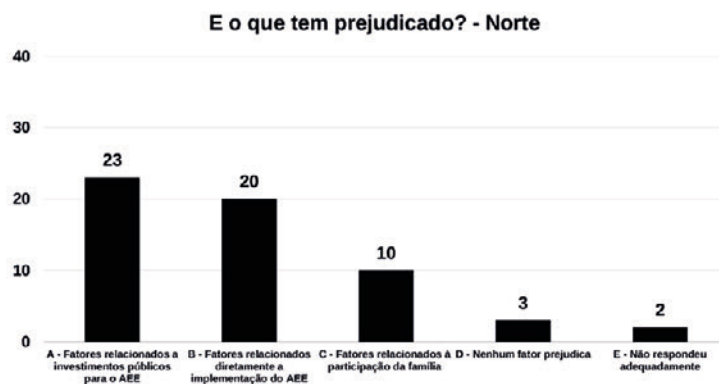


REGIÃO NORTE

Tabela 62

9 - E o que tem prejudicado? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Fatores relacionados a investimentos públicos para o AEE	23	39,66%	52,27%
B - Fatores relacionados diretamente a implementação do AEE	20	34,48%	45,45%
C - Fatores relacionados à participação da família	10	17,24%	22,73%
D - Nenhum fator prejudica	3	5,17%	6,82%
E - Não respondeu adequadamente	2	3,45%	4,55%
Total de respostas	58		
Total de entrevistados	44		

Figura 57

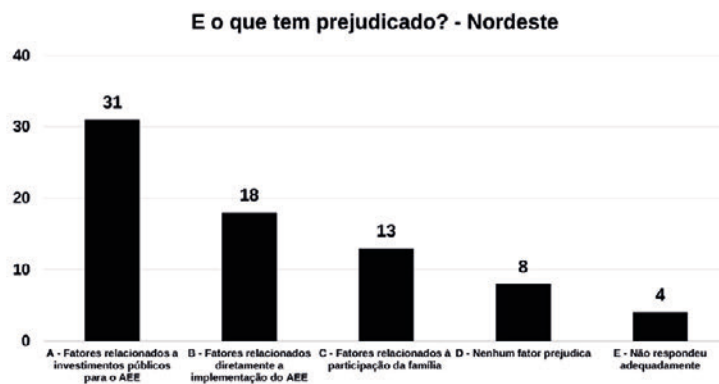


REGIÃO NORDESTE

Tabela 63

9 - E o que tem prejudicado? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Fatores relacionados a investimentos públicos para o AEE	31	41,89%	46,97%
B - Fatores relacionados diretamente a implementação do AEE	18	24,32%	27,27%
C - Fatores relacionados à participação da família	13	17,57%	19,70%
D - Nenhum fator prejudica	8	10,81%	12,12%
E - Não respondeu adequadamente	4	5,41%	6,06%
Total de respostas	74		
Total de entrevistados	66		

Figura 58

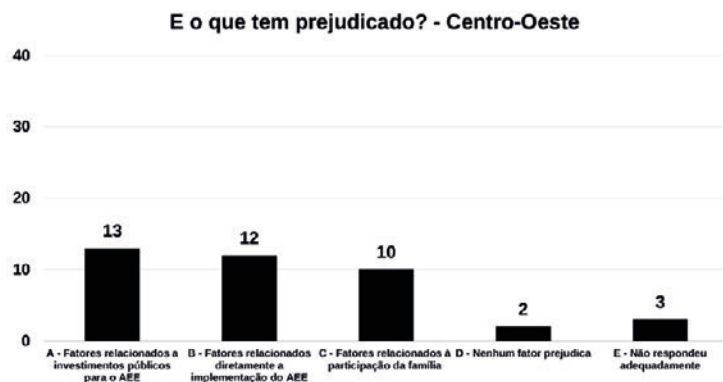


REGIÃO CENTRO-OESTE

Tabela 64

9 - E o que tem prejudicado? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Fatores relacionados a investimentos públicos para o AEE	13	32,50%	39,39%
B - Fatores relacionados diretamente a implementação do AEE	12	30,00%	36,36%
C - Fatores relacionados à participação da família	10	25,00%	30,30%
D - Nenhum fator prejudica	2	5,00%	6,06%
E - Não respondeu adequadamente	3	7,50%	9,09%
Total de respostas	40		
Total de entrevistados	33		

Figura 59

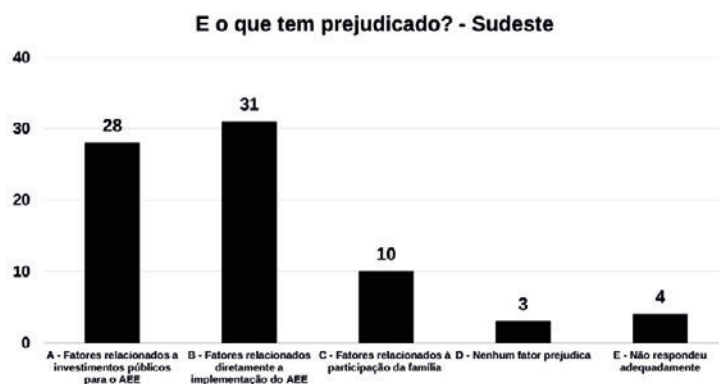


SUDESTE

Tabela 65

9 - E o que tem prejudicado? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Fatores relacionados a investimentos públicos para o AEE	28	36,84%	43,75%
B - Fatores relacionados diretamente a implementação do AEE	31	40,79%	48,44%
C - Fatores relacionados à participação da família	10	13,16%	15,63%
D - Nenhum fator prejudica	3	3,95%	4,69%
E - Não respondeu adequadamente	4	5,26%	6,25%
Total de respostas	76		
Total de entrevistados	64		

Figura 60



REGIÃO SUL

Tabela 66

9 - E o que tem prejudicado? Por quê?	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (repostas)	Frequência Relativa (pessoas)
A - Fatores relacionados a investimentos públicos para o AEE	24	38,10%	44,44%
B - Fatores relacionados diretamente a implementação do AEE	18	28,57%	33,33%
C - Fatores relacionados à participação da família	9	14,29%	16,67%
D - Nenhum fator prejudica	5	7,94%	9,26%
E - Não respondeu adequadamente	7	11,11%	12,96%
Total de respostas	63		
Total de entrevistados	54		

Figura 61



RESULTADOS QUALITATIVOS

a) Fatores relacionados aos investimentos públicos para o AEE

Dirigentes

Recursos e apoio

O que mais prejudica a implementação do AEE é a falta de recursos, falta de investimento. Porque não se tem recursos próprios para fazer esse trabalho, para trabalhar com aluno especial. Existe a necessidade de alguns equipamentos, de materiais, já que os pais não podem adquiri-los, por exemplo, uma cadeira de rodas porque os pais não podem ter e a escola deveria ter, pelo menos, para uso interno afim de dar apoio aos seus alunos. E como é um processo de transição a escola não tem esses recursos. A gente ainda está buscando essas adaptações, os recursos, e até a questão da acessibilidade também. E a gente consegue fazer isso aos poucos, porque a Escola Pública, a gente sabe, ela não tem autonomia financeira e dependemos de projetos para passar por essa fase. A nossa Sala de Recursos é pobre, tudo o que tem aqui as meninas procuram confeccionar com material de sucata. A Sala de Recursos tem que ter recursos. Não é um simples computador, não é só uma impressora que vai fazer a diferença. Nós sabemos que tem inúmeros materiais adaptados que podem servir para nós, porque aqui temos alunos cadeirantes, alunos que ficam se arrastando no chão e nós não temos tapete e nem uma bola boa. Alguns recursos ainda não chegaram, mas estão vindo. Se não vem recurso, a gente faz o mínimo que a gente pode fazer. Mas eu acho que se viesse recurso a gente poderia realmente fazer o que deveria ser feito na Educação Inclusiva. O AEE é um trabalho excelente, é muito bom, mas precisa de muita ajuda. O que prejudica também é a falta de apoio dos governantes, de conhecimento dos superiores, da Secretaria, do Governo de um modo geral. Eu acredito que essa falta de conhecimento acaba assim podendo algumas atitudes que a gente poderia tomar para melhorar a questão da qualidade do Atendimento Educacional Especializado. A gente visualiza que esse apoio

não está sendo dado, subsidiado da forma que deveria ser, necessita de mais, nós poderíamos ter o trabalho aí com o atendimento de profissionais mais qualificados, apoio às formações, financiamento de formações. Acredito que o MEC deveria fazer uma fiscalização para saber que muitos gestores, quando muda a gestão do município, porque são novos não têm muito conhecimento da importância da Educação Especial na rede. Temos também o fato que a gente não consegue estar em todas as escolas, há falta de apoio daqueles que poderiam nos ajudar a ter esse atendimento. O que falta na nossa escola, na rede municipal, na sala do AEE, é mais empenho da escola, da Secretaria. Há anos que a gente já poderia estar atendendo melhor. A expansão do AEE é urgente. Porque já que a gente não tem na escola a gente tem que procurar quem pode nos atender.

Mais profissionais e/ou multiprofissionais para diagnóstico

O que tem prejudicado também é a falta de multiprofissionais, o envolvimento com outras áreas, como a saúde, uma assistência social, um psicólogo, um terapeuta, um clínico geral ou pediatra; a falta está causando demora na documentação da criança para que ela seja considerada aluna da sala do AEE. Não temos um atendimento psicológico imediato, que a gente possa ter um laudo, possa ter uma resposta. Nós não temos especialistas aqui na cidade para fazer esses laudos, eles vêm de fora e quando vêm eles atendem poucas crianças, não dá tempo para atender todas. Essas questões burocráticas são muito enroladas, muito demoradas. Nós esperamos de quatro a cinco meses para uma criança passar com um oftalmo, para poder descobrir alguma coisa para ajudar. E muitos meses para uma criança ter uma consulta com um psicólogo, um psiquiatra, um laudo médico, porque o médico demora, está em falta na comunidade. Precisamos de profissionais de fácil acesso, que possam dar esses diagnósticos em tempo hábil para as crianças. Se a gente tivesse esse apoio multidisciplinar, de repente uma equipe, aquela equipe médica que detecta que o aluno realmente tem aquela deficiência, nem tudo ficaria por conta do AEE, pois parece que a equipe fica restrita ao professor de AEE. Nós precisamos também de fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, que não estejam dentro da

escola, mas com os quais teríamos uma interação maior. É preciso investir mais na saúde. Muitas vezes a gente precisa de alguma coisa, tem uma criança especial que precisa de um atendimento em relação a fono, em relação a outras coisas que o AEE não pode desenvolver e isso tem prejudicado. Um trabalho que poderia ser desenvolvido com uma criança com um laudo em mãos, pelo qual você soubesse realmente a limitação dessa criança e o que trabalhar com ela facilitaria o atendimento. Seria mais rápido e possibilitaria muito mais aprendizados no correr do ano. O aluno que você já tem um foco é mais fácil, porque viver no achismo é difícil. No achismo você atira para todos os lados e é a burocracia que causa a demora e atrapalha. O fato de o professor do AEE não atender uma única escola também prejudica. Ele deveria estar aqui 40 horas, até porque precisa de mais tempo para poder preparar material e muitas vezes ir à casa da família do aluno, fazer planejamento e para oferecer mais formações para os professores na escola. Também o fato do professor não ser efetivo, ele muda de escola todo ano e aí toda aquela formação que aquela professora fez, vai embora e vem uma outra que precisa aprender. No ano que vem pode ser uma outra, dizem que vão ser contratados professores com habilitação, mas até que isso aconteça a gente está vendo uma desvalorização da carreira do professor do AEE, muita gente saindo, e a gente tendo que dividir os profissionais em mais de uma escola.

Espaço físico

O nosso problema aqui é o espaço físico, que precisa ser melhor, com uma infraestrutura pois a acessibilidade da escola não é boa. A acessibilidade não é tudo, mas é necessária e não foram feitas adequações no prédio escolar. Temos a falta de apoio, digamos assim, do município, questão de dinheiro, de verba. O MEC tem muita burocracia em cima disso, que às vezes impede a escola ou o município de receber apoio, e o nosso espaço não é adequado para ter acessibilidade, nós precisamos ter acessibilidade no banheiro das crianças. Se a sala de AEE fosse ampliada seria melhor. Aqui já deveria ter ar condicionado porque o mais gritante mesmo é a questão do clima. A Sala de Recursos é uma salinha pequena, é aconchegante, mas a gente precisava de uma sala bem maior. Uma Sala de Recursos, ela tem

que ser ampla, ela tem que dar espaço para a professora trabalhar. É um ambiente alfabetizador; ter espalhados todos os instrumentos que ela pode utilizar para trabalhar com o aluno; a cadeira de rodas vir e não ter que passar de ladinho para lá e para cá, tem que ter o lugar para a cadeira passar e para as outras pessoas circularem, e um banheiro adaptado dentro da sala. Então, para mim, o que mais prejudica é a questão da acessibilidade mesmo, da estrutura da escola que não é boa para questão da inclusão dessas crianças. A gente busca essas pequenas coisas, muitas vezes na Secretaria Municipal, a gente faz esses relatórios, pede implantação de banheiros adaptados para as crianças especiais e muitas vezes não é atendido e é isso que muitas vezes atrapalha.

Distancia/dificuldades de locomoção para a escola

Em algumas escolas o que dificulta é a questão do transporte devido à distância, a questão de ter que vir e ficar o dia todo, e este é um dos grandes problemas que estamos tendo agora. Aqui é uma zona rural, os alunos não têm como vir porque são de comunidades espalhadas na região, e não tem como virem em horário contrário. O único problema que eu vejo hoje é o aluno ter que ser atendido no horário de aula regular dele. Porque a gente tem necessidade do transporte, essa estrutura de transporte é ainda uma dificuldade, o nosso bairro é muito desprovido de infraestrutura pública. As nossas ruas são de barro, que alagam com a chuva e, então, nesse sentido prejudica o atendimento no contra turno. Não temos linha de ônibus que possa pegar a criança próxima da sua casa. Não temos o transporte escolar. Tem alguns professores de AEE que não estão fazendo atendimento, porque os alunos preferem ir para o Centro, porque no Centro tem ônibus, é acessível, que busca o aluno na casa e deixa o aluno na casa. Nós temos o ônibus acessível, mas o ônibus acessível só está levando a criança para escola, não está levando a criança para o AEE.

Professor P1 – Professor P2 - Professor AEE

Falta de materiais, apoio e recursos

Há falta de recurso para acessibilidade, recursos financeiros. Precisamos de mais apoio federal, municipal, com recursos e políticas públicas mais centradas. Há falta de atendimento às reivindicações feitas pelas pessoas responsáveis do AEE. Elas fazem as reivindicações, mas esse material não chega. Há demora no atendimento dessas reivindicações. É preciso uma sala adequada para o professor. Falta mobiliário, cadeiras, um birô adaptado, não têm as mesas para a gente trabalhar com as crianças. A gente que é da zona rural ainda tem a falta de material e de apoios para fazer com que esse atendimento seja mais elaborado e seguro para o aluno. Às vezes o recurso existe, mas falta uma melhor aplicabilidade dele. Aqui nós não temos Internet; computador, às vezes estraga, não tem logo outro, não chega computador toque de tela, as escolas ainda estão pobres nesses investimentos em tecnologia. Acredito que a tecnologia hoje está muito avançada para você ficar ali só você e o aluno. Deveria ter Internet para você entrar em outros programas para as crianças. Deveria ter acesso a outros meios de comunicação, e não só eu professor, também o aluno. O professor do AEE é uma dificuldade ser só ele para atender várias escolas, acho que cada escola teria que ter um professor do AEE para ficar, para ter, assim, para acontecer o atendimento. Nós não temos um profissional permanente, nós temos um profissional que aparece aqui uma vez por semana. Ainda sinto a necessidade de ter o trabalho com o professor regular, até para questões de orientação sobre o material trabalhado. Seria interessante o professor do AEE estar na escola o tempo inteiro, em tempo integral. Por atender várias escolas, não acontece nem em HTP, que é o momento de troca, que é um horário de trabalho pedagógico. É importante ter esse contato entre os professores e o professor do AEE.

Espaço Físico

O que tem prejudicado muitas vezes é que a estrutura não está preparada para as necessidades desses alunos.

Como um cadeirante. Se a escola não tiver uma rampa, como este aluno vai estudar em um andar de cima, por exemplo. Aqui nós tínhamos que ter rampa. A nossa escola é uma escola feita num tempo em que não se pensava nisso, existem escolas que precisam de elevador. As escolas têm esse problema de espaço físico para você trabalhar o AEE. Mas não é um prejuízo, é mais nesse sentido da acessibilidade. A estrutura física é importante a qualquer momento pode chegar um cego, um cadeirante e os banheiros não são adaptados, não tem uma área de lazer. A escola precisa de uma estrutura mesmo. Não é só a questão da sala e a boa vontade dos educadores, mas a escola precisa de uma estrutura. Eu acho que ainda é uma escola que fisicamente não é acessível. A dificuldade ainda é a falta de verba para acessibilidade, são essas questões de licitações, isso é tudo muito demorado! Outra coisa que tem prejudicado é a falta de um ambiente propício, é a falta do espaço físico da sala, que às vezes acaba atrapalhando o arranjo dos materiais que tem na sala para os alunos usarem. A sala precisa ser ampliada porque acaba sendo pequena para todo o material que tem lá. Seria o ideal que tivesse uma sala própria para a Sala de Recursos para poder fazer um trabalho mais livre, mais solto e mais agradável, porque eu não vou trabalhar com eles só na escrita, na pintura, no vídeo, eu quero trabalhar com eles em recreação, deixar a sala expandir só para eles, para eles se sentirem à vontade. Para haver concentração, para não haver barulho, para ele se sentir mais à vontade com o professor, para desenvolver suas habilidades. Não que seja problemático, mas seria mais agradável se tivesse um espaço maior, com os nossos materiais, com as nossas coisas. Porque a Sala de Recursos às vezes funciona junto com uma sala regular. Então enquanto de manhã funciona a sala regular, a tarde é a Sala de Recursos.

Multiprofissionais

O que dificulta é a questão do diagnóstico. Às vezes uma criança não pode ser avaliada por falta de um diagnóstico. Quanto tempo vai esperar? Um, dois, três anos? Mas e a criança? Ela é o foco. Uma coisa deficitária na nossa realidade é a construção desse espaço interdisciplinar, multidisciplinar, para auxiliar esses alunos. É preciso mais investimento em grupos de avaliação diagnóstica, porque

só temos uma psicóloga que faz o diagnóstico dos alunos inclusos. A Secretaria tem a psicóloga que vem e faz avaliação, só que quando é determinado que esse aluno precisa do atendimento contínuo em psicologia, nós não temos. E eu acredito que deveria ter um grupo maior, o AEE precisaria ter profissionais de outras áreas, um neurologista, um terapeuta ocupacional, um fonoaudiólogo, um fisioterapeuta, um psiquiatra, precisaria até em alguns casos de uma enfermeira, porque tem criança que se bate. Todo um grupo que a gente sabe que precisa para fazer um diagnóstico e dar uma melhor orientação, que oriente o próprio professor até onde ele pode ir, o quê que ele pode tentar conseguir. Porque a gente precisa de um embasamento muito mais científico. Eu acho que precisa de um profissional dessa área para estar dando essas orientações, porque o pedagógico a gente tem. Eu acho que a saúde é muito falha. Eu acho que tem que ter um trabalho na saúde, porque você tem que trabalhar junto, são pessoas, são profissionais que a gente precisa muito para atuar em conjunto. E a gente não tem esses profissionais. E estar sempre disponível também. E o pronto-atendimento à escola, desse grupo também é necessário. Há uma grande dificuldade na nossa rede para dar continuidade no atendimento realizado por psicólogo, por exemplo. Quando é realizado um atendimento à família, esse atendimento vai ter um segundo passo depois de seis meses, com falta de comunicação. Às vezes ela até existe, mas há atraso na vinda dos resultados. Você quer fazer algo novo e precisa de um suporte e aí tem essa demora. Vamos atender os casos, lógico, seriamente.

Transporte

O que dificulta são as faltas dos alunos no AEE. Grande parte das faltas na nossa escola está relacionada com o transporte. Não é por falta de conhecimento, é por falta de condições. É essa dificuldade que eles têm de vir no horário oposto, porque a gente está sempre cobrando, muitos têm dificuldade de acesso, de condição financeira que dificulta, porque estar aqui no contra turno, num outro horário, implica outros fatores que a escola ainda não conseguiu resolver. Esse atendimento normalmente é realizado aqui no turno inverso, e daí o aluno tem que vir com o transporte e passar todo o turno aqui, porque o atendimento é de algumas horas

só, e então, ele recebe esse atendimento e daí fica parado por aí. Precisamos de transporte para levar e trazer os alunos. Eu acho que se eu tivesse o transporte no contra turno, no horário de atendimento, que a presença deles seria bem maior. Eles têm por direito o transporte escolar para frequentar a sala comum, no entanto, eles não têm no contra turno e tem alunos que moram a mais de 30, 40 quilômetros da escola.

b) Fatores relacionados diretamente a implementação do AEE

Dirigentes

Resistência e desinteresse dos professores, falta de formação

Há resistência de alguns profissionais em aceitar e entender como que é essa política da inclusão. Essa inflexibilidade às vezes do professor de resistência à mudança. Talvez seja devido aos diversos desentendimentos com a vinda do AEE. Infelizmente o que prejudica ainda é a visão distorcida de alguns profissionais que entendem que o professor do Atendimento Educacional Especializado é aquele que não faz nada; é o que tem menos compromisso, é o que está ali na escola e não está fazendo nada. Aqueles que pensam assim têm que procurar conhecer as leis, os decretos, buscar entender o porquê da educação inclusiva, pois a falta de esclarecimento do que vem a ser o AEE na formação do professor deixa-o resistente a esse estudo, a buscar informações. Há uma barreira grande do professor em sala de aula quanto ao currículo, à avaliação, à falta de intervenção no AEE. Não é questionada a importância e nem o que ele trabalha e muitos ainda persistem em não querer que esse trabalho evolua, que cresça. Tem um entendimento errado dessas salas do AEE. Talvez falte um pouco mais de formação para esses profissionais que estão dentro das salas de aula, pois eles ainda não estão preparados e não têm interesse em se capacitar. Ele se acomoda, coloca dificuldades, acha que o deficiente não é um aluno para ele. Há uma certa rejeição ainda, nós sabemos disso, infelizmente. São aqueles professores mais tradicionais, que dizem: Eu

não tenho mais nada para aprender, já aprendi o que tinha que aprender. Então, é necessária que haja uma conscientização, uma sensibilização desses professores para que isso aconteça, pois eles não entendem o AEE. Eles não entendem que as professoras do AEE são professoras que estão ali para contribuir para elas darem uma boa aula, que essas professoras podem auxiliar muito as professoras da sala comum e que devem ser bastante solicitadas para essa ajuda acontecer. Eu acho que eles ainda têm essa dificuldade - não por falta de vontade -, mas de formação mesmo. De ter conhecimento para estar auxiliando o aluno também na sala. Tem ainda a formação do professor do AEE. Acho que ele, por ser um profissional novo, está despreparado. As Salas Multifuncionais têm equipamentos que muitas vezes os profissionais nem sabem utilizar porque eles não foram capacitados. Porque acham assim: Ah, a Sala de Recursos, vamos botar a professora tal, que já está perto de se aposentar, a professora que está com problema de coluna. É a fragilidade da formação dos novos professores e das equipes gestoras, porque tem professor que diz: Não, eu vou fazer o curso porque eu quero passar para a Sala de Recursos, porque a Sala de Recursos é moleza. Elas ficam lá só brincando, são poucos meninos e o trabalho lá é pouco. Infelizmente, muitas pessoas ainda têm essa visão. Talvez por falta de informação os profissionais não tenham o desejo de se qualificar, de procurar novos cursos. Isso prejudica, e muito. Porque um aluno se tem Síndrome de Down e é um aluno de 2º ano, daqui a um ano, ele poderá estar com outro professor, e então esse professor precisa se capacitar também. Sem contar o descaso de muitos professores e da Rede Municipal também. E aí é onde entra a gente: Não, não pode, e você entra em conflito às vezes, porque você não aceita, porque não é o certo. Não deve haver no profissional da educação uma acomodação, e sim uma busca de novos conhecimentos a cada dia. Falta essa parte profissional de lidar com a criança; com relação a conhecimento de atividades, mesmo tendo o apoio aqui da sala do professor do AEE que conduz, que ajuda, que leva essa atividade. Mas falta formação. Também falta afetividade. Nós temos um número muito pequeno, mas ainda temos pessoas que discordam da inclusão de um modo geral, da Sala do AEE. Desse aluno estar dentro da escola por questões políticas. E a questão de material pedagógico, porque os diretores acham que o material que vem para a escola é da escola, e a Sala de

Recursos não faz parte da escola. Os professores ligam e dizem: Eu pedi tal material e o diretor não encaminha o pedido. E aí você vem para a escola e explica: A criança faz parte da escola. Ela não está inclusa? Então, não tem como negar material. Se acabou, acabou para todos e não só para Sala de Recursos. Sem contar que os diretores das escolas ainda recusam matrícula, e eles ligam para a secretaria de educação, dizendo: Eu não tenho condições de receber essa criança. E a secretaria é obrigada a dizer: se você recusar a fazer a matrícula eu vou mandar a mãe para o Ministério Público, e você vai resolver com a Justiça, não é mais com a Secretaria. A gente ainda ouve isso dentro da escola. Eu diria que aqui na escola cada 100 profissionais 1 ou 2 ainda discordam, acham que a política utilizada não é a melhor. Ainda tem professores que têm a mania de rotular toda criança que não aprende como uma criança deficiente. Fazem confusão ao querer fazer do Atendimento Educacional uma extensão de uma aula de reforço no lugar de promoverem situações que possam beneficiar aquela criança que não é do Atendimento. É a falta de consciência das pessoas com relação aos direitos que o outro tem, do olhar para o outro, de achar que aquela criança especial tem que estar em uma Escola Especial, que lá ela vai ficar melhor ou então ficar em casa porque não tem nada o que aprender. Na escola a gente percebe que há uma resistência porque toda mudança exige de nós um esforço muito grande. Quando você tem várias pessoas envolvidas num contexto, às vezes a comunicação se distorce. São as relações interpessoais. É claro que se eu faço de uma maneira há muito tempo, eu tenho um domínio daquilo. Mas isso não significa que aquilo que eu estou fazendo esteja dando um bom resultado. Eu preciso avaliar os resultados, perceber as pessoas, para que eu possa mudar. Mas às vezes o conforto de você ficar no mesmo lugar, fazendo as mesmas coisas, sem exigir nenhuma mudança, isso fala mais alto. Então, com o deficiente, ele traz à tona essa discussão. E aí nós temos que pôr o dedo na ferida. Então, é tudo de bom.

Tamanho da rede – poucos profissionais

O maior prejuízo é a falta de profissionais para atender a demanda que temos. Os profissionais capacitados ainda são poucos, não são todos que tem essa formação,

essa especialização, esse preparo para trabalhar com essas crianças. Então eu acho que deveria ter um preparo melhor, com mais profissionais. Se cada vez mais pessoas estivessem comprometidas com a causa, acredito que traria maiores resultados. Não tem escolas em número suficiente para fazer esse atendimento, e sobrecarrega as escolas que já têm esse trabalho. O tamanho da nossa rede tem uma abrangência territorial muito grande e quando você precisa de um determinado auxiliar, em algumas regiões, é difícil conseguir um profissional que chegue e permaneça nos lugares. Isso dificulta em alguns momentos o avanço de algumas discussões. A demanda é maior que a oferta, nós temos um profissional que atende vários alunos ao mesmo tempo, e cada um com sua especialidade, com sua necessidade. E às vezes é uma sobrecarga para esse profissional. Há falta de profissional do AEE para ficar mais horas dentro da escola e atender o aluno no turno inverso e, ao mesmo tempo, acompanhar o aluno na sala de aula regular. Quem vai dar um apoio, um suporte para o professor da sala regular vai ser outro professor que não conhece o aluno. Essas trocas, devido aos horários dos professores, principalmente do 6º ao Médio, é bastante complicada. Porque ele não está todos os dias na escola. Essa troca de informações do professor com o professor do AEE fica complicada. Há essa inquietação devido ao horário. Temos 12 salas, e 6 delas estão sem professores, nós tivemos vários problemas com contratação de professores, e até hoje estamos com problemas, temos 6 Salas de Recursos paradas por falta de professor do AEE. Falta também a equipe de multiprofissionais, que é tão importante nesse departamento de AEE. Temos o respaldo da rede, a da secretaria da educação, dos coordenadores do departamento, mas o diagnóstico muitas vezes é uma limitação, e às vezes, pela falta dessa equipe de multiprofissionais suficientes para atender a demanda, tudo para, chega na hora dos encaminhamentos, tudo trava. Muitas vezes precisamos de exames neurológicos, a criança não tem condição financeira e também não consegue via saúde pública.

Questões práticas – Leis e suportes superiores

Precisamos ter um amparo muito maior dentro da lei, porque esse amparo não existe. As leis ainda não são apropriadas, a gente observa que elas ainda não estão

muito inclusivas. Nossa dificuldade é que na escola não temos uma sala especializada só para esse atendimento. É essa instalação, colocar realmente a sala para funcionar, As pessoas que estão à frente da coordenação de Educação Especial, no momento, estão deixando a desejar. A gente como direção nunca tem tempo, o tempo é corrido e nós precisamos de alguém que enxergue a Educação Especial de outra forma. Sempre ficam por último as profissionais da sala do AEE.

Professor P1 – Professor P2 - Professor AEE

Resistência dos professores, falta de formação

É a resistência ao desconhecido, ao novo, o medo, às vezes um pouco de comodismo. As pessoas não querem sofrer o processo de desacomodação, receber o aluno com dificuldade, com necessidade especial porque vai dar trabalho, precisa voltar a estudar, voltar a aprender, e essa é uma das grandes barreiras na educação. Alguns professores não têm essa abertura. Nós, professores, ainda não temos esse entendimento. Há falta de interesse por parte de alguns profissionais, principalmente professores efetivos, professores mais velhos. As vezes eles falam: Ah, não, mas esse menino não aprende ou então: Eu não quero esse menino, ou ainda: Eu não vou fazer curso, estou cheia de fazer curso. Às vezes tem professor que acha: Ah, está saindo da sala, está indo lá porque é só um reforço. Isso daí não está adiantando de nada não, esse menino continua a mesma coisa. Na sala de aula ele não tem esse estímulo. A partir do momento em que isso é rompido, que essa barreira é ultrapassada, tudo flui melhor. Existem concepções de alguns educadores um pouco contraditórias com relação ao que é a sala do AEE. Não importa qual é o problema, é a sala de AEE que vai resolver. A política nacional já definiu o que é deficiência, quais são as pessoas que podem ser atendidas na Sala de Recursos. Seria bom se a formação viesse também para os professores de área, não só da Sala de Recursos. As políticas públicas deveriam oferecer formação para os professores, acho que pelo menos o mínimo, o básico ele deveria saber. Acabamos convivendo com eles e tem situações colocadas em formação que seria muito bom que os professores de outras áreas

tivessem acesso. Elas são pessoas que ainda têm visões erradas das coisas. Quando fazemos um curso, aprende-se muito e, para colocar em prática, ajuda demais. Tem profissionais que acham que o aluno com deficiência é da sala de atendimento, ele não é um aluno da escola, acha que qualquer problema é o AEE que tem a responsabilidade para que o aluno aprenda. Há resistência de alguns professores em aceitar algumas orientações, em não mudar algumas estratégias para incluir aquela criança nas suas aulas. Há uma acomodação e ainda ouve-se o professor dizendo que não está preparado, embora anualmente recebam formações na rede. Os cursos que o MEC também disponibiliza são acessíveis a todos, no geral as pessoas ainda têm um preconceito muito grande contra os alunos especiais. Muitos acham que eles atrapalham e que não deveriam estar na escola do ensino regular, não acreditam no potencial do aluno. Tem muitos que acreditam que o aluno vai lá só para passar o tempo e não para fazer algo para que ele consiga se desenvolver plenamente. Nós professores temos medo de errar e quando chegam esses alunos ficamos com medo.

Falta de profissionais

A falta de mais profissionais especializados para trabalhar nessa área tem dificultado porque se de repente tivesse mais profissionais, poderíamos dar continuidade ao trabalho. As crianças que têm necessidades especiais, que têm alguma deficiência, dependem de outros profissionais, uma psicóloga, uma fonoaudióloga. Você não tem o profissional para te ajudar. Há necessidade desses profissionais que não estão sendo oferecidos. Então isso limita muito o nosso trabalho. A gente percebe que o número de crianças especiais nas escolas está aumentando e o professor não está capacitado para receber essas crianças, e nem tampouco a escola. O número de pessoas que trabalham no AEE dificulta a aprendizagem do aluno, nós não temos professores diariamente, todos os dias, a professora sozinha ela não consegue dar assistência o tempo todo. Ela não atende só uma escola. É uma professora itinerante que atende aqui e em outras escolas e esta é uma escola com uma demanda muito grande. O tempo é curto para tantas necessidades que os alunos têm. A demanda é grande para um único profissional e por isso ele precisaria de mais tempo. A gente precisa

se dedicar mais e não dá tempo, porque é muita criança e a burocracia é uma coisa que atrapalha também. A rotatividade de professor também é um problema. A situação da maioria dos professores é provisória, não estão efetivados. Então o profissional faz curso, faz formação, está fazendo um trabalho de maneira positiva na escola, e acaba que no ano que vem ele sai e aquele trabalho fica todo para trás. Às vezes o professor que vem no próximo ano não tem nenhuma especialização, vai entrar no serviço e começar tudo de novo. Na escola falta intérprete de LIBRAS. Precisamos de um professor de LIBRAS dentro da sala. Isso é o principal para nós aqui, porque temos aluno que precisa e faz falta para ele ter um entendimento melhor do conteúdo que cada vez vai ficando mais difícil e menos concreto. Por não ter a disponibilidade de profissional isso tem barrado muito o nosso trabalho e não temos o conhecimento necessário para atender esse aluno.

c) Fatores relacionados à participação da família

Dirigentes

O que prejudica o AEE é a própria família que muitas vezes deixa de levar a criança para ter o atendimento, por não aceitar a deficiência desse aluno, por não acreditar que é direito do filho estar matriculado no ensino regular. Tem família que insiste ainda em deixar a criança em uma escola especial, insiste em deixar na APAE. Nós, por outro lado, insistimos também em manter o aluno na escola comum. Faz-se reunião, a família tem que compreender a importância da oferta desse atendimento na escola, mas temem que o filho seja ironizado porque ele possui alguma dificuldade ou alguma necessidade. Por ser no contra turno, muitos alegam que não têm condição de vir e, na maioria das vezes, sente-se que isso é uma certa desculpa que realmente não convence. Às vezes temos que ligar para os pais para eles se lembrarem de trazer os filhos para o AEE. A professora do AEE está desenvolvendo seu trabalho e de repente a criança falta 2, 3 vezes. Aí não tem aquela sequência, o desenvolvimento já não vai ser o mesmo. Muitas vezes os pais não aceitam que tem um filho deficiente, ou que o filho não pode estar convivendo com uma criança que tenha uma necessi-

dade, isso traz um prejuízo. A responsabilidade é dos pais de trazer esse aluno para esse acompanhamento, para esse AEE acontecer de fato. A gente precisa da participação e da responsabilidade dos pais, e do compromisso de trazer para o AEE, porque não está acontecendo, infelizmente. A mãe não vem, a mãe fala que não quer, percebe-se que chega uma época em que os pais ficam cansados, eles não querem mais levar para lugar nenhum. Também percebe-se famílias totalmente descomprometidas. Algumas famílias não levam o aluno para ter laudo médico. Essa é a parte que mais prejudica o nosso trabalho. Nós não somos especialistas, mas as crianças que encaminhamos para observação de um psicólogo, de uma fono, de um profissional especializado, infelizmente a família não leva, e aí ficamos sem poder fazer muita coisa. Estamos sempre mandando avisos, telefonando: Seu filho precisa vir, é importante, ele precisa participar três vezes na semana na sala do AEE, ele precisa aprender LIBRAS, precisa de todo esse atendimento para que possa progredir no ensino e na aprendizagem. Mesmo aqueles que têm dificuldade de aprender a ler e escrever pode ter uma socialização com os outros alunos e até melhorar na família, pois muitas vezes os pais não sabem o que fazer com eles. Enfim, entre os muitos empecilhos que eu vejo, um deles é a falta de responsabilidade dos pais de estarem na escola junto com a direção, junto com a professora do AEE, querendo saber do desenvolvimento do filho. Realmente precisamos da família desses alunos na escola.

Professor P1 – Professor P2 - Professor AEE

O que prejudica é o desconhecimento dos pais dos direitos das crianças com deficiência, é a família que não participa, que é resistente, que não aceita, não colabora. Orientamos essa família, mas nem sempre ela dá continuidade ao trabalho. Nem sempre os pais vêm à escola para participar, não fazem a parte deles, a função que lhes cabe. Os pais colocam a criança na escola com o objetivo de que só nós cuidemos dela. Eles não têm essa visão que a criança tem a deficiência, tem a limitação. Muitas vezes a família não acredita no potencial do filho, não dão apoio, superprotegem a criança com necessidade especial e acreditam na incapacidade dela, que ela não vai evoluir. Nós precisamos ainda de

atenção de alguns pais, que não fazem o que deve ser feito, que não valorizam, que acham que é bobagem, que isso não vai fazer diferença na vida do filho. Porque eu acredito que o primeiro passo tem que ser da família. Ficar insistindo com a família o desgaste dobra. O que tem prejudicado o trabalho do AEE é a ausência familiar, a desinformação da família. É necessário haver uma conscientização maior dos pais sobre os direitos dos filhos com deficiência. O que prejudica bastante é a não aceitação da família. Aí tem um fator psicológico, tem que conversar com os pais para depois conversar com o aluno, tentar fazer o aluno entender a situação e estar constantemente na casa dessas crianças, porque elas faltam muito. Acho que essa questão do não acompanhamento dos pais repercute em muitas outras situações. Às vezes a gente trabalha de uma forma para que a criança seja independente e os pais em casa agem de forma diferente. Eu acho que a família também tem que ser chacoalhada, ser conscientizada de que há possibilidades de evolução sim, de aprendizagem. Percebe-se isso com os alunos que precisam usar medicamento. Muitas famílias não acreditam nos remédios, se deixam influenciar por outras pessoas. O fato de o AEE ser no contra turno é uma dificuldade, porque muitas vezes a criança não vem, muitas vezes os pais não trazem, e acaba sendo assim um contato mais longe. Pode acontecer dos pais não trazerem, não terem condições financeiras de trazer. Algumas crianças que precisariam vir no contra turno para o atendimento as famílias não trazem, se negam, porque elas não veem a importância do AEE. Quando a criança vem para a aula de reforço ela aprende a ler, a escrever, ela participa. Quando ela não vem, ela passa uma semana sem vir, esquece tudo o que aprendeu, porque a família não garante o retorno à escola para participar do AEE.

d) Nenhum fator prejudica

Dirigentes

Eu acho que aqui, nessa escola, a gente não tem, assim, nada que venha a prejudicar o AEE, muito pelo contrário, o serviço só tem trazido benefícios. Porque o AEE é contínuo, é diário, é rotineiro. As professoras do AEE estão sempre para nos oferecer suporte, e os alunos vêm se desenvolvendo

do cada um no seu limite e não deixam de se socializar. Eu só vejo que a escola ganhou com a sala de AEE. Por isso eu já falei, que o AEE tem credibilidade perante a sociedade, perante a comunidade. Pela própria questão humana mesmo. Vemos os alunos se transformando em pessoas felizes quando chegam à escola, criamos laços com essas crianças, com as famílias, e isso deixa-nos felizes porque, além de estarmos fazendo nossa parte profissional, também estamos trabalhando as questões humanas. Não considero que nada tenha prejudicado, porque nós, enquanto gestores, temos o máximo de compromisso com esse atendimento. A secretaria da educação tem dado toda uma sustentabilidade a esse processo. Eu estou sentindo dos professores e, principalmente, por parte da família que seus filhos participam, que são ativos na sala de aula. E os alunos e os professores eu percebo que eles estão mais sensíveis. Quando a sala do AEE foi implantada, os professores se sentiram com uma ajuda a mais para solucionar todos os casos, principalmente na hora de fazer a elaboração das avaliações. Nós temos muitos materiais, inclusive eletrônicos. A sala é excelente, ampla, com todos os materiais. Até o momento não temos nenhuma dificuldade para trabalhar, nenhuma. Não existe prejuízo quando estamos fazendo as coisas para melhorar uma situação. Quando estamos fazendo alguma coisa para contribuir com a escola, com o aluno, com a família. Também é muito importante a comunidade e a família participarem da escola. A sala do AEE tem que continuar, com certeza e, se pudéssemos ter um professor do AEE só para nossa escola, seria melhor.

Professor P1 – Professor P2 - Professor AEE

O AEE aqui não tem algo que prejudique. Pelo contrário, a quantidade de alunos que nós temos é reduzida, aqui não tem tantos casos e eles são bem atendidos. Não tem nada que prejudique. Está tudo OK. As crianças que realmente precisam de atendimento são atendidas. A gente percebe uma aceitação de todos, inclusive dos próprios alunos. Há respeito entre eles. São solidários e assim aprendem a conviver com a diferença.





Conclusões

A *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva* (MEC, 2008) reafirmou a natureza complementar da Educação Especial e inovou ao definir o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e seu público alvo.

As orientações da política objetivam garantir o pleno acesso aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação ao ensino comum, gerando grandes desafios para os sistemas de ensino em seus aspectos institucionais, humanos, pedagógicos e operacionais.

A implantação e a consolidação da política decorrem das transformações nas redes de ensino, envolvendo processos educacionais e de gestão na perspectiva da educação inclusiva. Tais transformações implicam novas concepções e práticas capazes de mobilizar diferentes esferas do poder público e da sociedade civil.

Esta pesquisa se propôs a identificar e caracterizar, nas escolas comuns das redes públicas de ensino, as condições predominantes nos processos de implantação e consolidação da política, relacionando-os e descrevendo-os em seus aspectos restritivos e impulsores.

No intuito de conhecer e analisar o percurso da política e subsidiar a formulação de proposições para o seu fortalecimento, adotou-se como desenho metodológico de investigação o *Discurso do Sujeito Coletivo* (DSC). Esse método possibilita identificar as representações sociais obtidas de pesquisas empíricas em que as opiniões ou expressões

individuais de sentidos semelhantes são agrupadas em categorias gerais.

Para compor os discursos de diferentes atores sociais, que participam da construção da política, foram ouvidos diretores de escolas, coordenadores pedagógicos, professores do ensino fundamental, professores do Atendimento Educacional Especializado e pais de estudantes com e sem deficiência, de escolas urbanas e rurais, das cinco regiões brasileiras.

Com base nesse material, apresentamos as conclusões da escuta de 357 (trezentos e cinquenta e sete) sujeitos que compuseram a amostra. A pesquisa foi realizada em 96 (noventa e seis) escolas, localizadas em 48 (quarenta e oito) municípios, de pequeno, médio e grande porte, que integram o *Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade*, implementado pelo Ministério da Educação com o objetivo de apoiar a transformação dos sistemas educacionais em sistemas educacionais inclusivos.

Os 3.570 (três mil, quinhentos e setenta) depoimentos em quatro questões abertas e cinco casos apresentados aos participantes, foram sistematizados por categorias de discurso e *qualiquantificados* segundo os procedimentos de construção dos DSCs. Para compreender as transformações em curso nas escolas comuns, a partir da *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*, essas categorias foram aproximadas a fim de compor as conclusões da pesquisa.

Para tanto, agrupamos as categorias aderentes em três blocos intitulados: **Percepções e Posições dos Sujei-**

tos sobre Inclusão Escolar; Mudanças na Escola Comum decorrentes da Implantação da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e Fatores Impulsores e Restritivos Intervenientes na Implantação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

PERCEPÇÕES E POSIÇÕES DOS SUJEITOS SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR

Quanto à análise das falas referentes a este primeiro bloco, 81,18% dos entrevistados responderam que indicariam a matrícula na escola comum aos pais de crianças com deficiência. Pode-se inferir que as percepções e posições dos sujeitos sobre a inclusão escolar estão ancoradas na convicção do direito de todos à educação, e nos ganhos que a educação inclusiva traz aos estudantes com e sem deficiência do ponto de vista pedagógico, da socialização e da aprendizagem de valores.

Os entrevistados destacaram a educação inclusiva como importante instrumento no enfrentamento das diversas formas de discriminação, disseminando o acolhimento e a solidariedade no ambiente escolar. Identificaram os benefícios da inclusão, ressaltando os recursos e serviços como o AEE, disponibilizados na escola comum para a promoção da autonomia e independência dos estudantes com deficiência.

A defesa da concepção inclusiva de educação abrange a oferta da educação bilíngue para estudantes com surdez, propiciando os meios para que os estudantes surdos e os ouvintes se comuniquem e participem juntos das mesmas aulas. Esses meios implicam a aprendizagem de LIBRAS, contratação de intérpretes, aprendizagem do português como segunda língua para surdos, a contratação de professores de LIBRAS e de intérpretes pelo poder público, assim como parcerias com instituições especializadas e com as universidades para apoiar projetos de formação. O ensino de LIBRAS é ofertado a todos os alunos ouvintes e surdos, aos professores, aos funcionários da escola e familiares. Apontaram ainda a necessidade de os estudantes surdos frequentarem o AEE e conviverem com outros estudantes surdos.

Constatou-se ainda que, 15,73% dos entrevistados apresentaram restrições ao processo de inclusão escolar. Alegam que é preciso manter o aluno com deficiência na escola especial para ele ficar entre iguais e porque consideram que a escola comum não está preparada para receber estudantes com deficiência devido à falta de formação dos professores da sala de aula comum. Ignorando que o direito à educação é incondicional e indispensável, admitiram que alguns alunos se beneficiariam do processo de inclusão e outros, não. E que caberia aos pais a escolha da inserção do aluno na escola comum ou na especial.

MUDANÇAS NA ESCOLA COMUM DECORRENTES DA IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Neste bloco, 89,14% dos entrevistados perceberam ganhos na vida dos profissionais da educação, dos pais e estudantes.

Os sentimentos dos entrevistados dizem respeito a: mudanças de conceber e de praticar o AEE; segurança para atuar na coordenação pedagógica e superação do medo e das dúvidas. Os participantes demonstraram que mudaram o olhar em relação aos alunos com deficiência, passando a compreendê-los como pessoas que têm capacidade e que podem construir sua autonomia social e intelectual. Os profissionais da escola referiram que tiveram acesso a conhecimentos necessários para o atendimento às especificidades dos alunos com deficiência. Eles passaram a estudar com constância, mudaram a concepção de Educação Especial, percebendo seu potencial para promover mudanças na educação como um todo.

Além de reconhecer que o professor nunca está pronto para ensinar da melhor maneira, mas sempre em busca de novos saberes em diferentes referenciais teóricos, perceberam que a escola regular oferece mais possibilidades para que um estudante com deficiência se desenvolva do que uma escola especial, e que aprenderam muito com o professor do AEE e com os alunos com deficiência inseridos nas turmas comuns.

Os professores de sala de aula mudaram algumas de suas práticas, passaram a fazer descobertas importantes e

sentiram seu trabalho mais valorizado, ao reconhecerem o potencial de cada estudante e identificarem o que mais se desenvolverem. Por conviverem com alunos com deficiência, reconheceram que os professores da sala de aula comum precisam conhecer o que é a educação inclusiva para modificarem a visão que têm sobre ensino e aprendizagem para todos.

A articulação entre os professores das salas de aula e do AEE fortaleceu o processo de escolarização, gerando uma melhoria no atendimento escolar dos estudantes com e sem deficiência. Os professores perceberam que não se pode excluir os estudantes com deficiência da escola comum, ao reconhecerem que as pessoas têm tempos e modos diferentes de aprender e passaram a valorizar os pequenos avanços escolares de cada um.

O AEE, na palavra dos profissionais entrevistados, foi considerado como um suporte à escola, orientando os professores no sentido de possibilitar o acesso dos estudantes com deficiência à sala de aula e de favorecer a participação autônoma e mais independente possível dos mesmos na escola comum. Eles passaram a conceber o AEE como uma atividade que não se caracteriza como reforço escolar que, além de ajudar a superar o preconceito, o AEE propicia a modificação das práticas, métodos e planejamento na escola comum. Referiram que mudaram a compreensão sobre a educação e a inclusão e que passaram a acreditar que ambas são possíveis.

Na opinião de pais e professores, os estudantes que frequentam o AEE obtêm importantes ganhos escolares. Evidenciaram aspectos relacionados ao desenvolvimento pessoal e escolar; indicaram avanços na aquisição da leitura e da escrita; na realização das atividades escolares e no uso dos recursos necessários para o acesso ao conhecimento. Os pais também destacaram que o relacionamento interpessoal entre estudantes com e sem deficiência melhorou muito e que foram verificadas mudanças no ambiente familiar. Apontaram ainda que a escola particular, por não garantir o AEE, não proporcionou tanto desenvolvimento ao estudante com deficiência quanto a escola pública que oferta este serviço.

Por outro lado, 2,23% dos entrevistados não detectaram ganhos diretamente vinculados ao AEE nos profissionais ou nos alunos, uma vez que informaram desconhecer se o

desenvolvimento dos estudantes era devido à Educação Especial ou ao ensino comum e aos tratamentos clínicos.

FATORES IMPULSORES INTERVENIENTES NA IMPLANTAÇÃO DA POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Quanto a esses fatores, 26,3% dos entrevistados creditaram ao poder público a existência de condições favoráveis para que o AEE possa acontecer nas redes de ensino; 52,33% apontaram a efetividade decorrente do comprometimento do professor do AEE e demais profissionais da escola com a inclusão e a capacitação dos profissionais do AEE; 10,96% indicaram a participação da família como fator fundamental. Sobre o apoio do poder público federal, estadual e municipal para implementação do AEE, tanto os dirigentes quanto os professores, ressaltaram os investimentos do MEC na implantação das Salas de Recursos Multifuncionais e na formação continuada dos professores que atuam no AEE. Ressaltaram, também, os demais recursos advindos das Secretarias de Educação, tais como a disponibilização dos profissionais e a adequação de espaço físico para o AEE na escola.

Segundo os entrevistados, é importante sublinhar a importância do compromisso da Secretária da Educação e do gestor da escola com a política. Consideraram positiva a organização, o diálogo e a articulação intersetorial envolvendo as áreas da educação, saúde, assistência e outros.

O comprometimento dos professores de AEE e demais profissionais da escola, que atuam para que o AEE aconteça, foi apontado como fator fundamental para assegurar as condições favoráveis para o desenvolvimento dos estudantes público alvo da Educação Especial e sua inclusão nas salas de aula comum.

Os entrevistados ressaltaram, ainda, a parceria entre os professores das classes comuns e professor de AEE, além do envolvimento de toda escola. Consideraram o protagonismo do professor do AEE no próprio atendimento aos estudantes e na atitude em relação aos demais colegas e à comunidade escolar. Destacou-se nos depoimentos, a

compreensão de que o AEE está deixando de ser um espaço à parte da escola, passando a ser parte da escola.

Outro aspecto considerado propulsor no processo de implementação da política foi a presença de professores do AEE habilitados na escola. Os entrevistados consideram que os professores do AEE estão bem capacitados e se referem à vocação, ao perfil e à entrega desses professores, que se preparam, pesquisam, fazem um trabalho admirável e são pessoas interessadas e responsáveis. Todos esses fatores têm ajudado a melhorar o ensino e as avaliações, o entendimento, a socialização, o aprendizado de uma forma geral. Fazem muita diferença.

A participação, empenho e confiança da família para a inclusão de seus filhos na escola comum está presente nos discursos como um dos fatores propulsores do AEE. Os pesquisados acreditam que é crucial a relação família-aluno-escola. Também, lembraram o poder de mobilização da família, que busca seus direitos, reforçando a necessidade da existência da Sala de Recursos Multifuncionais na escola onde o aluno estuda.

FATORES RESTRITIVOS INTERVENIENTES NA IMPLANTAÇÃO DA POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Dentre os pesquisados, 38,26% indicaram a insuficiência de investimentos públicos como um fator que prejudica a implantação do AEE; 31,83% referiram que a resistência, o desinteresse e a falta de formação dos professores são fatores prejudiciais ao AEE e à inclusão escolar; 16,72% consideraram fatores relacionados à falta de participação da família como prejudiciais; 6% dos entrevistados não apontaram nenhum fator que pudesse prejudicar a implantação da política.

A falta de recursos públicos foi retratada nos depoimentos dos que declararam haver falta de condições mínimas necessárias ao AEE (recursos físicos, materiais e humanos). Abordaram ainda a falta de espaço físico para o AEE, a falta de acessibilidade arquitetônica, de transporte específico, quando o AEE é realizado em uma escola que

não é a do aluno, além da carência de atendimento de saúde, de recursos tecnológicos e conectividade.

Na zona rural, os entrevistados indicaram a distância e a dificuldade de locomoção para o atendimento do AEE no contra turno, bem como a insuficiência do atendimento restrito à itinerância do professor de AEE. Outro aspecto apontado foi a falta de investimento em equipes multidisciplinares, principalmente de profissionais da área clínica para a emissão de diagnósticos e acompanhamento contínuo dos alunos.

A atitude dos profissionais diante das inovações educacionais, a resistência dos professores, a falta de esclarecimento sobre o AEE, a falta de capacitação, a visão distorcida dos profissionais em relação ao AEE, a quantidade de estudantes por turma, foram aspectos igualmente destacados como fatores prejudiciais à inclusão escolar e à oferta do AEE nas escolas da zona rural e urbana. Os entrevistados acrescentaram ainda que deveria haver um professor específico para o estudante com deficiência e que as leis não amparam este tipo de reivindicação.

Em relação à família, foi apontada a negligência dos pais, que prejudicam seus filhos por não colaborarem, não participarem de reuniões e não aceitarem, não levarem o filho para ter um laudo/diagnóstico e também para o atendimento no AEE no contra turno, preferindo a escola especial em detrimento à inclusão escolar. Segundo os entrevistados, esses pais não acreditam no potencial dos filhos para a aprendizagem e há, ainda, aqueles que os superprotegem.



Considerações Finais

As conclusões desta pesquisa registram que após cinco anos de sua implementação houve um avanço na compreensão da educação como direito de todos, que é assegurada na escola comum.

Nesse contexto, a *Educação Especial na Perspectiva Inclusiva* revela-se como uma força mobilizadora, sendo, desde já, um dos componentes para a concretização de uma escola para todos, sem exclusão ou discriminação de qualquer natureza.

Essa constatação resulta da reorientação das diretrizes político-pedagógicas e do redirecionamento do financiamento público da Educação Especial para: a institucionalização do Atendimento Educação Especializado (AEE) nas escolas comuns; a formação continuada dos professores da Educação Especial e a promoção da acessibilidade nas redes públicas de ensino, tendo em vista o pleno acesso e a participação dos alunos da Educação Especial em todas as etapas, modalidades e níveis de escolaridade.

Os Discursos dos Sujeitos Coletivos evidenciam uma alteração do entendimento secular da pessoa com deficiência e do seu lugar no processo educacional. Esse movimento desloca, igualmente, o professor da Educação Especial, que sai de um ambiente restritivo e passa a enfrentar os desafios inerentes ao seu papel na escola comum. Um momento como esse é provocador de novas investidas no campo político e educacional, cada vez mais profundas e abrangentes.

Uma das investidas da política de Educação Especial é o aprofundamento do papel dessa modalidade na escola comum, de forma que os professores do AEE não se

constituam em um suporte para adequar os estudantes às concepções e práticas educacionais conservadoras vigentes, mas para questioná-las.

Para que tal transformação aconteça a formação, inicial e continuada, precisa ser reorientada segundo os princípios da educação inclusiva, de modo a suplantar de vez os resquícios do modelo segregacionista ainda presentes nas práticas educacionais e transparentes em discursos que vinculam o AEE à reabilitação e às práticas de ensino diferenciadas com base na condição de deficiência.

Outra investida da política vai na direção da chamada Discriminação Positiva ou Diferenciação Positiva, que faculta às pessoas com deficiência fazerem suas próprias escolhas, diante de possibilidades que lhe são apresentadas, para resolver situações problema. Pela Convenção da Guatemala, promulgada pelo Decreto 3.956/2001, em seu Artigo I, as pessoas com deficiência não podem ser discriminadas pela deficiência e só não constitui discriminação a diferenciação ou preferência adotada pelo Estado Parte quando o objetivo é promover a integração social ou o desenvolvimento pessoal dos portadores de deficiência. Mas é importante frisar que a diferenciação ou preferência não limite o direito à igualdade dessas pessoas e que elas não sejam obrigadas a aceitar tal diferenciação ou preferência.

O professor de AEE e o professor da sala de aula comum, por essa Convenção, da qual o Brasil é signatário, não devem adotar procedimentos de ensino e materiais diferenciados para os alunos com deficiência, sem levar em consideração o que essa Convenção reza. Cabe aos profes-

sores, portanto, oferecer para toda a sala de aula atividades diversificadas para todos os alunos e deixar que cada aluno, seja ele um estudante com e sem deficiência, decida qual delas vai realizar. Esta diferenciação ajuda no processo de aprendizagem e inclusão de todos e promove o desenvolvimento e a autonomia dos estudantes nos processos de aprendizagem.

Neste sentido, é fundamental que os professores, gestores, pais, especialistas das diferentes deficiências compreendam a importância do exercício da autonomia para o desenvolvimento de seus alunos e revejam suas antigas posturas que evidenciam um poder que, via de regra, é muito grande sobre os alunos, pais e outros colegas. Esse poder, já de há muito presente nas escolas e fora delas, é próprio do Modelo Médico de concepção das deficiências, que já foi ultrapassado pelo Modelo Social, o qual ainda tem um caminho para se consolidar completamente.

As considerações que aqui apontam, espera-se que norteiem, um novo tempo para as escolas comuns. Para que essas escolas se tornem ambientes de ensino de qualidade, justos e democráticos e, em consequência, inclusivos. Há que se reconhecer o trabalho que até então a política Educação Especial de 2008 tem semeado e garantido nos sistemas educacionais brasileiros.

As políticas de educação básica precisam se basear no acervo de contribuições oferecido pela Educação Especial dos tempos atuais, para que possam questionar o que têm proposto como soluções para a melhoria do ensino brasileiro. Um ensino que não considera a diferença de cada aluno, jamais alcançará o nível de excelência que temos de buscar para a nossa educação. Toda homogeneização, toda solução que desconsidera essa especificidade dos seres humanos está fadada ao fracasso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

HERZLICH, C. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(Suplemento), p. 57-70, 2005.

JODELET, D. Représentations Sociales: un domaine en expansion. In: _____. (Org.). *Les Représentations Sociales*. Paris: PUF, 1989

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. *Depoimentos e discursos*. Brasília: Liberlivro, 2005.

_____. *Pesquisa de Representação Social: um enfoque quali-quantitativo*. Brasília: Liberlivro, 2010.

_____. *Pesquisa de representação social, um enfoque quali-quantitativo*. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

LEFEVRE, F.et al. *QLQT Online*. Disponível em <http://qlqt.ipdsc.com.br/qlqt/index.php>. Acesso em 21/06/2012.

_____. *Qualiquantisoft*. Disponível em www.spi-net.com.br. Acesso em 21/06/2012.

MOSCOVICI, S. *Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar,1978.

SPINK, M.J.P. Análise de documentos de domínio público. In: _____. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 1999.

Anexos

Anexo 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa:

A escola e suas transformações, a partir da Educação Especial, na perspectiva da inclusão

182

ANEXOS

Convidamos você a participar, como entrevistador, da pesquisa **A escola e suas transformações, a partir da Educação Especial**, na perspectiva inclusiva, desenvolvida pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (Leped), da Faculdade de Educação/Unicamp/SP e o Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo (IPDSC) que fica em São Paulo/SP.

A pesquisa tem como objetivo: identificar e caracterizar, nas escolas comuns, as condições institucionais, humanas, pedagógicas e operacionais que atualmente são predominantes nos processos de implantação e consolidação da *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva* de 2008.

Você foi convidada a avaliar os casos e perguntas que farão parte do formulário da referida pesquisa. Esta avaliação recairá sobre: a compreensão dos casos e se os mesmos estão atingindo o objetivo proposto pela investigação.

Sua participação é LIVRE e VOLUNTÁRIA, podendo a qualquer momento desistir de participar dessa avaliação, sem que haja qualquer tipo de prejuízo.

As discussões e avaliações feitas a partir das perguntas e dos casos apresentados serão gravadas. Após a gravação, os registros/arquivos serão mantidos em local seguro pela pesquisadora responsável e após a transcrição, serão destruídas.

Ressaltamos que todas as informações colhidas nas entrevistas usadas somente para fins desse estudo e sua divulgação estará dentro do contexto da investigação. Seu nome, como entrevistador será mantido em total sigilo, pois utilizaremos um sistema de identificação em código (letras ou números) para que você nunca seja identificada em quaisquer formas de comunicação: publicações, congressos etc., garantindo, desta forma, o anonimato de sua participação.

A pesquisa não apresenta riscos aos participantes, assim como esta atividade de coleta de dados a ser realizada para essa pesquisa.

Sua contribuição no projeto é de fundamental importância para que a entrevista se torne um instrumento de coleta capaz de nos trazer os dados de que necessitamos para analisar devidamente o objeto de estudo desta pesquisa.

Em caso de quaisquer dúvidas sobre a pesquisa, a coordenação do projeto se encontra à disposição no e-mail e telefone abaixo:

Pesquisadora responsável:

MARIA TERESA MANTOAN - Faculdade Educação/Unicamp

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (Leped) – FE/Unicamp

E-mail: tmantoan@gmail.com

Telefone: (19) 3521 5586.

Você também poderá dirigir-se ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências Médicas (FCM)/Unicamp para o mesmo fim. O CEP tem como objetivo verificar se os projetos de pesquisa estão obedecendo aos princípios da ética.

Declaro que concordo em participar deste estudo e que o entrevistador esclareceu todas as minhas dúvidas acerca de minha participação no mesmo, como avaliadora do instrumento de coleta de dados da pesquisa. Declaro também estar recebendo uma via original deste documento assinada pela pesquisadora responsável e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas.

Nome do Entrevistador: _____

Data ____/____/____ Assinatura _____

Pesquisadora Responsável: Maria Teresa Eglér Mantoan

Data ____/____/____ Assinatura: _____

Anexo 2

FORMULÁRIO PARA COORDENADOR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DA REDE

R= N, NE, SE, S, CO

M= 01 a 24

E=1 (urbana) - 2 (rural)

COM = Coordenador de Educação Especial da Rede

CÓDIGO DO ENTREVISTADO _____

ENTREVISTADOR _____ DATA __/__/__

DADOS GERAIS

REGIÃO _____

MUNICÍPIO _____

ESCOLA _____

ATOR _____

DADOS DO ENTREVISTADO:

NOME: _____ IDADE (anos) _____

SEXO: _____

ESCOLARIDADE (última formação):

A) Sem Escolaridade ()

B) Fundamental I ()

C) Fundamental II ()

D) Médio ()

E) Superior ()

F) Especialização: _____

G) Mestrado (Área) _____

H) Doutorado (Área) _____

FORMAÇÃO CONTINUADA (até dois cursos ou seminários etc.)

TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA FUNÇÃO ATUAL

A) Menos de 1 Ano ()

B) De 1 Ano a 3 Anos ()

C) 4 Anos a 10 Anos ()

D) Mais de 11 Anos ()

PROFISSIONAL COM DEFICIÊNCIA

Sim () Não ()

A) Física/Motora

B) Visual

C) Auditiva

D) Intelectual

E) Múltipla

Pergunta 1

A escola pública brasileira, hoje, oferece aos alunos da Educação Especial - o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para complementar a formação desses alunos.

O que você pensa sobre o AEE? Fale um pouco sobre esse atendimento.

Pergunta 2

Marquinhos é um aluno com deficiência e estuda em uma escola especial na sua cidade. Amigos e familiares de Marquinhos têm insistido para que seus pais o matriculem na escola regular, onde é oferecido o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Os pais têm dúvida em e foram procurar você.

O que você diria para esses pais? ...Por quê?

Pergunta 3

Robson tem 8 anos. Está matriculado no 3º ano do Ensino Fundamental. Ele veio de uma escola especial. Esse aluno se recusa a participar das atividades com os demais colegas em sala de aula, não anota no caderno, mas conhece as letras do alfabeto. Robson chora bastante no início da aula e insiste para que a porta da sala fique sempre fechada.

O que você faria com esse aluno? ... Por quê?

Pergunta 4

Carolina é uma menina de oito anos, com surdez. Foi matriculada no 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola regular. Ela não está alfabetizada, não sabe Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Os pais querem que a filha aprenda LIBRAS. A escola não tem professores de LIBRAS.

O que você faria no caso dessa criança? ... Por quê?

Pergunta 5

Joana é professora de AEE de uma escola e recebeu o professor Pedro, que ensina Língua Portuguesa para a 6ª série/ano. Ele lhe fez o seguinte relato: “Na minha sala entrou um aluno que é mais velho que os demais, lê e escreve com muita dificuldade e não domina os conceitos de gramática que estou ensinando para a turma. Acho que ele tem algum problema e fica só me olhando o tempo todo. Não interage com os colegas. E a coordenadora pedagógica me cobra bons resultados dos alunos.”

O que a professora Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? ...Por quê?

Pergunta 6

Marília dá aula em um 2º.ano/série e tem uma aluna cega que sabe usar o soroban (ábaco). Marília precisa de apoio para ensinar a tabuada para essa aluna.

Na sua opinião, quem ela deveria procurar para obter esse apoio? ... Por quê?

Pergunta 7

Você percebeu alguma diferença na sua vida profissional depois do AEE? ... Por quê?

Pergunta 8

Na sua opinião, o que tem ajudado o AEE “acontecer” na sua rede? ... Por quê?

Pergunta 9

E o que tem prejudicado? ... Por quê?

Anexo 3

FORMULÁRIO, DIRETOR/GESTOR, COORDENADOR PEDAGÓGICO DA ESCOLA E PROFESSORES

R = N, NE, SE, S, CO

M = 01 a 24

E = 1 (urbana) 2 (rural)

P1 = Professor Escola Comum

P2 = Professor AEE

G = Gestor

CPE = Coordenador Pedagógico Da Escola

CÓDIGO DO ENTREVISTADO _____

ENTREVISTADOR _____ DATA ____ / ____ / ____

DADOS GERAIS

Região _____

Município _____

Escola _____

Ator _____

DADOS DO ENTREVISTADO:

Nome: _____ Idade (Anos) _____

Sexo: _____

ESCOLARIDADE (última formação):

A) Sem Escolaridade ()

B) Fundamental I ()

- C) Fundamental II ()
- D) Médio ()
- E) Superior ()
- F) Especialização: _____
- G) Mestrado (Área) _____
- H) Doutorado (Área) _____

FORMAÇÃO CONTINUADA (até dois cursos ou seminários etc.)

TEMPO DE EXPERIÊNCIA NA FUNÇÃO ATUAL

- A) Menos de 1 Ano ()
- B) De 1 Ano a 3 Anos ()
- C) 4 Anos a 10 Anos ()
- D) Mais de 11 Anos ()

PROFISSIONAL COM DEFICIÊNCIA

Sim () Não ()

- A) Física/Motora
- B) Visual
- C) Auditiva
- D) Intelectual
- E) Múltipla

Pergunta 1

A escola pública brasileira, hoje, oferece aos alunos da Educação Especial - o Atendimento Educacional Especializado-AEE para complementar a formação desses alunos.

O que você pensa sobre o AEE? Fale um pouco sobre esse atendimento.

Pergunta 2

Marquinhos é um aluno com deficiência e estuda em uma escola especial na sua cidade. Amigos e familiares de Marquinhos têm insistido para que seus pais o matriculem na escola regular, onde é oferecido o Atendimento Educacional Especializado-AEE. Os pais têm dúvida em e foram procurar você.

O que você diria para esses pais? ... Por quê?

Pergunta 3

Robson tem 8 anos. Está matriculado no 3º ano do Ensino Fundamental. Ele veio de uma escola especial. Esse aluno se recusa a participar das atividades com os demais colegas em sala de aula, não anota no caderno, mas conhece as letras do alfabeto. Robson chora bastante no início da aula e insiste para que a porta da sala fique sempre fechada.

O que você faria com esse aluno? ...Por quê?

Pergunta 4

Carolina é uma menina de oito anos, com surdez. Foi matriculada no 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola regular. Ela não está alfabetizada, não sabe Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Os pais querem que a filha aprenda LIBRAS. A escola não tem professores de LIBRAS.

O que você faria no caso dessa criança? ...Por quê?

Pergunta 5

Joana é professora de AEE de uma escola e recebeu o professor Pedro, que ensina Língua Portuguesa para a 6ª série/ano. Ele lhe fez o seguinte relato: “Na minha sala entrou um aluno que é mais velho que os demais, lê e escreve com muita dificuldade e não domina os conceitos de gramática que estou ensinando para a turma. Acho que ele tem algum problema e fica só me olhando o tempo todo. Não interage com os colegas. E a coordenadora pedagógica me cobra bons resultados dos alunos.”

O que a professora Joana poderia dizer ao Prof. Pedro? ...Por quê?

Pergunta 6

Marília dá aula em um 2º.ano/série e tem uma aluna cega que sabe usar o soroban (ábaco). Marília precisa de apoio para ensinar a tabuada para essa aluna.

Na sua opinião quem ela deveria procurar para obter esse apoio? ...Por quê?

Pergunta 7

Você percebeu alguma diferença na sua vida profissional depois do AEE? ...Por quê?

Pergunta 8

Na sua opinião, o que tem ajudado o AEE “acontecer” na sua escola? ...Por quê?

Pergunta 9

E o que tem prejudicado? ...Por quê?

Anexo 4

ANEXO 4 - FORMULÁRIO PARA FAMILIARES

R = N, NE, SE, S, CO

M = 01 a 24

E = 1(urbana) 2(rural)

F1 = Pai/Responsável com Filho com Deficiência

F2 = Pai/Responsável com Filho sem Deficiência

CÓDIGO DO ENTREVISTADO _____

ENTREVISTADOR _____ DATA ____/____/____

190

ANEXOS

DADOS GERAIS

Região _____

Município _____

Escola _____

Ator _____

ENTREVISTADO:

Nome: _____ Idade (Anos) _____

Sexo: _____

ESCOLARIDADE (última formação):

A) Sem Escolaridade ()

B) Fundamental I ()

C) Fundamental II ()

D) Médio ()

E) Superior ()

F) Especialização: _____

G) Mestrado (Área) _____

H) Doutorado (Área) _____

FILHO COM DEFICIÊNCIA

Sim () Não ()

A) Física/Motora

B) Visual

C) Auditiva

D) Intelectual

E) Múltipla

Pergunta 1

A escola pública brasileira, hoje, oferece - o Atendimento Educacional Especializado- aos alunos da Educação Especial, para complementar a formação desses alunos.

O que você pensa sobre este atendimento? Fale um pouco sobre isso.

Pergunta 2

Marquinhos é um aluno com deficiência. Ele estuda em uma escola especial na sua cidade. Amigos e familiares de Marquinhos têm insistido para que seus pais o matriculem na escola regular, onde é oferecido o Atendimento Educacional Especializado. Os pais têm dúvida em e foram procurar você.

O que você diria para esses pais? ... Por quê?

Pergunta 3

Robson tem 8 anos. Ele está matriculado no 3º ano do Ensino Fundamental. Ele veio de uma escola especial. Esse aluno se recusa a participar das atividades com os demais colegas em sala de aula, não anota no caderno, mas conhece as letras do alfabeto. Robson chora bastante no início da aula e insiste para que a porta da sala fique sempre fechada.

O que a Escola deveria fazer com essa criança? ... Por quê?

Pergunta 4

Carolina é uma menina de oito anos, com surdez. Foi matriculada no 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola regular. Ela não está alfabetizada e não sabe Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Os pais querem que a filha aprenda LIBRAS. A escola não tem professores de LIBRAS.

O que a escola deveria fazer neste caso. Por quê?

Pergunta 5

Você percebeu alguma diferença no seu filho depois que ele passou a frequentar a escola comum que tem o Atendimento Educacional Especializado? Por quê?

Pergunta 6

Como seria para você uma Escola Inclusiva ideal?





"... é fundamental que os professores, gestores, pais, especialistas das diferentes deficiências compreendam a importância do exercício da autonomia para o desenvolvimento de seus alunos e revejam suas antigas posturas que evidenciam um poder que, via de regra, é muito grande sobre os alunos, pais e outros colegas. Esse poder, já de há muito presente nas escolas e fora delas, é próprio do Modelo Médico de concepção das deficiências, que já foi ultrapassado pelo Modelo Social, o qual ainda tem um caminho para se consolidar completamente.

As Considerações que aqui apontam, espera-se que norteiem, um novo tempo para as escolas comuns. Para que essas escolas se tornem ambientes de ensino de qualidade, justos e democráticos e, em consequência, inclusivos. Há que se reconhecer o trabalho que até então a política Educação Especial de 2008 tem semeado e garantido nos sistemas educacionais brasileiros.

As políticas de educação básica precisam se basear no acervo de contribuições oferecido pela Educação Especial dos tempos atuais, para que possam questionar o que têm proposto como soluções para a melhoria do ensino brasileiro. Um ensino que não considera a diferença de cada aluno, jamais alcançará o nível de excelência que temos de buscar para a nossa educação. Toda homogeneização, toda solução que desconsidera essa especificidade dos seres humanos está fadada ao fracasso".